UNICAMP MARIA EUNICE DE GODOY MACHADO TEIXEIRA

SENTIDOS DO PERCURSO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL NA VOZ DE PESQUISADORES DA ÁREA

CAMPINAS

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARIA EUNICE DE GODOY MACHADO TEIXEIRA

SENTIDOS DO PERCURSO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL NA VOZ DE PESQUISADORES DA ÁREA

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini

CAMPINAS

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Haroldo Batista da Silva - CRB 5470

M18s

Machado Teixeira, Maria Eunice de Godoy, 1969-
Sentidos do percurso da análise de discurso no Brasil na voz de pesquisadores da área / Maria Eunice de Godoy Machado Teixeira. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Lauro José Siqueira Baldini.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ideias linguísticas - História. 2. Análise do discurso - História. 3. Análise do discurso. 4. Significação (Filosofia). I. Baldini, Lauro José Siqueira,1972-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Senses of discourse analysis trajectory in Brazil under the voice of reseachers in the area
Palavras-chave em inglês:
Linguistics ideas - History
Discourse analysis - History
Discourse analysis
Meaning (Philosophy)
Área de concentração: Linguística
Titulação: Doutora em Linguística
Banca examinadora:
Lauro José Siqueira Baldini [Orientador]
Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer
José Horta Nunes
Giovanna Benedetto Flores
Newton Guilherme Vale Carrozza
Data de defesa: 06-11-2014
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

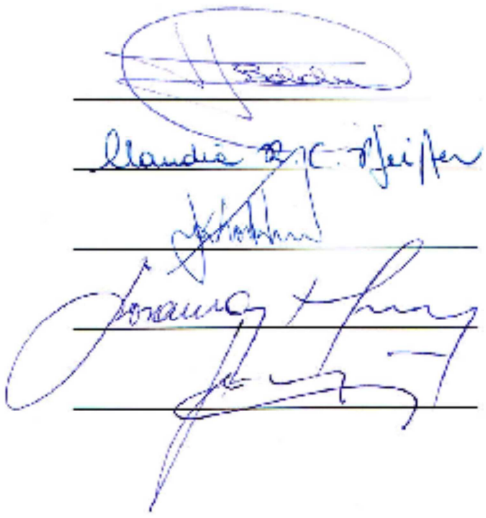
Lauro José Siqueira Baldini

Claudia Regina Castellanos Pfeiffer

Jose Horta Nunes

Giovanna Gertrudes Benedetto Flores

Newton Guilherme Vale Carrozza



Carolina Maria Rodriguez Zuccolillo

Taís da Silva Martins

Telma Domingues da Silva

IEL/UNICAMP
2014

Aos docentes e pesquisadores das diferentes vertentes da Análise de Discurso no Brasil, entrevistados para esta pesquisa, sem os quais, esta tese não teria sido possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a conclusão desta tese a meus pais, Benedito Faria Machado e Maria Ignez de Godoy Machado, que, com sua oração constante, seu apoio e amizade foram meu porto seguro nos momentos em que precisei restaurar minha energia e esperança para seguir em frente, em meio às dificuldades que esta pesquisa me apresentou. Agradeço também a toda minha família, meus irmãos Eugênio, Pedro e Paulo; meus tios Claret, Doralice, Fátima, Alzira e Maria (*in memorian*), primos, sobrinhos e cunhadas, que me são muito queridos.

Agradeço aos meus filhos, Maria Fernanda e Marcos Henrique, que participaram intensamente de todas as etapas da realização desta tese, com alegria e compreensão, demonstrando-me sempre seu carinho e amor. Agradeço também ao meu esposo, Waldir Teixeira, pela fé na minha capacidade e o incentivo sempre constante, para que eu não desistisse de buscar a conclusão deste trabalho, e às minhas enteadas, Carol e Camila, pela sua amizade e consideração.

Agradeço, de maneira muito especial, à minha irmã, Ana Maria de Godoy Machado, e à minha cunhada, Waldira Aparecida Teixeira, pois, sem seu auxílio, disponibilidade e carinho, no cuidado dos meus filhos e da minha casa, dificilmente, eu teria sequer iniciado esta pesquisa.

Muitos amigos se mostravam preocupados com o término desta tese. Sempre que me encontravam, me enchiam de perguntas, e eu via nelas o seu interesse e a sua torcida por mim. Meu muito obrigada a todos eles, Flávia Regina, Gilson, Quézia, Ilsa, Patrícia, Rosilene, Ana Maria, Josi, Ademar, Benedito, Francislene, Adriana, Rosa Maria, Maria Francescato, Nilvana, Rosângela, Fabiane e tantos outros.

Lembro-me, com gratidão, das amigas que fiz nos dias em que passei na biblioteca da Unidade Fátima da Universidade do Vale do Sapucaí (Pouso Alegre – MG), Ivanise, Eleine, Inês, Ana Rita, Angélica e Michele. Em meio às leituras, estudos, escritas e reescritas, elas representaram, para mim, suporte, bom-humor e uma torcida permanente pela conclusão desta pesquisa.

Agradeço ainda aos meus amigos tão especiais, Neide Cária Pena e Nelson Lambert, pois sua amizade, seu incentivo, seu interesse sincero pelo meu trabalho e pelas dificuldades por que passava, me davam uma força a mais para vencer o desafio de terminar esse trabalho. Suas palavras, seus olhares, os abraços, o ombro amigo, sempre me transmitiram um ânimo novo e uma vontade firme de dar certo.

Obrigada também aos meus professores que se tornaram grandes amigos e a quem eu devo muito do que está aqui de realização intelectual e pessoal. São pessoas caras que sempre estiveram muito próximas de mim durante a elaboração desta tese. Sua ajuda, interesse e disponibilidade foram muito importantes para que eu pudesse concluí-la. Meu muito obrigada à professora e amiga Mirian dos Santos e ao professor e amigo João Baptista de Almeida Júnior.

Um agradecimento especial também à minha pró-reitora e amiga, Daniela Francescato Veiga, e ao, então, reitor da Univás e meu padrinho, Virgínio Cândido Tosta de Souza, que me acompanharam desde o início desta pesquisa, incentivando-me e permitindo que me afastasse, vez ou outra, para cursar esse Doutorado. A excelência na vida acadêmica e profissional de cada um não deixou de ser um incentivo a mais para que eu levasse a termo este trabalho. Muito obrigada!

Agradeço, ainda, os funcionários Cláudio, Miguel e Rose, da secretaria de Pós-graduação do IEL – Unicamp, que, frequentemente, me auxiliaram e me atenderam prontamente em diversas situações em que eu me encontrava com problemas acadêmicos. A eles, meu muito obrigada e minha sincera admiração por sua competência e simpatia!

Agradeço aos professores doutores, Giovanna Benedetto Flores, Guilherme Vale Carrozza, Carolina Rodríguez Zuccollilo, Taís da Silva Martins e Telma Domingues da Silva, que tão prontamente aceitaram o convite à participação nesta banca examinadora e que, com certeza, contribuíram, ainda mais, na versão final desta reflexão.

Aos professores doutores, Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer e José Horta Nunes, que também compõem esta banca examinadora e estiveram presentes na minha banca de qualificação, meu agradecimento especial. Minha qualificação foi uma verdadeira batalha. Como foi sofrida a desconstrução a que fui convencida a fazer, o deslocamento

do lugar em que me colocava anteriormente e a elaboração, praticamente, de uma nova tese! Mas isso que me foi exigido trouxe-me até aqui, à conclusão da minha pesquisa. Por isso, eu a devo muito particularmente à correção, à provocação e aos questionamentos que estes professores me apresentaram naquela ocasião. Muito obrigada de coração!

Finalmente, mas não menos importante, pelo contrário, como a possibilidade real de que esta tese terminasse, agradeço ao meu orientador, professor Lauro, um amigo dos tempos de Univás, que terminou por me acolher em um momento importante da minha vida acadêmica. Obrigada pelas orientações, a indicação de leituras, as correções do meu texto e por, sinceramente, não ter desistido desta pesquisa e da caminhada ao meu lado até a sua conclusão. Meu muito obrigada por tudo isso!

"[...] tudo acaba mas o que te escrevo continua. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas."

Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre a presença, nos últimos 40 anos, da Análise de Discurso no Brasil. Na perspectiva da História das Ideias Linguísticas em articulação com dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Pechetiana, compreender, nas formulações dos enunciados de entrevistas realizadas com pesquisadores que estudam esta teoria, gestos de interpretação que historicizam sua presença e determinam diferentes direções no processo histórico de surgimento, desenvolvimento e constituição da área da Análise de Discurso no país, compondo, assim, diferentes lugares teórico-metodológicos para a teoria. O recorte dos pesquisadores a serem entrevistados foi feito pelos cursos de Letras, Linguística, Ciências Sociais, Ciências Políticas, Psicanálise, Psicologia e Comunicação Social, cujos mestrado e/ou doutorado fossem recomendados pela Capes. No início de 2011, foram encontrados 317 cursos nessas condições. A partir daí, passou-se a pesquisar o currículo Lattes dos docentes dos cursos, no qual deveria constar o termo Análise de(do) Discurso, seja no texto de apresentação, nas linhas ou projetos de pesquisa, ou ainda, em disciplinas ministradas. Foram consultados mais de 900 currículos Lattes de professores e se chegou ao número de 369 pesquisadores para os quais foi enviado, por e-mail, um questionário. As primeiras leituras se deram com 104 entrevistas recebidas e, a análise final, com 44 delas, cujos enunciados constituíram o *corpus* desta pesquisa. Ao final desse trabalho, foi possível compreender que a Análise de Discurso se configura nas relações que estabelece nas interfaces, flutuações teóricas e suas bases fundadoras. Sua constituição plural se faz em um constante movimento de construção e reconstrução de seu território, em um espaço tensionado, no qual a teoria é compreendida, ora como um campo aberto de conhecimento, ora um campo demarcado. E, nesse movimento, sua identificação se significa, em muitos dizeres, pela contraposição ao outro; ou seja, por aquilo que não é em relação ao que é o outro. O sentido de identificação pela negação, nos dizeres analisados, marca, entre outros, o modo de enfrentamento de um embate em torno de uma questão central entre a Análise de Discurso e outras teorias linguísticas, a saber: a compreensão da língua. Compreendeu-se, ainda, que o percurso da Análise de Discurso no Brasil se fez em diferentes temporalidades, sejam em torno de distintas inscrições epistemógicas dos pesquisadores; sejam temporalidades nas quais a Análise de Discurso foi posta como um divisor de águas nos estudos linguísticos, uma ruptura ou novidade em uma determinada ordem; ou mesmo, nas temporalidades em que os sujeitos-pesquisadores foram se constituindo em diferentes posições teóricas no interior de desdobramentos da Análise de Discurso. Se, nesta pesquisa, não se tratou de recorrer à memória de arquivo, mas ao interdiscurso, o trabalho lidou com fragmentos, sentidos à deriva, muitas vezes, contraditórios e que retornam ou avançam, conforme diferentes posições-sujeito assumidas nos dizeres dos entrevistados.

Palavras-chave: Ideias Linguísticas - História. Análise de Discurso – História. Análise de Discurso. Significação.

ABSTRACT

This research is a reflection on the presence, mainly in the last 40 years, of Discourse Analysis in Brazil. It aims to comprehend, on the perspective of the Linguistic Ideas History in articulation with Pecheut's Discourse Analysis theorical-methodological dispositives, in the formulation of the statements formulation in the interviews performed with researches that study such theory, interpretation gestures that historicize its presence and determine different directions in the historic process of coming through, development and constitution of Discourse Analysis area in the country, forming, this way, different theorical-methodological places for the theory.The researchers scrap to be interviewed was performed in graduation courses of Languages, Linguistics, Social Sciences, Political Sciences, History, Psychoanalysis, Psychology and Social Communication, whose mastering/doctoring were recommended by Capes. In the beginning of 2011, it was found 317 courses in this condition. From then on, Lattes curriculum of the professors in the courses started to be researched in order to find the term Discourse Analysis, in the presentation text, as well as in the research lines or projects, yet in the topics taught. More than 900 professors' curriculum were checked and it was approached a number of 369 researchers, to whom it was sent a questionnaire through email. The first readings were performed through 104 interviews received and, the final analysis, with 44 of them, whose statements constitute the *corpus* of this research. At the end of this research it was possible to comprehend that Discourse Analysis configures itself in the relations that it establishes among interfaces, theorical flows and its founding basis. Its plural constitution is formed in a constant construction and reconstruction movement of its territory, in a tension space in which theory is comprehended sometimes as an opened space of knowledge, sometimes as bordered one. And, in this movement, it identification is meant, in a lot of sayings, by the counter position to the other; that is, by which it is not in relation to the other. The meaning of identification through denying, in the statements analyzed, marks, among others the confront way of a facing surrounding the main question among Discourse Analysis and other linguistic theories, that is, language comprehension. Yet, it was considered that the route of Discourse Analysis in Brazil was performed in different temporalities, no matter if around distinct epistemological inscriptions of researchers or in those temporalities in which Discourse Analysis was placed as breaking point in linguistic studies, a rupture or news in some order; as well as in temporalities in which subject-researchers were configuring themselves in different theorical positions inside Discourse Analysis. In this research, it was not a case of going through archives memory but to the interdiscourse and the research took care of fragments, derive senses, most of times contradicting and that come back or go further depending on the different subject position which are taken in the statements of the interviewed ones.

Key words: Linguistics Ideas – History. Discourse Analysis – History. Discourse Analysis. Meanings.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ..... pag. 01

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS..... pag. 13

1.1 A historicidade na ciência da linguagem ..... pag. 18

1.2 História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso ..... pag. 23

CAPÍTULO II

A ANÁLISE DE DISCURSO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM..... pag. 41

CAPÍTULO III

OS DIFERENTES SENTIDOS DA ANÁLISE DE DISCURSO NOS EFEITOS METAFÓRICOS DE PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO..... pag. 55

CAPÍTULO IV

A ANÁLISE DE DISCURSO NAS FRONTEIRAS DOS ESTUDOS DA LÍNGUA E DE OUTROS CAMPOS DISCIPLINARES..... pag. 81

CAPÍTULO V

ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL: OS SENTIDOS DO SEU SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO NO PAÍS ..... pag. 99

CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... pag. 119

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... pag. 127

BIBLIOGRAFIA ..... pag. 135

ANEXOS ..... pag. 143

Anexo 1..... pag. 143

Anexo 2..... pag. 145

Anexo 3..... pag. 149

INTRODUÇÃO

Este trabalho constrói-se em torno de uma reflexão sobre a Análise de Discurso no Brasil. Presente no país, desde o início da década de 70, a Análise de Discurso tem se disseminado de maneira profícua em todo o território nacional nas últimas décadas. Ela está presente como filiação teórica em um número elevado de artigos, dissertações e teses, produzidos nas universidades brasileiras, além de ser objeto de constantes discussões e conferências em congressos e eventos científicos realizados no país. Segundo Ferreira (2008), a Análise de Discurso, no Brasil, tem uma produção pulsante e se apresenta como uma teoria plural, percorrendo diferentes trajetórias e com especificidades conceituais diversas, conforme seus teóricos balizadores.

Nessa conjuntura, havia a percepção de uma certa tensão de sentidos, no espaço universitário, entre as diferentes filiações da Análise de Discurso, o que levou à realização desta pesquisa na pretensão de compreender os modos como a Análise de Discurso se significa em meio à diversidade de pressupostos teóricos que norteiam cada vertente ou linha de pesquisa.

No Brasil, há várias designações que trazem o significante ‘discurso’ e que se organizam no campo das teorias do texto e do discurso, filiadas, cada qual, a diferentes epistemologias, cujos pesquisadores, no entanto, dialogam entre si, produzem trabalhos em conjunto, conseguem transpor limites e realizar interfaces, rediscutem seus contornos teóricos e tentam se preservar de inconsistências e incoerências em relação às propostas de seus fundadores.

O objetivo geral que permeou este trabalho foi o de compreender, pela análise de entrevistas realizadas com pesquisadores brasileiros que estudam a Análise de Discurso, os múltiplos sentidos para a Análise de Discurso, que se inscrevem na discursividade desses dizeres e que constituem, no recorte dessas mesmas entrevistas, diferentes lugares teórico-metodológicos para a teoria no Brasil. No âmbito da perspectiva teórica da História das Ideias Linguísticas, em uma articulação com os dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Pechetiana, produzir um conhecimento sobre a presença da Análise de Discurso em um espaço-tempo atual. Por

meio de regularidades, deslocamentos e permanências de sentidos, perceber, como os enunciados vão construindo um horizonte de retrospecção e projeção (Auroux, 2008) desta área no país, levando em conta que acontecimentos e dizeres são funcionamentos discursivos constitutivamente históricos. Isto implica considerar que a língua, sendo falha e incompleta, permite que os sentidos sobre os acontecimentos sejam sempre outros. Há um real que não obedece a uma univocidade lógica e um saber que não se ensina, não se aprende, mas produz efeitos sobre esse real (Pêcheux, 1988). Portanto, buscou-se não um saber que estivesse fixado previamente em conceitos e esquemas teóricos, e sim, um saber sobre a Análise de Discurso, que se dá na atualização enunciativa de uma memória histórica. Pelo trabalho da memória social e discursiva (interdiscurso), nas formulações dos enunciados, compreender gestos de interpretação[1] que historicizam essa presença e fazem com que determinados sentidos circulem em um espaço discursivo científico, determinando diferentes direções no processo histórico de constituição da área da Análise de Discurso no país.

> Enquanto arquivo, a memória tem a forma da instituição que congela, que organiza, que distribui sentidos. O dizer nessa relação é datado. Reduz-se ao contexto, à situação de época, ao pragmático. Enquanto interdiscurso, porém, a memória é historicidade, e a relação com a exterioridade alarga, abre para outros sentidos, dispersa, põe em movimento (ORLANDI, 2003, p. 15).

A memória entendida como interdiscurso é estruturada no esquecimento, é o espaço das rupturas, das repetições, das reformulações. Mobilizar esse saber sobre a Análise de Discurso é considerar, nesta pesquisa, as derivas do sentido, as ilusões de uma unidade imaginária que pretende explicar o real; é desautomatizar as evidências históricas, "descolar da obsessão da ambiguidade (entendida como lógica do ou/ou) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta etc" (PÊCHEUX, 1997 *apud* ORLANDI, 2003, p. 13).

[1] Gesto de interpretação é entendido aqui como um ato simbólico (Orlandi, 1998).

É preciso, porém, atentar para o fato de que os enunciados, recortados desta pesquisa, instauram uma temporalidade atual sobre a Análise de Discurso. O olhar direcionado aos 40 anos de presença da teoria no Brasil se faz por enunciados regulados em um tempo e espaço atuais, que lhe produzem determinados sentidos. Dito de outra forma, se essa pesquisa fosse produzida tomando o dizer dos pesquisadores ao longo de quatro décadas de estudos da Análise de Discurso no Brasil, sua historicidade seria distinta daquela inscrita em dizeres produzidos dentro dos limites da atualidade. O dizer sobre um passado, a partir de um presente, traz, em si mesmo, retificações, acréscimos, revisões, substituições e avaliações, que não seriam possíveis em tempos anteriores ao desta pesquisa.

Este trabalho tem, como objeto de estudo, os efeitos de sentidos que, na voz dos pesquisadores entrevistados, vão constituindo a Análise de Discurso no seu percurso no Brasil (a partir da perspectiva da História das Ideias Linguísticas) e, na abordagem discursiva, de filiação pechetiana, os dispositivos teórico-metodológicos para a compreensão desses sentidos, levando-se em conta a exterioridade histórica que se imprime na textualidade dessas entrevistas. Portanto, analisando os sentidos que adquire esse processo histórico, puderam-se compreender os modos pelos quais ele foi se configurando. Como afirma Orlandi (2002), não se pretendeu reconstruir a história da Análise de Discurso no país, a partir do ponto de vista da historiografia, mas sim, compreender o processo pelo qual ela se conta, pelo qual ela se compreende; as vias de sentido pelas/nas quais os próprios pesquisadores se significam e significam tal processo.

Porém, esta pesquisa não começa aqui nem tampouco seguiu um caminho único. Pelo contrário, ela se iniciou com a pretensão de contar a história das diferentes vertentes da Análise de Discurso presentes no país e elaborar um mapa institucional, no qual estivesse identificada cada Análise de Discurso praticada nas instituições. O resultado dessa pesquisa consistiu em um relato histórico do início de cada Análise de Discurso no país, pelas informações concedidas pelos entrevistados, e no desenho do mapa do Brasil, com cada Análise de Discurso, localizada em diferentes universidades brasileiras. Contudo, diante disso, a pesquisa se mostrou insustentável, por duas razões principais. Primeiro, porque ela se construiu a partir do pressuposto de que uma palavra

designa uma coisa (falsa evidência) (Orlandi, 1999a) e, segundo, porque foi elaborada a partir de um ponto de vista positivista dessa história, incompatível com a perspectiva materialista da História das Ideias Linguísticas, em que ela se inscreve.

Quando se toma algo por aquilo que ele se mostra ou diz de si, está-se investido de um efeito de evidência do sentido produzido pelo funcionamento da ideologia, cujo resultado é tomar como transparente aquilo que é construído em relações de força e de sentido no conjunto de formações discursivas, apagando-se o político, a memória e o inconsciente que lhe são constitutivos. Desconsidera-se, desta forma, o fato de que o sentido não está posto em algum lugar, mas vem pela incompletude da linguagem que funciona pela retomada constante do mesmo e pela abertura ao múltiplo e "é produzido no '*non-sens*' pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido" (PÊCHEUX, 1988, p. 300). Portanto, não há como se fiar a uma evidência, pois o sentido se faz no deslizamento que a metáfora sugere e ela é ilocalizável (Gadet; Pêcheux, 2004), justamente, porque, quando se pensa 'o sentido está aqui', ele já está em outro lugar, funcionando por outras metáforas. A evidência do sentido se fundamenta na crença de um sentido literal e, no caso particular desta primeira pesquisa, na garantia de que os sujeitos (entrevistado e entrevistador) sabiam do que falavam e do que liam, o que se sustenta no efeito de evidência do sujeito como dono do seu dizer.

> Essa dupla tautologia – eu vejo o que vejo/sabe-se o que se sabe – é, poderíamos dizer, o fundamento aparente da identificação da "coisa" e também do sujeito que a vê, que fala dela ou que pensa nela – o real como conjunto das coisas e o sujeito, unido no seu nome próprio: essa "evidência", tomada ao pé da letra, é repetida no mito empirista da construção da língua a partir do que Russell chamou os "particulares egocêntricos" (*eu, isto, agora*, por exemplo, em "*eu vejo isto agora*"), operando-se a construção pela combinação de o que eu vi com o que eu vejo, que a generalização constitui (PÊCHEUX, 1988, p. 101)[2].

[2] Grifos do autor.

A evidência do sentido e do sujeito produz seus efeitos mais eficazmente em uma perspectiva positivista, na qual a produção de conhecimento se justifica pela busca da verdade e, a serviço dela, tomam-se os objetos de estudo como sua representação. Desta forma, dissidências internas, oposições, retificações, enfim, as condições de produção do conhecimento são abolidas no grosso de uma representação, que só precisa ser construída sintática e logicamente correta. Assim, a representação teria o poder de sintetizar e explicar uma realidade complexa.

> Basta que uma expressão seja construída como um nome próprio por meio de sinais precedentemente introduzidos e de maneira gramaticalmente correta para que ela designe realmente um objeto. A "lógica" torna-se assim o núcleo da "ciência" com – simultaneamente – o necessário engano idealista que coloca a *independência do pensamento em relação ao ser*, na medida em que toda designação sintaticamente correta constrói um "objeto"... de pensamento, isto é, uma ficção lógica reconhecida como tal (PÊCHEUX, 1988, p. 126)[3].

Ora, em uma metodologia que considera a possibilidade de se encontrar a verdade de algo, prevalece a técnica da obtenção de informação e de dados como o melhor caminho. A informação predomina sobre a polissemia, porque a multiplicidade de sentidos não interessa à busca de uma verdade única. A informação é da ordem do cognitivo, que privilegia os dados, o produto do conhecimento e não o seu processo, pois ela fixa sentidos, enquanto o trabalho processual da memória "embaralha o 'efetivamente ouvido'" (PAYER, 2006, p. 30).

Esse percurso metodológico só foi sendo abandonado, na medida em que foi se dando a compreensão de que uma história das ideias linguísticas não se faz por um relato de fatos de linguagem nem tampouco por uma taxonomia dos seus desdobramentos, mas pela compreensão das práticas políticas da produção de sentido que constituem esses fatos e essas classificações, o que chamamos, neste trabalho, de historicidade, pois o que circula na sociedade, o que se fixa e o que se move, não são os

[3] Grifos do autor.

fatos, mas os sentidos que lhes damos, numa relação constitutiva de reprodução/transformação com a realidade histórica.

Só foi possível chegar a tal conclusão, assumindo que, na prática científica e na produção de conhecimento, não há separação entre sujeito e objeto ou entre teoria e construção do objeto científico, e sim, um processo contínuo de constituição de cada qual, determinado por forças externas e históricas. A construção de um objeto, o método escolhido para a sua compreensão, o modo da sua descrição e interpretação, são etapas da pesquisa científica, intimamente ligadas entre si, amalgamadas por uma determinada teoria, um ponto de vista e afetadas por condições materiais de produção.

Esses movimentos internos demandaram uma adequação desta pesquisa à filiação em que ela se inscreve: a História das Ideias Linguísticas de base materialista, a qual considera o que foi dito logo acima: a construção do conhecimento a partir da relação íntima e constitutiva do sujeito e seu objeto, determinada por condições materiais de produção e tendo como objeto, neste caso, a historicidade de uma teoria. É nessa perspectiva, portanto, que este trabalho se inscreve e foi escrito, dando-lhe uma nova direção. Tal relato pretendeu tão-somente indicar que, em toda a feitura de uma pesquisa – e com esta não foi diferente, há rupturas, retificações, deslocamentos, que interferem sobremaneira na sua realização.

Além do objetivo geral de, pela análise das entrevistas com pesquisadores, compreender múltiplos sentidos da Análise de Discurso, cujos gestos de interpretação historicizam sua presença no país, a presente pesquisa teve, como objetivos específicos, compreender ainda:

1. Que sentidos são mobilizados pelos pesquisadores ao falarem sobre a Análise de Discurso em seu percurso acadêmico, ou seja, de que modo a teoria é significada no/pelo dizer dos pesquisadores?
2. Que relações de sentidos estão determinando certos gestos de interpretação no dizer dos pesquisadores sobre a presença da Análise de Discurso no Brasil, já que a interpretação se sustenta por relações de conexão, contraposição, remissão e outras, em um processo de determinação histórica da significação?

3. Que metáforas partem hoje do dizer dos pesquisadores e que configuram um espaço teórico-metodológico, no qual os entrevistados significam a Análise de Discurso, entendendo que, pelos efeitos metafóricos produzidos, é possível sugerir contornos teóricos e metodológicos (compreendidos em um espectro mais amplo) para o campo da Análise de Discurso.

Reforço que, para atingir os objetivos acima, esta pesquisa se filia ao quadro teórico da Análise de Discurso Pechetiana, que fornece os dispositivos para a análise das entrevistas, que trataram de pressupostos teóricos, funcionamentos institucionais e deslocamentos de conceitos, em vista à compreensão de uma historicidade da teoria linguística, Análise de Discurso, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas.

Para encontrar os pesquisadores a serem entrevistados, que trabalham com Análise de Discurso, espalhados pelo Brasil, o recorte foi feito pelos cursos de Letras, Linguística, Ciências Sociais, Ciências Políticas, História, Psicanálise, Psicologia e Comunicação Social, cujo mestrado e/ou doutorado fossem recomendados pela Capes (órgão vinculado ao Ministério da Educação, com a função, entre outras, de avaliar os cursos *strico sensu* no país). A escolha se deveu a uma compreensão inicial de que tais cursos tinham objetos de estudo que abrangiam a complexidade teórica do discurso, seja a língua, a linguagem, a sociedade ou acontecimentos históricos. Essa escolha foi um gesto de interpretação desta pesquisadora sobre a Análise de Discurso, que terminou por estabelecer um começo necessário à pesquisa, mas também por dar uma certa direção a um campo do conhecimento cujos contornos são constantemente revistos e deslocados. O que havia, inicialmente, era a compreensão de que, em algumas áreas do conhecimento científico, os estudos da Análise de Discurso tinham uma presença mais forte em relação a outras, o que significou o estabelecimento de um ponto de partida e um fechamento provisório do campo de estudo da Análise de Discurso, apenas a propósito desta pesquisa, pois se sabe que suas fronteiras não se demarcam por áreas da ciência previamente definidas.

Vê-se, portanto, que essa compreensão inicial foi atravessada por um discurso institucional, porque, na composição do grupo de pesquisadores a serem entrevistados, foi tomada como critério uma lista de cursos, com seus respectivos docentes, definida previamente por um órgão governamental. A Capes funciona, aqui,

como um filtro, pois ela é quem dita o que é e o que não é pesquisa, em seu trabalho de reconhecimento legal dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* oferecidos no país. O discurso científico é, neste caso, atravessado pelo discurso institucional, instaurado por uma política científica brasileira. É por meio desse filtro que o *corpus* desta pesquisa foi construído. As condições de produção desta pesquisa colocam os entrevistados em um determinado lugar institucional que as normas da política científica do país predefiniram. Estas condições de produção - é importante ressaltar - funcionarão nos efeitos de sentido que cada qual produzirá, em seu dizer, sobre a Análise de Discurso e sua relação com a teoria.

Dito de outra forma, o dizer dos pesquisadores não acontece à revelia, mas é determinado por processos históricos e políticos; no caso particular, o critério para o recorte dos entrevistados é fornecido por um órgão do governo, o que já coloca, de antemão, a pesquisa em determinadas condições específicas de produção, ou seja, o espaço científico brasileiro é organizado, nomeado e demarcado por uma política, que estipula normas, nas quais os cursos devem se enquadrar, para obterem um determinado conceito e classificação, uma certificação científica e visibilidade como tais. Neste sentido, a presente pesquisa leva em conta, em sua elaboração, os dizeres como objetos discursivos (e não apenas as informações conteudísticas inseridas neles) e os entrevistados como posição sujeito historicamente constituída e não como sujeitos empíricos.

> As condições de produção estão relacionadas com as formações sociais e os lugares que os sujeitos aí ocupam. Tais lugares funcionam nos processos discursivos como formações imaginárias que "designam o lugar que A [produtor] e B [destinatário] se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro". Assim, em uma formação social, existem as "regras de projeção", que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações). Deste modo, a relação entre o sujeito e o real exterior não é direta, mas sim mediada pelas representações imaginárias. É por

> meio do imaginário que os sujeitos significam o real no discurso (NUNES, 2006, p. 19)[4].

O recorte proposto, então, se constitui pelas posições em que, tanto a instituição – determinada por políticas públicas para a ciência - quanto o pesquisador, se colocam neste atual espaço científico brasileiro. Diante disso, a pesquisa, na perspectiva da historicidade, tenta mostrar, por outro lado, o político e a multiplicidade de sentidos para o processo histórico da presença da Análise de Discurso no Brasil, que vai se fazendo nessas (e apesar de) condições sociais de produção.

No site da Capes (http://www.capes.gov.br/cursos-recomendados), no início de 2011, havia 317 cursos recomendados nas áreas supra citadas. Com o conhecimento desses cursos, contatou-se, primeiramente, o coordenador do mestrado/doutorado, consultando-o sobre docentes que trabalhavam com Análise de Discurso, a fim de já se dirigir diretamente a eles (Anexo 1). Porém, como alguns coordenadores não responderam ao questionário, decidiu-se fazer a pesquisa diretamente nos sites oficiais desses cursos. Nesta pesquisa, procurava-se a ocorrência do nome Análise de(do) Discurso na área de concentração e/ou nas linhas de pesquisa dos cursos. Quando havia, passava-se a pesquisar o currículo Lattes dos docentes dos cursos, o qual deveria trazer, seja no texto da sua apresentação ou no nome das linhas e projetos de pesquisa ou de disciplinas ministradas, o termo Análise de(do) Discurso. Quando tal não estava explicitamente nas informações do curso, a pesquisa só avançava para o currículo Lattes dos professores, quando se encontravam outras designações que poderiam significar a presença de docentes que pesquisavam na Análise de Discurso, tais como: Representação Social e identidade; Memória; Texto e Discurso; Linguagem e sociedade; História, cultura e linguagem; Discurso e interação; Discurso e poder político, dentre outras. A percepção é de que esses termos circulavam em uma discursividade, cujos efeitos de sentidos se ligavam a sentidos já sedimentados sobre a Análise de Discurso e, por isso, eram considerados como índices para a consulta continuar.

É importante, ainda, ressaltar que esta pesquisa debruça-se na análise do discurso de pesquisadores acerca do seu percurso acadêmico no trabalho com a Análise

[4] Grifos do autor.

de Discurso, ainda que, na classificação de áreas e subáreas do CNPq, não conste tal campo disciplinar. Portanto, apesar desta pesquisa partir de um arquivo institucional, um banco de dados, que a Capes (sustentada por uma classificação daquele órgão federal) fornece, o qual tenta organizar os diferentes campos do conhecimento, ela é construída pelo discurso de pesquisadores sobre uma prática que vai produzindo, a despeito do que está estabilizado em órgãos do governo, lugares de fundação institucional para a prática da Análise de Discurso no Brasil.

Com isso, foi consultada uma média de mais de 900 currículos de professores pelo sistema CNPq-Lattes e se chegou ao número de 369 pesquisadores, para os quais foi enviado o questionário (Anexo 2), por e-mail, já que estavam presentes em diferentes cidades e regiões do Brasil, o que impossibilitava contatá-los pessoalmente. De 369 entrevistas enviadas, 146 pesquisadores responderam ao e-mail. Desses, 42 retornaram dizendo não pesquisarem em Análise de Discurso e restaram 104 entrevistas, com as quais iniciaram-se as análises. Nesta versão final do trabalho, constam trechos de 44 dessas entrevistas analisadas[5] (Anexo 3).

A partir daí – é importante dizer - o número de entrevistas obtido perde seu valor quantitativo. Na perspectiva desta pesquisa, não é dada importância à extensão das entrevistas para a construção do *corpus*, porque se entende que o processo de significação não é calculável, segmentável. Por isso, não importa a quantidade de entrevistas nem o tamanho de cada uma, mas o seu caráter polissêmico, múltiplo. O que se busca nesta leitura é, sim, a circulação de sentidos e a dominância de uns sobre outros e, a partir dessa detecção, poder compreender que efeitos de sentido e de sujeito são produzidos no dizer dos pesquisadores sobre a presença da Análise de Discurso no Brasil, que vão constituindo processualmente, não só sentidos sobre a Análise de Discurso, como também os sujeitos em seu lugar social de analista de discurso. Isso se dá pela análise, às vezes, de uma palavra ou de uma resposta completa dada na entrevista. São recortes discursivos analisados, ou seja, é a relação da parte com um

[5] Os depoimentos inseridos no corpo deste trabalho preservam o anonimato dos entrevistados, atribuindo a cada um, aleatoriamente, letras como iniciais de seu nome. As entrevistas, cujos trechos se encontram analisados neste trabalho, estão no anexo, com frases ou palavras ocultadas, as quais se referem a informações sobre a instituição em que o pesquisador trabalha, grupos de pesquisa de que participa, ou ainda, obras que publicou, o que poderiam levar, inevitavelmente, à sua identificação.

todo, na busca da historicidade que ela carrega. Como diz Orlandi (2001a), não consideramos o texto como uma unidade fechada, a qual demandaria uma análise igualmente delimitada, em que se procuram direções homogêneas para os sentidos nele produzidos; pelo contrário, a autora vai sugerir o termo *montagem* para descrever o trabalho do analista, que, considerando o objeto discursivo e os objetivos da pesquisa em relação à questão formulada, considera, o tempo todo, os limites dispersos do texto, que se (des)formam pelo/no processo discursivo. Por isso, o dado ou a informação não é importante como algo posto antes, mas sim, o processo de significação, o sentido, que se definem na própria interação (Orlandi, 1996c), interpretados, com vistas aos objetivos da pesquisa.

> Não é a informação nova que estaremos considerando, mas a possibilidade dos múltiplos sentidos de que se pode revestir uma informação. Nesta perspectiva, o novo não é propriedade exclusiva do foco nem mesmo tem de ter necessariamente um lugar em um segmento da linguagem. Ele pode ser justamente o resultado de uma situação discursiva, uma espécie de intervalo entre enunciados, efetivamente realizados. Este intervalo não é, entretanto, um vazio, é, antes, o espaço ocupado pelo social. O discurso é prenhe de sentidos e esses sentidos não se revelam apenas pelas informações já dadas ou novas, mas pelos seus efeitos, produzidos dentro de um processo discursivo que é social. O efeito de sentido, ou se se quiser, aquele que é margem do discurso, a sua indeterminação, deriva de todo o processo discursivo: aquilo que é propriamente linguístico, os sujeitos, a ordem social, a conjuntura ideológica, o referente. Sem esquecer, naturalmente, as formações imaginárias (ORLANDI, 1978, p. 40).

Diante disso, as entrevistas não foram lidas em busca de informação nova que, se somando a outras, pudessem formar um todo sobre o que os pesquisadores pensam sobre a Análise de Discurso no Brasil. Não foi este o caminho, a leitura nem tampouco o objetivo dessa pesquisa. A leitura das entrevistas foi feita a partir do pressuposto de que o sentido não está na informação nova nem na sua somatória final. Ele não é fixo, mas se move nos deslizamentos metafóricos, nos processos de paráfrase e polissemia, que o ressignificam, enfim, nos efeitos de sentido cuja abrangência não

está localizada em um produto final, porque é processual e incomensurável. "Compreender o discurso não é tarefa operatória de cálculo, mas de explicitação do funcionamento" (ORLANDI, 1996a, p. 30). A leitura das entrevistas buscou compreender, então, o funcionamento de sentidos na configuração da área da Análise de Discurso, presentes no discurso dos pesquisadores entrevistados.

Por fim, esta tese é o trabalho final do Doutorado em Linguística, inscrito na Área de pesquisa do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Unicamp, designada como *Linguagem, história e conhecimento* e na Subárea de pesquisa *História das Ideias Linguísticas*, e seu objetivo geral vai ao encontro daquele da Linha de pesquisa *Constituição das teorias e métodos linguísticos*, a saber: estudo da história das teorias e métodos linguísticos e análise dos processos de constituição de conhecimento sobre a linguagem, produzidos no decorrer da história do pensamento, independentemente da disciplina na qual tal conhecimento se produziu[6].

Também a escrita deste trabalho justifica a sua inscrição na *História das Ideias Linguísticas*, pois ela foi construída a partir de gestos de leitura, sensíveis às relações materiais de sentido que se tecem no dito, no não-dito e no interdiscurso das respostas ao questionário aplicado, com a finalidade de se compreender a historicidade desta teoria em solo brasileiro.

A tese está estruturada em cinco capítulos. No capítulo primeiro, apresento a perspectiva da História das Ideias Linguísticas e sua reflexão sobre a historicidade na ciência da linguagem. O capítulo seguinte é dedicado a compreender a Análise de Discurso no interior de questões discutidas no campo dos estudos da linguagem, a partir da filiação em Pêcheux. Os capítulos terceiro, quarto e quinto constituem a parte analítica desta pesquisa, em que os diferentes lugares teórico-metodológicos e institucionais da Análise de Discurso no Brasil vão se constituindo na voz dos pesquisadores desta área. Ao final, apresento as considerações gerais acerca da reflexão sobre o percurso da Análise de Discurso no Brasil, na qual as observações do dizer dos pesquisadores tornaram possível marcar, analisar e construir relações de sentido.

[6] (cf. http://www.iel.unicamp.br/pos/catalogoLL.php)

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Este trabalho se inscreve na perspectiva teórica da *História das Ideias Linguísticas,* propondo uma reflexão sobre a presença, desde a última década de 70, da teoria da Análise de Discurso no Brasil, tentando compreender o político e o histórico que determinam as relações de sentido que sustentam gestos de interpretação nos dizeres de pesquisadores desta área, entrevistados acerca desse assunto.

Esta reflexão leva em conta, em sua elaboração, uma constante preocupação com a direção dos sentidos presente nos objetos para os quais dirigimos nosso olhar, articulando-se, para isso, o quadro teórico da Análise de Discurso, sabendo-se, pois, que os processos de significação não se desenvolvem de modo homogêneo nem tampouco linear. Os sentidos não significam a mesma coisa para todos, porque, nessa perspectiva, os sujeitos são lugares e posições ideológicas, em uma determinada estrutura social e, por isso mesmo, eles significam na/pela diferença. Portanto, é uma pesquisa que foca sua atenção no modo como pesquisadores, que atuam na área da Análise de Discurso, compreendem o processo histórico da constituição desta área no Brasil, como área de conhecimento científico. Dito de outra forma, é a compreensão de um processo de significação que se dá nas relações entre os sujeitos que se inserem nesta área, mais precisamente, na multiplicidade dos sentidos produzidos pelo trabalho da memória, a qual torna presente sentidos que persistem e traz também sentidos outros que resistem no funcionamento do silêncio, tal como pensado em Orlandi (1997).

Este direcionamento dos sentidos, que chamamos aqui de o político do discurso - porque não se trata de compreender a política partidária ou institucional -, mas o político como elemento fundante na constituição e formulação dos discursos, dividindo e deslocando sentidos e que "se caracteriza assim como lugar de disputa dos princípios que regem a vida social em suas diferenças, sendo ele próprio a prática dessas diferenças" (ORLANDI, 2002, p. 16), é o que já preocupava, no fim da década de 80, a professora e pesquisadora Eni Orlandi, no desejo de produzir um conhecimento sobre a

história das teorias linguísticas no Brasil, a partir de uma abordagem crítica, que permitisse atingir o lugar da produção dos efeitos de sentido que constituíam a identidade do brasileiro, a partir da sua relação com a língua (Orlandi, 2001b). Essa perspectiva exigia, igualmente, uma tomada de posição frente à história das ciências que era, então, produzida no país, pois, para tal intento, não era adequada uma historiografia das ideias linguísticas, ou seja, um relato dos diferentes estudos da linguagem, das tendências presentes no país, de seus autores, obras e períodos.

O que se propunha era um estudo que pudesse estabelecer novas metodologias de trabalho nessa área, resultando em mudanças no saber linguístico, e redefinisse esse campo de estudos no interior da história das ciências em geral, pelo questionamento que produzia sobre a negação da interpretação, a neutralidade científica e a separação entre sujeito/objeto e ciência/ideologia (Baldini, 2009), princípios da filosofia científica positivista, ainda fortemente dominante na época.

> Tomar uma posição histórica para tratar o conhecimento faz com que nos ocupemos dos processos de sua produção e daquilo que resulta como seu produto. Ou seja, não se toma a questão do conhecimento como lógica, nem em uma relação de causa e efeito, mas como uma prática que deixou e deixa resultados na história do homem (ORLANDI *apud* BALDINI, 2005, p. 58).

Buscavam-se, com isso, novas práticas de leitura, ancoradas na Análise de Discurso, e um trabalho diferenciado na construção de arquivos, considerados como documentos discursivos.

> O próprio dessas práticas é relacionar o dizer com o não dizer, com o dito em outro lugar e com o que poderia ser dito. Essa escuta tem de particular o ser sensível às relações de sentido – seja pelo trabalho da memória (o interdiscurso) seja pela menção (a intertextualidade). O que praticamos, então, são novos gestos de leitura, percorrendo os caminhos dos sentidos. Em nosso caso, os sentidos que sustentam a produção de um conhecimento linguístico que se foi produzindo junto à constituição de nossa língua (ORLANDI, 2001b, p. 8).

Dessa preocupação inicial, surge, em 1987, o projeto *Discurso, Significação, Brasilidade*, que pretendia estudar a relação da língua na configuração da identidade nacional nos seus aspectos religioso, político, jurídico, científico, cultural e linguístico (Orlandi, 2002) e também produzir "estudos sobre a história da língua portuguesa no Brasil na sua relação com as línguas indígenas, assim como estudos sobre línguas de imigração"[7].

A partir dos estudos e pesquisas produzidos nesse primeiro projeto, o aspecto linguístico como constituinte da brasilidade foi tomando uma dimensão mais ampla e surgindo a preocupação em pesquisar mais profundamente a relação entre a questão da história da língua e a história do conhecimento linguístico, ou seja, "conhecer a língua e o saber que se constrói sobre ela, ao mesmo tempo em que pensamos a formação da sociedade e dos sujeitos que nela existem. Não menos importante, nessa perspectiva, é pensar a relação Língua/Nação/Estado e o cidadão que essa relação constitui" (ORLANDI, 2001b, p. 9). Como consequência disso, as pesquisas desenvolvidas a partir dessa nova perspectiva trazem, para o centro da discussão, questões dirigidas à prática científica dos estudos da (língua)gem, da História e das Ciências Sociais.

> Como a ciência tem um projeto de explicação do Brasil, de sua língua, que não é indiferente, ao contrário, se confronta com os sentidos possíveis dessa brasilidade, passamos a analisar sistematicamente a constituição de nossa língua na relação com a produção das ideias linguísticas no Brasil (ORLANDI, 2002, p. 10).

Em 1989, foi assinado um convênio para o desenvolvimento de pesquisas nessa linha, entre a Unicamp e a Universidade de Paris VII, coordenado, no lado brasileiro, pela professora Eni Orlandi e, na França, pelo professor Sylvain Auroux, apoiado pelo Acordo Capes/Cofecub. Segundo Orlandi (2001b), o encontro com a

[7] (cf. http://www.unicamp.br/iel/hil/apresenta.html)

equipe de Auroux, que já desenvolvia um trabalho consistente sobre a história das teorias linguísticas, significou uma contribuição valiosa para as pesquisas iniciantes desse projeto. Um dos primeiros trabalhos publicados a partir desse convênio foi o livro *Língua e Cidadania: o Português no Brasil* e, posteriormente, a tradução do livro de Auroux, *A revolução tecnológica da Gramatização*, em 1992.

No convênio estabelecido com a França, houve o desenvolvimento do projeto *História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e a Constituição da Língua Nacional*, pelo qual foram estudados instrumentos linguísticos (dicionários e gramáticas), catecismos, listas de palavras, textos didáticos (fragmentos), instrumentos jurídicos, que regulamentaram o ensino da língua em um determinado período e instituições de ensino, entre outros objetos de estudo, a fim de se produzir um conhecimento sobre/da língua nacional. A compreensão que fundamentava tal projeto era de que o processo de constituição da língua nacional brasileira era investido de sentidos bastante diferenciados, pelo fato de o país ter tido, "na sua origem, uma língua que lhe foi imposta" (ibid., p. 12), o que demandava estudos que analisassem os instrumentos linguísticos como objetos discursivos e não empíricos.

A partir disso, nasce, então, o *Programa História das Ideias Linguísticas*, projeto que reúne diversos pesquisadores interessados nas questões da língua e de sua constituição como campo de conhecimento no Brasil. Segundo Orlandi (2001b), pretendia-se pensar a questão da língua em um país de colonização, compreendendo, pela perspectiva da Análise de Discurso francesa, a história como produção de sentido e não como cronologia dos fatos; o funcionamento do interdiscurso (o trabalho da memória), que produz deslocamentos, esquecimentos e retificações na escrita de um saber metalinguístico; e a pesquisa de arquivo, como uma prática nova de leitura de textos e documentos.

Esse projeto vai gerar a publicação de um livro de mesmo nome em 2001 e o número 130 da revista *Langages,* como também a elaboração e realização de um segundo projeto, *História das Ideias Linguísticas no Brasil: Ética e Política de Línguas*, cuja coordenação no Brasil foi de Eni Orlandi e Diana Luz Pessoa de Barros, então professora da USP, e, na França, de Sylvain Auroux, que tinha como objetivo, além da

história do saber sobre a língua, a questão da relação entre língua, nação e Estado no estabelecimento das políticas de línguas. Também foram oficializados convênios de colaboração com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat).

Uma característica diferencial das pesquisas empreendidas no projeto *História das Ideias Linguísticas* é que essa história é escrita por especialistas da linguagem, que podem lançar um olhar de dentro da ciência da linguagem sobre os seus próprios percursos. Nesse sentido, não há separação entre o historiador da ciência e o pesquisador, o que, geralmente, tem produzido uma escrita, na qual a história da ciência é estruturada como uma sucessão linear de conquistas do saber, mas, pelo contrário, permite que a história seja contada por uma perspectiva que leva em conta a constituição do conhecimento linguístico como um processo que envolve relações de filiação, oposição e articulações, que resultam em contiguidades, retornos ou rupturas provisórias. Por isso, se diz que não é a *historiografia* das ideias linguísticas, mas sim a compreensão dos sentidos que os acontecimentos históricos foram adquirindo para se significarem como tais, o que chamamos aqui de historicidade, ou seja, a história como produção de sentido em determinada direção (Orlandi, 2002). Considera-se

> (...) um contar a história que se assume inserido nessa mesma história. Um modo de contar a história, teoricamente amparado, mas que não se exime de saber que, ao contar, está fazendo a história através das vozes que traz de novo ao discurso e dos silenciamentos que executa inevitavelmente (BALDINI, 2005, p. 59).

Desta forma, reunindo teoria e história, desestabiliza-se uma visão estática e neutra da história das ideias linguísticas, que, porventura, poderia ser produzida por uma historiografia feita de 'fora' e imprime uma leitura e uma escrita novas, nas quais os acontecimentos vão se definindo em movimentos internos de avanço e retrocesso; revisões e retificações; oposições e continuísmos nas ciências da linguagem.

As pesquisas do *Programa História das Ideias Linguísticas*, desde a sua constituição, têm produzido inúmeros artigos, livros, dissertações e teses, monografias de iniciação científica e a realização de eventos científicos. Reporto-me às obras *Política Linguística no Brasil* (Orlandi, 2007), *Institucionalização dos Estudos da*

Linguagem – A disciplinarização das Ideias Linguísticas (Orlandi, 2002) e *História do Saber Lexical e Constituição de um léxico brasileiro* (Nunes e Petter, 2002), dentre outras, que certificam um domínio novo no cenário brasileiro da história das ideias linguísticas, ao escrever a história do conhecimento linguístico a partir da compreensão das relações de forças e de sentidos que o constituem e que não deixam de produzir uma 'mexida' nas ciências sociais, no tocante ao questionamento que faz, com sua escrita, da separação entre sujeito e objeto e da transparência da linguagem, fortemente significadas naquelas ciências.

1.1 A historicidade na ciência da linguagem

A ciência moderna se constituiu, histórica e predominantemente, por formações discursivas que a legitimaram como conhecimento objetivo, universal e intangível do mundo. Para sustentar esse discurso, houve um apagamento de suas condições de produção, que, nesta conjuntura, atravessariam o poder ora estabelecido por esse discurso dominante. Porém, segundo Auroux (2008), o conhecimento científico só pode se dar em um meio histórico, ou seja, seu acontecimento só se dá em e por determinadas condições materiais. Não há como se considerar a produção do conhecimento científico como uma prática abstrata, fora de seu contexto. Por isso, o autor vai explicar que a ação do tempo na ciência não é semelhante a que ocorre sobre os organismos vivos. Estes sofrem mudanças físicas, causadas por uma ação do tempo, ainda que não operem nenhuma (re)ação sobre isso. Com a ciência é diferente. Os conhecimentos humanos só podem ocorrer no tempo, mas não entendido aqui como cronologia, e sim, como determinações espaço-temporais específicas, ou seja, condições sociais e históricas, que favorecem ou não a produção de determinado conhecimento.

Se o conhecimento científico é assim produzido, a escrita de sua história exige que se empreenda, igualmente, a historicização de seu aparecimento, ou seja, pressuponha a existência de condições sociais, históricas e teóricas específicas, em sua formação e surgimento no tempo, "desautomatizando as narrativas cronológicas e os relatos tornados oficiais" (Guimarães, 2002, p. 23). O importante deverá ser a

compreensão das instâncias e circunstâncias, sejam elas sujeitos ou instituições, que determinam a constituição de uma área do saber.

> Ao invés de dar como dada, portanto, uma (história da) ciência com seus conteúdos já pressupostos, somos críticos ao conteudismo, e preferimos pensar essa história discursivamente e, então, não é seu conteúdo, mas seu funcionamento que nos interessa. Assim, não pressupomos a sua existência já-lá, em um efeito de objetividade prévio, mas a consideramos em sua objetividade material contraditória, memória discursiva, em uma palavra, a observamos em sua interdiscursividade, em seus efeitos de arquivo. Podemos então apreciar o movimento da produção da ciência como algo nada linear, mas, ao contrário, cheio de efeitos de preconstruídos e de implicações e consequências muito dinâmicas e, não poucas vezes, controversas (ORLANDI, 2012, p. 20).

Diante disso, entendemos que uma história da ciência não se fará pela escrita de sua cronologia, estruturada em datas distribuídas em passado, presente e futuro. Acontecimentos históricos não são compreendidos, aqui, pela sua simples presença *no* tempo. Ao contrário, preferimos a noção de temporalidade como suporte para acontecimentos. Segundo Guimarães (2005), "algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem" (ibid., p. 11) e o que caracteriza essa diferença é que "o acontecimento temporaliza" (ibid.). Dito de outra forma, o acontecimento em si, pela força de sua diferença em relação à ordem anterior, instala sua própria temporalidade, compreendida como um presente que se lança a uma futuridade, à latência de futuro (ou seja, à possibilidade de projeção) e um passado que sustenta a possibilidade de novas significações. O passado não é rememoração de acontecimentos, mas o funcionamento de uma memória que trabalha na produção de novas temporalizações. "É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido [...]" (ibid., p. 12).

Compreende-se, a partir disso, que os fatos históricos (no caso, da ciência) são investidos de sentidos (historicidade), produzidos pelos sujeitos da ciência, nas

condições históricas e políticas gerais de um determinado espaço-tempo, o que leva, certamente, a transformações, retificações e articulações, em um campo do conhecimento. Nessa mesma direção, Auroux (2008) vai mostrar que a ciência é menos um sistema de verdades do que uma atividade social, que, por sua vez, funciona por meio de componentes que tentam dirimir ou minimizar as contradições internas que uma atividade desta natureza apresenta, a saber: um componente teórico, que são seus aportes teóricos; um componente prático, que consiste em valores científicos (o caráter desinteressado da ciência e o interesse pelo conhecimento) e normas; e um componente sociológico, ou seja, ela se faz por e para um grupo organizado de pessoas especializadas, em uma instituição própria. Em outras palavras, o modo acontecimental da ciência se dá por meio de uma instituição que organiza uma prática e esta vai se definindo na relação a uma teoria. Esses componentes teriam a função de dar sustentabilidade ao caráter de verdade da ciência. Porém, a sua natureza social apresenta ainda outras dificuldades e vicissitudes, por exemplo, comunidades científicas que sofrem com dissidências internas, apagamento de grupos por avaliações negativas, políticas públicas desiguais de apoio à pesquisa, desconfiança do público sobre seus membros e suas pretensões nas pesquisas, além do contexto democrático em que se vive, atualmente, a maior parte do planeta, que deixa, expostos e abertos a opiniões gerais e decisões da maioria, assuntos que seriam, eventualmente, tratados por especialistas acadêmicos.

Diante dessas relações de forças, muitas vezes, desiguais e contraditórias, Auroux (ibid.) vai afirmar, que, entre as teorias e os atos institucionais, há uma complexidade de causalidades que não se resumem no fato de a instituição ser considerada, muitas vezes, apenas como o lugar de divulgação daquilo que é produzido teoricamente. São essas relações de sentidos que trabalham na constituição, transmissão e circulação do conhecimento científico, que a historicidade quer compreender. O que invalida o pressuposto idealista de ciência é a história real da sua prática: “a edificação difícil, contrariada, retomada e retificada do saber” (LECOURT, 1980, p. 59). O desenvolvimento das ciências e das teorias implica a permissão de sentidos, o bloqueio de outros, facilitando a disseminação de uns e impedindo outros. O histórico determina os sentidos, que nunca são os mesmos, pois “a construção de um quadro teórico não

consiste em um já-lá estável. Um campo teórico é incompleto, porque consiste numa produção discursiva de sujeitos" (MUTTI, 2003).

Pela historicidade, há um enfraquecimento do discurso idealista da ciência em direção a uma posição materialista, que considera a existência dos fatos na medida em que os sentidos, que os constituem, se movem em determinadas direções. Não se está atrás da essência das coisas, nem do conhecimento de uma realidade escondida no interior dos fenômenos humanos e sociais, pois, na perspectiva materialista, a compreensão se debruça, não sobre as coisas em si, mas sobre os modos pelos quais (na articulação da língua com o histórico) essa realidade é percebida e configurada nos desdobramentos, revisões e reconfigurações constantes de uma área do saber. É a história desse movimento de sentidos que interessa à historicidade.

Porém, o discurso da ciência como modo seguro de explicar o mundo, feito por cientistas, apartados das condições materiais de sua existência, ainda significa fortemente, em uma conjuntura, cujo mito da cientificidade que tudo pode definir predomina. "Apagam-se as filiações teóricas e se usam os conceitos como se fossem palavras do senso comum, despidas de historicidade. Apaga-se a ideologia e a história. Silencia o político" (ORLANDI, 2012, p. 26). Nessa perspectiva não se leva em conta que o real dos fatos não é acessível diretamente, nem ao sujeito da ciência nem tampouco ao historiador da ciência, já que são constituídos ideologicamente e seu conhecimento é uma prática que sofre as determinações históricas da sua conjuntura social, assim como os efeitos do funcionamento de uma memória que gesta falhas e incompletudes; provoca deslocamentos, rupturas e esquecimentos. "Como afirma Orlandi (2006), 'não há ciência que não se assente em pressupostos (teorias) políticos e cujos resultados, em sua prática, não tenham consequências sobre os sujeitos, a sociedade e a história'" (PFEIFFER, 2007, p.19), ou seja, não há conhecimento científico instantâneo, fora do tempo e da história, que não se produza a partir de uma dimensão retrospectiva e se projete para o futuro.

> Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado,

> o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecção (Auroux, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber (AUROUX, 2009, p. 12).

Na perspectiva da retrospecção e da projeção, pode-se compreender o modo como uma ciência se organizou para resolver uma questão e até mesmo como foi se dando o surgimento e a formulação de uma tal questão. Constroem-se relações, identificam-se filiações e percursos de sentidos, enfim, toma-se a história da ciência no funcionamento mesmo do processo de produção do conhecimento e não como algo já posto ou produto acabado. É fundamental que se compreenda "a história efetiva do conhecimento científico: suas rupturas, reorganizações, insucessos, contradições, riscos..." (LECOURT, 1980, p. 24). Segundo Auroux (2008), levar esses aspectos em conta é aceitar "as modalidades intrínsecas de afetação temporal dos objetos (a sua 'historicização', ou seja, o seu modo de ser na 'história real')" (p. 148). Desta forma, não se dá conta dos objetos das ciências (conceitos, formulações, inventos, descobertas, tecnologias) como ações isoladas de indivíduos particulares e atemporais, mas, pelo contrário, inserem-nos na complexidade das relações sociais e históricas materiais de sua produção. Portanto,

> (...) a história da ciência não é indiferente às condições em que sua prática se constitui, não sendo homogênea e sendo sensível a processos científicos que derivam de histórias particulares, regionais, ou melhor, territorializadas. Além dos aspectos cognitivos, a ciência carrega também aspectos sócio-culturais e disciplinares (ORLANDI, 2009, p.122).

1.2 História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso

Passo, nesta parte, a refletir sobre a articulação teórica entre História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso, que este trabalho propõoe, com o objetivo de compreender, discursivamente, a presença da Análise de Discurso no Brasil. Quando a História das Ideias Linguísticas se articula com a Análise de Discurso, filiada a Pêcheux, a escrita dessa história, entendida como historicidade, apresenta uma especificidade própria, porque conta com pressupostos teóricos que proporcionam um "tratamento específico" de acontecimentos, conceitos, teorias, obras, autores, instituições e periodização (Nunes, 2008), temas comuns à História das Ideias Linguísticas.

> Há então uma produtividade específica quando a AD se posiciona no entremeio com a HIL. Podemos dizer que esse modo de fazer história da ciência tem consequências para a leitura e mesmo para a produção de arquivos relativos às ciências da linguagem. Isso inclui tanto os trabalhos de análise dos textos de arquivo, dos gestos de leitura que deles se depreendem, quanto à proposição de novas formas de escrita do arquivo, sensíveis à historicidade dos sentidos, à pluralidade dos domínios das ciências da linguagem, à espacialidade e à temporalidade do conhecimento, às formas de autoria, aos funcionamentos institucionais, aos acontecimentos, enfim, a tudo aquilo que compreende as condições de produção dos discursos científicos (ibid. p. 111).

Ler um arquivo (ou, no caso do presente trabalho, os enunciados das entrevistas), procurando compreender sua historicidade e articulando-se com pressupostos teóricos da Análise de Discurso, produz o entendimento de que o sentido não está fixado em algum lugar, mas ele se produz nas relações entre os sujeitos, nos intervalos das formações discursivas e na memória do dizer (o interdiscurso). As palavras carregam sentidos determinados historicamente e, se um ou outro parece estabelecer uma relação direta ou evidente com alguma realidade externa, é porque processos históricos contribuíram para a sua institucionalização como sentido literal e para o silenciamento de sentidos outros. A Análise de Discurso entende esse processo como aquele que instala o funcionamento do discurso como efeito de sentidos entre interlocutores e que atribui sentido para a realidade.

> Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos). As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas), desigualmente acessíveis aos diferentes locutores (ORLANDI, 1997, p. 20-21).

Diante disso, tem-se que considerar, na escrita da história de uma área da ciência, que o conhecimento é construído em uma relação de reprodução e transformação de sentidos, que se dá, na contradição entre produto e processo. Produto como o sentido já sedimentado por determinadas condições materiais e históricas de produção, e processo como o sentido novo que busca se instalar. "Há um movimento contínuo entre produto e processo" (ORLANDI, 1996c, p. 162). Não se pode determinar onde termina um e começa o outro, porque o produto, na prática discursiva, vai se repondo no processo e resultando em novos produtos, ou seja, o sentido é movimentação. Nessas condições não se devem tomar conceitos, esquemas, exemplos, na produção de um conhecimento ou na construção de um objeto científico, como expressão de uma referência externa, como conteúdo, mas como discurso, constituído nas/pelas relações de força e de sentido que lhe são impostas no espaço discursivo da produção de conhecimento científico. Um sentido cristalizado nada mais é que o resultado de relações de poder simbolizadas na/pela linguagem.

> Resta dizer que, na perspectiva discursiva, é uma ilusão, a chamada ilusão referencial, pensar que há uma relação termo-a-termo entre o pensamento, a palavra e a coisa. O que há é a construção discursiva do referente (ORLANDI, 2009, p. 48).

Pêcheux (1988) vai dizer, inclusive, que as próprias metáforas utilizadas para construir e expor um objeto científico devem ser vistas como processo sócio-histórico. Por exemplo, se em um dado tempo e espaço, a sociedade é comparada a uma máquina e, em outro período, ela é vista como um organismo vivo, estas são maneiras próprias e determinadas histórica e ideologicamente de significar o objeto sociedade. Pêcheux discute ainda, nessa mesma passagem, que se a metáfora não é considerada em si mesma como portadora de um sentido historicamente construído sobre a realidade, pode-se cair na visão positivista de que haveria um sentido original, primeiro, cujo entendimento vai sendo perseguido e "desenvolvido" pelos construtos científicos, para, enfim, poder ser encontrado e definido como produto de um conhecimento.

Nessa perspectiva, o sujeito da ciência como também o seu historiador é investido da ideologia que funciona sob duas formas específicas de constituição do sujeito ideológico: a primeira é a da identificação-unificação do sujeito consigo mesmo, que funciona a partir de efeitos de evidências que o sujeito tem de si diante de um objeto do conhecimento, pelo qual ele afirma "eu vejo o que vejo", que Pêcheux vai chamar de *garantia empírica*. Neste caso, o sujeito se investe da certeza de que o que vê é o real. A segunda forma de que fala o autor é a identificação do sujeito com o universal, pela qual ele formula enunciados do tipo "é sabido que...", " é claro que...", que lhe fornece a *garantia especulativa.* A remetência, aqui, a um discurso já estabilizado, tem força de argumento para determinar e garantir um efeito de evidência sobre alguma realidade.

Neste lugar, o sujeito se coloca como origem de um conhecimento objetivo da realidade, porque não se coloca no lugar de intérprete, mas de alguém que descreve o real, dando-lhe o sentido que as coisas mesmas teriam. Porém, o sentido implica interpretação e esta é uma prática ideologizante. Para a Análise de Discurso, a ideologia é prática e não ocultação ou uma falsa consciência. Ela é a prática de dar sentidos e o sujeito só é sujeito do seu dizer, enquanto investido (assujeitado por) de uma ideologia, que "interpela os indivíduos em sujeitos" (PÊCHEUX, 1988, p. 133). Esta é a contradição fundamental: ele é *sujeito de* e *sujeito à* e, no processo de significação, o sujeito se esquece daquilo que determina os sentidos do seu dizer, pois o trabalho da ideologia é justamente este: produzir evidências, mas dissimulando sua existência no

interior de seu próprio funcionamento. Portanto, a ideologia constitui o sujeito, "'situando-o' (significando para ele o que ele é) e, ao mesmo tempo, dissimulando para ele essa "situação" (esse assujeitamento) pela ilusão de autonomia do sujeito, de modo que o sujeito 'funcione por si mesmo'" (ibid.).

Ora, se a ideologia esconde o seu funcionamento no processo de significação do mundo, então, é preciso considerar o caráter material do sentido; compreender, por um lado, que o sentido não está "colado" às palavras, como uma correspondência natural e direta entre palavra e coisa, fazendo com que se tome a palavra como expressão de um sentido fixo, pois há um intervalo (talvez seja exatamente aqui que a ideologia trabalhe) entre a palavra e seu sentido; e, por outro, que o sentido se constrói a partir das condições históricas desse processo de significação, mas não atribuído diretamente às coisas em si, mas às relações imaginárias do homem com suas condições materiais de existência (Orlandi, 1999a). Foi Althusser (1986 *apud* Motta; Serra, 2012) que definiu a ideologia como prática, porque ela sustenta todo o processo de transformação de matéria-prima no mundo, o que entendemos como prática, mas a ideologia não passa para o consciente do sujeito. Althusser vai falar que a ideologia é uma estrutura imanente do imaginário da sociedade, "uma instância, uma região do todo complexo estruturado, i.e., um nível do modo de produção, conjuntamente com o econômico e o político-jurídico" (p. 6), mas, diferentemente dessas outras práticas, a ideologia não se relaciona diretamente às coisas. Ela é, então,

> (...) a expressão da relação dos homens com o seu 'mundo', isto é, a unidade (sobredeterminada) da sua relação real e da sua relação imaginária com as suas condições de existência reais. [...] É nessa sobredeterminação do real pelo imaginário e do imaginário pelo real que a ideologia é, em seu princípio, *ativa*, que ela reforça ou modifica a relação dos homens com as suas condições de existência, na sua própria relação imaginária (ibid., 240-241).

Por isso, dizemos que a ideologia se materializa no discurso, entendido como "efeito de sentidos entre interlocutores" (ORLANDI, 1999a, p. 21), porque ela não está localizada aqui ou lá, nesta ou na outra palavra, no interior ou exterior, no

subjetivo ou objetivo do conhecimento do mundo. Pelo contrário, o sentido nasce nas inter-relações e, por uma análise materialista do discurso, é possível compreender os gestos de interpretação que aí são produzidos, acompanhando o percurso dos sentidos e identificando onde se dá a produção destes. Dar sentido às coisas do mundo não acontece formalmente, mas é da ordem do simbólico, do imaginário e do ideológico, que se faz "por uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história" (ibid., p. 47). E, para que o dizer tenha sentido e dê sentido, ele se inscreve em uma formação discursiva, isto é, aquilo que, em uma determinada formação ideológica e conjuntura social, pode e deve ser dito. É da formação discursiva que o sujeito tira o sentido do seu dizer e os diferentes modos de o fazer, porque a formação ideológica, que sustenta a formação discursiva, oferece não só os objetos ideológicos como também a maneira de se servir deles, nas relações conflituosas de interesses de classe.

> Não é, portanto, um espaço constituído de várias significações possíveis das quais o sujeito poderia escolher uma que lhe aprouvesse; pelo contrário, é o espaço de fixidez, de literalização do sentido, no qual o sujeito irá ter que se constituir, mesmo que para deslocá-lo. O que mostra que o sentido literal é, ele mesmo, um efeito do interdiscurso, um produto da história (BALDINI, 2009, p. 22).

Vê-se, portanto, que, se o sentido não está previamente alocado em um lugar, ele também não pode ser qualquer sentido. Há uma determinação histórica dos processos discursivos, um direcionamento na sua produção. A atribuição de sentidos é uma prática política. Se há espaços discursivos "logicamente estabilizados" (PÊCHEUX, 2008, p. 31), é porque, nas relações de força, houve disputa e confronto para que tais sentidos se instalassem como dominante e literal. Porém, esse processo é contínuo e móvel. As relações mudam; os sentidos mudam também. Como diz Pêcheux (ibid.),

> (...) todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo

> um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento no seu espaço (p.56).

O que se depreende desse funcionamento é que a significação pressupõe a incompletude da linguagem humana. Os sentidos não estão postos nem fechados em si mesmos, mas surgem de movimentos regulados historicamente, que vão do estável ao inesperado, do velho ao novo e do mesmo para o múltiplo. A incompletude é fundamental no dizer. Se as palavras carregassem sentidos fixos, não seria possível a mudança, que vem, exatamente, da instauração de sentidos outros na prática discursiva. O dizer se abre ao múltiplo, ao diferente, porque todo dizer pode ser outro. É a polissemia que possibilita a multiplicidade de sentidos. Mas também não seria possível a linguagem, se ela não retornasse a sentidos já estabelecidos. Todo dizer envolve um 'dizível', um mesmo, algo que permanece, que se mantém em uma memória do dizer. É o que a paráfrase indica. Polissemia e paráfrase estão em constante funcionamento na produção dos sentidos. "(...) esses dois processos são igualmente atuantes, são igualmente determinantes, para o funcionamento da linguagem" (ORLANDI, 1996b, p. 137). Não se pode precisar a parte de cada uma, ainda que afirmemos que pertence à paráfrase aquilo que se mantém na linguagem, a retomada de um sentido já posto e, à polissemia, o novo, o inesperado, o múltiplo. Há uma relação de tensão entre o estabilizado e o que quer se legitimar. Os dois processos se articulam na produção de um sentido. "Porque o sentido é relação à, o homem pode jogar com o sentido, desviá-lo, simulá-lo, mentir, armar uma cilada" (CANGUILHEM *apud* PÊCHEUX, 1997, p. 62). O sentido mesmo que se forma na história pelo trabalho da memória discursiva (Payer, 2006) encontra-se com o sentido novo, que o rompe em um espaço discursivo, no qual estão em relação os dizeres possíveis, esquecidos, censurados, silenciados e os permitidos, estabilizados, sedimentados. É um jogo, como cita Pêcheux, e como tal há regras, regularidades, mas também o inesperado, as divisões, os deslocamentos. Há pontos de deriva, de deslize. O jogo se lança, se inicia, é movimento interminável. É paráfrase e polissemia, que podem ser detectadas pela metáfora (etimologicamente: a transferência), pela qual as palavras se dizem por outras. O sentido nunca está cercado em uma palavra, mas no elo discursivo que se forma entre elas.

> De fato o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações dos sinônimos), das quais certa formação discursiva vem ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem (PÊCHEUX, 1988 *apud* ORLANDI, 2003).

Diante disso não se deve considerar a incompletude da linguagem, o deslize ou a abertura ao múltiplo, como uma deficiência da linguagem. Só se pensa assim, se ainda se considera a possibilidade de existência de um sentido primeiro e original, que pudesse expressar as coisas na sua totalidade, além de abordar a língua(gem) como sistema autônomo, formal e independente da exterioridade. Se "o discurso é o modo de existência social da linguagem" (Orlandi, 1978, p. 33) e pensado como "integralmente linguístico e integralmente histórico" (Maingueneau, 2005, p. 16), a língua(gem) é compreendida na sua materialidade, ou melhor dizendo, na sua forma-material: nem forma nem conteúdo; nem língua nem fala, mas, para além disso, a língua como forma-material, base comum de processos discursivos diferentes, que assim o são, porque resultam, não da intenção, das estratégias ou das escolhas do sujeito sobre o seu dizer e sobre a constituição de sua realidade, mas porque são o resultado do jogo e do confronto das formações discursivas em relação à dominante. Portanto, se a exterioridade é móvel, da mobilidade das relações de forças que se revezam no poder de emplacar sentidos e significações da realidade, a linguagem também o será e os discursos que se constituírem e se formularem a partir dela. Há um "impulso metafórico interno da discursividade, pelo qual a língua se inscreve na história" (PÊCHEUX, 1997, p. 62). A rede de sentidos que a metáfora tece foge ao controle do sujeito. A palavra só se fala por outra. O sentido só se diz por outro, que está presente no interdiscurso pelo dito, mas também pelo não-dito. "Como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo "outros" sentidos" (ORLANDI, 1997, p. 55).

Uma palavra por outra, ainda que dita pelo locutor, não lhe pertence, não é da ordem de uma estratégia pragmática do dizer, porque a palavra pertence ao jogo do interdiscurso, "[d]aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente" (ORLANDI, 1999a, p. 33). Essa memória envolve um espaço potencial de coerência,

um domínio semântico associado, provisoriamente fechado, mas também pode "ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo" (PÊCHEUX, 2010, p. 52) e que ressignifique fortemente o sentido já-lá.

> (...) uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel, de divisões, disjunções, deslocamentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos [...] E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior (ibid., p. 56).

Os dizeres possíveis, esquecidos ou silenciados, além de continuarem funcionando por uma ausência que é necessária ao dizer presente, estão neste lugar de produção de sentido, porque condições históricas e ideológicas contribuíram para tal. As relações de sentido envolvem disputa, prática política de direcionamento do sentido, porque diferentes formações discursivas procuram por um fechamento do sentido, ainda que provisório (Carreira, 2001). Quando isso ocorre, temos, então, o sentido institucionalizado, o sentido literal.

> Não há um centro, que é o sentido literal, e suas margens, que são os efeitos de sentido. Só há margens por definição, todos os sentidos são possíveis e, em certas condições de produção, há a *dominância* de um deles. O sentido literal é um efeito discursivo. O que existe é um sentido dominante que se institucionaliza como produto da história: o "literal" (ORLANDI, 1996b, p. 144).

Retomando a articulação entre História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso, que aqui está sendo proposta, podemos dizer que, na escrita da história de uma ciência, busca-se compreender como se deu a formulação de um conceito ou a constituição de um objeto científico e os limites teóricos de uma área do conhecimento, tentando analisar as forças que funcionam na sedimentação de um sentido, enquanto se calam outros. "... ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis,

mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada" (ORLANDI, 1997, p. 76). Para isso, o primeiro procedimento teórico-analítico é o entendimento de que o dizer dos pesquisadores que responderam ao questionário proposto por essa pesquisadora não deva ser tomado como o relato de uma memória individual, recordações vindas de uma memória psicológica, ainda que cada qual se refira a acontecimentos diretamente ligados a sua vida particular acadêmica e profissional, mas como "memória social inscrita em práticas" (PÊCHEUX, 2010, p. 50), uma memória que é feita de sentidos sempre referidos a outros sentidos e todos eles afetados por condições sociais e históricas específicas.

Por isso, buscaram-se detectar gestos de interpretação em que se podiam ver, no processo de constituição desta área do conhecimento, deslocamentos, rupturas, retificações, continuidades, por funcionamentos discursivos, como pré-construídos, discursos transversos, em uma memória social já constituída da Análise de Discurso, mas que não pode ser restabelecida explícita e diretamente no texto, como diz Pierre Achard (2010) ao falar do implícito como memória: "jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo" (p.13).

Memória, compreendida discursivamente, é algo que se remete para fora do enunciado, às condições de sua produção (sujeito e situação, incluindo aqui, o contexto imediato da enunciação e o mais amplo, no qual se inserem o social, o histórico e, finalmente, o ideológico), à exterioridade. Porém, quando falamos de memória discursiva não se quer dizer "frases escutadas no passado" (ibid., p. 16), esquecidas no tempo e que se atualizam na enunciação. Se assim o fosse, aceitaríamos o pressuposto da autonomia do sujeito, que poderia "escolher" o que dizer e de qual memória retirar um determinado sentido. No trabalho da memória, que retoma constantemente sentidos já postos, e o novo que rompe o velho com suas revisões e atualizações, o que está em jogo são "julgamentos de verossimilhança" (ibid.), efeitos de sentidos e a "imagem enunciativa" (ORLANDI, 2002, p. 25) de já-ditos, que funcionam por repetições e regularidades, afetadas por fatores históricos. As repetições, que são da ordem da formulação, podem se modificar, mas elas são orientadas e sustentadas pelas

regularidades do discurso, que são da ordem da constituição dos discursos, são estruturas ideológicas, que têm força de unidade e coerência mais permanente.

> A regularização se apoia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador. Não há, com efeito, nenhum meio empírico de se assegurar de que esse perfil gráfico ou fônico corresponda efetivamente à repetição do mesmo significante. É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais. É nessa colocação em série dos contextos, não na produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra. De outro modo, é engendrando, a partir do atestado discursivo, paráfrases, a considerar como derivações de possíveis em relação ao dado, que a regularização estrutura a ocorrência e seus segmentos, situando-os dentro de séries. O que desempenha nessa hipótese o papel de memória discursiva são as valorizações diferentes, em termos, por exemplo, de familiaridade ou de ligação a situações, atribuídas às paráfrases, que entretêm, então, graças ao processo controlado de derivação, relações reguladas com o atestado (ACHARD, 2010, p. 16).

Portanto, a leitura que se faz nesta pesquisa é a de procurar compreender, não o conteúdo do que está na superfície do enunciado, mas regularidades que estruturam determinadas séries de sentidos constituintes de um espaço teórico-metodológico da Análise de Discurso no Brasil, por meio de metáforas, consideradas como o lugar de produção de sentido e onde é possível identificar marcas de revisões, atualizações e/ou remissões. A exterioridade é, então, suprimida como tal, como evidência empírica, para sustentar gestos de interpretação em uma dada textualidade.

> Pensando-se a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal como se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica, como diz M. Pêcheux (1983), as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e

> exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória (ORLANDI, 1999a, p. 33).

Reportando ao provérbio chinês a que Achard se refere no artigo *Memória e Produção Discursiva do Sentido* (2010): "quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo", no presente trabalho, é precisamente isto que se tenta compreender: 'o dedo' ou 'como se deu o processo de designação do objeto lua' e não simplesmente considerar que está posto que a lua é lua. A análise proposta nesta pesquisa é a de remeter constantemente a produção de efeitos de sentidos à exterioridade, à relação necessária entre o já-dito com o que se está dizendo, inscrever um dizer em uma dada filiação de sentidos que lhe dá significância, traçar um percurso que se movimenta entre o interdiscurso (o sentido constituído, o dizível, sedimentado na memória) e o intradiscurso (a formulação, o enunciável).

> A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (ibid.).

Nessa perspectiva, a produção de sentidos na enunciação implica uma heterogeneidade, um espaço de construções diferentes de um sentido único. Em meio a sentidos sedimentados, a incompletude da linguagem faz da palavra "um lugar 'compartilhado', onde se confrontam discursos diferentes, portadores de sentidos diferentes para essa palavra" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 41). Segundo distinção proposta por J. Authier, essa heterogeneidade, também chamada de não-coincidência, está presente no enunciado como heterogeneidade constitutiva - que se reporta à memória discursiva -, e heterogeneidade mostrada, sobre a qual a autora explicita algumas formas de manifestação linguística, a saber: a não-coincidência interlocutiva entre dois co-enunciadores; a não-coincidência do discurso consigo mesmo, afetado

pela presença em si de outros discursos; a não-coincidência entre as palavras e as coisas; e a não-coincidência das palavras consigo mesmas, afetadas por outros sentidos, por outras palavras, pelo jogo da polissemia, da homonímia e outras (ibid., p. 20).

> Essas palavras porosas, carregadas de discursos que elas têm incorporados e pelos quais elas restituem, no coração do sentido do discurso se fazendo, a carga nutriente e destituinte, essas palavras embutidas, que se cindem, se transmudam em outras, palavras caleidoscópicas nas quais o sentido, multiplicado em suas facetas imprevisíveis, afasta-se, ao mesmo tempo, e pode, na vertigem, perder-se, essas palavras que faltam, faltam para dizer, faltam por dizer – defeituosas ou ausentes – aquilo mesmo que lhes permite nomear, essas palavras que separam aquilo mesmo entre o que elas estabelecem o elo de uma comunicação, é no real das não-coincidências fundamentais, irredutíveis, permanentes, com que elas afetam o dizer, que se produz o sentido" (ibid., p. 26).

A distinção que a autora faz entre heterogeneidade constitutiva e mostrada diz respeito à heterogeneidade enunciativa, pela qual o sujeito tenta circunscrever, na enunciação, a alteridade, a fim de garantir a ele uma unidade aparente na produção de sentidos, por isso "a relação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva é sempre uma relação de denegação" (GALLO, p. 2, 2001). Neste trabalho, concordamos, ainda, com Gallo (ibid.), quando propõe a noção de heterogeneidade discursiva, por entender que o sujeito, ao contrário de denegar a heterogeneidade, para lhe garantir um mínimo de autoria, ele conta sempre com ela para fazer sentido, pois "o sentido se faz nela" (ibid.). Na perspectiva da heterogeneidade discursiva, podemos dar visibilidade a marcas de funcionamentos discursivos na produção de sentidos, como o do pré-construído e o discurso transverso, entre outros.

Nesse espaço discursivo, o interdiscurso, como defende Maingueneau (2008), precede o discurso. Para o autor, os diferentes discursos não teriam sua gênese autônoma e independente para, depois, porem-se em relação, mas, pelo contrário, o discurso só estruturaria sua identidade na relação interdiscursiva. O discurso já nasce no/pelo diálogo com outros discursos, que lhe dão contornos, limites, formação

discursiva, enfim, sua possibilidade de ser. O interdiscurso é o "espaço de regularidade pertinente, do qual diversos discursos são apenas componentes" (ibid., p. 21).

Na gênese compartilhada dos discursos, ocorre, segundo o linguista, uma interincompreensão regulada, ou seja, cada discurso introduz o Outro em seu próprio espaço discursivo, "traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do 'simulacro', que dele constrói" (ibid.). Desta forma, o sentido não seria produzido em um espaço fechado, mas, sempre, como "circulação dissimétrica", na qual o conflito entre discursos não é algo externo ou secundário, nem deve ser tido como um 'mal-entendido' entre eles, mas, pelo contrário, constitutivo dos discursos em relação.

Não há, então, diferença entre "enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de 'não compreender' o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno" (ibid., p. 99), pois a incompatibilidade entre os discursos é constitutiva dos mesmos. Se se entende que, em uma dada formação discursiva, só alguns dizeres são possíveis, o Outro deve ser considerado como o interdito do discurso, aquilo que não é dizível, mas que, pela sua própria contradição, torna possível o discurso se constituir como tal. O Outro só entra no discurso anulado, ou melhor, dito pelo simulacro de si mesmo, que o discurso lhe permite dizer. "(...) cada formação discursiva fornece os elementos a serem por ela retomados, e [que] a outra formação discursiva fornece os elementos a serem recusados pela mesma formação discursiva" (POSSENTI, 2003, p. 263).

O interdiscurso é o lugar de constituição de sentidos que escapa à intencionalidade e ao controle do sujeito, porque é um espaço onde atua a memória constituída social e historicamente. Escapa-lhe o controle sobre seu dizer, justamente porque o indivíduo só se torna sujeito do seu discurso, enquanto tomado pela língua (opaca) e inscrito em uma formação ideológica.

Dois elementos do interdiscurso nos dão condição de indicar os efeitos de sentido que, pelo trabalho da memória, interpelam o sujeito pela ideologia: o pré-construído e o discurso-transverso.

Para compreender o funcionamento do pré-construído e do discurso-transverso é importante falar, antes, da distinção que Pêcheux (1988) faz entre pensamento e objeto do pensamento, para dizer que este pré-existe àquele, ou seja, faz parte do domínio das coisas e não do domínio da linguagem. Acontece que, na formulação de um enunciado, o que pré-existe ao pensamento, rompe uma certa linearidade e homogeneidade do dizer e aparece, trazendo, consigo, os efeitos de sentido que sustentam aquele sentido atual (Gallo, 2001). Geralmente, em orações explicativas ou restritivas, ou mesmo no mecanismo da metáfora, o discurso-transverso e o pré-construído (como o outro do interdiscurso), formulados sintaticamente, produzem os efeitos da interpelação ideológica do sujeito, ou seja, são visíveis no intradiscurso, mas são da ordem do interdiscurso, da exterioridade.

> (...) considerar o *efeito de pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito...* ao mesmo tempo em que é "*sempre-já sujeito*", destacando que essa discrepância (*entre* a estranheza familiar desse fora situado antes, em outro lugar, independentemente, *e* o sujeito identificável, responsável que dá conta de seus atos) funciona "por contradição", quer o sujeito em toda sua ignorância, se submeta a ela, quer, ao contrário, ele a apreenda por meio de sua agudez de "espírito"" (PÊCHEUX, 1988, p. 156)[8].

Vejamos, por exemplo, o recorte de um sermão, realizado durante uma celebração religiosa, em uma cidade do interior do Brasil. Ao final de sua homilia, no domingo, no qual se comemorava o Dia das Mães, o sacerdote, quis terminá-lo, fazendo uma pequena homenagem às mães, dizendo: *"Deus ama todas as mães: as que estudam e as que não sabem ler ou escrever; as brancas e as negras; as que trabalham e as donas-de-casa ..."*. Aqui, tanto o pré-construído quanto o discurso-transverso (as que = aquelas que - oração subordinada adjetiva restritiva) se remetem ao domínio do mundo das coisas, precedentes ao pensamento do enunciador, no qual há uma divisão de classe social, de raça e gênero. Como diz Pêcheux, seja ele ignorante ou não, os elementos do pré-construído e do discurso-transverso são lugares de produção de um sentido contraditório, discrepante, "uma familiar estranheza", porque ainda que o padre refute

[8] Grifos do autor.

um mundo dividido, seja exatamente o que ele não quer dizer, essa formação ideológica/discursiva investe o seu dizer, produzindo, ainda, um efeito de sentido, historicamente determinado como positivo, para todas as primeiras alternativas de que fala o sacerdote ao qualificar as mães. Ou seja, por um lado, os objetos discursivos do seu dizer adquirem "sua estabilidade referencial no domínio de memória como espaço de recorrência das formulações" (COURTINE, 1989, p. 20). Vamos chamar a isso de familiar. Mas também é "reinscrição sempre dissimulada, no intradiscurso, dos elementos do interdiscurso" (MALDIDIER, 1990, *apud* COLLINOT; MAZIÈRE, 1994, p. 185). A isso, chamemos estranheza.

Nesse pequeno exemplo, vemos o ponto nodal da teoria da Análise de Discurso: o sujeito descentrado. Porque há o Outro na constituição primeira do sujeito, porque ele não nasce sozinho nem se faz sozinho, pois é sempre-já sujeito, investido de uma ideologia que se forma na história e no social e dá sentido à sua constituição e ao seu dizer; porque há o Outro, é possível haver reconhecimento, identificação mas também oposição, confronto, recusa, recalque. A contradição é a marca de nascença do sujeito e o que ele vai levar adiante nas suas relações de sentido, de forças, de produção, pela relação imaginária e simbólica nas quais são investidas suas condições materiais de existência. O sujeito sempre diz mais, menos ou outra coisa em relação ao que queria dizer, justamente, porque afetado pela ideologia e o inconsciente. Ele é múltiplo, porque, ainda que constituído a partir do lugar social em que se encontra - o sujeito não é tomado na sua individualidade, mas como "posição entre outras" (ORLANDI, 1999a, p. 49) -, não se liga mecanicamente à ordem do social, pois é atravessado pelos diferentes discursos que esse social traz.

Um sujeito descentrado, que só é sujeito caso se inscreva em uma filiação ideológica; ou seja, o sujeito que já nasce inscrito em uma memória, determinado por forças que lhe são exteriores. Mas para que se faça a história do homem no mundo, em um movimento de reprodução/transformação, o sujeito esquece que não é origem de seu dizer e que se encontra descentrado em si mesmo, acreditando, por outro lado, na sua unicidade e na unicidade do conhecimento do mundo. Buscar a homogeneidade dos discursos, do conhecimento objetivo, universal, atrai o sujeito como a um desejo inicial de segurança, um paraíso perdido.

> (...) isso se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc) até as "grandes decisões" da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc...) passando por todo o contexto sócio-técnico dos "aparelhos domésticos" (isto é, a série dos objetos que adquirimos e que aprendemos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos) (PÊCHEUX, 2008, p. 33).

Nessa perspectiva, percebe-se a contradição entre ser uno e estar dividido, entre a coerência e o descentramento de um dizer na relação constitutiva de uma memória, que funciona por sentidos silenciados, impedidos ou sedimentados.

Sujeito e sentidos não postos, não fechados, não prontos; mas, pelo contrário, constituídos no dizer de palavras que se falam por outras palavras, que se falam na transferência, no deslize, no lapso, na metáfora, que lentamente vai dispondo novos sentidos e, no seguimento constitutivo das condições materiais de produção do sentido, vai impondo e ressignificando realidades.

Deste efeito ideológico elementar, que seja: o sujeito como origem de seu dizer e o sentido como literal, como descrição de realidades, parte o sujeito da ciência em direção a um conhecimento do mundo que se pretende também uno, marcado por evidências e coerente em si mesmo.

Portanto, a fim de se compreenderem os movimentos imbricados por diferentes formações ideológicas, que constituem significados aos acontecimentos, embaralhados no trabalho da memória discursiva, na produção do conhecimento, é que, neste trabalho, se dá a articulação desses pressupostos teóricos da Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas,

> (...) não para se colocar a si mesmo fora do jogo ou fora do Estado (!), mas para tentar pensar os problemas fora da negação marxista da interpretação: isto é, encarando o fato de que a

> história é uma disciplina de interpretação e não uma física de tipo novo (PÊCHEUX, 2008, p. 42).

Fazer História das Ideias Linguísticas, na articulação com os dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, possibilita não ficar parado nas evidências que os diferentes acontecimentos dessa história possam produzir em determinadas condições materiais; possibilita empreender uma compreensão dos fatos como processo e não como algo posto anteriormente; torna possível compreender, no caso particular desta pesquisa, os sentidos pelos quais foi se efetivando o processo histórico de constituição da Análise de Discurso como área de conhecimento linguístico no Brasil, em seus movimentos de pensar o mesmo e considerar o novo.

Finalmente, inscrever este trabalho na História das Ideias Linguísticas demanda uma atenção aos efeitos de reformulação, deslocamento, revisão e atualização, que se percebem no interior da Análise de Discurso pelo dizer dos entrevistados. Esta atenção se opera, aqui, por meio dos procedimentos analíticos vindos da Análise de Discurso Pechetiana, à qual este trabalho se filia. Ainda uma vez mais, reforço a Análise de Discurso, enquanto área de conhecimento, campo disciplinar, em suas diferentes vertentes, como o **objeto** desta pesquisa e, dentro de minha filiação, como **teoria de análise** do *corpus* construído.

CAPÍTULO II

A ANÁLISE DE DISCURSO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Neste capítulo, situo a Análise de Discurso, em suas diferentes vertentes, nos estudos da linguagem no Brasil e pretendo compreender seu surgimento, em um espectro mais amplo, tomando como ponto de partida, as ideias e propostas de Pêcheux, em cuja filiação as análises apresentadas neste trabalho se inserem.

Uma antiga questão sempre esteve presente entre as preocupações dos estudiosos da linguagem. Distintas concepções teóricas, surgidas em diferentes tempos e espaços, tentaram responder a esta questão colocada como fundamental: a língua é algo natural, inato no homem, ou uma convenção, um hábito adquirido pela vida em sociedade? Defender um ou outro ponto de vista implicaria consequências teóricas significativas para a própria resposta.

A partir dessa questão, identificamos duas correntes de pensamento predominantes nos estudos da linguagem: a que defende a linguagem como algo inerente a todo ser humano e, portanto, uma estrutura universal, a que chamamos de Formalismo; e aquela que acredita na linguagem como uma convenção social, a do Sociologismo. Segundo Pêcheux (1998), a forma de aparecimento da tendência formalista é o logicismo e a do sociologismo é o historicismo.

> (...) onde o logicismo procura universais (escolásticos, em seguida racionalistas), o sociologismo faz aparecer uma dispersão e uma alteridade no espaço e no tempo. Onde o logicismo enuncia leis e constrói uma teoria gramatical, o sociologismo efetua uma descrição, fazendo um estudo empirista dos dados. Se as duas tendências estudam a mudança, é a ocasião para a primeira de destacar universais e, para a segunda, de fazer estudos comparativos. O logicismo, enfim, coloca a autonomia da linguística, enquanto o sociologismo se dá o indivíduo em situação como concreto linguístico, o que tem como consequência um destino de participação interdisciplinar para a linguística assim concebida (p. 7).

Na perspectiva do logicismo/formalismo, a língua é um sistema abstrato, autônomo em relação ao seu contexto de uso. O foco está na observação e descrição de suas características estruturais e tidas como universais. Pode-se considerar o Estruturalismo, iniciado por Saussure com o seu Curso de Linguística Geral, ministrado no início do século XX, como uma das fontes desse pensamento, entre várias outras, levando-se em conta, porém, que, para Saussure, ainda que a língua fosse um sistema abstrato e autônomo, ele a considerava como um produto social e um conjunto de convenções necessárias, adotadas por um corpo social (Saussure, 2004), portanto, não universal.

> A língua é este objeto homogêneo que ele caracteriza como um sistema de formas que se caracterizam pelas relações que têm umas com as outras. Estamos diante de uma concepção da língua como sistema, que substitui a concepção naturalista, organicista e atomista, própria do comparatismo (GUIMARÃES, 2002, p. 117).

Com o Curso de Linguística Geral, Saussure é tido como o fundador da Linguística moderna, porque, abordando a língua como um sistema autônomo e abstrato, o genebrino dava à Linguística a condição de constituir para si um objeto científico. Estudando a língua como um sistema fechado, na ordem da sincronia e excluindo dela as particularidades, especificidades e fluidez do seu uso, Saussure possibilita que o objeto dessa disciplina possa, então, ser demarcado. Saussure separa, com isso, a língua da fala e afirma que aquela é o objeto da Linguística, excluindo, portanto, o sujeito falante e o contexto da fala, concentrando-se na língua como sistema de signos.

Essa perspectiva vai fundamentar diferentes estudos da linguagem que têm como fundamento a busca por universais, por leis e pela descrição do sistema linguístico. Podemos citar o Estruturalismo Europeu com a ideia central de que a língua é uma estrutura relacional abstrata e subjacente, distinta dos enunciados reais, porque se considera que nada no linguístico é externo à língua, reforçando, portanto, o aspecto de sistema da língua. No Estruturalismo Europeu, surgem os nomes de Jakobson (Escola

de Praga), Hjelmslev (Escola de Copenhague) e Benveniste (Estudos enunciativos). Também se filia a Saussure, o Estruturalismo Americano, que se dá numa preocupação mais acentuada com a descrição de línguas pouco conhecidas, o que o leva a uma aproximação com a Antropologia, sem deixar de pressupor a língua como sistema. Nomes como Franz Boas, Edward Sapir, Leonard Bloomfield e Benjamin Lee Whorf figuram entre seus principais estudiosos. Nos Estados Unidos, o Estruturalismo caminhará de uma abordagem abstrata da língua para estudos mais pragmáticos, que Weedwood (2003) chama de 'guinada pragmática', pela qual o foco de interesse entre os linguistas se move da estrutura abstrata da língua em direção aos fenômenos ligados diretamente ao seu uso, como as escolhas linguísticas dos falantes na interação social e os efeitos dessas escolhas sobre as pessoas. Seus principais teóricos são os filósofos John Austin, John Searle e H.P.Grice. Também pode-se considerar, em certos aspectos, como teoria inscrita no Estruturalismo de Saussure, a Gramática Gerativo-Transformacional de Chomsky, apesar de apresentar elementos que a filiam a um domínio das ciências da natureza, predominantes no Comparatismo do século XIX, quando este autor retoma uma explicação biológica para a linguagem (= estrutura mental).

Segundo Pêcheux (Gadet; Pêcheux, 2004), a tradição linguística deu uma importância demasiada aos escritos de Saussure sobre a língua como sistema fechado, enquanto a noção de valor, pela qual Saussure vai considerar o jogo, a subversão, o não-dito da língua, ficou enfraquecida. Isso fez com que as filiações formalistas (com suas interpretações sistêmicas, funcionalistas, gestaltistas e fenomenológicas) (ibid.) tivessem uma predominância, que se estende, de certa forma, até hoje, sobre os estudos linguísticos; e o poético, os deslizamentos, a abertura, como aspectos estruturais da língua, fossem colocados em segundo plano.

No Sociologismo, filiam-se estudos linguísticos que têm como objetivo demonstrar a relação entre as diferenças culturais e sociais e a não-unidade da língua, como a Sociolinguística Quantitativa de Labov (estabelece as correlações entre uma estratificação social e a variabilidade das estruturas linguísticas), a Psicolinguística, os estudos enunciativos, as abordagens sociointeracionais, segundo as quais a linguagem é

uma ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação sujeito-realidade e exerce dupla função frente ao desenvolvimento cognitivo.

Diante dessa questão fundamental que se coloca nos estudos linguísticos e que se desenvolve em desdobramentos teóricos a partir da oposição logicismo e sociologismo, Pêcheux vai propor, por meio de uma pergunta provocadora ("Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo?") uma mudança de terreno: nem logicismo nem sociologismo nem tampouco uma terceira via intermediária, porque o que tanto uma quanto a outra fazem é apagar o político da língua. O logicismo produz o apagamento do político, porque se sustenta em uma abordagem abstrata da língua, isolando-a do seu contexto. A língua é algo puro e assim deve ser estudada. O sociologismo, que, ainda que pareça levar em conta o político, porque se fundamenta na relação linguagem e sociedade, nas suas variações e dispersão, também não o faz da maneira que Pêcheux propõe, porque relaciona a língua, numa ordem mecânica e direta de causa e efeito, a estruturas e classes fixas da sociedade.

> Nessas duas tendências há um recobrimento da questão do Estado: na tendência logicista, o logicismo recobre a questão do Estado, considerando as determinações jurídico-políticas como se fossem propriedades psicológicas e morais inerentes à natureza humana, universal e eterna; na tendência sociologista, as relações de trabalho e de produção são reduzidas a relações sociais que não são outra coisa senão uma psico-sociologia das relações interindividuais (estatuto, papel, prestígio, atitude, motivação etc) (ORLANDI, 1999b, p. 57).

O que propõe Pêcheux é uma mudança de terreno, uma teoria materialista da língua, pela qual ele quer introduzir, principalmente, duas ideias centrais, a fim de assegurar o político que ordena o funcionamento da língua nos processos históricos de significação: a língua é capaz de jogo, ou seja, o sistema linguístico tem uma ordem própria: a ordem do real da língua (a língua é capaz de falha) na sua relação com o real da história (a história que se faz nos equívocos) e uma teoria não-subjetivista do sujeito, o que implica compreender que "a questão do sentido não pode ser regulada na esfera das relações interindividuais nem tampouco na das relações sociais pensadas no modo

da interação entre grupos humanos" (MALDIDIER, 2003, p. 61). Portanto, nem a língua como um universal nem a língua atrelada ao indivíduo, mas a língua como constitutiva e constituinte da história, aqui, compreendida como construção simbólica dos processos materiais de produção. O social da língua não está fora dela, mas lhe é constitutivo. A significação não se dá no indivíduo, mas é resultado de processos discursivos construídos na base comum da língua. Reunindo um ao outro: o social constitutivo da língua e a significação como processo histórico, Pêcheux retira do sujeito o controle sobre o dizer como também não concentra na língua, como sistema fechado, a significação do real. Desta forma, ele inaugura sua teoria materialista do discurso, a Análise de Discurso, e, com ela, traz para o interior das filiações logicista e sociologista o questionamento acerca da produção de um conhecimento real sobre o mundo, que cada qual assegurava para seu lado, pois a Análise de Discurso, enquanto disciplina de entremeio, questiona a transparência da língua na História e a Linguística que desconsidera a exterioridade.

> A AD é uma espécie de antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam (ORLANDI, 1998, p. 25).

O contexto em que Pêcheux escreve também contribui para a direção que toma o seu pensamento. É uma época em que as teorias globalizantes, o estruturalismo e os pilares do positivismo estão sendo criticados e deslocados. A teoria de Pêcheux vai tentar, então, articular a linguística, "como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo" (PÊCHEUX, 2001b, p.163); o materialismo histórico, "como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias" (ibid); a teoria do discurso, "como teoria da determinação histórica dos processos semânticos" (ibid, p. 164); e a psicanálise, já que "estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)" (ibid), cada qual trazendo contribuições acerca de o

descentramento do sujeito, a não-transparência da linguagem e a história como processo simbólico dos processos de produção material.

Segundo Maldidier (2003), na França, a Análise de Discurso, fundada por Pêcheux, foi apresentando desdobramentos e divergências os quais ela cita por meio dos principais autores de cada tendência, tais como Louis Guespin, Jean-Marie Marandin, Jacques Guilhaumou e Jean-Jacques Courtine, entre outros. Além da Análise de Discurso de origem francesa, outras filiações, como a Análise de Discurso Crítica, Análise Dialógica do Discurso, Análise de Discurso Numérica e outras também foram surgindo.

No Brasil, a Análise de Discurso, com filiação em Pêcheux, tem, nos primeiros anos, o foco na análise de discursos políticos, como havia sido, inicialmente, na França. Isso causou certa desconfiança por parte dos linguistas que não compreendiam um estudo da língua relacionado ao político (Ferreira, 2007). Com o passar do tempo, a Análise de Discurso se diversifica, sem abandonar a análise de discursos políticos, mas ampliando seus objetos: de discursos institucionais aos do cotidiano (Ferreira, 2008).

Para Orlandi (2007), no Brasil, era comum uma certa confusão entre a Análise de Discurso e a Pragmática, dominante nos estudos norte-americanos, os quais já exerciam uma influência forte nos estudos linguísticos do país. Para a autora, diante do deslocamento que Pêcheux propõe na compreensão da língua, viu-se, aqui, em certas ocasiões, uma Análise de Discurso tão-somente como arranjo de uma linguística intratextual, acrescida de análises dos atos de linguagem e dos elementos contextuais da enunciação.

Na opinião da professora e pesquisadora Eni Orlandi, a Análise de Discurso surge com uma proposta bastante singular e fundamental, discutindo a relação entre história, sujeito e língua na constituição do sentido. Essa nova perspectiva, que vinha da Europa, chegava ao Brasil por meio de suas pesquisas e publicações, já que tinha estado na França entre os anos 1968 e 1970. Segundo Orlandi (Scherer, 2006), os estudiosos viviam uma "efusão intelectual" nas ruas da França naquela época: "eu aprendi muito,

no fundo, na rua, mais do que, às vezes, em sala de aula" (p. 19) e foi, em uma livraria, que a professora encontrou o livro *Análise Automática do Discurso*, de Pêcheux.

> Tinha sido recém-publicado e estava em destaque na livraria. Eu olhei aquilo, achei interessante e comecei a ler. Tinha uma parte que era de informatização, que não me interessou muito, mas eu fiquei muito impressionada, porque falava em política, estas coisas que eram o centro de minha atenção: linguagem e política (ibid., p. 19).

Na Universidade de São Paulo (USP), Eni Orlandi tinha um cargo de professora desde 1967 e, a partir de 1970, assume as aulas de Sociolinguística e Análise Sociolinguística do Discurso Pedagógico na pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). É nessas disciplinas que a professora inicia a divulgação de seus estudos em Análise de Discurso. "Na USP, eu comecei a dar Análise de Discurso, mas era disfarçadamente" (ibid., p. 20). Em outras palavras, Eni Orlandi começa a transmitir a nova teoria por meio de disciplinas que já constavam da matriz curricular daquele curso, porque não havia um caminho institucionalizado próprio para o ensino da Análise de Discurso. Em 1977, a professora publica seu primeiro artigo em Análise de Discurso: *O discurso em revista: a mulher-fêmea*, na Série Estudos 3 (Uberaba).

Em 1979, Eni Orlandi é convidada para trabalhar na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), agora com Análise de Discurso. Porém, apesar do convite expresso para ministrar o conteúdo proposto, houve resistência de parte dos professores do Departamento de Linguística que queria "extinguir a AD" (ibid., p.21). A professora assume, na nova instituição, as disciplinas de Introdução à Análise de Discurso; Discurso e Texto; Tópicos em Análise de Discurso; Tipologia do Discurso; As formas de discurso: análise das marcas e propriedades e Discurso e Subjetividade.[9] "Sozinha, eu tocava a música, dançava, soltava o rojão e buscava a vara... fazia tudo, atuava na graduação e na pós-graduação" (ibid., p.20). Em 1984, sua primeira orientanda em Análise de Discurso conclui o mestrado e, em 1991, seu doutorado na mesma teoria.

[9] (cf. http://lattes.cnpq.br/3674250332927722)

> A Silvana Serrani foi uma pessoa (...) muito importante nessa história, pois ela deu muito apoio como aluna. Isso é para dizer como é que em uma fundação existem muitas coisas que funcionam. Para institucionalizar, foi preciso que alunos se interessassem, para que se configurasse um lugar de existência para essa disciplina (ibid., p. 21).

Nos primeiros anos da Análise de Discurso no Brasil, seus pesquisadores fundaram o Grupo de Trabalho em Análise de Discurso (Getad) e Eni Orlandi foi a sua primeira coordenadora. O Grupo faz parte da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Desde o início, a Anpoll, fundada, em 1984, por professores das áreas de Letras e Linguística, reunidos em Brasília, foi organizada em grupos de trabalho. O Getad se formou no I Congresso Nacional da Anpoll em novembro de 1986, em Curitiba, e Eni Orlandi organizou o seu primeiro encontro em maio do ano seguinte, no II Encontro Nacional da Anpoll, realizado no Rio de Janeiro. Havia uma demanda para que os pesquisadores em Análise de Discurso se organizassem, em busca de reconhecimento e visibilidade. A entrada na Anpoll, principal entidade representativa dos programas de pós-graduação em Letras e Linguística do país, era a oportunidade de congraçamento dos pesquisadores, para a reflexão de seus fundamentos teóricos, dos rumos de suas pesquisas e também de uma demarcação teórica e institucional da área, já que a Anpoll apresentava-se como "uma entidade que procura organizar a produção já existente da área e estimular possibilidades" (ORLANDI, 2002, p. 61).

A primeira gestão foi partilhada com Eunice Pontes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando Eni Orlandi esteve fora do país. E, voltando, passou, em 1989, a coordenação para o professor José Luiz Fiorin (USP). Indursky (1994) vai dizer que, no Getad, sempre houve uma pluralidade de perspectivas teóricas, sem priorizar nenhuma vertente.

> Esse modo de funcionamento faculta o desenvolvimento concomitante de várias pesquisas, sem haver imposição de um trabalho único e uniforme para todos os seus membros. Essa política interna permite a administração democrática desse espaço institucional, sem que a usual disputa de poder/prestígio

> interfira no ritmo dos trabalhos. Por outro lado, o rodízio no exercício da coordenação, ao ser exercido por membros de diferentes tendências teóricas e diversas filiações institucionais, favorece a não-centralização na tomada de decisões (INDURSKY, 1994, p. 37).

Na USP, nessa mesma época, o pensamento de Mikhail Bakhtin começava a se despontar, nas aulas e pesquisas de Boris Schnaiderman, professor, à época, de Língua e Literatura Russa. Bakhtin não formulou, em momento algum, preceitos, sistematicamente organizados em uma teoria, que se designasse com o nome de Análise Dialógica do Discurso. Porém, suas ideias foram desencadeadoras de uma perspectiva teórico-analítica dialógica, que dá sustento a pesquisas na área da linguagem e das Ciências Humanas, e que, atualmente, se chama, no Brasil, Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2008).

Ao tomar contato com a obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, Schnaiderman passa a se reportar ao pensamento de Bakhtin em suas aulas. O impacto das ideias sobre o professor é expresso, entre outras coisas, pelo título que ele dá ao livro que publica sobre Bakhtin: *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*, de 1983. Ainda que a primeira tradução de Bakhtin no Brasil tenha ocorrido em 1979, com o livro *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem*, já em 1971, na USP o professor Schainderman ministrava a disciplina Teoria Literária e Literatura Comparada, em cujo programa há diversos assuntos dedicados a Bakhtin (Ornellas, 2010):

> Item 9. A concepção de M. Bakhtin sobre Dostoiévski, como o verdadeiro fundador do 'romance polifônico'. 10. A obra de Dostoiévski, expressão do 'sentido carnavalesco do mundo' (Bakhtin). 11. As novas possibilidades que a teoria de Bakhtin abre para o estudo das obras de ficção. Alguns exemplos concretos. 12. A teoria de Bakhtin como uma das grandes formas de expressão de nossa época.

O pensamento de Bakhtin chega ao Brasil nos primeiros anos do Regime Militar e chama a atenção dos pesquisadores e estudiosos, justamente porque traz para o centro da discussão o dialogismo, que, na reflexão bakhtiniana, é condição para a linguagem e sem o qual não é possível nenhum enunciado inteligível, pois é considerado como constituinte do sujeito e do discurso e, a partir do qual, se reflete a interação social do falante e do ouvinte.

> As ideias de Bakhtin causaram impacto nos pesquisadores do Brasil ditatorial, na medida em que seus textos permitiram perceber a importância do dialogismo para entender não apenas o texto verbal, mas também o contexto extra-verbal e, a partir daí, construir uma nova visão do homem como ser eminentemente social e, portanto, produto de suas relações ideológicas (ORNELLAS, 2010, p.9).

Adquirir as obras de Bakhtin na sua língua original era uma dificuldade, agravada pelo fato de seu país de origem ser a Rússia comunista. Em 1964, as livrarias russas teriam tido seus livros retirados para análise, em uma operação militar que acabaria em "incineração pura e simples" de muitos deles, como conta o próprio Schnaiderman.

> Os que assistiram a isto lembram-se de volumes aos milhares espalhados pelo chão, na rua Direita e na Vinte e Quatro de Maio, e pisados pelas botas dos militares encarregados de recolhê-los. [...] Ora, nessas condições, como tratar de Bakhtin e dialogismo? Víamos na prática, sem saber ainda, a demonstração mais palpável da razão que tinha o teórico, ao afirmar que a linguagem autoritária reduz tudo a uma única voz, sufocando a variedade e riqueza que existe na comunicação humana. [...] Lembro esses fatos não apenas como rememoração histórica factual, mas para que pensemos um pouco em como estávamos predispostos a receber a lição de Bakhtin sobre a importância da multiplicidade de vozes em nosso mundo – uma lição essencialmente de afirmação democrática e anti-autoritária, partida de alguém que era vítima direta da violência stalinista (BRAIT, 1997, p.16).

Os estudos bakhtinianos do professor Schnaiderman, que atuou nos departamentos de Letras Orientais e Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH - USP, foram acompanhados, anos mais tarde, na década de 80, pela professora Elisabeth Brait, que pesquisava no Departamento de Linguística e, no Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, foi uma das primeiras a trabalhar com Bakhtin. Ela será a responsável pela criação da *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso* e, em 1995, pelo *Colóquio Internacional Cem anos de Bakhtin*, realizado em São Paulo, o qual reuniu pesquisadores brasileiros e estrangeiros em torno do pensamento bakhtiniano. Os trabalhos do colóquio deram origem ao quarto livro publicado no Brasil sobre as ideias de Bakhtin: *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, editado pela Unicamp, em 1997. Mas, quase dez anos antes, professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre eles, Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Cesar Tezza, promoviam o primeiro encontro no Brasil dedicado à discussão do pensamento de Bakhtin. É fruto desse evento, o livro *Uma introdução a Bakhtin*, da editora Hatier, publicado em 1988 (Ornellas, 2010).

Inicialmente, Bakhtin despertou interesse apenas dos estudos no campo da Teoria Literária. Atualmente, seus escritos são estudados na Linguística, Educação, Filosofia da Linguagem, Psicologia e outras áreas.

Há também, no Brasil, pesquisadores que inscrevem seus trabalhos na teoria do discurso formulada pelo linguista francês Patrick Charaudeau, a qual alguns designam como Análise Semiolinguística do Discurso. No país, seu surgimento foi se dando com a criação do Núcleo de Análise do Discurso (NAD) - UFMG, em 1992, pela professora Ida Lúcia Machado, que, no final dos anos 80, conhece Patrick Charaudeau e inicia uma parceria que terá como uma das consequências principais a difusão do pensamento desse linguista no Brasil.

Em 1994, Ida Lúcia firma um acordo Capes/Cofecub com o Centre d'Analyse du Discours (CAD), da Universidade de Paris 13, que reúne pesquisadores de várias áreas das Ciências Humanas, de universidades europeias e brasileiras, tendo como diretor, no lado francês, o professor Patrick Charaudeau. Também faz parte desse

acordo a Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio do Centro Interdisciplinar de Análise de Discurso (CIAD)[10], fundado, em 1993, pelos professores Maria Aparecida Lino Pauliukonis, Agostinho Dias Carneiro, Regina Célia Cabral Angelim e Helênio Fonseca de Oliveira. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Unicamp também integram esse convênio que vai se estender até o ano 2000.

Outros pesquisadores brasileiros filiam-se à Análise de Discurso de base enunciativa, cujo principal teórico é o francês Dominique Maingueneau. Um dos marcos da presença da Análise de Discurso, na perspectiva de Maingueneau, foi a tradução do seu livro *Novas Tendências em Análise do Discurso*, publicada no Brasil em 1987. Sírio Possenti, docente da Unicamp, tem sido um dos principais divulgadores do pensamento de Maingueneau no Brasil. Além de diversos artigos que discutem noções formuladas por Maingueneau ou que foram escritos a quatro mãos com o próprio pensador, Sírio Possenti já publicou diversos livros nessa perspectiva, tais como *Doze conceitos em análise do discurso*, com textos de Dominique Maingueneau, *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise de Discurso* e a tradução de *Gênese do discurso*.

Também há trabalhos no Brasil filiados à Análise de Discurso Crítica, sendo que um dos primeiros registros de sua presença no país se deu na região Sul, com a professora Carmen Rosa Caldas-Coulthard, que ministrava a disciplina *Análise de Discurso* na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), nos primeiros anos da década de 70.

A Análise de Discurso Crítica[11], filiada à Linguística Crítica, desenvolvida na década de 70, à Ciência Social Crítica e à Linguística Sistêmica Funcional (Resende e Ramalho, 2006), é uma proposta do linguista britânico Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, apresentada inicialmente em um artigo publicado no periódico *Journal of Pragmatics*, em 1985. A Análise de Discurso Crítica se consolidou

[10] (cf. http://www.letras.ufrj.br/projetociad)

[11] Apesar do uso frequente da expressão Análise Crítica do Discurso, neste trabalho, preferiu-se a designação Análise de Discurso Crítica, seguindo a explicação apresentada pela professora Izabel Magalhães (Revista Delta, 21, número especial), pela qual, por já haver uma forte tradição dos estudos do discurso no Brasil com o nome Análise de Discurso, preferiu-se, então, a tradução Análise de Discurso Crítica para *Critical Discourse Analysis*.

também com os trabalhos de Teun van Dijk e Ruth Wodak, entre outros, a partir da década de 90. No Brasil, um de seus expoentes é a professora Maria Izabel Santos Magalhães. Um ano após seu doutorado na Universidade de Lancaster (Reino Unido), concluído em 1985, Maria Izabel publica, na revista Delta (PUC – SP), o artigo: *Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso* e inicia projetos de pesquisa com fundamentação teórica na Análise de Discurso Crítica.

Em 1995, a professora Maria Izabel funda o periódico *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, do qual é a organizadora responsável até 2008 e, em 2001, traduz a obra de Fairclough, *Discurso e mudança social*. Segundo a pesquisadora Cleide Emília Faye Pedrosa (2011), a tradução do livro representou "uma semente na disseminação da Análise de Discurso Crítica" (p.3) entre os pesquisadores dessa época. Cleide Pedrosa conta também que, neste mesmo ano, a professora Célia Magalhães da UFMG organiza o livro *Reflexões sobre Análise Crítica do Discurso*, em que traz, entre outros, o artigo de Norman Fairclough, *A Análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades*.

Com a expansão da Análise de Discurso Crítica no Brasil, diversos eventos científicos são realizados no país, com a participação dos pesquisadores que se dedicam a estudar essa teoria. No mesmo artigo, Cleide Pedrosa faz referência ao I Simpósio Internacional de Análise do Discurso Crítica, realizado em 2004, pela UNB, e o Seminário de Análise de Discurso Crítica, promovido pela UFC em 2010, além do ECLAE[12] em 2011, em Natal-RN, e também cita diversos pesquisadores nacionais da Análise de Discurso Crítica, como Antônio Marcuschi, Kanavillil Rajagopalan, Judith Hoffnagel, Karina Falcone e Cláudio Márcio do Carmo, entre outros[13].

[12] Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino

[13] Na UFPE, na década de 70, os professores Luiz Antônio Marcuschi e Judith Chambliss Hoffnagel trabalhavam com questões do discurso, ministrando disciplinas, como Análise de Discurso, Sociolinguística e Interação Verbal, Etnografia da Comunicação e Antropologia Linguística, mas tratava-se do estudo do discurso a partir da perspectiva da Linguística Textual e da Análise da Conversação. Aquela, partindo de estudos sobre coesão e coerência, caminha para questões de ordem cognitiva do discurso, para, posteriormente, seus pesquisadores empreenderem a chamada "virada sociocognitiva", que se baseia no fato de que "existem muitos processos cognitivos que acontecem na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos. Percebeu-se, então, que a cognição é um fenômeno situado" (Bentes; Leite, 2010, p. 42). Esta, a partir de estudos que se limitavam à análise da estrutura e das regras da conversação, vai em direção a temas que envolvem também as ações, práticas sociais e interações sociais dos falantes.

Enfim, as diferentes filiações da Análise de Discurso[14] surgem no Brasil em uma conjuntura de descontinuidades e rupturas com um passado de estudos linguísticos histórico-comparatistas, estruturalistas e/ou normativos já institucionalizados (Guimarães, 2004) e vão se firmando pelos seus desdobramentos, pelos antagonismos que estabelecem e pela interface que produzem entre suas diferentes perspectivas teóricas, o que tem resultado em um constante processo de redefinição e reconfiguração de seus limites teóricos.

[14] Encontram-se, ainda, no Brasil, as denominações Análise Modular do Discurso, Análise Sociopragmática do Discurso, Análise Sociointeracional do Discurso e Análise de Discurso Numérica, entre outras, não especificadas neste trabalho, pois não foram citadas nas entrevistas analisadas.

CAPÍTULO III

OS DIFERENTES SENTIDOS DA ANÁLISE DE DISCURSO NOS EFEITOS METAFÓRICOS DE PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO

Neste capítulo, apresentam-se recortes das entrevistas com os pesquisadores sobre os quais foi empreendida uma análise dos efeitos metafóricos produzidos nos enunciados. Em uma perspectiva discursiva, as metáforas são lugares de produção de sentidos e a condição *sine qua non* para que eles se produzam. Se o sentido não está fixado em lugar algum predefinido, ele vai se fazendo no processo de transferência de uma palavra por outra, o que chamamos de metáfora.

> De fato o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações dos sinônimos), das quais certa formação discursiva vem ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem (PÊCHEUX, 1988, p. 263).

A partir de uma formação discursiva, determinadas formulações são permitidas, nas quais a metáfora materializa sentidos que se atualizam pelo/no acionamento da memória. É a partir dela, portanto, que podemos nos perguntar que relações de forças permitem a produção de um sentido e compreendê-lo, ainda que de maneira provisória e incompleta.

Pelas análises apresentadas neste capítulo, compreendemos que a constituição do campo disciplinar da Análise de Discurso no país se faz pela/na contradição; esta é constitutiva do espaço teórico-metodológico da Análise de Discurso. Os recortes analisados vão dando visibilidade a essa contradição, que se marca, por exemplo, nos enunciados em que a Análise de Discurso é dita por aquilo que não é, na tentativa de dizer o que é. Na contraposição ao que é o outro, a Análise de Discurso vai se demarcando teorica e institucionalmente.

Também foi possível dar visibilidade à contradição nos recortes em que o sujeito constrói seu dizer numa regularidade em que diz estudar uma determinada vertente da Análise de Discurso, mas conjuntamente a outras; ou praticar uma determinada Análise de Discurso na interface com outras vertentes e campos do conhecimento; ou ainda, quando produz o efeito de sentido de que faz determinada Análise de Discurso, mas não exatamente aquela que seu par poderia precisar sua definição. Dito de outra forma, os recortes vão produzindo efeitos parafrásticos do tipo: "faço a Análise de Discurso X, mas também a Análise de Discurso Y"; "estudo a Análise de Discurso X, mas na interdisciplinaridade com outras análises de discurso e outras teorias"; "pratico a Análise de Discurso X, mas não é bem essa específica, porque também estudo a Análise de Discurso Y e Z".

Há marcas ainda dessa contradição constitutiva do campo da Análise de Discurso, quando se analisam recortes em que a consistência teórica é vista como aprisionamento e a teoria e a ciência como Igreja ou campo de batalha, mas também como garantia de cientificidade para a área. Os recortes vão constituindo sentidos de abertura e de demarcação para o campo da Análise de Discurso. Enquanto alguns sujeito-pesquisadores tomam a consistência teórica como fechamento ou aprisionamento e, por isso, buscam uma certa liberdade nas interfaces; outros, reforçam a necessidade de que haja pressupostos teóricos que precisam ser reconhecidos, a fim de se evitarem diluições teóricas na relação com outras áreas.

A contradição é constitutiva da Análise de Discurso na medida em que ela é posta, nos recortes analisados, em um determinado lugar que problematiza – pelo questionamento das relações de produção do conhecimento científico – a compreensão de que o real da produção do conhecimento está no objeto (positivismo). Nessa posição, ela se vê no interior de relações de sentido, de força e de memória, que a colocam em situação e posição de contradição. É a partir deste lugar, que a Análise de Discurso, nos recortes seguintes, precisa justificar sua abertura, seu campo em construção, dizer o que não é para afirmar o que é na relação com um outro, cuja definição possa estar historicamente mais sedimentada ou mesmo compreender-se, ora como campo aberto, ora como campo fechado em relação a seus pressupostos teóricos e procedimentos analíticos.

Nos recortes a seguir, destacamos formulações, cujos efeitos de sentidos, ora se complementam, reforçando-se; ora se contrapõem; com vistas a construir, discursivamente, um espaço teórico-metodológico em que a Análise de Discurso vai se delineando, hoje, no Brasil.

"Tenho trabalhado com a Análise de Discurso de linha francesa em minhas pesquisas. Apesar da Análise do Discurso não se constituir em campo homogêneo, nesse momento, temos concentrado nossos estudos no quadro teórico-metodológico, apresentado por Dominique Maingueneau. [...] Desde a década de 60, até nossos dias, muitas são as discussões e ajustes realizados. Por se tratar de campo em constante construção, o importante para o pesquisador é guardar coerência em relação ao que usará como pressuposto para sua análise, tomando o cuidado para não cometer equívocos e articular questões que guardem algum tipo de oposição. [...] Temos clareza de que o quadro teórico da AD é complexo e mantém uma relação tensa entre as noções que o integram. Caberá ao analista do discurso, em cada atividade de análise, redefinir os conceitos que põe em prática, observando seus limites frente ao objeto escolhido para estudo."[15]

Nesse recorte, a Análise de Discurso é dita por duas formulações, a partir das quais, outros sentidos se produzem:

A Análise de Discurso não se constitui em campo homogêneo.

A Análise de Discurso é um campo em constante construção.

Ainda que o sentido das duas formulações possa se convergir para uma mesma direção neste dizer, o funcionamento de cada qual se dá pela inscrição em formações discursivas contraditórias. *Campo homogêneo* se remete a um não-dito, vinculado a uma determinada rede de memória, que sustenta sentidos de objetividade, definição e demarcação para campos do conhecimento científico. O enunciado provoca um deslocamento, no qual a Análise de Discurso é compreendida como campo em constante construção, mas a partir do que ela não é, trazido pela memória que atualiza

[15] Entrevista de CP, concedida em 16/12/2011.

tais sentidos. "C*ampo em constante construção*" vem a se inscrever em uma formação discursiva que considera o conhecimento científico como construção inacabada.

Com a memória estruturada pelo esquecimento, o dizer que coloca a Análise de Discurso fora dos limites de uma ciência constituída como campo homogêneo, sustenta-se, por um equívoco, a partir dessa mesma memória, a qual persiste na explanação *"(...) nesse momento, temos concentrado nossos estudos no quadro teórico-metodológico, apresentado por Dominique Maingueneau"*. Portanto, a contradição está instalada por um dizer que se divide; um discurso que atravessa o outro, produzindo a oposição entre um dizer anterior (pelo/no esquecimento de sua origem) que permanece funcionando no dizer atual, por uma memória que lhe impinge afirmar o que a Análise de Discurso não é, antes mesmo de dizer o que ela é. Nota-se, portanto, nesse recorte, que o sujeito-pesquisador justifica a Análise de Discurso não ser um campo homogêneo, o que sustenta o sentido de que a teoria é um campo em construção, mas, que no momento, ela está demarcada, nas suas pesquisas, no estudo de Maingueneau. Ora, o sentido de contradição funciona na construção da narrativa que o sujeito faz de seu percurso intelectual, marcando, dessa forma, a constituição do campo da Análise de Discurso, frente a diferentes formações discursivas da ciência.

Ainda que o sentido de *campo em constante construção* seja contraposto a *campo homogêneo*, ele é sustentado por este, pois é a partir deste já-dito que ele formula sua contraposição. Se a Análise de Discurso não se delineia por aquilo que é historicamente reconhecido como campo científico (o discurso da homogeneidade na ciência permanece funcionando), não o faz por uma falta, uma ausência, ou uma falha, mas porque se justifica como *campo em constante construção*. Pelo efeito metafórico de *campo homogêneo* (que se afirma pela negação) e *campo em constante construção*, algo do mesmo está nesse diferente, ou seja, o dizer novo sobre a Análise de Discurso (campo em constante construção) traz um mesmo que é produção da história (conhecimento científico = campo homogêneo).

Na formulação *campo homogêneo*, também se percebe o sentido de ciência como algo que permanece, é estável, enquanto *campo em constante construção* produz um efeito de movimento, abertura. Ora, estes dois sentidos vão se repetindo e se

alternando no dizer, em um ir-e-vir entre si, aos quais se ligam sentidos outros mas similares, que surgem reforçando e contrapondo um e outro. Vejamos.

> A Análise de Discurso não se constitui em campo homogêneo.
>
> (...) o importante para o pesquisador é guardar coerência em relação ao que usará como pressuposto para sua análise, tomando o cuidado para não cometer equívocos e articular questões que guardem algum tipo de oposição.
>
> A Análise de Discurso é um campo em constante construção.
>
> Temos clareza de que o quadro teórico da AD é complexo e mantém uma relação tensa entre as noções que o integram.

Os sentidos não se formam como tecido uniforme, mas como redes, tecidas por fios que se ligam por entre furos (Ferreira, 2007). As ausências, os silêncios, os deslizes, marcam uma memória descontínua e atual, que se constrói na composição e atravessamento de sentidos novos e velhos. Note-se que a negação da Análise de Discurso como *campo homogêneo* se liga, contraditoriamente, a palavras que se encontram nesse mesmo domínio de sentido. Ora, o furo, o deslize entre 'não ser campo homogêneo' e [guardar] *coerência*, [cometer] *equívocos*, [produzir] *oposição*, acaba por compor novos sentidos; a ausência e a contradição aí presentes funcionam na direção de relacionar um sentido a outro, entrelaçando-os, ainda que devessem ser ('pela lógica') separados. Por outro lado, a Análise de Discurso como *campo em constante construção* se liga também a palavras que produzem efeitos de sentidos de que este lugar da teoria merece atenção, zelo, porque possui um *quadro teórico complexo,* que permite o estabelecimento de *uma relação tensa entre as noções que o integram*. Essa duplicidade de sentido entre *guardar coerência e relação tensa* faz referir um discurso a um discurso outro; marca o discurso da homogeneidade que sustenta o discurso da pluralidade, a fim de que este se afirme. Se a Análise de Discurso fosse dita como campo homogêneo do conhecimento científico, não seria preciso falar em coerência (presença de sentido) ou tensão (ausência de sentido). Se, por outro lado, ela é campo em constante construção, fala-se em tensão, porque se percebe, justamente, a

permanência de um já dito que faz tal discurso ganhar sentido. Esse dizer constitui, discursivamente, um lugar teórico-metodológico para a Análise de Discurso na confluência de discursividades contraditórias.

Nos dizeres abaixo, os gestos de interpretação que parecem apresentar a Análise de Discurso como campo de conhecimento demarcado são atravessados pelo sentido de campo de conhecimento continuamente plural e aberto. Como se viu mais acima, há uma relação de interação e de confronto entre um e outro sentidos. Pelo efeito metafórico, eles se contrapõem, mas cada qual permanece funcionando. Isso é percebido, novamente, aqui, por uma regularidade que se marca na repetição das formulações abaixo. O ir-e-vir (afirmação e contraposição), que marca essa regularidade, vai imprimir, nos enunciados, as relações de força (da comunidade científica em geral) e de sentidos (interdiscurso), presentes na exterioridade de um ambiente científico, no qual esses embates acontecem. Os recortes abaixo se formulam na seguinte estrutura frasal:

Afirmação (Análise de Discurso compreendida como uma) + conector de adversidade + Contraposição (Análise de Discurso compreendida como múltipla).

Neste ponto, porém, é válido lançar mão da distinção que os estudos da argumentação oferecem sobre a conjunção adversativa *mas*, a qual está presente em alguns dos recortes abaixo. Segundo certos autores (Ducrot, 1989; Guimarães, 2007), há dois tipos de *mas*. Um que se denomina *masSN*, com função opositiva, de contraposição, retificação, mas não de orientação argumentativa; e o *masPA*, que, além do sentido de adversidade frente a um dito anterior, também funciona como orientação argumentativa, ou seja, ele dá uma "diretividade ao dizer" (Guimarães, 2007, p. 209), ele conduz o texto para "seu futuro, para seu fim (fim/finalidade)" (ibid., p. 210). Nestes casos, portanto, a conclusão já está estabelecida no início do dizer pela formulação argumentativa. A interpretação seria como que "compatível" com a conclusão fornecida previamente pela orientação argumentativa (ibid.). Nos recortes abaixo, percebemos que há a presença do conector *masSN*, na sua maioria, como um retificador do que foi dito anteriormente, e também do *masPA*, que contrapõe o dizer primeiro e funciona como orientação argumentativa em vistas a determinadas discursividades. Também se pode verificar essa mesma diferenciação nas outras conjunções adversativas e concessivas, presentes abaixo: umas, apenas retificando um dizer; e outras, contradizendo e

funcionando como uma injunção a determinadas interpretações. É importante dizer, ainda, que a análise da presença de uma ou outra conjunção não é considerada, neste trabalho, como escolha individual do sujeito, mas como formulação que traz em si a historicidade e o "agenciamento político da enunciação" (ibid., p. 214), diante dos quais a presente análise se expõe.

Nos quatro primeiros recortes, percebemos que os efeitos de sentidos atribuídos à Análise de Discurso constituem igualmente determinadas posições-sujeito, investidas pelos pesquisadores. Efeitos de sentido e de sujeito são sustentados por uma formação discursiva de ciência, cuja epistemologia considera a possibilidade de conhecimento científico mais abrangente, se resultado de interfaces e interdisciplinaridade entre seus diferentes campos.

"Tenho trabalhado com a AD nas minhas pesquisas, **mas** não tenho uma 'filiação', adoto os quadros teóricos que se mostram mais adequados para o objeto e objetivo dos meus trabalhos. O compromisso com uma vertente de AD não me parece muito saudável em termos de desenvolvimento de pesquisas e visão crítica da ciência. Sou um pouco 'indisciplinada' em termos de filiação por achar que o compromisso com um único quadro teórico é limitador e pouco produtivo. Também considero saudável não ficar 'repetindo' uma teoria como se fosse uma 'profissão de fé'."[16]

Este recorte funciona por um equívoco: o sujeito se inscreve em um filiação e, em seguida, produz um deslocamento que o coloca fora dela. Ora, a marca da exterioridade faz comparecer um campo disciplinar dividido em diferentes filiações e que possibilitaria a não-inscrição em nenhuma delas. Isso fica ainda mais significado no recorte "*adoto os quadros teóricos que se mostram mais adequados para o objeto e objetivo dos meus trabalhos*", o qual se liga à contraposição introduzida pelo *masPA*, cuja orientação argumentativa é agenciada pela formação discursiva que entende a ciência e, no caso, a Análise de Discurso, como um campo plural de produção de conhecimento, no qual o sujeito pode se posicionar sem que defina precisamente sua linha teórica.

"**Embora** não me considere uma seguidora ortodoxa de nenhuma linha de pesquisa, tenho maior proximidade com a linha de análise de discurso francesa."[17]

[16] Entrevista de DL, concedida em 11/11/2011.
[17] Entrevista de RA, concedida em 26/12/2011.

Neste recorte, há um efeito de pertencimento a uma determinada filiação, mas antecedido por um gesto de interpretação, que posiciona o sujeito-pesquisador em um campo teórico organizado entre seguidores "ortodoxos" de uma linha teórica determinada e outros que não se consideram em nenhum delas.

"À AD proposta por Pêcheux e seus seguidores no Brasil. Esclareço, **no entanto**, que trabalho com suporte teórico-metodológico interdisciplinar."[18]

"Filio-me à linha originariamente fundada por Michel Pêcheux, **mas** estabeleço interlocuções com outros teóricos marxistas, como Bakhtin/Voloshinov e Luckács."[19]

Aqui, a interdisciplinaridade e a interlocução se acrescentam ao sentido da prática da Análise de Discurso. A marca linguística da exterioridade se dá pelos conectores "*no entanto*" e "*mas*", que funcionam na produção desse sentido retificador da Análise de Discurso.

"Eu tenho contado com a AD desde 2002, **mas** sempre fazia uso dela em cruzamentos teóricos metodológicos; ou seja, lançava mão dos autores Pêcheux, Orlandi, como suporte para interpretação de dados que interessavam às minhas pesquisas. **Contudo**, minha relação era um tanto promíscua, sou leitor de Bakhtin, Foucault, Possenti, etc. **Contudo**, a partir de 2010, foi que fechei meus interesses na linha francesa fundada por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi."[20]

A posição que coloca o pesquisador na rede de filiações da ciência como conhecimento que se dá em campos delimitados é marcada pelas conjunções adversativas. O dizer se estrutura em uma narrativa não-linear que produz diferentes efeitos de sentidos da Análise de Discurso, mas todos inscritos nessa mesma rede de filiações, que aciona a memória na organização do percurso intelectual do sujeito.

"Meu projeto de pesquisa toma como referencial teórico a Análise do Discurso de Linha Francesa que trabalha com o pensamento teórico Pecheutiano. **No entanto**, desenvolvo uma segunda linha de trabalho que toma por referencial teórico a chamada Análise Dialógica do Discurso que se fundamenta a partir de uma reflexão epistemológica em torno do pensamento Bakhtiniano. Dentre as teses que oriento, existem trabalhos cuja fundamentação teórica também se filiam a uma reflexão epistemológica em torno do pensamento Foucaultiano."[21]

[18] Entrevista de LF, concedida em 02/01/2012.
[19] Entrevista de MA, concedida em 20/12/2011.
[20] Entrevista de RD, concedida em 15/12/2011.
[21] Entrevista de SS, concedida em 11/11/2011.

"Sim. Em princípio, trabalho com a AD que se expandiu da França para o Brasil a partir de Michel Pêcheux. **Mas também** conheço a abordagem de Dominique Maingueneau e a Análise Dialógica do Discurso do Círculo de Bakhtin."[22]

"Minhas pesquisas utilizam a AD desde 1985 e sigo a linha de Charaudeau de quem fui aluna (...). **Mas não apenas** o linguista francês serve de parâmetro para mim. Uso também Fairclough nas ideias apresentadas em *Language and Power*."[23]

Nesses recortes, a formulação da estrutura frasal que vimos analisando não produz efeitos de contraposição, negação ou adversidade. Os conectores introduzem dizeres que constituem (1) efeitos de sentido para a Análise de Discurso como campo disciplinar de fronteiras abertas, que se movimentam em um constante avanço de seus limites e interfaces e (2) efeitos de sujeito para os pesquisadores cuja posição é a de transitar sem tensão entre diferentes filiações. Há um silenciamento da questão epistemológica da maneira como vinha surgindo nos recortes anteriores.

Pudemos verificar, nesses recortes, que as formulações, cuja estrutura frasal era similar, produziram, no entanto, diferentes posições-sujeito para os pesquisadores, conforme as formações discursivas em que se inscreviam, do que depreendeu também diferentes efeitos de sentidos para a Análise de Discurso.

Este jogo de sentidos é percebido nos recortes abaixo, nos quais os sentidos associados a campo homogêneo e demarcado ou à pluralidade e abertura no campo de conhecimento da Análise de Discurso voltam a comparecer.

"Ora, eu não sou muito de filiação a corrente. Sempre transitei por diversas abordagens, aprofundando os aspectos que me interessavam e destacando outros. Todas as abordagens apresentam alguma contribuição relevante para a análise, mas o destaque fundamental, a novidade que a Análise de Discurso trouxe para o campo da linguagem foi a inserção da dimensão política, ideológica na análise da linguagem, o que outras disciplinas não conseguiram fazer (sociolinguística, etnolinguística)".[24]

"Fiz um Mestrado usando mais a AD francesa de Maingueneau, mas me interesso mesmo é pelas variadas conceitualizações, das variadas escolas. Não me prendo a nenhuma escola, porque acho isso limitador do potencial das análises. Entre as diferentes abordagens, há muita ideia repetida, mas com nomes diferentes. Por outro lado, cada qual busca ver traços específicos e diferentes dos discursos."[25]

"Análise do Discurso possibilita pesquisar os discursos da mídia, que são meus interesses de pesquisa. Escolhi trabalhar com a linha francesa e inglesa, porque não existe uma linha que possa dar conta de todas as demandas que envolvem o discurso midiático. Não se pode ficar preso a apenas uma única linha."[26]

[22] Entrevista de MF, concedida em 24/12/2011.
[23] Entrevista de NY, concedida em 26/10/2011.
[24] Entrevista de GM, concedida em 16/12/2011.
[25] Entrevista de HA, concedida em 11/11/2011.
[26] Entrevista de ID, concedida em 12/09/2011.

"Não poderia negar a 'paternidade' de Pêcheux em relação às contribuições teórico-metodológicas da AD, mas reconheço que muitos caminharam quase em paralelo a Pêcheux e seguiram novos caminhos (talvez fosse melhor dizer que descobriram 'atalhos' importantes). E vieram outros... entre a tradução de obras de língua francesa (ative-me aqui à AD 'nascida' na França). Preferiria não me 'enfileirar' em uma trincheira nem me filiar necessariamente "*ici* ou *là*; sinto-me mais à vontade, dizendo que me coloco lá, onde o sentido pode ser outro..."[27]

"Costumo dizer que ando em crise quanto à definição de qual 'análise de/do/dos discurso/s' trabalho, em razão de não usar uma única 'linha' de pesquisa. Nunca usei a vertente da Discourse Analysis. Com relação às vertentes francesas, penso que cada uma delas pode ser produtiva, dependendo do objeto de estudo. Tenho usado com mais recorrência a perspectiva enunciativa, com autores como Dominique Maingueneau e Eliseo Verón. Mas autores como Bakhtin, Jacqueline Authier-Revuz, Sírio Possenti, Michel Foucault, Michel Pêcheux e Eni Orlandi, são também usados, entre outros. É claro que não usados todos ao mesmo tempo."[28]

Nesses recortes, há a produção de efeitos de sentido de aprisionamento às filiações, silenciando, por sua vez, processos históricos, filosóficos e institucionais de constituição dos pressupostos teóricos e da construção de um campo disciplinar. Nessa perspectiva, também se percebe o atravessamento de um discurso outro, um não-dito, que se interpõe por projeções imaginárias dos sujeitos, as quais exerceriam pressão para o 'enquadramento' do pesquisador em uma determinada filiação. Essa tensão é deslocada, então, pelo apagamento tanto do científico quanto do político, pela constituição de uma posição de não-lugar dos sujeitos frente às filiações. Dito de outra forma, os sujeitos se colocam 'fora' desse jogo de sentidos e de forças, numa tentativa de apagamento da tensão desses embates.

Ora, eu não sou muito de filiação a corrente.

Não me prendo a nenhuma escola.

Não se pode ficar preso a apenas uma única linha.

Preferiria não me 'enfileirar' em uma trincheira nem me filiar necessariamente "*ici* ou *là*.

Levando em conta o apagamento do científico e do político, os recortes acima reiteram sentidos de uniformidade, organização, demarcação, nas palavras *corrente*, *escola* e *linha*, atribuídas a uma filiação ou linha de pesquisa. No quarto recorte, a filiação é designada como espaço, território: *ici ou là*, ou seja, inscrever-se é estar dentro de um campo delimitado, que é este ou aquele. *Corrente*, *escola, linha* e *ici*

[27] Entrevista de BL, concedida em 03/10/2011.
[28] Entrevista de NL, concedida em 16/12/2011.

ou *là*, associados à ciência, são marcas, aqui, de processos históricos de estratificação do saber, de disciplinarização do conhecimento. Tais processos são também da ordem do político-institucional, porque a departamentalização do conhecimento não envolve apenas aspectos teóricos, mas também da organização política do conhecimento científico em um país, que abrange a definição de áreas, subáreas e linhas de pesquisa, estabelece a distribuição de incentivos governamentais a determinadas áreas e instituições, além de manter um processo de demarcação do conhecimento, por meio de instrumentos instituídos de organização e vigilância do espaço científico, com o estabelecimento de líderes, discípulos, professores titulares, discursos, terminologias próprias, publicações e o reconhecimento dos pares.

Ora, esses recortes constituem o sujeito pesquisador em uma posição de pseudo-autonomia e independência frente a essas divisões, e a filiação, como aprisionamento; sentidos reforçados pelos recortes abaixo:

> Não me prendo a nenhuma escola.
>
> Não se pode ficar preso a apenas uma única linha.
>
> Preferiria não me 'enfileirar' em uma trincheira nem me filiar necessariamente "*ici* ou *là.*

"Não me prendo" e *"Não se pode ficar preso"* são pré-construídos do que seja teoria e ciência. A consistência teórica e epistemológica é significada enquanto aprisionamento e cerceamento da 'liberdade' do sujeito. Eles produzem um sentido metaforizado no *'enfileirar'*, pois o aprisionamento de que se fala ali não é o da punição, mas o da privação da liberdade, o de ser obrigado a seguir 'uma fila', a repetir o que o 'colega da frente faz', a imitar o que todos estão fazendo, conforme uma ordem, uma disciplina, um comando. A materialidade desses recortes constrói uma temporalidade para a prática científica atual em que há uma relação de força e uma prática consolidadas de se classificarem, designarem (apontarem) e denominarem (dar nomes a) correntes, tendências, escolas, estilos e vertentes.

Como qualquer discurso, também o científico determina o que pode e o que não pode ser dito a partir de determinada formação discursiva. Ora, percebe-se, então, um jogo de identificação e contra-identificação, nos recortes acima, pelo qual o dizer traz marcas de um discurso dominante circulante no ambiente científico, com o qual se

identificam (‘bons’) sujeitos e se contra-identificam outros (‘maus’) sujeitos, todos, porém, pertencentes a esse todo complexo dominante.

> Preferiria não me ‘enfileirar’ em uma trincheira nem me filiar necessariamente “*ici* ou *là.*
>
> Também considero saudável não ficar ‘repetindo’ uma teoria como se fosse uma ‘profissão de fé’

O gesto de interpretação para uma prática científica atual vai se compondo do sentido de aprisionamento para o de *trincheira* e *profissão de fé*, ambos produzindo um efeito de fechamento, separação, defesa e dogmatismo. Significa, ainda, a ciência como Igreja e campo de batalha. Essa discursividade traz marcas de uma historicidade sobre o ambiente científico, no qual a teoria pode se investir de sentidos de fechamento e dogmatismo para melhor se demarcar, o que sugerem tanto a metáfora da trincheira (ligada à guerra) quanto à da profissão de fé (associada à religião).

Trincheira é um termo bélico, que se refere a uma construção provisória com a finalidade de proteger um grupo de soldados frente a um ataque e de demarcar um território em meio a uma batalha. Essa metáfora para filiação produz um efeito de que a inscrição em uma filiação teórica demarcada é engrossar um grupo, uma fila, um ‘exército’, no qual cabe ao pesquisador apenas fazer parte. Nessa perspectiva da metáfora da trincheira, a teoria deve servir para a pronta identificação de uma posição em meio a outras e consequente proteção do grupo em relação a teorias diferentes.

A filiação também é percebida nos sentidos de dogma, estatuto, constituição, algo de teor religioso, a que se deve obedecer, venerar, seguir e repetir sem questionamento, como se faz na religião, com a profissão de fé. Lembrando ainda que, como vimos anteriormente, esse jogo de sentidos pode estar funcionando como apagamento do político-institucional, na medida em que produz efeitos de autonomia dos sujeitos-pesquisadores que ‘escolheriam’ estar ou não em uma determinada filiação teórica, em contrapartida às relações políticas que funcionam nessa forma de organização do espaço científico. Por isso, esse efeito de sentido é projetado sobre um outro, com quem tal posição-sujeito-pesquisador não se identifica. Coloca o outro no lugar de mero engrossamento de um grupo, de um exército ou de uma Igreja.

No quadro que segue mais adiante, podemos compreender os diferentes movimentos de sentidos marcados na estrutura sintagmática e paradigmática dos enunciados acima. Na primeira coluna, os enunciados partem de uma percepção da Análise de Discurso como um campo teórico demarcado, no qual o pesquisador se inscreve. Na segunda coluna, há um efeito de sentido para a Análise de Discurso como uma teoria que se faz na interface com suas diferentes vertentes. Na terceira coluna, porém, os sentidos para a Análise de Discurso e a constituição do sujeito pesquisador se compõem por um jogo de sentidos contrapostos aos da primeira e segunda colunas, porque se produz um efeito de sentido negativo para essa prática interativa entre diferentes vertentes da Análise de Discurso, signficada a partir de uma exigência de consistência teórica e epistemológica. Tal efeito de reprovação é marcado nas/pelas palavras *indisciplinada, promíscua* e *em crise*.

Indisciplinada faz remissão, mais uma vez, ao ambiente escolar, no qual há normas de comportamento e aqueles que não se enquadram são tidos como indisciplinados, ou seja, fora da disciplina, sem disciplina, sem norma, sem regra. *Promíscua* se inscreve em uma formação discursiva religiosa, que lhe dá o sentido de depravação, profanação, impureza e transgressão. A palavra que, etimologicamente, tem o sentido de mistura e indistinção, ganha, nesta formação discursiva, o sentido de impureza. A interface entre diferentes vertentes da Análise de Discurso sugere promiscuidade e transgressão, porque se faz na mistura, na indistinção, não preservaria certa 'pureza teórica'. O sentido de e*m crise* só funciona, nesse recorte, sustentado pelo discurso do conhecimento científico como delimitado e objetivo, aquele em que o próprio objeto de estudo forneceria sua demarcação e interpretação específica.

Na última coluna, a direção volta-se ao sentido primeiro de Análise de Discurso como campo do conhecimento demarcado. O enunciado do pesquisador traz a relação de forças de um ambiente de produção científico onde a demanda por classificações e definições é forte. *Fechar* os interesses de pesquisa em uma dada linha teórica ganha um sentido de conclusão satisfatória e positiva de um percurso teórico particular e de reafirmação da prática científica como uma atividade que busca encontrar um seu lugar teórico demarcado.

Eu tenho contado com a AD desde 2002	Sempre fazia uso dela em cruzamentos teóricos metodológicos	Minha relação era um tanto promíscua	Fechei meus interesses na linha francesa
Fiz um Mestrado usando mais a AD francesa de Maingueneau	Me interesso mesmo é pelas variadas conceitualizações, das variadas escolas		
Tenho trabalhado com a AD nas minhas pesquisas	Não tenho uma 'filiação. Adoto os quadros teóricos que se mostram mais adequados para o objeto e objetivo dos meus trabalhos'	Sou um pouco 'indisciplinada' em termos de filiação	
À AD proposta por Pêcheux e seus seguidores no Brasil	Trabalho com suporte teórico-metodológico interdisciplinar.		
Filio-me à linha originariamente fundada por Michel Pêcheux	Estabeleço interlocuções com outros teóricos marxistas, como Bakhtin/Voloshinov e Luckács		
Tenho maior proximidade com a linha de análise de discurso francesa	Embora não me considere uma seguidora ortodoxa de nenhuma linha de pesquisa		
	Ora, eu não sou muito de filiação a corrente. Sempre transitei por diversas abordagens, aprofundando os aspectos que me interessavam e destacando outros.		
	Em razão de não usar uma única 'linha' de pesquisa	Costumo dizer que ando em crise quanto à definição de qual 'análise de/do/dos discurso/s' trabalho	

Vamos percebendo, no decorrer dessas análises, diferentes direções de sentidos, com idas, retornos, contrapontos, convergências, enfim, um jogo de sentidos, como na metáfora *salada mista* e nas expressões *carrefour*, *onde cabe tudo* e *tudo como AD*, que produzem efeitos metafóricos de descaracterização e diluição de pressupostos teóricos do campo da Análise de Discurso, como também de multiplicidade, variedade e fluidez de suas fronteiras.

> "Não há como separar os 'elementos' elencados na questão que aqui se põe, a AD é mesmo uma espécie de um 'carrefour' que abriga todos eles, mas cada um deles, ao mesmo tempo em que é constitutivo de uma pluralidade de sentidos, traz em si a singularidade no momento em que ocorre a imbricação entre eles."[29]

> "Sim. Considero que a produção, na área de Análise de Discurso no Brasil, em geral, e na minha instituição, em particular, a partir de meus projetos, boa. Saliento, entretanto, que, em geral, no Brasil, a produção na área de análise do discurso (onde cabe tudo) qualitativamente está comprometida no que tange às epistemologias. Grande parte dos trabalhos apresenta-se como salada mista nesse campo, o que compromete a qualidade desses trabalhos."[30]

> "Acredito sim, que haja uma boa produção intelectual nesta área no Brasil. Nas instituições nas quais atuo, eu e meus colegas temos trabalhado com bastante seriedade e competência. Contudo, vejo que há muita vulgata do que seja a AD. Tem pessoas que a discutem superficialmente e misturam várias linhas do discurso tomando tudo como AD."[31]

O uso da expressão francesa *Carrefour* (cruzamento, ponto de encontro, segundo o Dicionário Larousse Francês/Português, 2009) constitui, nesse dizer, um lugar teórico-metodológico para a Análise de Discurso, no qual o pesquisador compreende a teoria como um campo em que a delimitação de fronteiras conceituais não foi possível em seu processo de constituição como área do conhecimento, devido às interfaces que possibilitou e pelas quais foi afetada, configurando-se como campo de conhecimento plural e múltiplo.

Este sentido de pluralidade e interface permanece na metáfora da *salada mista*, porém com um certo deslizamento, pois ganha um efeito de criticidade com o uso da expressão *salada*, que carrega um sentido negativo para dizer da mistura. Em outras palavras, a Análise de Discurso proporcionaria tamanha interlocução entre suas diferentes vertentes e filiações, que permitiria uma mistura teórica, sem delineamento de seus objetos conceituais.

[29] Entrevista de BL, concedida em 03/10/2011.
[30] Entrevista de FC, concedida em 20/11/2011.
[31] Entrevista de NC, concedida em 22/12/2011.

Este sentido de diluição é reforçado na expressão *'onde cabe tudo'*, que constitui, nesse recorte, o campo da Análise de Discurso como um lugar, um espaço, onde se aceitam diferentes teorias. A Análise de Discurso seria, portanto, um território teórico, dentro do qual caberia tudo o que se quer colocar ou que se é conveniente de acordo com o objeto da pesquisa.

O gesto de interpretação em *"tomando tudo como AD"* produz um lugar teórico para a Análise de Discurso no qual a indistinção significa fortemente, assim como um efeito de sujeito que se constitui a partir desse lugar. A Análise de Discurso é posta como uma marca à pesquisa, de certa forma, já conhecida no meio científico.

Portanto, em *Onde cabe tudo* e *tomando tudo como AD*, uma determinada prática científica no campo da Análise de Discurso faz o pronome indefinido funcionar na produção do sentido de indistinção e diluição teórica do campo da Análise de Discurso[32].

Esses enunciados, que constituem uma configuração diluída para o campo da Análise de Discurso, constituem também, por sua vez, um sujeito pesquisador que se coloca fora dessa prática da Análise de Discurso a que ele questiona. Em todos os recortes acima analisados, o pesquisador não se inclui no grupo dos analistas de discurso a que ele se refere. Há uma contra-identificação entre eles. Sua prática e estudo da Análise de Discurso buscam preservar a coerência e um determinado delineamento da área. A criticidade desses dizeres se sustenta em uma formação discursiva da ciência como conhecimento estável ou que busque a estabilidade e a consistência em seus conceitos e métodos.

Já no recorte abaixo, o efeito metafórico de '*caiu como uma luva*' produz um efeito de conformidade e adequação da Análise de Discurso às necessidades teóricas e institucionais de um curso interdisciplinar. '*Caiu como uma luva'* não produz,

[32] É importante, porém, notar, que o efeito de sentido produzido pelo *tudo* se abre às possibilidades de inscrição discursiva do leitor; se, vinculado a uma determinada rede de filiações, *tudo* poderá significar a pluralidade teórica da Análise de Discurso e sua abertura às interfaces. Caso venha a se inscrever em outra filiação, ao textualizar essa discursividade, ele produzirá gestos de interpretação que critiquem tal abertura do campo da Análise de Discurso e veja aí os perigos de sua diluição. No caso dessa análise, o efeito de sentido de crítica foi reiterado em meio aos outros dizeres, o que fez tal direção de sentido prevalecer nessa escrita.

portanto, os efeitos de sentido de indistinção ou diluição para a Análise de Discurso, nem tampouco uma posição crítica, ocupada pelo pesquisador. Pelo contrário, a teoria é posta como um território aberto e plural, conveniente a sua inserção em um curso interdisciplinar e à atuação do pesquisador. Ainda permanece o sentido de não-demarcação dos limites da Análise de Discurso.

"Minha formação em Letras com ênfase na análise e crítica de textos não justificava uma atuação especificamente nesses termos em uma Instituição que não tinha (e não tem ainda) uma graduação em Letras (...). O mestrado que acabou se definindo como interdisciplinar na Capes exigia de mim uma definição mais condizente com as necessidades que foram se estabilizando, isto é, mestrandos de diversas procedências de área que, nos seus projetos, precisavam analisar textos, depoimentos. A AD caiu como uma luva, já que sua dinâmica, sua metodologia tem natureza interdisciplinar."[33]

Os gestos de interpretação, marcados nesses dizeres, vão delineando um espaço teórico-metodológico no qual se desenvolvem os estudos e pesquisas em Análise de Discurso no Brasil. O modo como os pesquisadores compreendem a teoria e a ciência produz, simultaneamente, efeitos de sujeito para os pesquisadores. Os recortes abaixo foram separados em cinco diferentes eixos paradigmáticos, nos quais há regularidades pelas quais esse espaço teórico-metodológico e institucional da Análise de Discurso é dito.

Eixo Paradigmático 1

"Há uma grande quantidade de publicações, no Brasil, em um momento em que o nome AD ganhou contornos diversos. Como consequência, vemos textos em que as categorias de análise, postas a funcionar na compreensão de um fenômeno, são muito fluidas, não trazendo densidade. Na (...), tem havido, por parte de meus colegas, um esforço por repensar a questão metodológica da AD".[34]

"No Brasil, a Profª Eni tem uma produção fantástica, são quase 30 anos de trabalho em prol da Análise de Discurso... há também que se observar uma expansão fantástica nos últimos 10 anos, tem muita coisa boa, mas há trabalhos equivocados, há pessoas equivocadas... há problemas. Mas isso faz parte da construção de uma caminhada teórica e de pesquisa em qualquer área. O contraponto vai mostrando quem faz realmente o quê! Dizer-se analista de discurso não significa sê-lo de fato e de direito..."[35]

"Acredito sim, que haja uma boa produção intelectual nesta área no Brasil. Nas instituições nas quais atuo, eu e meus colegas temos trabalhado com bastante seriedade e competência. Contudo, vejo

[33] Entrevista de AS, concedida em 20/11/2011.
[34] Entrevista de NR, concedida em24/02/2012.
[35] Entrevista de VL, concedida em 17/09/2011.

que há muita vulgata do que seja a AD. Tem pessoas que a discutem superficialmente e misturam várias linhas do discurso tomando tudo como AD."[36]

Nos enunciados desse eixo paradigmático, se instala uma discursividade da Análise de Discurso como teoria fortemente presente no país. Institui-se uma espacialidade e uma temporalidade para a Análise de Discurso, nas quais o efeito de 'teoria em alta' vem pelas formulações *grande quantidade de publicações, produção fantástica, expansão fantástica, boa produção intelectual*, que se repetem. O sentido de grandeza numérica da presença da teoria no país se faz também pela remissão, neste caso, ao modo de circulação e mensuração da produção científica atual: as publicações dos pesquisadores.

Eixo Paradigmático 2

"Considero que quantitativamente é boa. Qualitativamente, no entanto, o que prejudica é a grande variedade de correntes teóricas e uma grande flutuação terminológica. No meu departamento, por exemplo, os quatro professores que dizem trabalhar com Análise do Discurso fazem coisas completamente diferentes e tem cada um seu grupo de pesquisa."[37]

"Há uma grande quantidade de publicações, no Brasil, em um momento em que o nome AD ganhou contornos diversos. Como consequência, vemos textos em que as categorias de análise, postas a funcionar na compreensão de um fenômeno, são muito fluidas, não trazendo densidade. Na (...), tem havido, por parte de meus colegas, um esforço por repensar a questão metodológica da AD".

Os enunciados acima operam um deslizamento para o sentido de grandeza espacial ou numérica ligado à Análise de Discurso. A expressão *grande* (*Grande variedade de correntes teóricas e uma grande flutuação terminológica*) agora sugere que a expansão trouxe, igualmente, uma diversificação na teoria, uma *variedade de correntes teóricas* e *contornos diversos*:

O nome AD ganhou contornos diversos

A Análise de Discurso ganhou contornos diversos.

Uma substituição parafrástica de *O nome AD* por *Análise de Discurso* indica o lugar de produção de sentido nesse recorte, quando produz um efeito de recusa à designação de Análise de Discurso àquilo que, no gesto de interpretação do pesquisador,

[36] Entrevista de NC, concedida em 22/12/2011.
[37] Entrevista de NT, concedida em 17/11/2011.

tem contornos diversos e que indicaria, por sua vez, um uso indiscriminado do nome AD. Por isso, a produção do sentido de separação entre a teoria e o seu nome, ou seja, a teoria, em determinados pressupostos, é uma coisa; a utilização de seu nome, nomeando grande parte da produção, é outra. Vejamos esse efeito de sentido, ainda em outra substituição parafrástica.

O nome AD ganhou contornos diversos.

A marca AD ganhou contornos diversos.

A substituição sugerida vai na direção de fazer ver que o gesto de interpretação do sujeito imprime no dizer uma determinada prática que atribuiria um sentido de grife para a teoria Análise de Discurso. Diante de uma eventual diluição de seus pressupostos teóricos, o nome AD é posto como marca, carimbo ou selo em diferentes pesquisas.

Eixo Paradigmático 3

"Considero que quantitativamente é boa. Qualitativamente, no entanto, o que prejudica é a grande variedade de correntes teóricas e uma grande flutuação terminológica. No meu departamento, por exemplo, os quatro professores que dizem trabalhar com Análise do Discurso fazem coisas completamente diferentes e tem cada um seu grupo de pesquisa."

"Há uma grande quantidade de publicações, no Brasil, em um momento em que o nome AD ganhou contornos diversos. Como consequência, vemos textos em que as categorias de análise, postas a funcionar na compreensão de um fenômeno, são muito fluidas, não trazendo densidade. Na (...), tem havido, por parte de meus colegas, um esforço por repensar a questão metodológica da AD".

"No Brasil, a Profª Eni tem uma produção fantástica, são quase 30 anos de trabalho em prol da Análise de Discurso... há também que se observar uma expansão fantástica nos últimos 10 anos, tem muita coisa boa, mas há trabalhos equivocados, há pessoas equivocadas... há problemas. Mas isso faz parte da construção de uma caminhada teórica e de pesquisa em qualquer área. O contraponto vai mostrando quem faz realmente o quê! Dizer-se analista de discurso não significa sê-lo de fato e de direito..."

Neste eixo, há a percepção de que o sentido inicial de grandeza espacial e de produção científica da Análise de Discurso (*Grande quantidade de publicações; a Profª Eni tem uma produção fantástica; uma expansão fantástica nos últimos 10 anos; uma boa produção intelectual nesta área no Brasil)* foi se recompondo em outros sentidos, como o da *variedade de correntes teóricas* e *contornos diversos* até chegar a um efeito de relação entre grandeza espacial e numérica e comprometimento (desvios) da teoria,

na ordem da metodologia, dos procedimentos analíticos e da terminologia (*flutuação terminológica; textos em que as categorias de análise, postas a funcionar na compreensão de um fenômeno, são muito fluidas, não trazendo densidade; um esforço por repensar a questão metodológica da AD; mas há trabalhos equivocados, há pessoas equivocadas... há problemas).* Portanto, o gesto de interpretação relaciona a expansão da presença da Análise de Discurso no Brasil à variedade de correntes teóricas, à flutuação terminológica, à fluidez analítica e ao equívoco.

Eixo Paradigmático 4

"Com certeza, contudo, nenhuma teoria responde a tudo nem é completa, mesmo que você trabalhe só com língua. Nenhuma teoria é uma camisa de força. O *corpus* também direcionará o seu olhar para a análise. Porém, ao lançar mão dos campos teóricos há que se tomar cuidado para não se criar vulgatas e banalizar os estudos."[38]

"Acredito sim, que haja uma boa produção intelectual nesta área no Brasil. Nas instituições nas quais atuo, eu e meus colegas temos trabalhado com bastante seriedade e competência. Contudo, vejo que há muita vulgata do que seja a AD. Tem pessoas que a discutem superficialmente e misturam várias linhas do discurso tomando tudo como AD."

"No Brasil, a Profª Eni tem uma produção fantástica, são quase 30 anos de trabalho em prol da Análise de Discurso... há também que se observar uma expansão fantástica nos últimos 10 anos, tem muita coisa boa, mas há trabalhos equivocados, há pessoas equivocadas... há problemas. Mas isso faz parte da construção de uma caminhada teórica e de pesquisa em qualquer área. O contraponto vai mostrando quem faz realmente o quê! Dizer-se analista de discurso não significa sê-lo de fato e de direito..."

Nos enunciados reunidos no eixo paradigmático 4, o efeito de sentido produzido para Análise de Discurso constitui também um efeito de sujeito para o pesquisador. Enquanto os desdobramentos da teoria são significados pela metáfora da *vulgata* que se remete a cópia deformada de um original, o pesquisador é investido de uma posição que, no dizer, não lhe pertence, ainda que ele se diga analista de discurso. No primeiro enunciado - "*há que se tomar cuidado para não se criar vulgatas e banalizar os estudos"*, a produção do sentido se faz por um pré-construído, que se sustenta por uma determinada prática da Análise de Discurso, a que remete o gesto de alerta do dizer. Note-se que esse sentido reaparece no enunciado seguinte em que o pesquisador afirma a presença de vulgatas da Análise de Discurso na produção desta área do conhecimento. O efeito de sentido de diluição, indistinção, mistura e

[38] Entrevista de NC, concedida em 22/12/2011.

banalização teórica comparece aqui, mais uma vez. Há uma regularidade na produção desses sentidos nos enunciados analisados até o momento. Considere, por exemplo, a regularidade entre "*vejo que há muita vulgata do que seja a AD*" e "*o nome AD ganha contornos diversos*", em que a designação AD se projeta para fora do enunciado, aproveitando-se da indefinição para permitir quaisquer direções de sentido na constituição discursiva desse nome.

No terceiro enunciado, o efeito de sentido de equívoco, erro (vulgata (?)), institui, na voz do pesquisador, a oportunidade de o 'legítimo' analista de discurso constituir-se. Esse enunciado apresenta a regularidade de colocar a Análise de Discurso em um determinado lugar em que seu delineamento se faz na contraposição com o que ela não é. A posição sujeito analista de discurso não se constitui apenas pelo fato de o pesquisador dizer-se analista de discurso, mas no fato de estar em um lugar diferente daquele em que os 'equivocados' se colocam (*O contraponto vai mostrando quem faz realmente o quê!*). Portanto, o efeito metafórico de cópia mal feita, produzido por *vulgata*, atribuído à Análise de Discurso, também compõe, de certa forma, o sentido para um analista de discurso, que não deve ser reconhecido como tal só porque assim o diz.

Eixo Paradigmático 5

"Há uma grande quantidade de publicações, no Brasil, em um momento em que o nome AD ganhou contornos diversos. Como consequência, vemos textos em que as categorias de análise, postas a funcionar na compreensão de um fenômeno, são muito fluidas, não trazendo densidade. Na (...), tem havido, por parte de meus colegas, um esforço por repensar a questão metodológica da AD".

"No Brasil, a Profª Eni tem uma produção fantástica, são quase 30 anos de trabalho em prol da Análise de Discurso... há também que se observar uma expansão fantástica nos últimos 10 anos, tem muita coisa boa, mas há trabalhos equivocados, há pessoas equivocadas... há problemas. Mas isso faz parte da construção de uma caminhada teórica e de pesquisa em qualquer área. O contraponto vai mostrando quem faz realmente o quê! Dizer-se analista de discurso não significa sê-lo de fato e de direito..."

"Acredito sim, que haja uma boa produção intelectual nesta área no Brasil. Nas instituições nas quais atuo, eu e meus colegas temos trabalhado com bastante seriedade e competência. Contudo, vejo que há muita vulgata do que seja a AD. Tem pessoas que a discutem superficialmente e misturam várias linhas do discurso tomando tudo como AD."

"Há muita produção. Não posso avaliar de modo crítico a qualidade e a quantidade. Preocupam-me, nas minhas pesquisas, teses e dissertações, a clareza teórico-metodológica e a qualidade de minha produção, haja vista que a área deve ter suficiente rigor para se firmar. Aliás, esse aspecto é o que, de certa forma, precisa ser mais bem focalizado, pois no meu entendimento não podemos hoje falar

em uma única análise de discurso. Quando discuto essa temática nos cursos, enfatizo as diversas possibilidades e enfatizo o que diferencia nossa proposta das demais".[39]

Esses enunciados, que vão sugerir uma determinada prática por parte dos pesquisadores, são ditos a partir da percepção de um sentido já posto: há problemas (metodológicos e/ou teóricos?) instalados na prática atual da Análise de Discurso no Brasil. Essa percepção comparece, tanto na formulação afirmativa:

há trabalhos equivocados

há pessoas equivocadas...

há problemas

na qual há um desprendimento de sentidos nas substituições de *trabalhos*, *pessoas* e *problemas*, pelo qual o pesquisador vai compondo um sentido geral e abrangente para *problemas* (como se quisesse colocar aí uma série de problemas de natureza diversa, além dos mencionados problemas de trabalhos, que remetem a textos, escritos, livros, artigos, enfim, à produção intelectual da área, passando a uma personificação e individuação dos problemas nos próprios pesquisadores), quanto na formulação do enunciado posterior que pontua uma divisão entre os que praticam a Análise de Discurso com *bastante seriedade e competência* e os que trabalham produzindo *vulgatas* do que seja a Análise de Discurso. Essa percepção do espaço atual da Análise de Discurso é reiterada na formulação seguinte: '*Na (...), tem havido, por parte de meus colegas, um esforço por repensar a questão metodológica da AD'*. Há um efeito de trabalho dobrado, de dedicação a mais, direcionado a um pensar novamente, ou um pensar de novo, um pensar sobre o que está sendo praticado. Portanto, comparece, aqui, o sentido de construção sobre um construído, uma reconstrução, um redirecionamento da prática da Análise de Discurso no país. É instituída, neste dizer, uma temporalidade atual para a Análise de Discurso, que se faz sobre um já-construído, ou seja, uma Análise de Discurso revisitada, com um passado e uma prática, que se interrogam e reclamam uma reorganização. Também no recorte "p*reocupam-me, nas minhas pesquisas, teses e dissertações, a clareza teórico-metodológica e a qualidade de minha produção, haja vista que a área deve ter suficiente rigor para se firmar*", comparece o sentido de que, diante do crescente

[39] Entrevista de LM, concedida em 11/12/2011.

número de pesquisas nesta área e da sua expansão no país, é preciso zelar pelo rigor teórico-metodológico como condição para a demarcação da área. Mas o dizer que estabelece a necessidade de rigor é atravessado por uma compreensão da Análise de Discurso nos seus desdobramentos. Há um equívoco produzindo o efeito de um rearranjo da área, pelo qual a configuração, em que ficam previstos seus desdobramentos, explique, talvez, os problemas quanto ao rigor teórico-metodológico, postos no dizer.

Os enunciados desses eixos paradigmáticos instalam o efeito de sentido de uma divisão pela qual se contrapõem, de um lado, uma teoria e um sujeito analista de discurso legítimos e, de outro, as vulgatas da teoria, que, por consequência, retiram estes profissionais do lugar de analistas de discurso, consistentes e coerentes com o edifício teórico a que se filiam. Portanto, a Análise de Discurso é dita, na repetição das formulações, por aquilo que não é para se afirmar em um espaço de contradições e de tensão. Esses dizeres demarcam fortemente o território da Análise de Discurso e a posição sujeito analista de discurso na contraposição com o seu Outro. O campo de conhecimento da Análise de Discurso abriga embates, conflitos, divisões de território, reconhecimento e identificação. Estes são os sentidos predominantes que marcam regularidades na produção de sentidos nesses recortes.

A relação de força e de sentido que se forma entre Análise de Discurso e sujeito analista de discurso faz com que um e outro se constituam mutuamente. Isso é percebido mais fortemente no recorte abaixo. Aqui, o sentido de vulgata dirigido, seja para desdobramentos ou para incoerências epistemológicas no campo da Análise de Discurso, é substituído por distinto(a), que se repete por três vezes neste dizer.

> "[...] Há sim uma produção fortíssima em AD, de qualidade e consequente com aquilo que foi formulado por M. Pêcheux e colaboradores na França. A teoria da AD não se fecha nela mesma, uma vez que faz parte dela poder ser afetada produtivamente pelas análises. Esse movimento de formulação contínua é levado a cabo por muitos pesquisadores brasileiros. Ocorre que também há uma enorme incompreensão dos conceitos e formulações basilares para a AD fundada por M. Pêcheux, permitindo colocar em relação de equivalência autores com pressupostos epistemológicos muito distintos daqueles que sustentam a AD pecheutiana. Esses trabalhos, que se auto-nomeiam de discursivos, produzem consequências analíticas muito distintas daqueles que trabalham com a ideologia como um processo e não como conteúdo, com o assujeitamento do sujeito e não com o assim desejado livre-arbítrio do indivíduo, com a forma material e não com uma associação entre forma e conteúdo. Não esquecendo jamais que toda ciência tem ética, é preciso não deixar de lembrar que as consequências éticas decorrentes destes

gestos teórico-epistemológicos distintos tomados como um só apagam justamente aquilo que Michel Pêcheux trouxe como uma contribuição nuclear: o político."[40]

Destacando os trechos acima, que dão sustentação à significação processada neste dizer, percebemos que as divisões internas no campo da Análise de Discurso ganham um sentido diferente do que vimos compreendendo ao longo dessas análises. *Distintos(as)* não produz um sentido de condenação ou de rejeição às diferenças de compreensão e prática da Análise de Discurso. O analista de discurso se constitui como tal, enquanto ocupa uma posição de demarcar seu território e de reconhecer a diferença. O dizer estabelece diferenças de ordem teórica, analítica (procedimentos) e do político na prática da Análise de Discurso no Brasil, mas as diferenças (distinções) são consideradas como tais na interlocução e nas fronteiras abertas do campo da Análise de Discurso, desenvolvido no país, por isso a ausência de um efeito condenatório para elas, ainda que a separação seja estabelecida no gesto de interpretação do pesquisador.

Nos recortes analisados neste capítulo, percebemos um encontro de vozes divergentes, que disputam entre si a estabilização de determinados sentidos para a compreensão da ciência e da teoria e prática da Análise de Discurso no Brasil. Neles percebeu-se um forte investimento de uma rede de filiações vinculada ao conhecimento científico como delimitado, uno, e de outra, cujos efeitos de sentido estão vinculados ao múltiplo, à abertura. Na compreensão da Análise de Discurso pelos pesquisadores, essas filiações se imbricam em um jogo de sentidos que busca dar configuração à teoria.

É importante lembrar que todo dizer se relaciona a condições materiais específicas de produção que nunca são as mesmas. Na leitura desses recortes, há uma reiteração da contraposição entre os sentidos da Análise de Discurso como campo teórico demarcado e Análise de Discurso como campo teórico aberto e plural. Toda reiteração, porém, leva em conta uma redundância de sentidos, mas também opera mudanças. Todo discurso é a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação, porque todo novo dizer, ainda que irrompa do velho, tem força de provocar uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação. Payer (2006) vai dizer que a comparação entre o mesmo e o diferente "restabelece o *mesmo* de uma memória discursiva pela repetição, demarcando seu lugar, mas introduz também, pela relação

[40] Entrevista de CF, concedida em 26/11/2011.

com os dizeres da atualidade, uma perturbação nessa memória discursiva, no sentido do estabelecimento das fronteiras e da sua continuidade" (p. 189).

Diante disso é que podemos afirmar que a atualização de sentidos velhos e novos sobre a Análise de Discurso é conflituosa nos enunciados analisados. Ora, desse embate e desse atravessamento de um pelo outro, resultarão sempre novos sentidos e sujeitos, que vão sendo compostos pelos efeitos metafóricos provisórios, que se marcam na enunciação.

CAPÍTULO IV

A ANÁLISE DE DISCURSO NAS FRONTEIRAS DOS ESTUDOS DA LÍNGUA E DE OUTROS CAMPOS DISCIPLINARES

Neste capítulo, os recortes analisados vão trazer marcas de um horizonte de retrospecção da Análise de Discurso no país, constituído por determinados campos teóricos e lugares institucionais. Levando em consideração o trabalho de uma memória discursiva e compreendendo que a ciência não se faz em linha reta,

> (evidentemente, aquilo que acreditamos saber pode se desfazer em ilusões e as comunidades sobre as quais nos apoiávamos podem revelar-se não ser os únicos clãs dedicados à defesa de algumas ideologias e autopromoção dos seus membros. Certamente, o que apresentamos como o saber sólido não é absoluto a ponto de abolir todo o resto, por mais absurda ou perigosa que uma ou outra representação possa nos parecer. A falha tem sólidas razões para si.) (AUROUX, 2008, p. 156),

tem-se a percepção, nos recortes abaixo, das contradições, impasses e intersecções entre filiações distintas de discursos, de maneira especial, sobre a língua.

A contradição constitutiva do campo da Análise de Discurso se marca nos recortes em que se produz um efeito de sentido de teoria colocada fora dos limites da área da Linguística e das Letras, ainda que praticada por linguistas. Dito de outra forma, sentidos vinculados a uma memória, que associa a formação em Letras e Linguística como a que conforma seus pesquisadores aos estudos meramente lógicos/formalistas, produzem um lugar de contradição na demarcação e delimitação da Análise de Discurso no campo das ciências.

"A partir do momento em que comecei o mestrado na [...], apesar de ter tido uma formação bastante formalista, percebi na oportunidade que cursava uma cadeira ministrada pela professora [...] e

outra com a professora [...], que a AD se aproximava do que estava buscando. Pensei: 'pronto, agora achei o caminho para aquilo que procurava: relação da língua com a história".[41]

"Porque, mesmo tendo feito a graduação em Letras, sempre achei que as análises meramente linguísticas não davam conta de questões que me interessavam trabalhar."[42]

Percebemos, nas seguintes formulações concessivas, o funcionamento de um discurso transverso: *apesar de ter tido uma formação bastante formalista; mesmo tendo feito a graduação em Letras.* No primeiro recorte, o pesquisador está inscrito na filiação formalista quando conhece a Análise de Discurso. O discurso transverso dá sustentação ao sentido do dizer, porque é a partir dessa inscrição que o pesquisador coloca a Análise de Discurso como contraponto à filiação formalista. O dizer estabelece uma fronteira entre essas duas filiações que apresentam pressupostos distintos sobre a língua.

Na formulação seguinte ("*mesmo tendo feito a graduação em Letras"*), o discurso transverso sustenta um gesto de interpretação pelo qual a formação em Letras significaria um impedimento para o conhecimento da Análise de Discurso. O dizer não só estabelece fronteiras, entre uma graduação na área de Letras e os estudos em Análise de Discurso, como esta teoria é posta fora dos limites do campo das Letras. O sentido de exclusão da Análise de Discurso desse campo de conhecimento é fortemente significado aqui. O discurso transverso é sustentado por um pré-construído dos cursos de Letras, cuja materialidade vem marcar os sentidos de uma discursividade e uma historicidade que, por um processo de identificação e reconhecimento, estabelece uma relação entre Letras e determinadas linhas de estudos linguísticos. Sabe-se que, nas primeiras décadas do século XX, predominavam, nos cursos de Letras e Linguística, os estudos de gramática normativa, linguística descritiva (estruturalista) e cognitivista. É a partir da década de 60 que começam a surgir, no Brasil, os estudos enunciativos, discursivos e semióticos (Guimarães, 2002, 2004).

"*Mesmo tendo feito a graduação em Letras"* traz marcas da atualização de uma historicidade das teorias sobre a língua, funcionando a partir de formações imaginárias sedimentadas que orientam a direção do sentido nesse dizer, no caso, a associação que se constrói entre cursos de Letras e determinadas abordagens teóricas da

[41] Entrevista de CH, concedida em 27/09/2011.
[42] Entrevista de MA, concedida em 20/12/2011.

língua. A relação entre sentidos e história, no enunciado, marca a forma-material da língua (Orlandi, 1999a), imprimindo a exterioridade histórica de um embate teórico e institucional entre diferentes filiações, cuja remissão produz um efeito de sentido da Análise de Discurso como 'posta fora da área de Letras'.

Este sentido é percebido também nos gestos de interpretação dos pesquisadores nos quais há o equívoco, ao relatar como se deu seu interesse pela Análise de Discurso -, de que a teoria precisaria ser 'levada' à área da Linguística, contrária ao sentido de que ela 'pudesse já estar lá' ou tivesse sua origem dentro dos limites do campo da Linguística. Se o sentido leva à interpretação de que a Análise de Discurso precisa *ser trazida* para a Linguística, fica posto, consequentemente, que já há um campo historicamente delimitado dessa área, no qual não se incluiria, em um determinado tempo e espaço, a Análise de Discurso. A Linguística seria um território demarcado por teorias, cujo surgimento e desenvolvimento foram delineando-a teoricamente, inclusive, dando-lhe o *status* de Ciência da Linguagem (Ferreira, 2009). Portanto, a Análise de Discurso teria que ser introduzida (*lançada*) nessa área, já previamente demarcada.

> "Escolhi, porque sempre me interessei pela semântica e reconheci a possibilidade de trazer para a linguística, para a análise de textos e discurso, uma teoria fundamentada no sujeito e em suas relações (coerções) sociais, históricas e culturais. Essa perspectiva está tanto nos livros mais lidos no Brasil, caso de *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, como nos estudos filosóficos de Bakhtin e nas obras assinadas também por outros componentes do Círculo."[43]

> Minha escolha, na verdade, foi por um certo pensamento francês que, a partir do pensamento estruturalista, opunha-se ao modelo estrutural e lançava no interior da linguística um olhar que estendia o estudo da língua ao estudo da história e da ideologia." [44]

No recorte abaixo, *ir para além do linguístico* traz um deslizamento para o sentido de Linguística, analisado acima, pois não se trata da Linguística como área do conhecimento científico, e sim, *o linguístico* como objeto do conhecimento; *o linguístico* como substituto de língua; o *linguístico* como elemento de descrição. Note-se que esse dizer estabelece uma relação de sinonímia entre língua e linguístico, construída sobre o sentido de língua como sistema autônomo e abstrato, o que leva à

[43] Entrevista de SB, concedida em 31/01/2012.
[44] Entrevista de VO, concedida em 18/01/2012.

contraposição entre esses pressupostos e a Análise de Discurso. Portanto, o *ir para além do linguístico,* atribuído à teoria de Pêcheux, marca a predominância de determinadas áreas do conhecimento linguístico que se delimitam por estudos descritivos ou intra-textuais. É a partir da remissão a esse sentido, à memória desse lugar de retrospecção, que *ir para além do linguístico* é compreendido nesse dizer como relacionado à Análise de Discurso.

"É evidente a importância de Pêcheux, não só por ter participado do grupo que instituiu e sedimentou bases para a Análise do Discurso. Acredito que um texto bastante elucidador sobre o pesquisador é Michel Pêcheux e a Análise do Discurso de Eni Orlandi. Pêcheux trouxe uma grande contribuição aos estudos da linguagem, ao pensar a produção de sentido regulada no tempo e no espaço das práticas humanas. Com isso, pode-se ir para além do linguístico, ou seja, por meio da materialidade linguística que está posta, só é possível construir sentidos a partir de todas as conexões possíveis com o extralinguístico. Desta forma, ele marcou bem seu posicionamento sobre o discurso, como o efeito de sentido entre interlocutores, apontando a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua na história."[45]

Nos recortes abaixo, a Análise de Discurso é dita nos/pelos efeitos metafóricos, produzidos na relação de contraposição posta nas formulações. Percebe-se a produção dos efeitos de abertura, abrangência e pluralidade teórica e analítica direcionados à Análise de Discurso e de fechamento de campo para teorias distintas.

"Escolhi a AD, porque era a única em que eu via a possibilidade de pensar sobre o sujeito tradutor. O outro caminho seria pelos Estudos Literários – Literatura Comparada, mas, naquele momento, eu percebia um leque maior de possibilidades de pesquisa se eu seguisse pelo caminho da AD. Não tinha uma ideia muito clara sobre as diferentes correntes da AD, apenas identificava que havia uma perspectiva mais fechada nas articulações internas do texto e outra que fazia o link com o sujeito e a história. Optei por esta segunda, já que minha questão era com o sujeito."[46]

"Sempre me interessei pela questão do discurso. Iniciei trabalhando especialmente com análise temática (por volta de 1995). Esta, por sua vez, deixava lacunas nas possibilidades de avançar nas análises e interpretações de diferentes formas simbólicas. Com a AC ficava difícil trabalhar com uma concepção de poder ramificado, que funciona em redes (como diria Foucault). A AC dava conta da questão da ideologia (outra opção minha) até certo ponto, mas a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo; ela me serve para pensar os fenômenos de um modo mais completo. Além disso, como a questão do poder é uma preocupação central nas minhas pesquisas, comecei a buscar outras abordagens teóricas e metodológicas que pudessem dar conta dos meus objetos de estudo."[47]

Percebia um leque maior de **possibilidades** de pesquisa se eu seguisse pelo caminho da AD

X Esta, por sua vez, deixava lacunas nas **possibilidades** de avançar nas análises

[45] Entrevista de CP, concedida em 16/12/2011.
[46] Entrevista de ST, concedida em 08/09/2011.
[47] Entrevista de AO, concedida em 04/12/2011.

A AC **dava conta da questão da ideologia** (outra opção minha) **até certo ponto** **X** a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo. Ela me serve para **pensar os fenômenos de um modo mais completo**.

Identificava que havia uma perspectiva **mais fechada** nas articulações internas do texto **X** **fazia o link** com o sujeito e a história.

O sentido para a Análise de Discurso vai se compondo entre as formulações direcionadas à teoria (*'leque maior de possibilidades'*, *'um modo mais completo'*, *'fazia link com o sujeito e a história'*) e as atribuídas para outras teorias (*'deixava lacunas nas possibilidades'*, *'dava conta da questão da ideologia até certo ponto'* e *'uma perspectiva mais fechada nas articulações internas do texto'*). Pela formulação dos enunciados, é construída uma relação de contraposição entre *um leque maior de possibilidades* e *deixava lacunas nas possibilidades*. Há uma relação de sentidos que sustenta essa formulação opositiva marcada pelo pré-construído '*possibilidades'*, que funciona tanto na produção de um efeito positivo para a Análise de Discurso em *'leque maior de possibilidades',* como no efeito negativo para outras teorias em *'deixava lacunas nas possibilidades'*. É o efeito produzido também nas duas outras formulações: *A AC dava conta da questão da ideologia até certo ponto*, enquanto a Análise de Discurso *serve para pensar os fenômenos de um modo mais completo*, ou seja, a AC dava conta da ideologia, mas com limitações ("*até certo ponto*"); a Análise de Discurso possibilitava uma abordagem mais abrangente ("*um modo mais completo*"). Essas formulações sugerem sentidos circulantes (pré-construídos) para Análise de Discurso como campo que permite procedimentos analíticos diversos e interfaces teóricas mais frequentes do que se pode encontrar em outras áreas da Linguística. *Possibilidades, mais completo* e *fazia link* se associam entre si e, contraditoriamente, com *mais fechada, lacunas nas possibilidades* e *dava conta até certo ponto*, na produção de uma determinada direção de sentido para a concepção discursiva da Análise de Discurso.

Em relação às teorias linguísticas que trabalham o texto internamente, a Análise de Discurso é posta em um lugar de perspectiva mais aberta, já que a formulação coloca a Análise de Discurso do lado oposto a uma *perspectiva mais fechada*. Com isso, produz-se um efeito de limitação para outras teorias, enquanto a Análise de Discurso é dita como teoria aberta na qual as suas maiores possibilidades se executam na construção de uma relação do texto com o sujeito e a história. Portanto,

nesses recortes, o sentido para Análise de Discurso se faz numa composição contraditória de sentidos.

Nesses enunciados, a Análise de Discurso é dita também pelo/no simulacro (Maingueneau, 2005) que se constitui sobre as outras teorias linguísticas, ou seja, ela é dita na contraposição que se forma com as outras, constituída a partir de uma posição sujeito pesquisador instalada em seu próprio território. Nessa perspectiva, portanto, a Análise de Discurso se contrapõe a outras teorias, na medida em que os pesquisadores as significam como o Outro, a partir do ponto de vista da Análise de Discurso.

Ainda nessa mesma direção, nos enunciados a seguir, podemos ter a percepção dos estudos que antecederam ao surgimento da Análise de Discurso e de que maneira a teoria era investida de uma compreensão distinta sobre a língua em relação ao que era feito até então.

"Há uma multiplicidade de campos recoberta pela designação Análise do Discurso. Análise do Discurso Americana (Harris), Francesa – Pêcheux (AD ortodoxa), Maingueneau, Foucault; AD Bakhtiniana; anglo-saxã (AD crítica) – Fairclough e ainda os dissensos teóricos dentro de cada uma delas. As fronteiras e dissensos resultam de concepções diferenciadas, ou de sujeito, ou de ideologia ou mesmo do modo de conceber a relação do linguístico com o social. [...] O ponto de encontro das diferentes perspectivas é o deslocamento do olhar sobre a língua enquanto estrutura autônoma, para o olhar que prevê, essencialmente, as relações da língua com o social. Essa tomada resulta, essencialmente, em um ponto de ruptura com a perspectiva estruturalista."[48]

Minha escolha, na verdade, foi por um certo pensamento francês que, a partir do pensamento estruturalista, opunha-se ao modelo estrutural e lançava no interior da linguística um olhar que estendia o estudo da língua ao estudo da história e da ideologia."

Nos dois recortes há uma reiteração no sentido de mudança na abordagem da língua, mas com um certo deslizamento entre eles. No primeiro*, o deslocamento do olhar sobre a língua enquanto estrutura autônoma* produz um sentido de enfraquecimento dessa noção de língua pela mudança do ponto de vista pelo qual ela é observada. O lugar teórico, a partir do qual a língua era estudada, muda, sai do lugar. *Des-locar* marca um efeito metafórico de processo e movimento, remetido a determinadas teorias linguísticas que estariam sofrendo mudanças em seus pressupostos teóricos. No segundo, *um olhar que estendia o estudo da língua ao estudo da história e da ideologia,* tem-se a percepção de que o sentido faz referência a um campo de conhecimento multidisciplinar da língua. Enquanto, no primeiro, o olhar sobre a língua

[48] Entrevista de CH, concedida em 27/09/2011.

é que se desloca, ou seja, há mudanças no lugar teórico do qual parte a observação, mas a língua permanece como objeto desse olhar; no segundo, o que se desloca é a língua, enquanto objeto de um estudo que deveria estender seus limites e promover uma interface com a história e a ideologia. Pelo primeiro recorte, muda-se a compreensão sobre a língua. Pelo segundo, o dizer produz o sentido de que a língua como objeto é que sofre alteração ao estender seus domínios a outros campos do conhecimento, a abrir suas fronteiras a outras áreas da ciência. Os dois recortes vão indicar o espaço-tempo em que a Análise de Discurso surge, mas também com um deslizamento entre eles. Enquanto no primeiro recorte, o gesto de interpretação constitui uma relação da Análise de Discurso com o Estruturalismo pela ruptura entre as filiações *(um ponto de ruptura com a perspectiva estruturalista*), no segundo, há a percepção de que a Análise de Discurso parte do Estruturalismo, ou seja, carrega pressupostos estruturalistas, mas, ao mesmo tempo, o contrapõe, quando estende os estudos da língua para a história e a ideologia.

O sentido de língua como um divisor de águas na inscrição dos estudos em Análise de Discurso é bastante reiterado nos dizeres. Nos recortes abaixo, há a constituição de uma fronteira entre teorias linguísticas, que pensam a língua de maneira distinta, marcada por pré-construídos. Vejamos.

"Penso que uma resposta a esta pergunta nunca será totalmente satisfatória, já que se trata de uma questão de identificação com questões, procedimentos, leituras, que nem sempre passam por uma via tão consciente quanto a pergunta propõe. Resumidamente, penso que a AD com a qual trabalho me permite pensar a língua em sua materialidade, sem colocá-la em segundo plano ou como reflexo do pensamento, e é aí que encontro o ponto de atração da teoria com minhas questões mais gerais."[49]

"Fiz doutorado na área, na [...]. Escolhi a linha porque sempre me interessei pelas questões de linguagem, fora do escopo descritivo e por abordagens multidisciplinares."[50]

Nesses recortes, sentidos novos para a língua, como a materialidade e a abordagem multidisciplinar, atribuídos à Análise de Discurso, são produzidos na contradição, que a remissão a teorias linguísticas distintas aciona pelo trabalho da memória. A presença dessas teorias se faz por uma ausência que sustenta o sentido geral do dizer.

[49] Entrevista de BS, concedida em 22/11/2011.
[50] Entrevista de LM, concedida em 11/12/2011.

"[...] Sempre prestigiei a chamada linha francesa, com leituras iniciais da obra de Orlandi e Nagamine Brandão. Também Fiorin nos ajudou. Tentei no início a Linguística Textual e o Funcionalismo, apresentando autores como Benveniste e Ducrot. Só a partir de 2001 é que entrei em contato com a obra de Maingueneau (que vim a conhecer em 2008 por ocasião de um estágio pós-doutoral em [...], quando fiz um curso dele). Desde 2001, vimos abordando a obra de Bakhtin, Pêcheux e Foucault. Hoje também invisto em Charaudeau. Como você pode ver, privilegiamos no texto as noções de história, ideologia, sujeito assujeitado, o interdiscurso, a heterogeneidade discursiva etc."[51]

Aqui, nota-se um efeito de sentido para texto como o lugar onde se marcam as filiações do pesquisador, demarcando seu percurso intelectual e o de parte da instituição a que pertence, já que se coloca, ora como indivíduo, ora como membro de um grupo, pela alternância do eu e do nós que o dizer executa. No gesto de interpretação "*como você pode ver, privilegiamos no texto...*", há um efeito de conclusão que orienta a argumentação do dizer pelos aspectos e elementos do texto, elencados na voz do pesquisador, que são frequentemente estudados em suas perspectivas teóricas.

"À época, a Linguística do Texto estava se desenvolvendo no Brasil e as obras de Ingedore Koch, Marcuschi, entre outros, muito influenciaram as pesquisas que tratavam, sobretudo, dos problemas de estruturação (coesão e coerência). Nossas primeiras pesquisas tiveram essas teorias como diretriz. Com o passar dos anos, vimos que o texto deveria ser tratado como discurso, em várias situações, o que envolve considerar outros elementos extra-linguísticos, como os seres sociais que são os interagentes, sua função social, suas intenções e estratégias de interação. Passar da Linguística do Texto para a Análise do Discurso foi consequência também do Acordo que a [...] firmou com o CAD de Patrick Charaudeau e nós começamos a nos encontrar em simpósios, congressos internacionais, sempre tendo o apoio de Charaudeau em nossas pesquisas."[52]

Já este recorte não sugere o texto apenas como objeto da análise de determinados aspectos, mas o elemento de deslocamento da abordagem teórica de até então. Enquanto no primeiro recorte, história, ideologia, sujeito, tomam um sentido de elementos privilegiados em uma análise textual; no segundo, os elementos extra-linguísticos são considerados os pressupostos basilares para mudar a compreensão global de texto, da perspectiva da Linguística Textual para a do discurso, na perspectiva da Análise de Discurso. A formulação *'vimos que o texto deveria ser tratado como discurso'* marca a historicidade desse gesto de interpretação, imprimindo no dizer do pesquisador mudanças no percurso intelectual e institucional, reguladas em um tempo e espaço próprios.

[51] Entrevista de AS, concedida em 06/12/2011.
[52] Entrevista de PA, concedida em 18/12/2011.

Os dizeres analisados acima vão na direção de fazer ver a constituição de lugares teóricos nos quais a Análise de Discurso foi surgindo e se afirmando no espaço científico brasileiro. Ela nasce na diferença e na ruptura que se instalam em relação a distintos pressupostos teóricos sobre a língua, os procedimentos de análise linguística e os limites do campo da Linguística. No dizer abaixo, essa diferença toma um sentido de oposição e conflito. Em "e*m um momento já conflituoso no Brasil*", é delineado um espaço em que a divisão entre filiações já está posta, assim como o confronto entre elas. Esse sentido tensionado que o enunciado provoca instala uma temporalidade de confronto, em que se reconhece aí o sujeito-pesquisador, por meio da sua identificação com determinadas posições-sujeito-professor contraditórias que o constituem como tal. O gesto de interpretação do dizer sugere um confronto que se dá, não apenas pelo aspecto teórico, mas também no relacional entre determinadas posições-sujeito investidas de papéis institucionais.

"Diferentemente do que se possa pensar, não se tratava na ocasião de, em algum momento, 'escolher essa teoria'. A minha formação linguística deu-se em um momento já conflituoso no Brasil no qual de alguma forma se opunham os estudos de uma linguística descritiva aos estudos de uma linguística preocupada com a interpretação de texto, com as ideologias. Em uma formação paradoxal, fui aluna do Prof. Dr. [...] que se distanciava das preocupações de outros professores que me formaram, como Prof. Dr. [...], Prof. Dr. [;...], Prof. Dr. [...]. Minha escolha, na verdade, foi por um certo pensamento francês que, a partir do pensamento estruturalista, opunha-se ao modelo estrutural e lançava no interior da linguística um olhar que estendia o estudo da língua ao estudo da história e da ideologia."

No recorte abaixo, a configuração do espaço institucional que antecede o desenvolvimento dos estudos da Análise de Discurso se faz nas relações de força entre diferentes filiações teóricas linguísticas, cujo sentido de predominância de umas sobre as outras produz o efeito de confronto institucional e teórico no processo de estabelecimento da Análise de Discurso.

"[...] poucos dados tenho sobre as condições de produção de um saber discursivo na unidade. Apenas que foi um processo lento e trabalhoso visto que a perspectiva empírica, cognitivista e experimental era o forte nas perspectivas da unidade."[53]

Nos enunciados seguintes, os dizeres vão delineando pressupostos teóricos da Análise de Discurso ("*perspectiva social de uso da linguagem*", "*a linguagem como*

[53] Entrevista de RC, concedida em 13/11/2011.

atributo do sujeito social", "*a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente*") com a percepção de que eles pontuam os limites, as fronteiras, entre a Análise de Discurso e teorias outras. São gestos de interpretação com os quais os pesquisadores tentam demarcar o campo teórico da Análise de Discurso pela indicação do que lhe seria fundamental.

"A perspectiva social de uso da linguagem, com forte aparato político-ideológico, passível de ser analisado por meio de investigação textual-descritiva, precisa e sistemática" [...] "Uma pergunta ampla, mas que pode ser respondida sucintamente. A perspectiva teórica com a qual trabalho vê a linguagem como um atributo do sujeito social, por meio da qual esse sujeito constitui significados através de práticas sociais. Nesse conjunto de manifestações, essas práticas não são vistas como ações estanques, mas constituídas historicamente."[54]

"A AC dava conta da questão da ideologia (outra opção minha) até certo ponto, mas a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo; ela me serve para pensar os fenômenos de um modo mais completo."

A relação linguagem e história, que a Análise de Discurso estabeleceria, é fortemente significada nos recortes abaixo, nos quais tal relação é marcada pelo sentido de novidade, distinção e qualidade para a teoria que permitiria a linguagem se abrir para o que está fora dela.

"Creio que hoje em dia, ao contrário dos anos 70, o discurso é o objeto de investigação de todos. Dos funcionalistas, dos que estudam Pragmática, Sociolinguística, etc. Para mim, a diferença está no modo como a AD coloca o materialismo histórico e não simplesmente a história como uma exterioridade, que possibilita pensar os processos através dos quais os sujeitos se inscrevem na ordem do simbólico e produzem sentidos."[55]

"A escolha se deu em função de outras perspectivas de análise, por exemplo, por ser uma dimensão que melhor traduzia a questão histórica (social e política) da linguagem e por ser, naquela circunstância, uma dimensão de teor interdisciplinar mais transparente. Essa escolha, todavia, não anulou outros acadêmicos que continuei mantendo seja no campo da semântica, seja no campo da pragmática, como se pode verificar por texto que publiquei na época."[56]

"Sou graduada em Letras e fiz o mestrado em Antropologia. Como trabalhava com narrativas orais indígenas, comecei a sentir necessidade de uma teoria que desse conta de diferentes temporalidades, associada à história."[57]

Já nos recortes apresentados abaixo, a relação construída é entre linguagem e sujeito; produção de sentido e sujeito. Nos dizeres, fica constituída a relação

[54] Entrevista de SA, concedida em 17/11/2011.
[55] Entrevista de NZ, concedida em 24/09/2011.
[56] Entrevista de GM, concedida em 16/12/2011.
[57] Entrevista de NS, concedida em 28/10/2011.

linguagem e sujeito, na confluência da história e da sociedade. O sujeito e a língua, ditos nesses recortes, são atravessados pelo social e pela história.

"Escolhi, porque sempre me interessei pela semântica e reconheci a possibilidade de trazer para a linguística, para a análise de textos e discurso, uma teoria fundamentada no sujeito e em suas relações (coerções) sociais, históricas e culturais."

"É evidente a importância de Pêcheux, não só por ter participado do grupo que institui e sedimentou bases para a Análise do Discurso. Acredito que um texto bastante elucidador sobre o pesquisador é Michel Pêcheux e a Análise do Discurso de Eni Orlandi. Pêcheux trouxe uma grande contribuição aos estudos da linguagem, ao pensar a produção de sentido regulada no tempo e no espaço das práticas humanas. Com isso, pode-se ir para além do linguístico, ou seja, por meio da materialidade linguística que está posta, só é possível construir sentidos a partir de todas as conexões possíveis com o extralinguístico. Desta forma, ele marcou bem seu posicionamento sobre o discurso, como o efeito de sentido entre interlocutores, apontando a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua na história."

"Foi nessa disciplina de AD que comecei a entender o que fazia falta: a relação constitutiva da exterioridade: língua, sujeito e história. Os conceitos de *Condições de Produção* e de *Memória Discursiva* foram basilares nesse início de minha formação em AD e possibilitaram que eu tivesse a certeza de que era nesse terreno que eu deveria plantar minhas perguntas sobre língua e ensino – lugar inicial de minha formação como pesquisadora".[58]

"Não tinha uma ideia muito clara sobre as diferentes correntes da AD, apenas identificava que havia uma perspectiva mais fechada nas articulações internas do texto e outra que fazia o link com o sujeito e a história. Optei por esta segunda, já que minha questão era com o sujeito."

"À época, a Linguística do Texto estava se desenvolvendo no Brasil e as obras de Ingedore Koch, Marcuschi, entre outros, muito influenciaram as pesquisas que tratavam, sobretudo, dos problemas de estruturação (coesão e coerência). Nossas primeiras pesquisas tiveram essas teorias como diretriz. Com o passar dos anos, vimos que o texto deveria ser tratado como discurso, em várias situações, o que envolve considerar outros elementos extra-linguísticos, como os seres sociais que são os interagentes, sua função social, suas intenções e estratégias de interação."

Ainda que se percebam deslizamentos de sentidos entre os recortes abaixo, fica posta a relação, para a Análise de Discurso, entre língua(gem), sujeito e história.

A perspectiva social de uso da linguagem, com forte aparato político-ideológico.

A perspectiva teórica com a qual trabalho vê a linguagem como um atributo do sujeito social, por meio da qual esse sujeito constitui significados através de práticas sociais.

(...) mas a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo.

Há um deslizamento de sentidos no termo *social* nos recortes acima, ainda que todos reiterem a relação língua(gem), sujeito e social (histórico) no cerne da teoria da Análise de Discurso. O *social* em "*a perspectiva social de uso da linguagem"* produz um sentido de que, na perspectiva teórica da Análise de Discurso, a utilização da linguagem se faz por um viés social. O uso da linguagem não é individual, mas

[58] Entrevista de CF, concedida em 26/11/2011.

atravessado pelo social. Nem mesmo o uso da linguagem pode ser considerado como algo particular ou individual, porque o social determina esse uso pelo sujeito. O *social* em "*linguagem como um atributo do sujeito social*" desliza para o social como constitutivo do sujeito. Já não é exatamente a linguagem social, mas o sujeito social. A língua, o sujeito e a produção de sentidos acontecem no/pelo social. Finalmente, o *social* de "*a linguagem como um fato social"*, é sustentado pela relação de sentido que vê a linguagem como um acontecimento social, regulado no tempo e no espaço, e não fechada em si como estrutura autônoma e abstrata.

Os dizeres abaixo também vão produzindo sentidos outros na configuração de um horizonte de retrospecção para a Análise de Discurso, os quais não tratam exatamente de estudos linguísticos antecedentes, mas sentidos de outra ordem. A partir disso, constrói-se uma relação de sentidos de contiguidade entre Análise de Discurso e Política, sendo que alguns apresentam essa retrospecção a partir da perspectiva marxista de concepção da sociedade.

"Pela mesma motivação que levou os fundadores da AD na França (Pêcheux e Cia) a trabalhar com a AD: tentar usar uma metodologia científica para desvendar os aspectos negativos escondidos nos discursos da opressão. Quanto à linha teórica (Teoria Semiolinguística, criada por Patrick Charaudeau), embora ela se afaste dos estudos de AD de Pêcheux, em certos pontos, em outros se encontra com os do fundador da AD na França, sem dúvida. Pelo menos em minha visão e concepção de trabalhar a Teoria Semiolinguística."[59]

"Por mais que tentemos nos aproximar de Foucault, nós, profissionais das Ciências Sociais, somos atraídos pela releitura que Pêcheux faz do marxismo e a possibilidade que ele cria de analisarmos a política pelo discurso, as formações ideológicas nele presentes e o embate político-ideológico que se percebe no processo discursivo. [...] Na verdade, a AD me tornou mais atenta para a produção dos sentidos, os efeitos ideológicos presentes nas discursividades e as diferentes formas de silêncio, algo também muito importante para a análise do discurso político."[60]

"Quando terminei o mestrado em 1994, percebi que a Linguística havia me dado um conhecimento de um mundo mais complexo do que o que conhecia até então. Revisei minhas leituras marxistas, até então, predominantemente, lukacsianas. Percebi que havia outras questões que precisavam ser compreendidas no movimento da sociedade capitalista, o que não se dava a perceber imediatamente, aquilo que constitui a essência da história das lutas de classe a que se referia Marx, não se explicaria apenas pelo poder de uma classe sobre a outra. Pêcheux e seus colegas dos estudos althusserianos procuravam o lado obscuro da realidade capitalista através do discurso. Eu fui atrás, como assistente social; eu também quis analisar o discurso das relações sociais dessa forma de sociedade"[61]

Fica marcada, nesses recortes, uma configuração da sociedade na perspectiva da filosofia marxista, que a concebe dividida em classes, cujo motor é a luta

[59] Entrevista de CI, concedida em 04/12/2011.
[60] Entrevista de CC, concedida em 16/11/2011.
[61] Entrevista de RV, concedida em 24/10/2011.

entre elas pelo poder constituído; dito de outra forma, uma sociedade classista, na qual há dominadores e dominados, opressores e oprimidos (*discursos da opressão; lado obscuro da realidade capitalista).* É este pano de fundo que sustenta a relação da Análise de Discurso com uma determinada posição política, também marcada nesses dizeres. O papel da Análise de Discurso seria o de fornecer um caminho, uma *metodologia científica*, uma *possibilidade* de trazer o que está escondido, pelas classes dominantes, para fora ("*desvendar os aspectos negativos escondidos nos discursos da opressão"*; "*as diferentes formas de silêncio"*; e "*procuravam o lado obscuro da realidade capitalista").* É forte, pois, a relação construída entre a Análise de Discurso e essa sociedade compreendida como dividida em classes.

Se percebemos que a filosofia marxista é posta, nesses recortes, como um horizonte de retrospecção da Análise de Discurso, o sujeito que se inscreve aqui constitui-se como posição de uma determinada formação ideológica entre outras. O gesto de interpretação, inscrito nessa formação ideológica, faz a remissão à relação Análise de Discurso e política ou Análise de Discurso e engajamento político, configurando determinado sujeito analista de discurso como um teórico-militante.

"Minhas escolhas teóricas sempre estiveram relacionadas com meus valores éticos, fui militante. Ainda continuo sendo, mas em outras esferas, que não a partidária."[62]

"A análise do discurso, particularmente, a ACD, oferecia a possibilidade de uma abordagem mais engajada a certos temas que têm implicações sociais claras."[63]

"O meu primeiro contato com a Análise de Discurso foi fora da universidade, quando estava no segundo grau, bem no final dos anos 1980, em uma cidade do interior de Minas, bem pequena (tipo 20 mil habitantes) e rural (venho de uma família de fazendeiros, logo, proprietários de terras) e a questão da reforma agrária me chamava muito a atenção, pois achava injusta a desigualdade. Então, tive acesso a cartilhas da Pastoral da Terra[64]pró-reforma agrária e elas eram muito engajadas, falavam de ideologia, mais-valia, da relação palavra/poder. Fiquei fascinada e pensei que eu queria saber aquilo, que gostaria de estudar aquilo. Na faculdade, a semântica era esta via de acesso e, posteriormente, a Análise de Discurso."[65]

[62] Entrevista de NZ, concedida em 24/09/2011.
[63] Entrevista de BO, concedida em 15/11/2011.
[64] Grupo com vínculos com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), articulado com as demais pastorais e organismos sociais ligados à CNBB. Sua vinculação direta se dá com a Comissão para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. A CPT tem como objetivo o trabalho de base junto aos povos da terra, por meio da convivência, promoção, apoio e assessoria, principalmente, nos assuntos referentes à conquista dos direitos e da terra, produção sustentável, espiritualidade e na divulgação das vitorias no combate às injustiças. Cf. http://www.cptnacional.org.br

[65] Entrevista de MN, concedida em 16/12/2011.

"Sempre fui um militante estudantil, sempre quis me dedicar a um campo de conhecimento em que pudesse aliar minha prática política à minha prática acadêmica. A Análise do Discurso Francesa de Pensamento Pecheutiano sempre me pareceu reunir elementos teórico-metodológico-filosóficos que me permitissem esse intento político-acadêmico. Me considero um entusiasta do pensamento pecheutiano."[66]

"(...) porque, mesmo tendo feito a graduação em Letras, sempre achei que as análises meramente linguísticas não davam conta de questões que me interessavam trabalhar. Porque sempre me autodenominei de esquerda e, nesse sentido, acredito que só a perspectiva do materialismo histórico-dialético daria conta de trabalhar a linguagem como materialização da ideologia."[67]

"Meu interesse inicial era trabalhar com leitura no mestrado em educação. Na pesquisa bibliográfica, conheci o livro *Discurso e leitura* de Eni Orlandi. Como já tinha um conhecimento do materialismo histórico obtido na militância estudantil universitária, uma formação em linguística e ensino obtida em uma especialização, além de ter estudado um pouco de filosofia da linguagem em um grupo de estudos, vi na Análise de Discurso uma perspectiva que reunia, numa só disciplina, todos os meus interesses. Mas, no mestrado, ainda trabalhava com algo que se aproximava mais da linha de Orlandi. Depois, fui me distanciando e, quando entrei no doutorado e conheci os trabalhos de Dominique Maingueneau, eu mudei".[68]

"Para mim, fazer a Análise de Discurso significa engajar-se em alguma causa social, é assim que ela nasce na França dos anos 60 e é assim que vem funcionar na América Latina... Ninguém conhece a Análise de Discurso e passa impunemente por ela..."[69]

O efeito metafórico produzido entre Análise de Discurso e militância política fica marcado no discurso transverso da formulação *fui militante* em "*Minhas escolhas teóricas sempre estiveram relacionadas com meus valores éticos, fui militante"*. O implícito entre o sentido da primeira oração e o da segunda marca profundamente a exterioridade impressa nesse enunciado. Por uma abordagem lógica não seria evidente relacionar as escolhas teóricas e os valores éticos com o fato do pesquisador se posicionar como militante. Só é possível o sentido de *militante*, sustentado pelo funcionamento desse discurso transverso, que materializa, no enunciado, a discursividade da Análise de Discurso como teoria e forma de participação política de esquerda. Ao se subjetivar, o sujeito pratica o político no seu dizer; dito de outra forma, ele organiza o social e ocupa uma determinada posição nesta configuração. *Fui militante* estabelece um lugar social para este pesquisador, como intelectual militante. Por isso o efeito de causa e consequência entre "*Minhas escolhas teóricas sempre estiveram relacionadas com meus valores éticos"* e "*fui militante"*, sugerindo uma injunção (na ordem da coerência) para o fato de o pesquisador ser um teórico da Análise

[66] Entrevista de SS, concedida em 11/11/2011.
[67] Entrevista de MA, concedida em 20/12/2011.
[68] Entrevista de NT, concedida em 17/11/2011.
[69] Entrevista de VL, concedida em 17/09/2011.

de Discurso. Esse efeito de sentido, que relaciona Análise de Discurso à política, não apenas na reflexão teórica, mas na ação política, também se percebe nos recortes em que o gesto de interpretação do dizer temporaliza o acontecimento da militância estudantil, a atividade intelectual acadêmica do pesquisador, o surgimento da teoria na França nos anos 60 e sua vinda à *América Latina* - nome vinculado a uma memória que carrega sentidos de revolução política e social, engajamento e configurações nacionais organizadas por uma oposição acirrada entre governos e partidos de direita e de esquerda, regulados por um determinado processo histórico contemporâneo. Essa temporalidade produz o efeito de que o sujeito pesquisador, investido de uma determinada formação ideológica, reconhece a inscrição da teoria nessa mesma rede de filiações: "*Sempre fui um militante estudantil sempre quis me dedicar a um campo de conhecimento em que pudesse aliar minha prática política à minha prática acadêmica; Como já tinha um conhecimento do materialismo histórico obtido na militância estudantil universitária, [...] vi na Análise de Discurso uma perspectiva que reunia, numa só disciplina, todos os meus interesses"; "Então, tive acesso a cartilhas da Pastoral da Terra pró-reforma agrária e elas eram muito engajadas, falavam de ideologia, mais-valia, da relação palavra/poder. Fiquei fascinada e pensei que eu queria saber aquilo, que gostaria de estudar aquilo. Na faculdade, a semântica era esta via de acesso e, posteriormente, a Análise de Discurso"* e "*fazer a Análise de Discurso significa engajar-se em alguma causa social, é assim que ela nasce na França dos anos 60 e é assim que vem funcionar na América Latina*".

A Análise de Discurso também é configurada na formulação *abordagem mais engajada* como uma teoria que propiciaria uma abordagem da realidade mais comprometida, mais envolvida ou mais inserida nos movimentos sociais. Se ela é dita por *uma abordagem mais engajada*, então, pontuam-se, assim, outras abordagens menos engajadas, o que é reiterado no recorte "*(...) porque, mesmo tendo feito a graduação em Letras, sempre achei que as análises meramente linguísticas não davam conta de questões que me interessavam trabalhar"*. Como já foi analisada anteriormente, uma distinção entre a Análise de Discurso e outras teorias linguísticas, nos recortes efetuados, parece ser a relação entre linguagem e sociedade. A inscrição na Análise de Discurso sustenta e é sustentada pelo investimento político dessa 'opção', que constitui esse sujeito analista de discurso como tal: "*Porque sempre me*

autodenominei de esquerda e, nesse sentido, acredito que só a perspectiva do materialismo histórico-dialético daria conta de trabalhar a linguagem como materialização da ideologia". Fica a percepção de que o dizer constitui o sujeito a partir de sua inscrição numa rede de filiações que reiteram o sentido relacional da Análise de Discurso com a política, ou como teoria que propicia a participação política e a participação política de esquerda.

Finalmente, a compreensão da relação que a Análise de Discurso propõe entre língua(gem), sujeito e história vai compondo os sentidos para delimitação do seu campo de conhecimento, bem como produzindo efeitos de sujeito e de sentido nas interfaces que se vão estabelecendo entre esta área e outras das Ciências Sociais.

"Por mais que tentemos nos aproximar de Foucault, nós, profissionais das Ciências Sociais, somos atraídos pela releitura que Pêcheux faz do marxismo e a possibilidade que ele cria de analisarmos a política pelo discurso, as formações ideológicas nele presentes e o embate político-ideológico que se percebe no processo discursivo. Pela via de Pêcheux, por exemplo, posso me aproximar de Poulantzas, também marxista (participava igualmente do grupo de Althusser) que analisa o Estado, as classes, o poder e o partido político. O grande desafio que a AD nos coloca é a necessidade de romper a grade estrutural que nas primeiras fases do trabalho de Pêcheux era muito forte. É muito difícil para uma cientista social afirmar que é analista de discurso. Na verdade, a AD me tornou mais atenta para a produção dos sentidos, os efeitos ideológicos presentes nas discursividades e as diferentes formas de silêncio, algo também muito importante para a análise do discurso político. Quando meus orientandos reagem ou resistem ao estrutural marxismo, ao qual Pêcheux se vincula, temos trabalhado com Bakhtin que possibilita também uma interessante análise do signo linguístico como ideologia e uma interessante entrada na dialogia que, via de regra, marca o discurso político."[70]

"Sim, considero que a produção em AD no país seja bastante significativa. Penso apenas que, do ponto de vista qualitativo, falta um pouco a esse profissional de AD assumir plenamente sua função de 'cientista social', que fará uma leitura de seu entorno pelo viés das práticas linguageiras ali praticadas. Muito do que vejo sendo produzido em AD são, a meu ver, 'exercícios de aplicação de um quadro teórico a um dado *corpus'*, o que não coincide com o que esperaria encontrar."[71]

Destacamos os seguintes recortes:

É muito difícil para uma cientista social afirmar que é analista de discurso.

(...) falta um pouco a esse profissional de AD assumir plenamente sua função de 'cientista social'.

Nos dois recortes acima, é posta uma interface entre a Análise de Discurso e as Ciências Sociais. O que sustenta e permite a relação de sentidos construída entre analista de discurso e cientista social nesses dois recortes? Em um primeiro gesto de leitura, percebe-se que as duas formulações estão baseadas em pré-construídos para

[70] Entrevista de CC, concedida em 16/11/2011.
[71] Entrevista de OL, concedida em 22/11/2011.

cientista social e analista de discurso. Os diferentes campos de conhecimento e atuação estão aqui relacionados por formações imaginárias (Pêcheux, 2001) e simulacros que vão compondo os seus sentidos.

No primeiro recorte, tem-se a percepção de que predomina, para analista de discurso, o sentido de que se trata de um teórico que trabalha com análises linguísticas, em uma concepção de língua na perspectiva descritiva e intra-linguística, o que constituiria uma relação, um tanto quanto inviável com as Ciências Sociais. Talvez por isso a remetência do dizer à resistência ao Estruturalismo e a uma aproximação com a filosofia de Bakhtin. Supõe-se que o que dividiria os territórios das Ciências Sociais e da Análise de Discurso seria uma determinada concepção de língua e, consequentemente, do campo de atuação do analista de discurso que entraria em conflito com o do cientista social, que, em uma substituição parafrástica, poderia ser compreendido como 'aquele que conhece o social', ou seja, o contexto, o derredor; enquanto o analista de discurso 'conhece a língua (o texto), debruça-se sobre a língua'.

Isso é retomado na formulação *profissional de AD*, que sugere um sentido de tecnicista para analista de discurso, ou um usuário da Análise de Discurso, reforçando o sentido anterior de um sujeito que pratica, aplica exercícios de análise linguística. Mas, aqui, não se produz um sentido de conflito com as Ciências Sociais; pelo contrário, o pré-construído para cientista social funciona na produção de um efeito de sentido para a configuração de um sujeito analista de discurso 'mais completo'. Há um deslocamento da posição sujeito cientista social, que demarcaria seu território em relação ao analista de discurso, para o sentido de função e/ou papel de cientista social, agora, constituinte do sentido de analista de discurso.

Enquanto um dizer é dito a partir da posição sujeito cientista social que evita dizer-se analista de discurso; o outro vai ser dito a partir da posição analista de discurso que se quer compreender como um cientista social. Note-se, nesse jogo de sentidos, a heterogeneidade mostrada da não-coincidência entre as palavras e as coisas na voz de cada qual dos pesquisadores.

Contudo, o que permanece no cruzamento de sentidos entre analista de discurso e cientista social é uma determinada concepção de língua, de procedimentos

analíticos e de campo de atuação do analista de discurso, que instaura sentidos vários na configuração da Análise de Discurso, de sua prática e das interfaces que ela estabelece com outras áreas do conhecimento. Tanto na voz do cientista social quanto na do analista de discurso, o que produz um efeito de sentido negativo nas interfaces da Análise de Discurso com outras áreas ou mesmo entre seus desdobramentos, nesses recortes, é a sua compreensão como teoria de análise intralinguística, a partir da perspectiva da língua como sistema autônomo e abstrato, ou de simples aplicação de procedimentos analíticos sobre um *corpus*.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL: SENTIDOS DO SEU SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO NO PAÍS

Neste capítulo, os dizeres vão compondo sentidos para a compreensão de horizontes de retrospecção que sustentam os processos históricos de surgimento, desenvolvimento e estabelecimento de um lugar teórico-institucional para a Análise de Discurso no espaço dos estudos linguísticos do país. Há um percurso entre sentidos de resistência à Análise de Discurso e o seu reconhecimento institucional, ainda que esses processos continuem se imbricando permanentemente. Nessa direção, há a produção de efeitos de prospecção, um olhar para frente, no qual as especificidades da teoria no Brasil comparecem nos dizeres.

No processo de institucionalização da Análise de Discurso no país se nota, pelos recortes analisados, a marca da contradição, na medida em que a teoria percorre espaços de circulação de sentidos, antes mesmo de ser nomeada como tal. A contradição também é marcada nos enunciados que dão visibilidade a um processo de desterritorialização da Análise de Discurso, filiada a Pêcheux, no Brasil. Ela é a Análise de Discurso pechetiana, mas é também a Análise de Discurso reconfigurada no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores.

"[...] Ainda não havia nenhum componente em AD. Eu fazia um percurso até chegar na AD. Neste semestre, ministro uma disciplina que se chama Tópicos em teorias em AD."[72]

"Na [...], a Análise de Discurso foi introduzida por Eni Orlandi, linha de trabalho com a qual trabalho. Não foi sem resistências que Eni Orlandi construiu condições de institucionalização da Análise de Discurso como uma disciplina, como uma disciplina da Linguística, como uma área de conhecimento brasileira financiável pelos organismos públicos de fomento à pesquisa. Quando eu iniciei meu trajeto na pesquisa, já em AD, esse processo estava institucionalizado".[73]

"Em meu ponto de vista, a AD aparece muitas vezes nas instituições com 'outros nomes' e, por isso, é relevante considerar, nesse caso, a questão da disciplinarização de uma maneira mais fina. De minha parte, poderia dizer que a AD nomeadamente vai aparecer muito recentemente na (...), e vinculada a nomes de professores-pesquisadores, como [...] De maneira mais pontual e pessoal e considerando uma 'não-nomeação' (isto é, o fato de que a AD se faz presente de outras formas, com obras, artigos, revistas,

[72] Entrevista de CH, concedida em 27/09/2011.
[73] Entrevista de CF, concedida em 26/11/2011.

autores predecessores, eventos, ementas, programas de disciplinas etc), eu diria que a AD aparece na [...] desde a década de 80 e, mais precisamente, na década de 90".[74]

"Pelo que sei, a Unicamp foi pioneira no Brasil a instituir uma cadeira de Análise de Discurso, isto é, a abordagem tornou-se uma disciplina curricular nessa instituição."[75]

Os gestos de interpretação, nesses dizeres, vão produzindo sentidos de contraponto entre um surgimento acontecimental da Análise de Discurso nas instituições e uma institucionalização dessa sua presença. É bastante forte o sentido de que diferentes acontecimentos criam temporalidades distintas para o surgimento da teoria - por meio de estudos, pesquisas e publicações, e para o seu estabelecimento - por meio da inclusão formal de disciplinas ou linhas de pesquisa nomeadamente como Análise de Discurso nos cursos de graduação e pós-graduação. O processo histórico de institucionalização da Análise de Discurso é marcado pela contradição no recorte "*Ainda não havia nenhum componente em AD. Eu fazia um percurso até chegar na AD*", reiterado no "*a AD aparece muitas vezes nas instituições com 'outros nomes'"* e *"a AD nomeadamente vai aparecer muito recentemente na [...]*, pois o gesto de interpretação dos pesquisadores divide o processo histórico de estabelecimento da Análise de Discurso em suas instituições em dois momentos: um que se refere às atividades do cotidiano dos professores e pesquisadores em relação ao conhecimento (acesso a obras, pesquisas) e transmissão (ensino) da teoria; e outro que acontece, posteriormente, no processo de oficialização da teoria na instituição, no que cabem todos os procedimentos burocráticos exigidos para tal: inclusão da disciplina no currículo do curso, nomeação de departamento, organização de colegiado de professores, contratação de docentes, distribuição de aulas, indicação de espaço físico destinado a esse departamento e outras medidas.

Entre um e outro processos, o sentido de resistência e mesmo de impedimento para uma institucionalização dos estudos discursivos que já ocorriam nos cursos é fortemente significado nos dizeres "*Eu fazia um percurso até chegar na AD"* (há um efeito de sentido de que para chegar à Análise de Discurso era preciso percorrer os caminhos disponibilizados pela instituição, ou seja, trabalhar pelas brechas encontradas nas disciplinas existentes, com suas ementas, conteúdos programáticos e bibliografias correspondentes. A AD não podia ser objeto claro da disciplina, mas seria

[74] Entrevista de AV, concedida em 28/12/2011.
[75] Entrevista de TG, concedida em 23/11/2011.

aceitável, se considerada no interior de disciplinas já existentes) e *"Não foi sem resistências que Eni Orlandi construiu condições de institucionalização da Análise de Discurso como uma disciplina, como uma disciplina da Linguística, como uma área de conhecimento brasileira financiável pelos organismos públicos de fomento à pesquisa"* (o gesto de interpretação do pesquisador produz o efeito de que o processo histórico de institucionalização da teoria naquela universidade passou por várias etapas até o reconhecimento da teoria pelos órgãos governamentais de apoio à pesquisa. A textualidade do dizer traz marcas de uma exterioridade em que o político e o científico se revezam no exercício do poder de permitir (ou não?) a instituição de áreas do conhecimento. O dizer também produz uma distinção entre a Análise de Discurso como disciplina e a Análise de Discurso como disciplina da Linguística, o que sugere talvez um embate, nesse processo histórico, para que a disciplina fosse inserida na área da Linguística, o que faz remissão, novamente, a um confronto entre Análise de Discurso e outros estudos linguísticos).

Vale a pena considerar as marcas dessa historicidade no recorte abaixo. Podemos perceber como a Análise de Discurso vai-se configurando em diferentes momentos. No jogo de sentidos, a não-coincidência da palavra Análise de Discurso consigo mesma, porque afetada por '*outros nomes'*, '*não-nomeação*' e '*nomeadamente*', marca a historicidade no enunciado:

> (...) a AD aparece muitas vezes nas instituições com 'outros nomes'.
>
> (...) considerando uma 'não-nomeação' (isto é, o fato de que a AD se faz presente de outras formas, com obras, artigos, revistas, autores predecessores, eventos, ementas, programas de disciplinas etc), eu diria que a AD aparece na [...] desde a década de 80.
>
> (...) a AD nomeadamente vai aparecer muito recentemente na [...].

O deslizamento produzido neste dizer traça um percurso de sentidos para o processo de estabelecimento da Análise de Discurso na instituição. Há três temporalidades instituídas: na primeira, a Análise de Discurso é ensinada na instituição, mas não designada como tal, o que sugere, talvez, um período inicial, em que a teoria ainda era incipiente, desconhecida, e cujos pressupostos teóricos estavam sendo conhecidos paulatina e lentamente pelos pesquisadores. Por outro lado, a presença das aspas em "*outros nomes*", também sugere que, em determinado tempo-espaço, a teoria estava presente na instituição, mas, por sofrer resistências, não podia ser devidamente

nomeada, o que forçava a introdução de seus pressupostos de maneira velada e em disciplinas já ministradas. Há uma mudança na configuração institucional da teoria, quando, em um segundo momento, sua presença parece mais assídua em trabalhos acadêmicos, eventos, disponibilização de obras, porém, ainda em espaços não-nomeados, provisórios, 'emprestados'; dito de outra forma, a teoria estaria forçando um rearranjo, uma reorganização da instituição, para abrir-lhe um espaço. Uma terceira temporalidade é a da Análise de Discurso designada como tal, produzindo o efeito de estabelecimento de um lugar teórico institucional próprio.

Esses dizeres trazem marcas das etapas do processo de reconhecimento institucional da Análise de Discurso no interior de uma historicidade, das quais podemos ter uma percepção ainda melhor no quadro abaixo, em que distinguimos temporalidades diferentes nos dizeres:

Sentidos de um não-lugar institucional da Análise de Discurso	**Sentidos de um lugar institucionalizado da Análise de Discurso**
Ainda não havia nenhum componente em AD. Eu fazia um percurso até chegar na AD	*Neste semestre, ministro uma disciplina que se chama Tópicos em teorias em AD.*
Não foi sem resistências que Eni Orlandi construiu condições de institucionalização da Análise de Discurso como uma disciplina, como uma disciplina da Linguística, como uma área de conhecimento brasileira financiável pelos organismos públicos de fomento à pesquisa.	*Quando eu iniciei meu trajeto na pesquisa, já em AD, esse processo estava institucionalizado.*
Em meu ponto de vista, a AD aparece muitas vezes nas instituições com 'outros nomes'. *[...] De maneira mais pontual e pessoal e considerando uma 'não-nomeação' (isto é, o fato de que a AD se faz presente de outras formas, com obras, artigos, revistas, autores predecessores, eventos, ementas, programas de disciplinas etc), eu diria que a AD aparece na [...] desde a década de 80.*	*a AD nomeadamente vai aparecer muito recentemente na [...].*
a <u>abordagem</u> tornou-se uma disciplina curricular nessa instituição.	*a abordagem tornou-se uma <u>disciplina curricular</u> nessa instituição.*

Pela leitura das colunas desse quadro, percebemos sentidos de movimento, mudança, alteração na configuração da teoria no interior das instituições (espaço) e no seu processo histórico (tempo). Na leitura das linhas à esquerda, percebemos sentidos reiterados de silenciamento, ostracismo, informalidade e um não-lugar institucional da Análise de Discurso. Na leitura das linhas à direita, fica significado fortemente o sentido da Análise de Discurso como área do conhecimento científico de reconhecimento institucional.

O estabelecimento da Análise de Discurso no Brasil como área de conhecimento científico é um processo, que envolve aspectos institucionais, como a inclusão e regulamentação da área em instituições de ensino, órgãos governamentais, institutos de fomento à pesquisa e outros; e de ordem epistemológica, que dizem respeito às configurações de suas fronteiras teóricas, aos limites de sua área de conhecimento e às (re)definições de seus pressupostos teóricos.

Nos dizeres abaixo, os quais se referem à Análise de Discurso fundada por Pêcheux, fica bem marcado o sentido de que, no Brasil, ela traçou um percurso teórico próprio, a partir do trabalho de determinados pesquisadores.

"Não vou falar de opinião, pois opinião é um lugar subjetivo e gerador de polêmicas. Pode ser na minha e não na de outro. Por isso, vou falar que, independente de opiniões de A ou B, o certo é que o próprio nome Análise de Discurso já indica um lugar de filiação teórica e quem usa essa denominação indica de que lugar estamos falando. Esse lugar teórico aponta a Escola Francesa de Analise de Discurso, iniciada por Pêcheux e seu grupo, nos anos 60 do século XX, e depois reconfigurada por seus seguidores, tanto na França quanto no Brasil (bem como em outros países), a exemplo de Eni Orlandi, responsável pela introdução da disciplina nos cursos de graduação e de pós-graduação do IEL/Unicamp e, posteriormente, de outras instituições do país. Na Análise de Discurso, entre outros conceitos, discurso não é fala, não é texto, etc. Discurso é um efeito de sentido entre lugares de uma determinada estrutura social; o sujeito é um efeito, é uma posição de sujeito ou posição sujeito, logo não importa o sujeito pragmático."[76]

"Comecei a estudar a AD na pós-graduação, em 2004, na [...]. É a linha teórica em que me situo, mais precisamente, posso dizer que me filio à AD fundada por Pêcheux e colaboradores, na França, e desenvolvida amplamente no Brasil por Eni Orlandi e, a partir dela, por uma série de pesquisadores, entre eles, Amanda Scherer, no sul do Brasil. É fundamental dizer que a AD de herança pecheutiana, desenvolvida no Brasil a partir de Orlandi, tem um caminho próprio, atestado por uma reconhecida produção intelectual. Não se trata de uma transposição teórica ou mera 'aplicação' de uma disciplina concebida em outro continente."[77]

[76] Entrevista de FC, concedida em 20/11/2011.
[77] Entrevista de AV, concedida em 28/12/2011.

"Sim, venho trabalhando desde 1988 na AD de linha francesa (pecheuxteana), (des)territorializada no Brasil em diferentes campos pelos pesquisadores e grupos formados por Eni Orlandi (Unicamp)."[78]

"Sim. Tenho trabalhado na linha pecheutiana e reconfigurada no Brasil. Quem trabalha com análise de discurso, trabalha nessa linha, pois análise de discurso já marca esse lugar. As demais filiações estão relacionadas à denominada análise do discurso de forma geral."[79]

"A AD brasileira, que encontra, na figura de Michel Pêcheux, um predecessor, se desenvolve ampla e diferentemente de como essa 'disciplina' se perpetuou na França, encontrando aporte humano, intelectual e esforço de disciplinarização e de 'leitura' (e não transposição ou aplicação) do legado pecheutiano na pessoa de Eni Orlandi e em uma série de jovens pesquisadores que surgem em torno dela. Essa perspectiva vai ao encontro das problemáticas linguísticas, discursivas e teóricas do cenário brasileiro (não é uma teoria francesa dos anos de ouro – maio de 68 – aplicada aqui). Por outro lado, sabemos que a herança de Pêcheux é adotada por distintos grupos no Brasil, que estabelecem diferentes relações teóricas e outras leituras e desenvolvimentos."[80]

Nesses recortes, há um deslocamento de sentido sobre a Análise de Discurso pechetiana. Em todos, ela é apontada como teoria francesa, com filiação em Pêcheux, o que, porém, é deslocado para a instauração de um sentido novo que sugere uma especificidade para a teoria. As formulações criam um laço estreito de sentido entre a teoria que "*surge na França com Pêcheux"* e a teoria "*reconfigurada no Brasil com Eni Orlandi e outros"*. Há uma relação de força e de sentido que provoca um deslocamento do olhar sobre a Análise de Discurso, dirigindo o sentido na composição de uma Análise de Discurso que vai sendo reconfigurada no Brasil. Note-se que, nesses dizeres, há um efeito de afirmação da teoria, surgida na França, mas dita brasileira.

A passagem de:

1. *Escola Francesa de Análise de Discurso, iniciada por Pêcheux e seu grupo;*
2. *AD, fundada por Pêcheux e colaboradores, na França;*
3. *tenho trabalhado na linha pecheutiana;*
4. *a AD brasileira, que encontra, na figura de Michel Pêcheux, um predecessor*

Para:

1. *Depois reconfigurada por seus seguidores;*
2. *tem um caminho próprio, atestado por uma reconhecida produção intelectual;*
3. *reconfigurada no Brasil;*

[78] Entrevista de TC, concedida em 18/01/2012.
[79] Entrevista de FC, concedida em 20/11/2011.
[80] Entrevista de AV, concedida em 28/12/2011.

4. *se desenvolve ampla e diferentemente de como essa 'disciplina' se perpetuou na França [...] na pessoa de Eni Orlandi e em uma série de jovens pesquisadores que surgem em torno dela*

atesta uma regularidade de comparação, nos recortes, entre a história da Análise de Discurso no país e na França, que materializa uma diferença entre o que sucedeu à teoria na França e no Brasil. Tem-se a percepção de um caminho percorrido entre a teoria nascida na França e aportada no Brasil. Tais recortes imprimem um sentido de afirmação da teoria como algo que se fez por aqui.

Em "*Sim, venho trabalhando desde 1988 na AD de linha francesa (pecheuxteana), (des)territorializada no Brasil em diferentes campos pelos pesquisadores e grupos formados por Eni Orlandi (Unicamp)",* o sentido de uma teoria surgida na França e que sofre alterações ao vir para o Brasil se condensa em um sentido novo para a Análise de Discurso: ela é *(des)territorializada*. O trabalho da memória impinge um sentido para a Análise de Discurso, pelo qual ser (*des)territorializada* é parte já da compreensão que se faz da teoria. O enunciado produz um sentido forte de imbricação entre a Análise de Discurso de linha francesa e a Análise de Discurso territorializada no Brasil, de forma que a formulação construída produz um efeito metafórico no qual a Análise de Discurso é dita pela sua (des)territorialização. O significante marca esse processo histórico e teórico profundo, que resulta em uma teoria singular. Ela deixaria, por um momento, de ser uma teoria 'estrangeira' para ser compreendida como uma teoria que se desenvolve, por um caminho próprio, no Brasil.

Há, portanto, um certo deslizamento de sentido nas formulações acima, na medida em que, nos quatro primeiros recortes, os pesquisadores traçam uma divisão, cujos efeitos de tempo e de espaço se fazem presentes entre a Análise de Discurso, fundada na França por Pêcheux e a Análise de Discurso reconfigurada no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores, por meio de expressões do tipo: '*depois*' reconfigurada; '*e*' reconfigurada; '*e*' desenvolvida; '*tem um caminho próprio*', *se desenvolve ampla e diferentemente de como essa 'disciplina' se perpetuou na França,* enquanto no recorte *"na AD de linha francesa (pecheuxteana), (des)territorializada no Brasil"*, a Análise de Discurso já é posta sem divisão, mas com uma nova configuração que lhe é parte fundante, condensando em si os sentidos de tempo e espaço distintos. Desta forma, o

recorte marca o efeito de especificidade da teoria em solo brasileiro e a posição-sujeito do pesquisador. O discurso transverso, instaurado pela oração subordinada adjetiva reduzida, sustenta o sentido da Análise de Discurso de linha francesa, mas não pela sua reafirmação e sim pela sua restrição como teoria *(des)territorializada* no Brasil. A formulação sintática marca a historicidade da Análise de Discurso no Brasil que, no funcionamento desse dizer, traçou percursos distintos e autônomos em relação à teoria na França.

Esse lugar teórico aponta a Escola Francesa de Analise de Discurso, iniciada por Pêcheux e seu grupo, nos anos 60 do século XX, e depois reconfigurada por seus seguidores, tanto na França quanto no Brasil (bem como em outros países)

Tenho trabalhado na linha pecheutiana e reconfigurada no Brasil

É a linha teórica em que me situo, mais precisamente, posso dizer que me filio à AD fundada por Pêcheux e colaboradores, na França, e desenvolvida amplamente no Brasil por Eni Orlandi. É fundamental dizer que a AD de herança pecheutiana, desenvolvida no Brasil a partir de Orlandi, tem um caminho próprio.

AD de linha francesa (pecheuxteana), (des)territorializada no Brasil

Essa perspectiva vai ao encontro das problemáticas linguísticas, discursivas e teóricas do cenário brasileiro (não é uma teoria francesa dos anos de ouro – maio de 68 – aplicada aqui).

Esses recortes marcam bem o sentido de distinção entre a Análise de Discurso na França e a que se desenvolveu pelo trabalho dos pesquisadores brasileiros. Há um efeito de que o espaço brasileiro afetou o desenvolvimento da teoria, ou seja, o que se vive por aqui, as relações, sejam de natureza material ou simbólica, próprias do país, acabaram por afetar a configuração inicial da teoria. Sugere, portanto, o sentido de que a Análise de Discurso foi adquirindo para si uma configuração geográfica e teórica próprias com a sua vinda ao Brasil. Dito de outra forma, a teoria, que surge no território francês, se desterritorializa, na medida em que, no Brasil, delineia seus limites pelas relações sociais, políticas e ideológicas encontradas por aqui. Portanto, tais dizeres conduzem a uma temporalidade e uma espacialidade próprias para a Análise de Discurso, a de seu estabelecimento institucional no país e a de sua especificidade teórica.

Pode-se supor que o contexto da ditadura militar iniciada nos anos 60 tenha impulsionado, com a luta pela redemocratização, empreendida por intelectuais e militantes, em reação à repressão aos movimentos populares e partidários de esquerda e

com o seu término no início da década de 80, os estudos em Análise de Discurso, diferentemente do que ocorria entre os intelectuais franceses, desiludidos diante do eventual fim do Comunismo e a morte precoce de Pêcheux (Orlandi, 2012).

Nos dizeres abaixo, há uma reiteração desse sentido de distinção, funcionando na produção de um efeito de afirmação, por parte dos pesquisadores brasileiros, à posição de autoria da teoria. Nos dois recortes, repete-se a formulação que nega um discurso de aplicantes da Análise de Discurso.

É fundamental dizer que a AD de herança pecheutiana, desenvolvida no Brasil a partir de Orlandi, tem um caminho próprio, atestado por uma reconhecida produção intelectual. Não se trata de uma transposição teórica ou mera 'aplicação' de uma disciplina concebida em outro continente.

A AD brasileira, que encontra, na figura de Michel Pêcheux, um predecessor, se desenvolve ampla e diferentemente de como essa 'disciplina' se perpetuou na França, encontrando aporte humano, intelectual e esforço de disciplinarização e de 'leitura' (e não transposição ou aplicação) do legado pecheutiano na pessoa de Eni Orlandi e em uma série de jovens pesquisadores que surgem em torno dela. Essa perspectiva vai ao encontro das problemáticas linguísticas, discursivas e teóricas do cenário brasileiro (não é uma teoria francesa dos anos de ouro – maio de 68 – aplicada aqui).

Outro aspecto dessa diferença é o processo de institucionalização da teoria. '*Disciplina*' entre aspas e '*esforço de disciplinarização*' marcam a distinção do processo de desenvolvimento da Análise de Discurso nos dois países. As aspas em "*Disciplina*" produzem uma duplicidade de sentido: afirmação da Análise de Discurso como disciplina, pela rememoração do processo de estabelecimento da teoria como disciplina, linha de pesquisa ou mesmo área de concentração em cursos superiores de graduação e pós-graduação, que ocorreu no Brasil; e retificação pela nomeação da Análise de Discurso como disciplina na França, processo que não teria ocorrido naquele país (ibid.).

Esse lugar teórico aponta a Escola Francesa de Analise de Discurso, iniciada por Pêcheux e seu grupo, nos anos 60 do século XX, e depois reconfigurada por seus seguidores, tanto na França quanto no Brasil (bem como em outros países)

Tenho trabalhado na linha pecheutiana e reconfigurada no Brasil

É a linha teórica em que me situo, mais precisamente, posso dizer que me filio à AD fundada por Pêcheux e colaboradores, na França, e desenvolvida amplamente no Brasil por Eni Orlandi. É fundamental dizer que a AD de herança pecheutiana, desenvolvida no Brasil a partir de Orlandi, tem um caminho próprio

AD de linha francesa (pecheuxteana), (des)territorializada no Brasil

A AD brasileira, que encontra, na figura de Michel Pêcheux, um predecessor

Há um jogo de sentidos nesses recortes, porque, ainda que se desloque o olhar da Análise de Discurso francesa para uma Análise de Discurso brasileira e de Pêcheux para Eni Orlandi, não se nega o crédito da fundação da teoria a Pêcheux. É do mesmo que se produz o novo. Do sentido de continuidade, que se percebe o desdobramento em caminhos vários e distintos. Pêcheux, ora é posto como o fundador e iniciador da teoria na França, o que produz um efeito de afastamento da teoria para um tempo anterior e um outro espaço (continente), em relação a que foi desenvolvida no Brasil; ora é dito como nome especificador de uma determinada linha da Análise de Discurso, entre outras, o que indica uma sua presença forte no desenvolvimento da teoria no país. Os recortes que remetem a Pêcheux como fundador da Análise de Discurso acabam por produzir gestos de leitura que possibilitam um certo distanciamento entre o fundador e a teoria que se desenvolve no país. Quando Pêcheux, além de fundador, é uma extensão conceitual da teoria, produz-se, então, um efeito de investimento da teoria pelo seu fundador.

"Há um artigo relativamente recente (2010) na Revista Semen, que traz uma abordagem dita interdisciplinar, na qual consta a pergunta: 'Seria Pêcheux reconciliável com a análise do discurso?' – Claro que eu diria não apenas SIM, como também reconheceria o DNA da teoria. Entretanto, Pêcheux deixou um legado, mas o mundo evoluiu, as ideias evoluíram, as pessoas evoluíram, a vida continuou e, como não poderia deixar de ser, os sentidos não são sempre os mesmos... Houve encontros e desencontros... e os 'discursos transversos' traçaram novos rumos; a AD não seria o que é se fosse uma disciplina estática ou mesmo 'apaziguadora', no dizer de Guillaumou."[81]

"Para mim, ela é caracterizada pela herança teórica, nesse caso, Michel Pêcheux, do lado francês, e Eni Orlandi, no Brasil. A partir desses nomes, desenvolvem-se redes de filiações que concernem mesmo à característica 'transdisciplinar' ou de entremeio da AD, ou seja, as ligações com a Linguística, com o Materialismo Histórico, com a Psicanálise.[...] Por outro lado, sabemos que a herança de Pêcheux é adotada por distintos grupos no Brasil, que estabelecem diferentes relações teóricas e outras leituras e desenvolvimentos."[82]

"Não acredito em fundadores individuais de nenhuma tendência teórica. Mesmo Marx e Freud – para citar dois nomes imbatíveis em termos de inauguração de ideias novas – tinham interlocutores que debatiam suas teorias e os ajudavam a aprimorar seu pensamento original. Por mais que um nome sobressaia como figura central, há sempre circunstâncias e pessoas que (re)definem os papéis que os pensadores ocupam num certo tempo/espaço. Nos anos 1960, a luta contra a análise do conteúdo (contra a ideia de descobrir sentidos ocultos) não era exclusiva da AD, a Sociolinguística iniciou essa discussão e foi acompanhada por alguns da Análise da conversa. Portanto, tudo o que se atribui ao nome Pêcheux é relido, revisto, recolocado, conforme as exigências de nosso tempo. Sem dúvida, ele foi uma grande liderança que marcou uma época. E, naturalmente, as bases apontadas por esse grupo são o fundamento de qualquer orientação de estudos discursivos, mesmo que haja pequenas divergências entre autores. Nada que nos surpreenda aos que trabalhamos com a ideia de discursividade como constitutiva da forma de subjetivação: só existe discurso na heterogeneidade, é da dispersão da

[81] Entrevista de BL, concedida em 03/10/2011.
[82] Entrevista de AV, concedida em 28/12/2011.

forma sujeito, que se pode observar a construção de sentidos, logo, Pêcheux e seus textos são fundamentais, porém são discursos no fluxo da nossa vida."[83]

Nesses recortes há efeitos de convergência e de tensão entre Análise(s) de Discurso e Pêcheux. Eles produzem equívocos ao se remeterem ora à teoria, ora a Pêcheux, indiscriminadamente, já que, apesar da impressão de fusão, eles também produzem sentidos tensionados e de separação entre teoria e fundador. Tanto a tensão quanto a convergência marcam a historicidade desses dizeres acerca dos processos, muitas vezes, contraditórios de estabelecimento da Análise de Discurso no Brasil e de seus desdobramentos, sendo que este gesto de interpretação sustenta a constituição, portanto, de um sujeito-pesquisador co-autor da teoria, ao mesmo tempo, que impinge sobre ela sentidos de pluralidade e de fronteiras abertas. Esse efeito de sentido de uma teoria em construção e que se interroga constantemente, produzido no primeiro recorte, também comparece no seguinte, quando se tenta um delineamento para a teoria a partir de sua transdisciplinaridade e de seu lugar de entremeio. Reiteradamente, tanto um (*transdisciplinaridade*) quanto o outro (*entremeio*) carregam sentidos de um para-além e de um não-lugar para a teoria, reforçados pelos sentidos produzidos nas expressões *heterogeneidade* e *dispersão* do último recorte.

É o efeito de sentido que também comparece abaixo:

Entretanto, Pêcheux deixou um legado, mas o mundo evoluiu, as ideias evoluíram, as pessoas evoluíram, a vida continuou e, como não poderia deixar de ser, os sentidos não são sempre os mesmos...

Por mais que um nome sobressaia como figura central, há sempre circunstâncias e pessoas que (re)definem os papéis que os pensadores ocupam num certo tempo/espaço.

(...) tudo o que se atribui ao nome Pêcheux é relido, revisto, recolocado, conforme as exigências de nosso tempo.

Pêcheux e seus textos são fundamentais, porém são discursos no fluxo da nossa vida.

Há um interessante cruzamento do discurso epistemológico da Análise de Discurso nesses recortes, porque ela fala sobre si mesma a partir de sua própria perspectiva teórica. Ora, se a Análise de Discurso compreende que há uma determinação histórica dos processos de significação, a própria teoria também é objeto da compreensão que se dá a partir desse ponto de vista e, portanto, ela é dita como

[83] Entrevista de VT, concedida em 12/10/2011.

afetada por discursividades reguladas no tempo e no espaço. Assim como a realidade é produto e processo da língua afetada pela história, também a teoria se vê modificando-se permanentemente, na medida em que é o resultado de condições materiais de produção (sujeito e situação). A Análise de Discurso é uma teoria contemporânea de si própria, porque "*o mundo evoluiu, as ideias evoluíram, as pessoas evoluíram, a vida continuou e, como não poderia deixar de ser, os sentidos não são sempre os mesmos"*, mas "*conforme as circunstâncias e pessoas que (re)definem os papéis que os pensadores ocupam num certo tempo/espaço"* e as *"exigências de nosso tempo* e do *fluxo da vida"*. Esses dizeres marcam fortemente o sentido relacional da teoria com a história que lhe afeta e produzem um efeito de sujeito que se constitui como um co-produtor de conhecimento em determinadas condições materiais e históricas, ou seja, no interior de uma determinada estrutura científica, regulada no tempo e no espaço.

Nessa perspectiva, tem-se, então, uma melhor compreensão dos desdobramentos da Análise de Discurso no Brasil e das interfaces que promove com outras teorias linguísticas e com as ciências sociais. É o que comparece nos recortes abaixo:

> Houve encontros e desencontros... e os 'discursos transversos' traçaram novos rumos
>
> A partir desses nomes, desenvolvem-se redes de filiações
>
> (...) a herança de Pêcheux é adotada por distintos grupos no Brasil, que estabelecem diferentes relações teóricas e outras leituras e desenvolvimentos

O plural dos nomes (*Novos rumos*, *redes de filiações*, *distintos grupos*, *diferentes relações teóricas*, *outras leituras e desenvolvimentos)* produz um efeito de multiplicidade, variedade, de disseminação e expansão da Análise de Discurso no Brasil. Essas formulações fazem comparecer, nesses recortes, um sentido de vida pulsante, produção intensa, interface permanente com filiações diversas. Elas fazem remissão a um passado da teoria, mas constituem, também, um seu horizonte de prospecção, em torno dos sentidos de relação entre distintas filiações, releituras da teoria e expansão para áreas diferentes. Há uma discursividade, que sugere sentidos de diálogo, interface, revisões permanentes da teoria e pluralidade na produção científica de seus diferentes grupos.

Nos recortes que elaboramos, também pudemos ir compreendendo as diferentes temporalidades que produziam efeitos de sentido e sujeito. Acontecimentos nos percursos institucionais da Análise de Discurso no Brasil temporalizam distintos movimentos e períodos para a presença da teoria no país e constituem diferentes efeitos de sujeito para seus pesquisadores. Nesses dizeres, nota-se uma memória que organiza fatos e impressões, mobiliza determinados sentidos na constituição de horizontes de retrospecção, que, por sua vez, produzem diferentes direções de sentido para a Análise de Discurso praticada, no presente, por esses pesquisadores. Percebem-se, nesse processo histórico, os conflitos, as resistências, as relações com outras ciências ou áreas da Linguística e as diferentes formas de estabelecimento de um lugar institucional para a Análise de Discurso.

"Tenho trabalhado com a Análise de Discurso de linha francesa em minhas pesquisas. Apesar da Análise do Discurso não se constituir em campo homogêneo, nesse momento, temos concentrado nossos estudos no quadro teórico-metodológico, apresentado por Dominique Maingueneau. (...) Desde a década de 60, até nossos dias, muitas são as discussões e ajustes realizados. Por se tratar de campo em constante construção, o importante para o pesquisador é guardar coerência em relação ao que usará como pressuposto para sua análise, tomando o cuidado para não cometer equívocos e articular questões que guardem algum tipo de oposição."[84]

A temporalidade é um espaço possível de conviviabilidade de sentidos, ou seja, uma convergência de condições materiais de produção que permitem determinados sentidos por um passado que sustenta essa possibilidade e um presente que se lança a uma futuridade, a projeções possíveis de sentidos. A temporalidade, nesse recorte, se constitui por uma prática da Análise de Discurso (*"tenho trabalhado com a Análise de Discurso"*), posta no interior de um recorte do passado, que, no gesto interpretativo do dizer, é significada pelo percurso de estudos e mudanças em relação à teoria (*"desde a década de 60 até nossos dias, muitas são as discussões e ajustes realizados").* Tal processo histórico é temporizado no enunciado, que estabelece tempos, movimentos, mudanças, o que efetiva um determinado relato do processo, o qual, por sua vez, também é afetado pelo enunciado, pois a exterioridade, que evoca sentidos de mudança e flexibilidade nos estudos da teoria, afeta o sentido de Análise de Discurso como campo em constante construção que requer a cautela que o dizer marca em "*guardar coerência*".

[84] Entrevista de CP, concedida em 16/12/2011.

"Creio que hoje em dia, ao contrário dos anos 70, o discurso é o objeto de investigação de todos. Dos funcionalistas, dos que estudam Pragmática, Sociolinguística, etc. Para mim, a diferença está no modo como a AD coloca o materialismo histórico e não simplesmente a história como uma exterioridade, que possibilita pensar os processos através dos quais os sujeitos se inscrevem na ordem do simbólico e produzem sentidos."[85]

O dizer do pesquisador sobre a prática atual da Análise de Discurso é atravessado por um pré-construído - na década de 70 não havia tantos estudos do discurso, que lhe sustenta o sentido. A partir dessa configuração, a Análise de Discurso é posta, hoje, com uma especificidade em meio a diversas áreas que investigam o discurso. O gesto interpretativo do sujeito organiza a estrutura do dizer, que se remete a um percurso dos estudos do discurso da ausência a uma proliferação na atualidade. Essa exterioridade, impressa, no dizer, cria sua própria temporalidade, que se move de um passado a um presente, possibilitando a confluência de sentidos velhos e novos, que dão sustentação à determinada direção na constituição discursiva do percurso da Análise de Discurso no país. Esse jogo de sentidos entre ausência e forte presença dos estudos discursivos é produzido por específicas condições materiais, que afetam o dizer na identificação-unificação com o sujeito - pelo funcionamento da chamada garantia empírica ("*Creio que...*") e, por sua vez, são afetadas também pelo dito, que possibilita constituir uma tal historicidade da teoria.

"Eu tenho contado com a AD desde 2002, mas sempre fazia uso dela em cruzamentos teóricos metodológicos; ou seja, lançava mão dos autores Pêcheux, Orlandi, como suporte para interpretação de dados que interessavam às minhas pesquisas. Contudo, minha relação era um tanto promíscua, sou leitor de Bakhtin, Foucault, Possenti, etc. Contudo, a partir de 2010, foi que fechei meus interesses na linha francesa fundada por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi."[86]

Nesse recorte, o percurso acadêmico do sujeito em relação aos estudos da Análise de Discurso se dá em diferentes temporalidades presentes, nas quais o cruzamento de sentidos atribuídos à relação com a teoria são diferentes dentro de um mesmo espaço-tempo. Isso se marca no equívoco do uso dos tempos verbais, em que essas temporalidades se confundem: "*Contudo, minha relação <u>era</u> um tanto promíscua, <u>sou</u> leitor de Bakhtin, Foucault, Possenti, etc"*. Note-se que a relação significada como promíscua está no passado, mas o que é trazido ao enunciado para exemplificar essa posição – a leitura de diferentes autores – está no presente, o que marca uma

[85] Entrevista de NZ, concedida em 24/09/2011.
[86] Entrevista de RD, concedida em 15/12/2011.

sobreposição desse efeito de promiscuidade ao de definição (fechamento) dos estudos por uma determinada filiação. O recorte produz diferentes movimentos de sentido, que vão da crítica à validação no percurso acadêmico do pesquisador (períodos em que se cruzavam diferentes autores em vista de uma metodologia; ou que se estudavam diversos autores; ou ainda, quando se fecha em uma determinada filiação) nos quais efeitos de sujeito são produzidos (ver capítulo III).

"Não poderia negar a 'paternidade' de Pêcheux em relação às contribuições teórico-metodológicas da AD, mas reconheço que muitos caminharam quase em paralelo a Pêcheux e seguiram novos caminhos (talvez fosse melhor dizer que descobriram 'atalhos' importantes). E vieram outros... entre a tradução de obras de língua francesa (ative-me aqui à AD 'nascida' na França). Preferiria não me 'enfileirar' em uma trincheira nem me filiar necessariamente "*ici* ou *là*; sinto-me mais à vontade, dizendo que me coloco lá, onde o sentido pode ser outro..."[87]

No gesto interpretativo desse dizer, o acontecimento da fundação da Análise de Discurso em torno de Pêcheux, na França, temporaliza o processo histórico que se desencadearia nas distintas vertentes e filiações da Análise de Discurso na atualidade. A temporalidade que o dizer constitui recorta um passado, gestando uma interpretação para o processo histórico da presença da Análise de Discurso no Brasil. O sentido de Pêcheux como fundador da teoria convive, portanto, com o sentido de contraposição dos desdobramentos da teoria. Tal temporalidade possibilita a produção de sentido que constitui um sujeito-pesquisador na posição de não estar "*ici ou là*", de não definir uma sua filiação.

"Ora, eu não sou muito de filiação a corrente. Sempre transitei por diversas abordagens, aprofundando os aspectos que me interessavam e destacando outros. Todas as abordagens apresentam alguma contribuição relevante para a análise, mas o destaque fundamental, a novidade que a Análise de Discurso trouxe para o campo da linguagem foi a inserção da dimensão política, ideológica na análise da linguagem, o que outras disciplinas não conseguiram fazer (sociolinguística, etnolinguística)".[88]

"Escolhi, porque sempre me interessei pela semântica e reconheci a possibilidade de trazer para a linguística, para a análise de textos e discurso, uma teoria fundamentada no sujeito e em suas relações (coerções) sociais, históricas e culturais. Essa perspectiva está tanto nos livros mais lidos nos Brasil, caso de *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, como nos estudos filosóficos de Bakhtin e nas obras assinadas também por outros componentes do Círculo."[89]

[87] Entrevista de BL, concedida em 03/10/2011.
[88] Entrevista de GM, concedida em 16/12/2011.
[89] Entrevista de SB, concedida em 31/01/2012.

"Conheci a Análise de Discurso no último semestre de minha graduação em linguística [...]. Disciplina obrigatória para o curso de bacharelado em linguística em que ingressei em 1988. Nessa época, antes de conhecer a AD, estava me preparando para continuar uma graduação em Ciências Sociais, pois havia algo que faltava em meu curso de linguística que eu ainda não sabia nomear, mas que me parecia que as disciplinas das Sociais poderiam preencher. Foi nessa disciplina de AD que comecei a entender o que fazia falta: a relação constitutiva da exterioridade: língua, sujeito e história."[90]

"Sempre me interessei pela questão do discurso. Iniciei trabalhando especialmente com análise temática (por volta de 1995). Esta, por sua vez, deixava lacunas nas possibilidades de avançar nas análises e interpretações de diferentes formas simbólicas. Com a AC ficava difícil trabalhar com uma concepção de poder ramificado, que funciona em redes (como diria Foucault). A AC dava conta da questão da ideologia (outra opção minha) até certo ponto, mas a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo; ela me serve para pensar os fenômenos de um modo mais completo. Além disso, como a questão do poder é uma preocupação central nas minhas pesquisas, comecei a buscar outras abordagens teóricas e metodológicas que pudessem dar conta dos meus objetos de estudo."[91]

O gesto de interpretação dos pesquisadores, nos recortes acima, ao dirigir o olhar para seu percurso acadêmico, no funcionamento de uma memória que escolhe e esquece fatos, produz um efeito de divisor de águas para a Análise de Discurso. Esse "algo" diferente em uma determinada ordem é acontecimento que instala sua própria temporalidade, sustentada - é claro -, pelos sentidos que o dizer produz. Essa temporalidade, dividida em dois tempos distintos, se marca na regularidade de uma formulação que remete a um passado por meio do uso de verbos no pretérito ("*sempre transitei*"; "*sempre me interessei*"; "*havia algo que faltava em meu curso de linguística*"; e "*sempre me interessei*"), o qual se constitui em torno de diferentes teorias linguísticas, e um presente, que se constrói em torno da Análise de Discurso ("*o destaque fundamental, a novidade que a Análise de Discurso trouxe para o campo da linguagem foi a inserção da dimensão política, ideológica na análise da linguagem*"; "*reconheci a possibilidade de trazer para a linguística, para a análise de textos e discurso, uma teoria fundamentada no sujeito e em suas relações (coerções) sociais, históricas e culturais*"; "*Foi nessa disciplina de AD que comecei a entender o que fazia falta: a relação constitutiva da exterioridade: língua, sujeito e história*"; "*a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo; ela me serve para pensar os fenômenos de um modo mais completo*"). Isso ainda é mais fortemente significado ao analisarmos a regularidade nos tempos verbais dos dois últimos enunciados acima.

[90] Entrevista de CF, concedida em 26/11/2011.
[91] Entrevista de AO, concedida em 04/12/2011.

"Conheci a Análise de Discurso no último semestre de minha graduação em linguística [...]. Disciplina obrigatória para o curso de bacharelado em linguística em que ingressei em 1988. Nessa época, antes de conhecer a AD, estava me preparando para continuar uma graduação em Ciências Sociais, pois havia algo que faltava em meu curso de linguística que eu ainda não sabia nomear, mas que me parecia que as disciplinas das Sociais poderiam preencher. Foi nessa disciplina de AD que comecei a entender o que fazia falta: a relação constitutiva da exterioridade: língua, sujeito e história."

"Sempre me interessei pela questão do discurso. Iniciei trabalhando especialmente com análise temática (por volta de 1995). Esta, por sua vez, deixava lacunas nas possibilidades de avançar nas análises e interpretações de diferentes formas simbólicas. Com a AC ficava difícil trabalhar com uma concepção de poder ramificado, que funciona em redes (como diria Foucault). A AC dava conta da questão da ideologia (outra opção minha) até certo ponto, mas a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo; ela me serve para pensar os fenômenos de um modo mais completo. Além disso, como a questão do poder é uma preocupação central nas minhas pesquisas, comecei a buscar outras abordagens teóricas e metodológicas que pudessem dar conta dos meus objetos de estudo."

A repetição de verbos no pretérito imperfeito materializa o trabalho da memória que instala uma temporalidade dividida, entre aquela que rompe uma ordem que vinha ocorrendo e a outra que produz, a partir daí, práticas e significados novos. Os tempos verbais do enunciado indicam uma organização do relato do percurso intelectual dos pesquisadores, neste gesto de interpretação, que sofre uma ruptura com força de projeção, a partir da colocação da Análise de Discurso como o marco divisor de práticas teóricas e acadêmicas.

"Meu interesse inicial era trabalhar com leitura no mestrado em educação. Na pesquisa bibliográfica, conheci o livro *Discurso e leitura* de Eni Orlandi. Como já tinha um conhecimento do materialismo histórico, obtido na militância estudantil universitária, uma formação em linguística e ensino, obtida em uma especialização, além de ter estudado um pouco de filosofia da linguagem em um grupo de estudos, vi na Análise de Discurso uma perspectiva que reunia, numa só disciplina, todos os meus interesses. Mas, no mestrado, ainda trabalhava com algo que se aproximava mais da linha de Orlandi. Depois, fui me distanciando e, quando entrei no doutorado e conheci os trabalhos de Dominique Maingueneau, eu mudei"[92]

"À época, a Linguística do Texto estava se desenvolvendo no Brasil e as obras de Ingedore Koch, Marcuschi, entre outros, muito influenciaram as pesquisas que tratavam, sobretudo, dos problemas de estruturação (coesão e coerência). Nossas primeiras pesquisas tiveram essas teorias como diretriz. Com o passar dos anos, vimos que o texto deveria ser tratado como discurso, em várias situações, o que envolve considerar outros elementos extra-linguísticos, como os seres sociais que são os interagentes, sua função social, suas intenções e estratégias de interação. Passar da Linguística do Texto para a Análise do Discurso foi consequência também do Acordo que a UFRJ firmou com o CAD de Patrick Charaudeau e nós começamos a nos encontrar em simpósios, congressos internacionais, sempre tendo o apoio de Charaudeau em nossas pesquisas."[93]

"[...] Sempre prestigiei a chamada linha francesa, com leituras iniciais da obra de Orlandi e Nagamine Brandão. Também Fiorin nos ajudou. Tentei no início a Linguística Textual e o Funcionalismo, apresentando autores como Benveniste e Ducrot. Só a partir de 2001 é que entrei em contato com a obra

[92] Entrevista de NT, concedida em 17/11/2011.
[93] Entrevista de PA, concedida em 18/12/2011.

de Maingueneau (que vim a conhecer em 2008 por ocasião de um estágio pós-doutoral em Paris XII, quando fiz um curso dele). Desde 2001, vimos abordando a obra de Bakhtin, Pêcheux e Foucault. Hoje também invisto em Charaudeau. Como você pode ver, privilegiamos no texto as noções de história, ideologia, sujeito assujeitado, o interdiscurso, a heterogeneidade discursiva etc."[94]

No primeiro recorte, o dizer condensa, na Análise de Discurso, tempos diferentes do percurso do pesquisador ("*Como já tinha um conhecimento do materialismo histórico, obtido na militância estudantil universitária, uma formação em linguística e ensino, obtida em uma especialização, além de ter estudado um pouco de filosofia da linguagem em um grupo de estudos, vi na Análise de Discurso uma perspectiva que reunia, numa só disciplina, todos os meus interesses*"). Ao se subjetivar, o sujeito pratica uma divisão de sentidos, que vai na direção de colocar a Análise de Discurso no lugar de convergência de diferentes vias de formação teórica.

No recorte seguinte, há a produção do sentido de ruptura na ordem teórica estabelecida no percurso intelectual do pesquisador ("*Nossas primeiras pesquisas tiveram essas teorias como diretriz. Com o passar dos anos, vimos que o texto deveria ser tratado como discurso, em várias situações, o que envolve considerar outros elementos extra-linguísticos, como os seres sociais que são os interagentes, sua função social, suas intenções e estratégias de interação*"). Esse algo novo cria sua própria temporalidade na qual se instala um horizonte de retrospecção, cuja configuração teórica dá suporte, no gesto interpretativo, ao sentido da ruptura, então, relatada.

No último recorte, percebemos o trabalho da memória que tece relações de contiguidade e de ruptura entre diferentes filiações, as quais vão delineando o percurso do sujeito-pesquisador e constituindo sua posição. Há uma temporalidade que permanece ("*Sempre prestigiei a chamada linha francesa*") e que, ao mesmo tempo, é atravessada por outras ("*Tentei no início a Linguística Textual*"; "*Desde 2001, vimos abordando a obra de Bakhtin, Pêcheux e Foucault*". "*Hoje também invisto em Charaudeau*"), as quais abrem espaço para a interpretação da Análise de Discurso como síntese de determinadas abordagens do texto: "*Como você pode ver, privilegiamos no texto as noções de história, ideologia, sujeito assujeitado, o interdiscurso, a heterogeneidade discursiva etc*".

[94] Entrevista de AS, concedida em 06/12/2011.

Nos recortes acima, os dizeres estabelecem suas próprias temporalidades - distintas, em torno de diferentes filiações. É por meio delas que os pesquisadores gestam sua interpretação para o processo histórico da Análise de Discurso, afetando o relato desse mesmo processo e constituindo diferentes posições-sujeito, nos seus percursos intelectuais e acadêmicos, conforme o investimento em diferentes filiações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as sequências discursivas das entrevistas com os pesquisadores, fomos construindo, no decorrer desse trabalho, uma rede de sentidos, que nos levou a diferentes modos de como a presença da Análise de Discurso no Brasil é compreendida e historicizada. A partir de gestos de leitura sobre esses recortes, fomos compondo diferentes sentidos para os processos históricos de surgimento, desenvolvimento e estabelecimento de um lugar teórico-institucional para a Análise de Discurso no país.

A contradição do objetivo/subjetivo; interior/exterioridade; mesmo/diferente; produto/processo; tem constituído o processo discursivo do percurso da Análise de Discurso no Brasil, produzido na voz dos pesquisadores da área. Tal contradição não é tomada como algo externo ou que se acrescenta em determinados períodos de sua presença no Brasil. Pelo contrário, a contradição é constitutiva da Análise de Discurso, é sua marca de nascença, enquanto se insere no campo da Linguística, mas lhe lança diferentes questionamentos; ou demarca seus limites de atuação, mas na abertura a interfaces que possibilita com outras áreas; ou quando diz o que não é para dizer o que é; ou, ainda, quando, por relações de força e de sentido, sofre resistências e percorre um processo de institucionalização no qual chega a circular em espaços de produção de conhecimento, sem que seja designada como tal. "(...) eu direi simplesmente, no nível dos meus conhecimentos, o que parece se construir em contradição ou em rejeição à AD é tudo aquilo que é reivindicado como vindo da AD" (MAZIÈRE, 2011, p. 17).

Talvez houvesse como motivação inicial desta pesquisadora uma percepção quase que ingênua sobre a possibilidade de se encontrar uma configuração original da Análise de Discurso e a identificação precisa de seus desdobramentos. Ao final desse trabalho, compreende-se que a Análise de Discurso se configura por/em lugares teórico-metodológicos, que se fazem nas relações entre flutuações na teoria e suas bases fundadoras. Dito de outra forma, o sentido de não-lugar, que diversas vezes surgiu nos enunciados dos pesquisadores sobre a Análise de Discurso, é o *seu* lugar, de onde sua constituição plural se faz em um constante movimento de construção e reconstrução de seu território.

As análises empreendidas neste trabalho vão na direção de fazer ver que os contornos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, em suas diferentes vertentes no Brasil, se estabelecem por um movimento que vai da fixidez à flutuação, além de marcas de tensões, vicissitudes e rupturas de uma produção científica cotidiana, muitas vezes, em alguns campos do conhecimento, silenciadas.

Essa percepção foi resultado da articulação entre História das Ideias Linguísticas e uma abordagem discursiva, que tornou possível, pelo questionamento dos efeitos de evidência, produzidos nas entrevistas, indicar marcas de uma historicidade produzida nos/pelos dizeres, ou seja, gestos de interpretação que historiciza(ra)m o percurso da Análise de Discurso no Brasil, os quais foram nos fornecendo efeitos de deslocamento, rupturas e permanência de sentidos para a teoria, em solo brasileiro, nos últimos 40 anos, e permitindo a constituição discursiva de um espaço teórico-institucional para a Análise de Discurso.

O trabalho analítico, nesta perspectiva, expôs o enunciado à opacidade de leituras lógicas de "regiões heterogêneas do real" (PÊCHEUX, 2008, p. 32), a qual

> (...) imerge o enunciado em uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc – isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável (ibid., p. 23).

Ora, o trabalho do analista de discurso é criar um espaço de crítica e análise no interior mesmo de uma estrutura social, política, ideológica, já estabelecida, na qual ele também se encontra. "É uma estrutura que contesta o espaço onde se localiza" (PETRI, 2013, p 45). Pelos dizeres analisados, em uma perspectiva que leva em conta o "próprio da língua" (o deslize, o equívoco), pudemos mostrar não um saber fixado previamente sobre a Análise de Discurso, mas um saber que se atualiza e se transforma pelo trabalho de uma memória, que mobiliza sentidos, ora retomados, silenciados ou deslocados, "movimentando as práticas sociais já instituídas" (ibid., p. 46), no caso, as que se referiam ao campo teórico-científico e institucional da Análise de Discurso. "O analista

de discurso instala-se no interior mesmo do espaço discursivo para dali compreender a produção de sentidos" (ibid., p. 46). Desta forma, acontecimentos históricos vão sendo 'lidos' em vista das regularidades, na sua produção de sentidos, como fatos discursivos. Nessa postura teórico-metodológica há uma implicância ética, porque vai se desvelando, no caso particular dessa pesquisa, uma prática científica atravessada pela história, a língua e a ideologia, a qual não se deve silenciar.

Primeiramente, pudemos dar visibilidade a marcas que nos ajudaram a compreender um sentido de identificação pela negação: os pesquisadores percorrem um longo caminho dizendo o que a Análise de Discurso não é para tentar delineá-la. A identificação tem significado enquanto se afirma na contraposição do Outro; ou seja, a teoria é dita por aquilo que não é em relação ao que é o Outro. A indefinição, em muitos dizeres, abre espaço, então, para a interpretação, que se dá sobre pré-construídos acerca da própria Análise de Discurso e, algumas vezes, sobre simulacros de outras teorias linguísticas. Ela é compreendida por um efeito de mobilidade, produzido fortemente nas tentativas de demarcação que se fazem quase sempre pelo seu oposto, pelo que não é, pelo seu Outro. Ela vai se (re)definindo na contraposição com teorias linguísticas, sociais, significadas como áreas já estabelecidas no cenário científico. Depreende-se daí, também, o funcionamento do político e do científico, pois, quando se tenta demarcar o campo teórico da Análise de Discurso a partir de suas diferenças com outras áreas da Linguística, ficam postas essas mesmas áreas como ponto de referência para a demarcação daquela. O ponto de referência para a Análise de Discurso enquanto área do conhecimento linguístico se encontra, em alguns recortes analisados, fora dela, em áreas historicamente predominantes na Linguística. O movimento entre o que a Análise de Discurso não é e o que ela traz de novidade, os equívocos na formulação de tempos verbais, o uso de metáforas, o relato das idas e vindas nos percursos intelectuais e acadêmicos dos pesquisadores, foram marcas de uma materialidade histórica que sugere um campo do conhecimento, organizado teórica e institucionalmente em áreas, de certa forma, predominantes, no qual a Análise de Discurso foi provocando uma reconfiguração, a fim de criar espaços para estabelecer-se.

A regularidade da identificação pela negação foi permitindo compreender que o campo da Análise de Discurso se faz por fronteiras e limites delineados

constantemente. Como diz Ferreira (2007, p. 20), "são fronteiras rarefeitas que funcionam como *limites e não como limitações*". Nessa perspectiva, a negação sugere uma impossibilidade e uma dificuldade de demarcação do campo pela asserção afirmativa.

Ainda nessa perspectiva, pode-se tentar compreender que o sentido de identificação pela negação, marca, nos dizeres analisados, o modo de enfrentamento, de maneira especial, no surgimento da Análise de Discurso no Brasil, de um embate em torno de uma questão diferencial com outras teorias linguísticas, a saber: a abordagem da língua. O entendimento sobre a língua que a Análise de Discurso introduzia pode ser tomado como um ponto central nas relações de força, de sentidos e de confronto com outras áreas da Linguística e das Ciências Sociais.

Nessa direção, há a construção de um espaço tensionado, no qual a Análise de Discurso é compreendida, ora como um campo aberto de conhecimento, ora um campo demarcado, com limites. Nota-se a seguinte tensão nos dizeres dos pesquisadores: a Análise de Discurso busca uma demarcação, mas se configura também nas interfaces que promove, o que leva a pensar que, institucionalmente, havia uma necessidade de estabelecimento de um espaço definido em meio a uma configuração institucional já existente e organizada (distribuída) entre as teorias da época. Porém, teoricamente, a Análise de Discurso se compreende como um campo aberto e de possibilidades várias. É esse movimento duplo de abertura e fechamento, de pluralidade e demarcação, que se percebe nas análises. Alguns dizeres, quando pretendem demarcações sobre a teoria, produzem equívocos em metáforas que constituem, justamente, um sentido de pluralidade e fluidez, e comparecem, também, em uma compreensão da teoria como um campo aberto, dizeres que remetem à cautela e a temores diante dos perigos da indefinição ou indistinção. Essas associações são produtivas a partir do ponto de vista de uma regularidade de contradição na compreensão da Análise de Discurso. Com isso, constitui-se também uma posição de contradição para o pesquisador.

Pudemos compreender que esse processo histórico é marcado como tendo se iniciado com a ruptura que a Análise de Discurso estabelecia com filiações linguísticas formalistas que carregavam sentidos de identificação com a área da Linguística, o que fez com que a Análise de Discurso fosse compreendida como estudos fora dos limites

desse campo do conhecimento. Esse processo histórico só pôde ser compreendido, na medida em que as análises ajudaram a perceber a produção de efeitos metafóricos, constituindo tais lugares de sentido para a teoria e de sujeito para os pesquisadores.

A relação discursiva ora construída entre Análise de Discurso e outras filiações linguísticas foi produzindo sentidos de confronto de ordem teórica, institucional e política. O surgimento da Análise de Discurso nas instituições, segundo alguns recortes, por meio da produção de artigos, livros, organização de eventos, fez remissão a controversas teóricas e institucionais que puderam nos dar a compreender, de uma forma mais clara, a relação entre produção de conhecimento e o político, ou seja, como a inscrição em determinadas filiações se faz nas relações políticas (de divisão social e simbólica), que vão se formando nas instituições. Os enunciados foram nos trazendo o real da história no ambiente científico, que acontece nos equívocos, nas 'curvas', nas falhas, pois pudemos ter a compreensão de que a produção científica não acontece desvinculada do cotidiano institucional, mas, pelo contrário, ela carrega as divisões territoriais do espaço científico. Como diz Lecourt (1980), a história do conhecimento científico não é linear, mas traz rupturas, reorganizações e contradições. É o modo de ser do conhecimento científico na "história real", como também vai dizer Auroux (2008).

O presente trabalho possibilitou-nos compreender a presença da Análise de Discurso no Brasil como um percurso não linear, de tensões e contradições, cujo percurso não se faz dividido em períodos e tempos cronológicos, mas em diferentes temporalidades, sejam em torno das diferentes inscrições teóricas dos pesquisadores; sejam temporalidades nas quais a Análise de Discurso foi posta como um divisor de águas nos estudos linguísticos, uma ruptura, uma novidade em uma determinada ordem; ou ainda nas temporalidades em que os sujeitos-pesquisadores foram se constituindo em diferentes posições teóricas no interior dos desdobramentos da Análise de Discurso. Se, nesta pesquisa, não se trata de recorrer à memória de arquivo, mas ao interdiscurso, o trabalho lida com fragmentos, sentidos à deriva, que retornam ou avançam, conforme diferentes posições-sujeito assumidas nos dizeres dos entrevistados.

Com essa pesquisa, tem-se a percepção de um amplo horizonte de retrospecção, que vai possibilitando determinadas condições de produção de um espaço científico e

político no qual a Análise de Discurso estabelece seu lugar. Nesta historicidade, pudemos perceber que a Análise de Discurso sofreu resistências, entrou em atrito e foi se delineando, teórica e institucionalmente, como uma teoria brasileira. O espaço brasileiro, as demandas com as quais a teoria foi aqui se encontrando, de ordem prática, institucional, social, política e/ou epistemológica, as diferentes materialidades (registros discursivos ou objetos simbólicos), as novas linguagens (tecnologias), enfim, as fronteiras abertas e estimuladas à interface, tornaram a Análise de Discurso, em suas diferentes vertentes, uma teoria com efeitos de brasilidade.

Nestas considerações finais, diante do objetivo primeiro de se compreenderem os modos pelos quais a Análise de Discurso se significa em sua presença neste país, levando-se em consideração os limites dispersos dos dizeres dos entrevistados, as direções opostas de sentidos e o funcionamento da memória, conclui-se que definir contornos teóricos e metodológicos das diferentes vertentes da Análise de Discurso não é uma tarefa fácil. Ainda que se queira evitar diluições teóricas por um lado e ortodoxias por outro, o que se vê circulando no espaço científico, marcado neste trabalho, são movimentos constantes de deslocamentos de conceitos, interrogações, desconfortos e estabilidades provisórias. "Há continuidades na AD que nos são frequentemente escondidas pelo efeito das mudanças, e há mudanças que fazem a AD continuar, enquanto teoria emancipadora" (MAZIÈRE, 2011, p. 33). É o que afirma Auroux (2008), quando diz que, entre as teorias e os atos institucionais, há uma complexidade de causalidades, que se relacionam, se imbricam e se embatem o tempo todo em temporalidades ramificadas na constituição cotidiana do saber. Portanto, este trabalho traz marcas dessa complexidade que, por vezes, não se percebe, mas que constitui a condição material de produção do conhecimento científico. E é diante dessa complexidade que a presente escrita provocará gestos de leitura de reconhecimento, identificação e (re)memória para alguns de seus leitores mas também de recusa, oposição, não-reconhecimento e apagamento de sentidos para outros.

Enfim, remetendo-me à epígrafe deste trabalho, concluo-o sabendo que há muito ainda para ser dito e que "o melhor está nas entrelinhas", aquilo que move as relações de força e de sentidos e que constitui registros vários da história da Análise de

Discurso no Brasil, os quais se efetivam tão-somente, na medida mesmo em que se escreve e, assim, se projetam para outros sentidos possíveis.

> E a escrita é fundamental para nos dar a medida do que conseguimos e do que não conseguimos compreender/dizer na situação de análise. Apontando sempre, quando a suspendemos (nunca a terminamos), para o que fica ainda por compreender (ORLANDI, 2010, p. 20).

Nessa perspectiva de projeção de novos sentidos, compreendemos que um processo de significação se faz pelos/nos intervalos dos enunciados e que este intervalo não é ausência ou um vazio de sentidos, mas, pelo contrário, ele é preenchido pelo social. Por isso, acreditamos que há muito ainda a se dizer sobre/da Análise de Discurso que advenha desse social, entendido aqui como exterioridade, prática cotidiana de produção do conhecimento, cuja discursividade circula nos ambientes científicos brasileiros.

Considero este trabalho, de certa forma, como um acontecimento de linguagem, que diz de uma memória social que já vem sendo construída da Análise de Discurso, mas que também projeta tais sentidos incontornáveis, como bem afirma Guimarães (2005), "um acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimentos de linguagem, não há enunciação" (p. 12). Portanto, a memória aqui retomada, nos recortes, traz, em seu interior, força de projeção para que novas compreensões sobre essa área de estudos do discurso possam ser produzidas e, na medida em que se efetivem, também lancem luz sobre o presente escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre *et al*. O **papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010, 3 ed.

ALTHUSSER, Louis. Pour Marx. Paris: Edicions La Découvert, 1986 *apud* MOTTA, Luiz Eduardo; SERRA, Carlos Henrique de Aguiar. A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes. In: **8º Encontro ABCP**. Gramado: ABCP, 2012, p. 1-29.

AUROUX, Silvain. **A questão da origem das línguas**. A historicidade das ciências. Campinas: RG Editores, 2008.

_____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, 2 ed.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BALDINI, Lauro José Siqueira. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. Análise discursiva do controle da língua. Campinas: Editora RG, 2009.

_____. **Um linguista na terra da gramática**. (Tese de Doutorado). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp, 2005.

BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros.(org) **Linguística de texto e análise da conversação**. Panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin** – outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

BRUNELLI, Ana Flora. O interdiscurso na polêmica sobre os transgênicos: pré-construídos e simulacros. **Revista Estudos da Linguagem**, vol. 17, nº 1, p. 235-250, já/jun 2009.

CANGUILHEM, G. Le cerveau et La pensée, Cours Publics de MURS, 20 de fevereiro de 1990, p. 16-17 *apud* PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. (org). **Gestos de Leitura**. Da História no Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, 2ª ed.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. Sobre a singularidade do sujeito na posição de autor. In: **Linguagem em Discurso**. Santa Catarina: Unisul, vol.1, nº 2, jan/jun 2001.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1989.

Dicionário Larousse Francês/Português – Português/Francês. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009, 2ª ed. brasileira.

DUCROT, O. **Argumentação e topoi argumentativos**. História e Sentido na Linguagem. Campinas: Pontes, 1989.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **A Linguística entre os nomes da linguagem**. Uma reflexão na História das Ideias Linguísticas no Brasil. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp), 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso no Brasil: notas a sua história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral. **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. Os desafios de fazer avançar a Análise de Discurso no Brasil com singularidade e liberdade. In: **Letras**. Santa Maria – RS: UFSM, vol 18, pag. 135-143, jul/dez, 2008.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. O discurso na história da Linguística. Campinas: Pontes, 2004.

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva. In: **Linguagem em Discurso**. Santa Catarina: Unisul, vol. 1, nº 2, jan/jun 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. **História da Semântica.** Sujeito, sentido e gramática no Brasil. Campinas: Pontes, 2004.

_____. Para uma história dos estudos sobre linguagem. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos.** Campinas: Pontes Editores, v. 8, 2002, p. 115-127.

_____. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2005, 5ª ed.

_____. **Texto e argumentação**. Um estudo de conjunções do Português. Campinas: Pontes, 2007, 4ª ed.

INDURSKY, Freda. GT de Análise de Discurso: sete anos de atividade. In: **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 1. Niterói: ANPOLL, 1994.

LECOURT, Dominique. **Para uma crítica da epistemologia**. São Paulo: Assírio e Alvim, 1980, 2 ed.

MAIGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. (Re)Ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MALDIDIER, 1990 *apud* COLLINOT; MAZIÈRE, 1994 *apud* BRUNELLI, Ana Flora. O interdiscurso na polêmica sobre os transgênicos: pré-construídos e simulacros. **Revista Estudos da Linguagem**, vol. 17, nº 1, p. 235-250, jan/jun 2009.

MAZIÈRE, Francine. A Análise do Discurso, o político e a língua. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Memória e História na/da Análise de Discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

MOTTA, Luiz Eduardo; SERRA, Carlos Henrique de Aguiar. A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes. In: **8º Encontro ABCP**. Gramado: ABCP, 2012, p. 1-29.

MUTTI, Regina Maria Varini. O primado do outro sobre o mesmo. **Anais do I Sead 2003.** Disponível em www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/ISEAD/paineis. Acesso em 27/05/2013.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI a XIX. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Uma articulação da Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas. In: **Letras Santa Maria**, vol 18, nº 2, p. 107-124, jul/dez, 2008.

ORLANDI, Eni. O sentido dominante: a literalidade como produto da história. In: ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996b, 4ª ed.

_____. Tipologia de discurso e regras conversacionais. In: **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996c, 4ª ed.

_____. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 1999a.

_____. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, 4ª ed.

_____. Exterioridade e ideologia. In: **Cadernos de Estudos da Linguagem**, nº 30, já/jun, 1996a.

_____. **Discurso em análise.** Sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência. In: ORLANDI, Eni P. (org.) **Discurso e políticas públicas urbanas**: a fabricação do consenso. Campinas: RG, 2010.

_____. A escrita da Análise de Discurso. In: **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001a.

_____.**História das ideias linguísticas**. Construção do saber metalinguístico e constituição da Língua Nacional. Campinas: Pontes e Cáceres: Unemat Editora, 2001b.

_____. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. São Paulo: Editora Vozes, 1998.

_____.**Língua brasileira e outras histórias**. Discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: RG Editora, 2009.

_____. **Língua e conhecimento linguístico**. Para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Michel Pêcheux e Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. Conhecimento de linguagem e filosofias espontâneas. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999b.

_____ (org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003.

_____. Projeto História das Ideias Linguísticas: Ética e política das línguas *apud* BALDINI, Lauro José Siqueira. **Um linguista na terra da gramática.** (Tese de Doutorado). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp, 2005.

_____. Segmentar ou recortar. In: **Série Estudos** – Faculdades Integradas de Uberaba, nº 10, 1984, p. 9-26.

_____. Protagonistas do/no discurso. In: **Série Estudos 4**, Uberaba: fista, 1978, p. 30-41.

ORNELLAS, Clara Ávila. Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões. In: **Espéculo**. Revista de estudos literários. Universidad Complutense de Madrid, 2010. Disponível em htpp://www.ucm.es/info/especulo/numero-43/brabaj.html. Acesso em 12 de abril de 2012.

PAYER, Onice. **Memória da língua**. Imigração e nacionalidade. São Paulo: Editora Escuta Ltda., 2006.

PÊCHEUX, Michel. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo. In: **Escritos**. Discurso e política. Laboratório de Estudos Urbanos – Nudecri/Labeurb, nº 3, 1998.

_____.Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. (org). **Gestos de Leitura**. Da História no Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, 2ª ed.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. (org). **Gestos de leitura**. Da história no Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, 2ª ed. *apud* ORLANDI, Eni. Para uma enciclopédia da cidade. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **O discurso**. Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008, 5ª ed.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al*. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2010.

_____.Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al*. Papel da Memória. Campinas: Pontes, 2009 *apud* BALDINI, Lauro José Siqueira. **Nomenclatura Gramatical Brasileira.** Análise Discursiva do Controle da Língua. Campinas: RG Editora, 2009.

_____. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2001a.

_____. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2001b.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PEDROSA, C. E. F.; CRUZ, RAFAEL SOUZA. **Análise Crítica do Discurso**: mapeando pesquisas de aplicações pedagógicas em sala de aula. In: Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Rio de janeiro: ALAB, 2011. v. 1. p. 1-17.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do "Dispositivo Experimental" da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (org.). **Análise de Discurso em Perspectiva**. Teoria, método e análise. Santa Maria (RS): Editora UFSM, 2013.

PFEIFFER, Cláudia Castellanos. A Linguística nas associações: um recorte discursivo de sua institucionalização. Uma questão de política linguística. In: ORLANDI, Eni. **Política Linguística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. In: **Revista Letras**. Curitiba, nº 61, p. 253-269, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SCHERER, Amanda Eloina. **História das ideias x História de vida.** Entrevista com Eni Orlandi. Fragmentum, v. 7. Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, 2ª ed.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 4 ed.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992 *apud* FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin –** outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____. **Estética de la creación verbal.** Trad. Tatiana Bubnova. Ciudad del México: Siglo Veintiuno, 1982 *apud* MACHADO, Irene A. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. Bakhtin – conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 4 ed.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1999, 9 ed.

BARONAS, Roberto Leiser e KOMESU, Fabiana (org.) **Homenagem a Michel Pêcheux**. 25 anos de presença na Análise de Discurso. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros.(org) **Linguística de texto e análise da conversação**. Panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

_____. Estudos do texto e do discurso no Brasil. In: **Revista Delta**. São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S0102-44501999000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 22 junho de 2012.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005, 5 ed.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin** – conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 4 ed.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin** – conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

BRUNELLI, Anna Flora. Notas sobre a abordagem interdiscursiva de Maingueneau. In: POSSENTI, Sírio e BARONAS, Roberto Leite. (org.) **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

CAMPOS, Maria Inês B.; BRAIT, B. Da Rússia czarista à web. In: Beth Brait. (org). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. Modos de organização. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 2 ed.

_____. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia e EMEDIATO, Wander. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008, v. 1.

CHOULIARAK, L. e N. FAIRCLOUGH. Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999 *apud* MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. In: **Revista Delta**. São Paulo, vol. 21, n. spe, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-4450&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em 3 de junho de 2012.

DIAS, Luiz Francisco. Significação e forma linguística na visão de Bakhtin. In: **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. BRAIT, Beth. (org.) Campinas: Editora da Unicap, 1997.

DIAS, Juliana de Freitas. Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Brasília: Programa de Pós-graduação em Linguística. Vol. 12, n. 2, 2011.

EMEDIATO, Wander. Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas. In: LARA, Glaucia Muniz Proença;

MACHADO, Ida Lúcia e EMEDIATO, Wander. **Análises do discurso hoje.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008, v. 1.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 *apud* RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FAITA, Daniel. A noção de "gênero discursivo" em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth. (org.) **Estudos enunciativos no Brasil**. Histórias e Perspectivas. Campinas: Pontes, 2001.

FLAHAUT, F. **La parole intermédiaire**. Paris: Editions Du Seuil, 1978 *apud* AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras incertas. As não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin –** outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GADET, F. e HAK, T**. Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Tempos Brasileiros: percursos da Análise de Discurso nos desvãos da História do Brasil. In: FERNANDES, Cleudemar Alves e SANTOS, João Bosco Cabral dos. **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz Editora, 2007.

GRIGOLETTO, Marisa. Entremeios da Análise de Discurso: os desafios de novos objetos. In: GREGOLIN, Maria do Rosário e SARGENTINI, Vanice. **Análise do discurso.** Herança, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz Editora, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. Entre o estilístico e o gramatical: Mattoso Câmara na história da Linguística no Brasil. In: **Institucionalização dos Estudos da Linguagem**. A Disciplinarização das Ideias Linguísticas. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Os limites do sentido**. Campinas: Pontes, 1995 *apud* GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação. Um estudo de conjunções do Português. Campinas: Pontes, 2007, 4 ed.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley. **Semântica.** São Paulo: Editora Ática, 1999, 10 ed.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. O político na linguística. Processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E. & GUIMARÃES, E. (org.) **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007.

MACHADO, Ida Lúcia. As palavras de uma análise de discurso. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008, v. 2.

MACHADO, Irene A. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin – conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 4 ed.

_____. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. BRAIT, Beth. (org) Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MACHADO TEIXEIRA, Maria Eunice de Godoy. A contradição no consenso social do discurso ecológico da campanha publicitária da linha Ekos da Natura. In: **Revista Rua** [on line]. 2011, n 17, vol. 2.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. In: **Revista Delta.** São Paulo, vol. 21, n. spe, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-4450&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em 3 de junho de 2012.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin – outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998.

MARTINS, Taís da Silva. **Emergência, movimento e deslocamento da disciplinarização da Análise de Discurso no RS**. Dissertação. Programa de pós-graduação em Letras. Santa Maria, UFSM, 2008.

MARTINS E SILVA, Vera Regina. AD de todas as épocas. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org.) **Michel Pêcheux e análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz Editora, 2007, 2 ed.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (*org*.) **Bakhtin** – conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 4 ed.

MORALES, Blanca de Souza Vieira. O Real da Língua e o Real da História. Considerações a partir do texto *La Lengua de Nunca Acabar*. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org) **Michel Pêcheux e análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz Editora, 2007, 2 ed.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Considerações sobre o modelo de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau**. Disponível em: http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/77/120. Acesso em: 27 de julho de 2012.

ORLANDI, Eni. A Sociolinguística, a teoria da Enunciação e a Análise de Discurso. In: **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Do sujeito na história e no simbólico. In: **Escritos**. Contextos epistemológicos da análise de discurso. Campinas: Publicação do Laboratório de Estudos Urbanos (Nudecri) – Unicamp, n. 4, 1999b.

_____. Ir ao Congresso: fazer a história das ideias linguísticas? In: **Institucionalização dos estudos da linguagem.** A Disciplinarização das Ideias Linguísticas. Campinas: Pontes, 2002a.

PAULIUKONIS, Maria A. L. e MONNERAT, Rosane S.M. Operações discursivas na enunciação. In: LARA, Glaucia Muniz Proença, MACHADO, Ida Lúcia e EMEDIATO, Wander. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, vol. 1.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso. Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora Pontes, 2011.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. In: ORLANDI, Eni P. **História das Ideias Linguísticas**. Construção do saber metalinguístico e constituição da Língua Nacional. Campinas: Pontes e Cáceres: Unemat Editora, 2001.

PIOVEZANI, Carlos e SARGENTINI, Vanice. **Legados de Michel Pêcheux**. Inéditos em análise do discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

POSSENTI, Sírio. Um dispositivo teórico e metodológico. In: POSSENTI, Sírio e BARONAS, Roberto L. **Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise de Discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

RAMALHO, Viviane. Análise crítica da publicidade: um estudo sobre anúncios de medicamento. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Brasília: Programa de pós-graduação em Linguística. Vol. 10, n. 2, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico**. Implicações interdisciplinares. Campinas: Editora Pontes, 2009.

_____; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. **Pesquisa social.** Métodos e técnicas. São Paulo: Editora Atlas, 1999, 3 ed.

ROCHA, D; DAHER, M Del C; SANT'ANNA, V. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. In: **Polifonia** – Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFMT). Cuiabá: Editora Universitária, ano 7, nº 8.

SCHERER, Amanda Eloina. **História das ideias x História de vida**. Entrevista com José Luiz Fiorin. Fragmentum, v. 11. Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

SCHERER, Amanda Eloina. **História das ideias x História de vida.** Entrevista com Ana Zandwais Fragmentum, v.17. Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. **Atravessamento de saberes nos estudos sobre a linguagem no/do Brasil nos anos 50**. Dissertação de Mestrado. UFSM, Programa de Pós-graduação em Letras, 2011.

SILVA, Edvânia Gomes. Competência discursiva e polêmica na constituição do discurso religioso. In: POSSENTI, Sírio e BARONAS, Roberto Leite. (org.) **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin** – conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2010, 4 ed.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: **Bakhtin** – conceitos-chave. BRAIT, Beth. (org) São Paulo: Editora Contexto, 2010.

TEIXEIRA, Isabel Cristina Ferreira. **Análise de Discurso no Brasil:** aspectos da invenção e da transmissão no fazer disciplinar. Tese apresentada na UFSM. Programa de pós-graduação em Letras, 2009.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 4 ed.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

VERENA, Alberti. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.

ZANDWAIS, Ana. **Perspectivas da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux na França**: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM. Programa de Pòs-graduação em Letras, 2009.

ANEXO 1

PRÉ-ENTREVISTA

Prezado(a) coordenador(a) do Programa de Pós-graduação

Meu nome é Maria Eunice de Godoy Machado Teixeira e sou doutoranda do *Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp*. Desenvolvo uma pesquisa sobre as diversas formas da Análise de Discurso praticadas no Brasil e talvez precise entrevistar alguns docentes/pesquisadores deste programa de pós-graduação, caso eles se enquadrem nas situações que estou estudando.

Por isso, venho pedir ao sr(a) a gentileza de responder a esta rápida pré-entrevista. Também me desculpo pelo incômodo, mas conto com sua fundamental colaboração nesta fase da pesquisa em que me encontro.

Agradeço imensamente a atenção dispensada e aguardo seu retorno.

Um abraço.

Maria Eunice.

1. Há pesquisadores e/ou docentes neste programa de pós-graduação que trabalham com Análise de Discurso?

2. O sr(a) poderia me informar seus nomes e e-mails, a fim de eu realizar uma entrevista com eles?

ANEXO 2

ENTREVISTA

Mensagem do e-mail

Prezado professor

Meu nome é Maria Eunice de Godoy Machado Teixeira. Sou doutoranda em Linguística no IEL-Unicamp e estou realizando uma pesquisa sobre a recente história da Análise de Discurso no Brasil, com o objetivo de mapear as diversas formas da Análise de Discurso praticadas no país. Fiz várias pesquisas em sites de programas de pós-graduação e também pré-entrevistas com coordenadores de cursos, para encontrar nomes de docentes e pesquisadores que trabalham com a Análise de Discurso no Brasil e, com isso, cheguei ao seu nome.

Solicito-lhe, portanto, a gentileza de contribuir com minha pesquisa, respondendo à entrevista que está em anexo. O anonimato dos entrevistados será mantido.

Agradeço, desde já, sua rica contribuição e peço que, caso haja mais informações e fatos que o sr queira me transmitir e não foram abordados nas perguntas enviadas, por favor, fique à vontade para relatar o que mais desejar.

Atenciosamente.

Maria Eunice.

Entrevista

Instituição a que pertence:

Ano de início do vínculo:

Função: ( ) coordenação de curso ( ) docente ( ) cargo administrativo

Perguntas

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

9. O sr participa de .... grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, o sr trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1997. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

16. O sr acredita que a Análise de Discurso, fundada por Pêcheux, na década de 60, tenha fornecido subsídios teóricos à sua Análise de Discurso?

ANEXO 3

ENTREVISTAS

Entrevista 1

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Sim. Com a AD de filiação Pêcheutiana.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Desde que comecei meu mestrado em 1995, nunca deixei de pesquisar com a AD.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Escolhi a AD porque era a única em que eu via a possibilidade de pensar sobre o sujeito tradutor. O outro caminho seria pelos Estudos Literários – Literatura Comparada, mas naquele momento eu percebia um leque maior de possibilidades de pesquisa se eu seguisse pelo caminho da AD. Não tinha uma idéia muito clara sobre as diferentes correntes da AD, apenas identificava que havia uma perspectiva mais fechada nas articulações internas do texto e outra que fazia o link com o sujeito e a história. Optei por esta segunda, já que minha questão era com o sujeito.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Vou dividir esta resposta em duas:

Como aluna de mestrado (que depois se tornou doutorado): Sim, tive aulas na graduação na [redacted]. Depois, conheci, já na pós-graduação, [redacted], mais tarde [redacted].

Como professora: [redacted] Em nenhuma tive contato com colegas analistas do discurso. [redacted]

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Só posso dizer que foi no início da década de 90.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Acho que respondi a esta questão na 4.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Na [redacted] acredito que tenha começado com a [redacted], orientada no doutorado pela Eni Orlandi. Depois, foi a vez da [redacted], orientada também pela Eni. E depois [redacted] foram orientadas por Leci Barbisan na PUC-RS.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Acredito que sim em todos os casos. Falando particularmente do grupo de Letras [redacted], considero que as produções são de alto nível, com um embasamento bastante forte, sobretudo em Pêcheux, e a partir disso, rediscussões da teoria bastante pertinentes. Isso tanto nos trabalhos dos professores, como nos dos alunos de graduação e pós-graduação.

9. A sra participa de um grupo de pesquisa (CNPq) atualmente. Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Não saberia dizer com segurança. Vou contar a história, que acho que ajuda: O [redacted] surgiu quando ainda éramos alunas do PPG-Letras da [redacted] e nos reuníamos para estudar, isso na década de 90. Hoje a maioria tem orientandos de graduação e acho que 5 de nós têm orientandos de pós-graduação, em torno de 3 ou 4 cada uma a cada ano.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2000. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Somente o meu projeto de mestrado, em 95. E o projeto registrado em 2000, na verdade começou em 1999.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Discurso jornalístico, internet, tradução. E teoricamente: contradição histórica (e, por aí, formação discursiva), memória discursiva e autoria.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

A historicidade do discurso, ou ainda: a relação tensa entre língua e história. Gosto de duas expressões do Pêcheux: uma teoria não subjetiva da subjetividade e uma disciplina de interpretação. Principais autores: Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Autores que têm me interessado além destes: Mónica Zoppi Fontana, Freda Indursky, Solange Gallo e Ercília Cazarin.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Não acredito em uma compreensão em termos gerais. Para tratar dessas noções, seria necessário, no mínimo um artigo. Mas para não deixar a questão totalmente sem resposta, posso oferecer um recorte: Há uma relação tensa entre língua e história, tensão que afeta a ambas – e nessa tensão precisam ser considerados o real (o equívoco e a contradição) e o simbólico. E é a partir do real e do simbólico que são pensados o sujeito (o efeito-sujeito e o real do sujeito: o inconsciente) e o discurso (efeito e lugar da tensão, dos deslizamentos, da interpretação, da inscrição).

14. Há outros grupos de Pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Sim. Um aspecto interessante entre os pesquisadores analistas do discurso de nosso programa é que há um ponto de articulação: Pêcheux, mas cada um caminha numa direção: pensando mais o inconsciente, mais a língua, mais a ideologia... e então "conversando" com autores diferentes – vinculados à AD pêcheutiana ou não.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Sim. [redacted]

Entrevista 2

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
   R: Fiz um Mestrado usando mais a AD francesa de Maingueneau, mas me interesso mesmo é pelas variadas conceitualizações, das variadas escolas. Não me prendo a nenhuma escola, porque acho isso limitador do potencial das análises. Entre as diferentes abordagens, há muita idéia repetida, mas com nomes diferentes. Por outro lado, cada qual busca ver traços específicos e diferentes dos discursos.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   R: Desde 2007. Na [redacted], Mestrado em Linguística.

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   R: Eu senti que precisava de um arcabouço teórico diferente da Comunicação, mas correlato. A AD de Maingueneau se afinava mais com as pesquisas que eu já havia feito, a partir de Deleuze. Me pareceu a melhor "porta de entrada" na AD, pra quem, como eu, vinha de outra área.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   R: No [redacted], com certeza, ainda tem. No [redacted], onde leciono, havia uma professora, já aposentada. Hoje temos mais 2 professores, além de mim.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   R: Não sei dizer.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   R: Que eu saiba, a Professora [redacted], da Letras, começou a pesquisar a AD desde os anos 80, mas não sei quando ela veio pra [redacted].

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

R: [redacted], na Letras, e [redacted]. Elas trabalham com Pêcheux, mas não sei do início das pesquisas delas aqui.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
R: No Brasil, temos boa produção. NA [redacted], que eu saiba, não é tão difundida a AD.

9. O sr participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
R:Eu participo de 2 GP's efetivamente: um de Semiótica e outro de Publicidade. Do terceiro – [redacted] –, que é de SP, eu já deveria ter me desligado oficialmente. Os alunos participam de acordo com as bolsas que são disponibilizadas.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2008. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? *R: Não.*

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
R: AD e Semiótica da Publicidade.

12. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
R: Sim.

13. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
R: Sim. No PPGCOM-[redacted]: [redacted] (Pêcheux e Fairclough) e [redacted] (Narratologia e AD).

Entrevista 3

1. O Sr. tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o Sr. estuda? **Responda:** Linha Francesa (AD-Francesa) e Linha Inglesa (AD- Inglesa) mais conhecida como Análise do Discurso Crítica (ADC).

2. Desde quando o Sr. tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino? **Resposta:** desde 2004 na [redacted].

3. Particularmente, por que o Sr. escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o Sr. escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar? **Resposta:** Análise do Discurso possibilita pesquisar os discursos da mídia, que são meus interesses de pesquisa. Escolhi trabalhar com a linha francesa e inglesa porque não existe uma linha que possa dá conta de todas as demandas que envolvem o discurso midiático. Não se pode ficar preso a apenas uma única linha.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao Sr., na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o Sr. tem atuado). **Resposta.** Quando entrei [redacted] em 2002 havia um pequeno grupo de pesquisadores que estavam iniciando, assim como eu, as atividades acadêmicas. Esse pequeno grupo criou o [redacted]. Em termos de publicação os membros do [redacted] só tiveram algum desempenho após o ano de 2009. O motivo é que é a partir desse ano que vários pesquisadores concluíram o doutorado.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado). **Resposta.** Na [redacted] foi exatamente em 2008.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição? **Resposta.** [redacted].

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso? **Resposta.** [redacted]

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? **Resposta.** No Brasil há uma boa qualidade e quantidade de produção teórica em AD. Na [redacted], universidade, onde leciono, há uma produção que está crescendo, principalmente a partir das pesquisas feitas no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), cuja área de concentração é [redacted], o qual realiza muitas pesquisas a partir da AD. Sou um pesquisador ainda jovem. Não tenho muitas pesquisas aprovadas. Tenho 5 pesquisas concluídas e fin parte, na condição de vice coordenador, de outra. Das quais três envolvem a AD. Tive duas pesquisas financiadas. Uma pelo CNPq e outra pela [redacted]. Todas as duas foram feitas tendo como aporte teórico a AD.

9. O sr participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos? **Resposta.** Preciso ser sincero: preciso atualizar o cadastro do grupo. O grupo que trabalha com a AD é o [redacted]. Esse grupo, em média, trabalha com seis alunos da graduação, 3 de mestrado, e pelo menos mais 3 da Especialização em Linguística Aplicada da [redacted].

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2007. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? **Resposta**. Não. O projeto de pesquisa anterior a 2007 tinha outro fundamento teórico.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos? **Resposta.** Trabalho essencialmente com estudos e análises da mídia.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos? **Resposta.** Atualmente trabalho principalmente com Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Jürgen Habermas, Norman Fairclough e John Thompson. No tocante à caracterização da AD, posso dizer que a AD é uma tentativa, passível de objeção, de superação das dicotomias que surgiram no século XIX e que muito influenciaram o século XXI. Dicotomias originadas no marxismo, no positivismo e em outras escolas teóricas. A AD é uma possibilidade, um pouco mais aberta, de compreender a complexidades do mundo contemporâneo, tendo o discurso como ponto de partido e de chegada.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)? **Resposta.** Na verdade minha pesquisa visa a "exterioridade", já que trabalho com estudos da mídia. No entanto, questões, como, por exemplo, Língua, Sujeito, Discurso, e História, estão extremamente presentes em minha pesquisa. Como haver algum tipo de compreensão, mesmo que parcial, dos fenômenos midiáticos é preciso partir ou chegar nessas categorias. A sociedade contemporânea está repensando as categorias que foram levantadas. Não sabemos onde esse "repensar" vai chegar, mas é um dever de um pesquisador do discurso ter essas categorias bem presentes em suas atividades.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.). **Resposta.** Sim.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.). **Resposta.** Sim.

[redacted]

Entrevista 4

1. Você tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que estuda?

R-Minhas pesquisas utilizam a AD desde 1985 e sigo a linha de Charaudeau de quem fui aluna aqui na [redacted]. Mas, não apenas o lingüista Francês serve de parâmetro para mim. Uso também Fairclouhg nas idéias apresentadas em Language and Power .

2. Desde quando tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

R- No PG Letras da [redacted], onde fiz o doutorado que completei na [redacted],com o doutorado-sanduíche, na elaboração da tese sobre o discurso da Publicidade. A tese foi iniciada em 1990 e defendida no início de 1993

3. Particularmente, por que escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

R. Primeiramente, porque havia cursado com Charaudeau, um módulo que abordava o discurso publicitário e percebi que era a forma de analisar essa atividade multifacetada, e também porque li o livro de Orlandi, um dos primeiro que saiu no Brasil sobre o tema.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais tem atuado)

R- Não, a maioria estava trabalhando com Linguística Textual e Análise da Conversação, tanto que ninguém fez o curso com Charaudeau

5. Em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição

R- Não sei precisar a data creio que no fim da década de 90.

6. Quem eram eles? Eles ainda estão trabalhando na instituição?

R- As inovações na área de lingüística foram introduzidas pelo grupo do professor [redacted], já afastado. Seu grupo continua as pesquisas então iniciadas e começa outras, levando em conta os gêneros. Atualmente, [redacted] fazem pesquisas baseadas em Bakhtin, sobretudo abordando os gêneros. [redacted] seguem a linha de Pêcheux

7- Pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

R- Acho que respondi a pergunta 7 na 8.

7. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

R- Sim, há uma produção boa na área em todo Brasil, o que vejo nos congressos de que participo. Creio que a linha em que trabalho (AD Francesa: Charaudeau/ Maingueneau) é muito rica em pesquisa na UFMG e na UFRJ.

8. Participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Nele, você trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?

R- O meu grupo de trabalho envolve o Discurso Publicitário e, recentemente, entramos com o discurso das redes sociais. Não sei quantificar, tenho sempre em torno de 6 orientandos.

9. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1985. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

R- Não me lembro de nenhum antes. Sempre analisei o discurso das mídias, começando pelo jornalístico e me detendo no publicitário, tema em que já orientei inúmeras dissertações e teses.

10. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

R-Meu tema central é o discurso publicitário, mas já pesquisei o discurso dos contos de Fadas, como também a Lexicologia (de onde parti para a AD) e, por extensão, o Português no Brasil.

11. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual se filia? Quem são seus principais teóricos?

R-A AD a que me filio- a de Charaudeau e Maingueneau- procura estudar os fenômenos da comunicação no seu circuito interno, dos elementos intrínsecos, como também o circuito externo que inclui o contexto, a situação e leva a ver a ideologia subjacente.

12. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

R-Exatamente, a História situa o discurso e seu significado.

13. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

R- Sim, muitos em linhas diferentes, mas nenhum estuda o discurso da mídia

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que trabalha?

R- Sim, alguns pesquisadores que entraram recentemente no Programa trabalham com Pêcheux e estão formando pesquisadores na linha.

[redacted]

Entrevista 5

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
   Meu projeto de pesquisa toma como referencial teórico a Análise do Discurso de Linha Francesa que trabalha com o pensamento teórico Pecheutiano. No entanto, desenvolvo uma segunda linha de trabalho que toma por referencial teórico a chamada Análise Dialógica do Discurso que se fundamenta a partir de uma reflexão epistemológica em torno do pensamento Bakhtiniano. Dentre as teses que oriento, existem trabalhos cuja fundamentação teórica também se filiam a uma reflexão epistemológica em torno do pensamento Foucaultiano.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Quando fui mestrando na UNICAMP, no programa de Linguística Aplicada, em 1988, cursei a disciplina Análise do Discurso com a Profa. Eni Orlandi e desejei incluir este referencial teórico em minha dissertação de mestrado, a revelia da resistência de meu orientador na época. Passei a desenvolver leituras por conta própria e trocar ideias com colegas que também eram identificados com este referencial teórico, a exemplo do Prof. [redacted]*. Quando ingressamos na* [redacted]*, o Professor* [redacted] *e eu criamos um* [redacted] *em que estudávamos com nossos alunos da Graduação em Letras as obras básicas lançadas na época "A Linguagem e seu funcionamento"; "Introdução à Análise do Discurso"; "Discurso – estrutura ou acontecimento"; "Discurso e Leitura"; "Por uma análise automática do discurso"; entre outros textos isolados de Louis Althusser, Paul Henry etc. Em 1996 ingressei no Programa de Doutorado em Estudos Linguísticos na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Lá conheci a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, base teórica de minha tese de doutorado, porem, sem nunca abandonar minhas leituras no campo da Análise do Discurso de Linha Francesa (Pensamento Pecheutiano). No período em que estava cursando o doutorado procedi às leituras de Semântica e Discurso; Gestos de Leitura; A Ferramenta Imperfeita; A Língua Inatingível; além das leituras de Jacqueline Authier-Revuz (1982 – texto original em francês) e de seu livro sobre as coincidências e não-coincidências do dizer. Ao concluir o doutorado em 2000 e retornar a* [redacted]*, fundei o* [redacted]*, no qual relemos "Marxismo e Filosofia da Linguagem"; Estética da Criação Verbal"; Problemas da Poética de Dostoievski"; "Questões de Estética e Literatura". Em 2004, me integrei ao* [redacted]*, cuja base teórica repousava no estudo do pensamento Foucaultiano. Interrompemos as atividades do* [redacted] *e nos somamos ao Grupo* [redacted]*, que se fundara no interior do Grupo de Pesquisas em Análise do Discurso, liderado pelo Prof.* [redacted]*, no qual lemos "A ordem do discurso"; "Arqueologia do Saber"; "As palavras e as coisas"; "A hermenêutica do sujeito"; entre outras obras vinculadas ao pensamento Foucaultiano, a exemplo da obra "Michel Pêcheux e Michel Foucault – diálogos e duelos" da Profa. Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin. O Grupo de Pesquisas em Análise do Discurso, em seus seis anos de existência, promoveu três edições de um evento intitulado* [redacted]*, cuja primeira versão foi em 2004, a segunda em 2006 e a terceira em 2008. Em 2009, retomamos as atividades do* [redacted]*, desta feita com o nome de* [redacted]*. A partir da retomada do grupo com a denominação de laboratório, uma primeira atividade foi promover um seminário de estudos do volume "matérialitées discursives"da Universidade de Lille, em que retomamos os estudos do pensamento pecheutiano com textos de Ernesto Laclau, Jean-Jacques Courtine,, Jacqueline Authier-Revuz e do próprio Michel Pêcheux. Do seio dos estudos no* [redacted]*, surgiu a ideia de oferecermos a disciplina* [redacted]*. A disciplina foi uma referência de estudos muito rica que nos remeteu a outros estudos em lógica formal e semântica brealiana – uma fase de busca de aspectos epistemológicos fundadores do campo de conhecimento da Análise do Discurso Francesa.Trata-se, pois, de um percurso de pesquisa 16 anos de estudos em que estamos nos debruçando sob o campo da Análise do Discurso, sempre com uma ênfase no pensamento pecheutiano.*

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   Sempre fui um militante estudantil, sempre quis me dedicar a um campo de conhecimento em que pudesse aliar minha prática política à minha prática acadêmica. A Análise do Discurso Francesa de Pensamento Pecheutiano sempre me pareceu reunir elementos teórico-metodológico-filosóficos que me permitisse esse intento político-acadêmico. Me considero um entusiasta do pensamento pecheutiano.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Eu conheci a Análise do Discurso na UNICAMP, como aluno do programa de Linguística Aplicada. A Profa. Eni Orlandi, na época exacerbadamente assediada por uma legião de admiradores e seguidores, nos parecia, na época, uma pessoa inacessível para um diálogo. Daí a ideia de desenvolver os estudos a partir das obras e do interesse em conhecer a área. Ao ingressar na [redacted]*, o campo da Análise do Discurso era praticamente desconhecido.* [redacted]

[redacted]

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
Na [redacted], no então Curso de Mestrado em Linguística, eu diria que, formalmente, orientações e cursos neste campo de conhecimento iniciaram em 1996, mais precisamente com as pesquisas desenvolvidas na época pela Profa. [redacted]. No entanto, a partir de 1994, nosso [redacted], já havia iniciado as leituras teóricas em nível de graduação com alunos do Curso de Letras. O [redacted] era formado em 1994 pelos Professores [redacted] e em 1995 com a chegada da [redacted].

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Estou me referindo, principalmente, em atuações acadêmicas oficiais no campo da Análise do Discurso. Em 1995, quando o então Curso de Mestrado em Linguística na [redacted] iniciou suas atividades, existia uma professora de Teoria da Literatura que atuava no programa no campo da Análise do Discurso. A atuação dessa professora até então se limitava a orientar dissertações que tivesse em seu arcabouço teórico leituras da obra de Bakhtin/Volochinov e Emile Benveniste com a sua teoria da enunciação. Conforme já afirmei, anteriormente, foi com o credenciamento da [redacted] que a Análise do Discurso passou a ser abordada com o arcabouço teórico de Michel Pêcheux pela via das obras de Helena H. Nagamine Brandão e pelas obras da Profa. Eni Orlandi, além de leituras de Jacqueline Authier-Revuz e Paul Henry. A própria Profa. [redacted] coordenou um [redacted] em 1995. A disciplina Análise do Discurso quando era oferecido no antigo Curso de Mestrado pela professora da área de teoria da literatura, abordava as obras bakhtinianas e a teoria da enunciação de Emile Benveniste. Em 1996, no antigo curso de Mestrado em Linguística, a disciplina de Análise do Discurso passou a ser ministrada pela Profa. [redacted]. Em 1998, a Profa. [redacted] se aposenta e a antiga professora de teoria da literatura volta a ministrar e a ocupar o espaço acadêmico do campo da Análise do Discurso no antigo curso de Mestrado em Linguística. No segundo semestre de 2000, iniciei minhas atividades no antigo curso de Mestrado em Linguística oferecendo a disciplina Tópicos em Estudos Linguísticos – A Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau. Em 2001 iniciam suas atividades no antigo curso de Mestrado em Linguística os professores [redacted], ambos credenciados para atuar no campo da Análise do Discurso na então linha de pesquisa "Estudos sobre texto e discurso".

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Quando me credenciei ao programa no antigo curso de Mestrado em Linguística, me preparei para atuar teoricamente com a Análise do Discurso de Linha Francesa (Pensamento Pecheutiano), para dar continuidade ao trabalho iniciado pela Profa. [redacted] em 1996. No período entre 1998 e 2000 a área foi coordenada por duas professoras do campo da teoria da literatura que abordavam o pensamento bakhtiniano e a teoria da enunciação de Emile Benveniste.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Avalio que há uma boa qualitativa e quantitativamente produção intelectual nesta área. Até hoje estive a frente de dois projetos de pesquisa que frutificaram em vários relatórios de iniciação científica e dissertações de mestrado. Ao longo desses anos (2000 até hoje) venho trabalhando principalmente em uma subárea de pesquisa que intitulamos de [redacted].

9. O sr participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
No [redacted], grupo que coordeno atualmente, atuam pelo menos 10 graduandos, 10 mestrandos, sete doutorandos, três professores da própria instituição ([redacted]), além de professores de quatro instituições em cooperação indireta on line e por meio de textos de publicação e visitas esporádicas às jornadas anuais do laboratório. São eles os professores [redacted]

[redacted]. *No* [redacted], *participamos em reuniões acadêmicas por meio de reflexões teóricos acerca do pensamento pecheutiano. No* [redacted] *(UFMG), participo da* [redacted] *o Encontro Mineiro de Análise do Discurso que teve sua primeira edição em Belo Horizonte na UFMG, a segunda em Mariana – MG na UFOP e a terceira em São João del Rei na UFSJ. Esporadicamente participo dos seminários teóricos do* [redacted] *e lá me dedico ao estudo do* [redacted]. *O quarto grupo seria o GT* [redacted] *da ANPOLL no qual estou inscrito no grupo hoje coordenado pelo* [redacted].

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2001. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Meu primeiro projeto oficial data de 2001.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
O Discurso Universitário Institucional; Discurso, História e Memória na produção de sentidos nas instituições; Os processos de subjetivação nas discursividades.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
O que considero fundamental no campo da Análise do Discurso é estudar os processos de subjetivação. Meu principal teórico é Michel Pêcheux.Tomei por tarefa construir extensões teóricas que mantenham funcionando a percepção teórica de Michel Pêcheux.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Língua – materialidade linguística, superfície enunciativa de discursividades, casualidade estética de uma expressividade em significar;

Sujeito – instância de ação político-ideológica nos processos de transformação de sentidos na classe;

Discurso – evanescência de sentidos num devir histórico;

História – devir dos acontecimentos em que sujeitos discursivos se constituíram e tomaram posições diante do ato de significar o tempo, o espaço e a linguagem;

Exterioridade – fonte inesgotável e incomensurável de interpelação e de porvir de clivagem de uma instância-sujeito na enunciação pela força linguageira do ato de significar;

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim. No [redacted], *no campo de estudos em Análise do Discurso, na Linha de Pesquisa* [redacted] *atualmente funcionam os seguintes grupos de pesquisa:* [redacted] *Há outros grupos os quais desconheço as siglas, mas sei que existe um grupo que se ocupa de estudos da obra de Dominique Maingueneau e um grupo de pesquisa que focaliza pesquisas sobre significar o corpo mediado pela linguagem verbal e não-verbal.*

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Não sei.

Entrevista 6

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
Sim. Trabalho com a orientação de Dominique Maingueneau.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
Desde o meu mestrado, iniciado em 1988, no Programa de Pós-Graduação em [redacted]

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

[redacted]

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado).
Não. Predominava e predomina ainda hoje a tradição estruturalista no Curso de Letras da [redacted], herança deixada por alguns lingüistas importantes como [redacted].

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
Considero que iniciou precisamente quando dei entrada no projeto de pesquisa "[redacted] em 1995, com auxílio da licenciada [redacted], que depois acabou se encaminhando para a Linguística textual e o Funcionalismo.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Na época, que eu saiba, não havia ninguém que trabalhasse com AD na [redacted].

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Que eu saiba, portanto, fui eu mesmo que introduzi. Quando cheguei do meu doutorado, na PUC-SP, em 2001, criei o grupo de [redacted], com objetivo de investigar práticas discursivas que participam do cotidiano, através da análise de textos delas resultantes, dando ênfase na análise da materialidade lingüística em sua articulação com o contexto social. Ofereci no ano seguinte a primeira disciplina ("Tópicos Avançados – Princípios e fundamentos da Análise do Discurso", 32h/a), cujo objetivo era "estabelecer uma reflexão sobre alguns princípios teóricos e conceitos fundadores da vertente francesa da Análise do Discurso". E depois, em todos os anos seguintes, diferentes disciplinas voltadas para a Análise do Discurso, sendo que, no primeiro semestre de 2007, No entanto, pesquisando, verifiquei que o professor [redacted], [redacted] Porém, como não havia pós-graduação em história na época, nem consta que havia disciplina na graduação desse curso (ainda não há), creio que o referido professor não chegou a ministrar aulas na área.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Considero que quantitativamente é boa. Qualitativamente, no entanto, o que prejudica é a grande variedade de correntes teóricas e uma grande flutuação terminológica. No meu departamento, por exemplo, os quatro professores que dizem trabalhar com Análise do Discurso fazem coisas completamente diferentes e têm cada um seu grupo de pesquisa. Quanto à minha produção, desde 2001, orientei quinze dissertações de mestrado e três teses de doutorado todos defendidos analisando a produção de diversos artistas [redacted] Houve outros trabalhos com outros objetos: uma tese sobre o ethos no discurso religioso, uma dissertação sobre discurso machista, outro sobre o discurso racista e outra sobre o discurso da publicidade turística. Além disso, organizei 3 livros e desenvolvi 5 projetos de pesquisa nesses últimos vinte anos.

9. O sr participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
Corrigindo, participo de apenas um, o grupo de pesquisa [redacted].
Normalmente entram todos os anos de dois a quatro alunos por ano, o que significa 6 a 12 há cada três anos.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1995. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Como já falei, se existiu, desconheço.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
No início pensava estudar discurso de poder, através de conceitos como formação discursiva, heterogeneidade, ideologia. Orientei dissertações sobre os discursos machista, racista e da publicidade turística. Depois adotei a perspectiva de AD do Dominique Maingueneau e também restringi o objeto para o que tenho chamado de discurso [redacted].

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
Penso que os dois princípios básicos da perspectiva na qual trabalho seja a articulação entre contexto (seja qual dimensão for – social, institucional, situacional, etc.) e materialidade (midiológica, linguística, genérica, etc.); e o primado do interdiscurso, ou seja, um discurso jamais pode ser descrito sem a consideração da sua alteridade. Os principais teóricos são, assim, Dominique Maingueneau, Mikhail Bakhtin e Michel Foucault.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Em primeiro lugar, na perspectiva que adoto, a língua não é uma entidade homogênea ou estável. É um conjunto de variedades não apenas definidas por condições sociais (ser de classe A, B, C, etc; ou ser ou não escolarizado; ser do gênero masculino ou feminino, etc.). Considerando, diferentemente, a língua como um jogo de tensões entre variedades, planos e registros os mais diversos, faz-se necessário perceber que o discurso se inscreve nessas tensões posicionando-se: legitimando línguas, dialetos ou registros e legitimando-se através deles, e até mesmo contribuindo decisivamente para a emergência sócio-política bem sucedida de variedades lingüísticas. Em relação ao sujeito, do ponto de vista empírico, trata-se de uma síntese singular de múltiplas determinações (culturais, lingüísticas, institucionais, pragmáticas, etc.). Embora o sujeito não seja aquele que enuncia sempre após ter presente para si todas essas condições reunidas, ele é ativo e pode, a partir de sua posição enunciativa e nos limites que ela lhe circunscreve, gerir sua relação com os constrangimentos que essa posição implica. Ou seja, trata-se de uma instância integralmente social e integralmente singular. Por outro lado, do ponto de vista discursivo, o sujeito é uma "ficção" discursiva, criado pelos mecanismos enunciativos que a língua possibilita. Quanto ao conceito de discurso, trabalhamos com dois conceitos: discurso é um acontecimento, um evento resultante de uma atividade realizada dentro de certas condições de produção; ao mesmo tempo, designa uma instância que torna possível essa atividade. Essa instância se configura sob uma diversidade de formas na sociedade, se atravessam e se constituem mutuamente, podendo ou não se ancorar institucionalmente mas sempre ligadas a práticas sociais. Desse modo, um sermão é um discurso que emana do discurso religioso e que pode ser atravessado pelo discurso político, filosófico, etc. ao mesmo tempo pode revelar traços de discursos sexistas, populistas, etc. Em relação à história, uma vez que o discurso está sempre vinculado a uma prática efetiva, e essa prática se dá sempre sob determinadas condições sociais de produção, o discurso é irrepetível, portanto sempre único, já que essas condições são sempre diversas. No entanto, o discurso também é regido por forças de conservação que pretendem estabilizá-lo. A história é essa tensão permanente entre o devir e a inércia provocada por essas forças. O discursivo, como constitutivo das práticas humanas, participa da história e é histórico, em resumo, é atuante e "atuado" pelas forças históricas.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, mais 3. As professoras [redacted].

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, mais 3. Os mesmos.

[redacted]

Entrevista 7

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
A AD que venho buscando construir tem forte inspiração nos trabalhos de D.Maingueneau. Também tenho buscado refazer leituras de Foucault, dentre outros autores, e com elas busco avançar na construção de um quadro teórico.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
Desde 1993, quando iniciei minha tese de doutorado na PUC-SP.

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
Na verdade, minha opção por um viés discursivo se deu antes, já no Mestrado, por volta de 1988, quando conheci a profa. [redacted], na época doutoranda na Unicamp. Eu cursava o mestrado na PUC-Rio e não pude aprofundar uma pesquisa no campo da AD porque não havia quem orientasse trabalhos do tipo na PUC-Rio. Somente mais tarde, quando ingressei no

doutorado na PUC-SP, pude me dedicar a um aprofundamento maior no campo da AD. Foi quando tomei contato com o trabalho de D. Maingueneau, que possuía laços acadêmicos com docentes da PUC.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)

Na [redacted], antes de meu ingresso, havia a profa. [redacted], que oferecia cursos em AD de base francesa, mas logo depois ela se desligou e passou a atuar apenas na PUC-Rio, onde foi trabalhar com abordagens interacionistas.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)

Como eu disse, a única pessoa que parecia desenvolver um trabalho na área se desligou da Universidade assim que entrei, para ficar apenas na PUC-Rio.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Informação já prestada em perguntas anteriores.

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Como ficou visto nas perguntas anteriores, por ocasião de minha entrada no [redacted], não havia outros colegas com quem pudesse dividir meu interesse pelos estudos discursivos. Em 1999, ingressei como docente do mestrado em Linguística, oferecendo regularmente uma disciplina eletiva de AD, a qual sempre despertou grande interesse nos alunos. Com o tempo, duas outras colegas vieram se associar ao referido programa de mestrado: [redacted]. Eram duas professoras de espanhol que tinham uma boa formação em AD (também com base nos trabalhos de D. Maingueneau). Posso dizer que nós 3 construímos a base de uma perspectiva discursiva no programa de pós da [redacted]. Trabalho até hoje na [redacted] com a profa. [redacted] e mantemos sempre uma intensa troca acadêmica com a profa. [redacted], que hoje atua na [redacted].

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Sim, considero que a produção em AD no país seja bastante significativa. Penso apenas que, do ponto de vista qualitativo, falta um pouco a esse profissional de AD assumir plenamente sua função de "cientista social" que fará uma leitura de seu entorno pelo viés das práticas linguageiras ali praticadas. Muito do que vejo sendo produzido em AD são, a meu ver, "exercícios de aplicação de um quadro teórico a um dado corpus", o que não coincide com o que eu esperaria encontrar.

9. O sr participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, o sr trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Diria, grosso modo, que coordeno grupos de discussão nos quais participam uma média de 15 alunos (uns 10 pós-graduandos e outros 5 graduandos).

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1993. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Não. Meu trabalho de doutoramento foi minha primeira pesquisa na área.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Eis alguns dos temas que venho explorando: cenografia, etos, produção de subjetividade (tema que exploro com base em Foucault e também recorrendo à reflexão de Deleuze e Guattari), trabalho (em especial, o trabalho do professor).

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
O principal teórico, isto é, o teórico que vai pensar diretamente o estatuto de um plano discursivo, é D. Maingueneau; a seu lado, acrescentemos, como bases filosóficas de trabalho, Nietzsche, Foucault, Deleuze-Guattari, em especial.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Língua e discurso são conceitos que encontram sua formulação mais produtiva na proposta de D. Maingueneau, por intermédio da noção de prática discursiva: existiria, simultaneamente, uma produção textual e a produção de uma comunidade que daria sustentação (e seria sustentada por) essa produção textual. Não haveria uma relação de causa – efeito entre esses dois tipos de produção: textos e comunidades se produzem e se alimentam mutuamente. Antes de um interesse pelo sujeito, interessa-me, pelo viés de Foucault e Deleuze-Guattari, aprofundar o tema da produção (histórica) de subjetividade. A partir de tal referencial, qualquer

forma-sujeito produzida na história será tão somente um efeito do afrontamento de forças: poder e resistência conjugando-se em produções sempre passageiras.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Sim. Cito em especial a professora [redacted]

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Há duas colegas que se dedicam à Análise Crítica do Discurso: [redacted]

Entrevista 8

1.O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda? Eu tenho contado com a AD desde 2002, mas sempre fazia uso dela em cruzamentos teóricos metodológicos; ou seja, lançava mão dos autores, Pecheux, Orlandi, como suporte para interpretação de dados que interessavam às minhas pesquisas. Contudo, minha relação era em tanto promiscua, sou leitor d Bakhtin, Foucault, Possenti ,etc. Contudo, a partir de 2010 foi que fechei meus interesses na linha francesa fundada por Michel Pecheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi.

2.Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino? Na [redacted] trabalhei com Análise de Discurso a partir de 2011 no curso de Mestrado em Letras. A disciplina se chamava [redacted]. Ela foi ministrado em parceria com a professora [redacted].

3.Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?[redacted]

4.Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado) No caso da [redacted], a professora [redacted], na [redacted], o professore [redacted] e na [redacted], a [redacted], ambos historiadores.

5.O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)A [redacted], que também respondeu seu questionário, pode lhe ajudar em relação à [redacted]. Mas em relação à [redacted], o [redacted], acho que começou a trabalhar isso em 2002; a [redacted], que aposentou esse ano, trabalha coma AD faz muitos anos.

6.Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição? Isso eu já respondi.

7.O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso? Não sei direito, mas na [redacted] o [redacted], na História, foi aluno da Thereza Negrão, da UnB. De modo que aí está a relação, eu acho.

8.Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? Sim; eu tenho visto muitos trabalhos. Na [redacted] as coisas ainda estão começando.

9.O sr participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, o sr trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos? Então, como disse acima, as coisas na [redacted] ainda estão começando. O Mestrado está em seu início. Eu apenas tenho dois anos de instituição. De modo que o trabalho ainda está no seu início.

10.Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2008. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? Como eu disse, a minha monografia de Graduação mobilizou alguns autores da AD. Isso foi em 2000.

11.Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?Me interessa sobre a produção social de sentido. Tenho buscado alcançar isso através de narrativas literárias. No último ano, contudo, tenho me aproximado de narrativas orais de professores e é a partir dessa aproximação que pretendo continuar trabalhando a AD.

12.Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos? A minha separação de Bakhtin e Foucault se deve à questão do inconsciente. Eu acho que isso foi o fundamental. Neste sentido, leio Pecheux, Orlandi, AUTHIER-REVUZ, etc.

13.Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)? Pergunta difícil de responder. Mas acredito que a noção discurso como lugar do encontro entre a língua e a ideologia é fundamental. A ideologia, no sentido do Althusser comentador de Lacan, como ordem simbólica, que chama o indivíduo da espécie ocupar um lugar de sujeito. Nesse sentido, o sujeito se constitui como atravessado pela ideologia e pela história. Em termos muitos resumidos é isso.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.) Sim, a professora [redacted], a que já me referi.

15.Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.) Isso já respondi.

[redacted]

17.Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha?

Não

Entrevista 9

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?

Tenho trabalhado com a Análise do Discurso de linha francesa em minhas pesquisas. Apesar da Análise do Discurso não se constituir em campo homogêneo, nesse momento, temos concentrado nossos estudos no quadro teórico-metodológico apresentado por Dominique Maingueneau. Nossa opção foi pelo fato de que suas proposições estão alicerçadas, como ele mesmo propõe na busca do funcionamento do discurso e sua inscrição histórica para pensar condições de enunciabilidade. É lógico que questões centrais para reflexão em AD se circunscrevem em postulados anteriores apresentados, no mínimo, por três linhas teóricas relacionadas a projetos específicos: a linha de Michel Pêcheux; a linha sociolinguística (desenvolvida por Marcellesi, Gardin e Guespin, dentre outros, na França); e, finalmente, a linha de Michel Foucault. Desde a década de 60, até nossos dias, muitas são as discussões e ajustes realizados. Por se tratar de campo em constante construção, o importante para o pesquisador é guardar coerência em relação ao que usará como pressuposto para sua análise, tomando o cuidado para não cometer equívocos e articular questões que guardem algum tipo de oposição. Por exemplo, ao se tratar de Formação Discursiva, enquanto Pêcheux se preocupa no que se refere à ideologia vinculada à concepção marxista, principalmente a apontada por Althusser, Foucault defende a ideia de constituição de saberes e poderes que nem sempre, para ele, passam pela questão de classes sociais. Portanto, dependendo do objeto e da análise que será realizada, cabe ao pesquisador buscar a melhor linha teórica que defenda suas idéias.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Como pode ser observado em meu Lattes, meu trabalho de pesquisa se inicia institucionalmente em 1996 com o Mestrado, realizado na Pontifícia Universidade Católica. Tanto no Mestrado, quanto no Doutorado minhas investigações tiveram como solo epistemológico a Linguística Textual (como fundamento para análises de Linguagem) e a Interdisciplinaridade (como fundamento para a postura do docente, frente à construção do ato educativo e da construção de currículo). O interesse pela Análise do Discurso surge no momento em que fui convidado a coordenar curso de *Lato Sensu* (2000) e, posterior acentuado, quando passo a fazer parte do Programa de Mestrado em Linguística da [redacted] em 2008. No Programa, passei a trabalhar com duas disciplinas: [redacted] A partir desse momento, recebi orientandos que procuram desenvolver seus trabalhos no âmbito da AD e da Linguística Textual (LT). A primeira dissertação defendida foi "[redacted] de [redacted]. O orientando desenvolveu questões diretamente ligadas à constituição do ethos e da cenografia no discurso literário, procurando verificar como o humor se presentificava em crônicas. A segunda foi "[redacted]" de [redacted]. Em seu trabalho [redacted] observou questões relacionadas ao discurso científico, especificamente, às citações bibliográficas maiores de três linhas,

analisando o uso dos dêiticos e dos verbos introdutórios como elementos linguísticos indispensáveis ao processo de inserção e retomada das citações no texto e que, se exploradas de forma criteriosa, coesa e coerente, servem como fio condutor entre o dizer e o dito. Todos os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Mestrado ou da Iniciação Científica na graduação têm caminhado nessa perspectiva. Procurando a melhor fundamentação teórica que dê conta da análise que será realizada.

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Como já disse, ao procurar trabalhar com análise de diversos gêneros discursivos e orientar alunos na realização de suas análises, temos optado em buscar a teoria que se ajuste ao objeto de análise escolhido. Uma coisa é certa, partimos sempre da tematização do objeto discursivo, trabalhando nos limites das grandes divisões disciplinares. Ou seja, partindo-se de uma materialidade linguística, buscamos observar sua materialidade histórica, extralinguística de forma simultânea, procurando construir os sentidos possíveis em determinados contextos de produção. O campo da Análise do Discurso é vasto e oferece sustentação para uma série de análises, por isso é possível caminhar pelas suas possibilidades. Como ele está aberto a outras áreas do saber como a psicanálise, o marxismo, a linguística e o materialismo histórico, que, por sua vez, integram seus estudos ao corpo teórico do discurso, ajustando-se, assim, à especificidade e à ordem própria da rede discursiva, às perspectivas se ampliam. Temos clareza de que o quadro teórico da AD é complexo e mantém uma relação tensa entre as noções que o integram. Caberá ao analista do discurso, em cada atividade de análise redefinir os conceitos que põe em prática, observando seus limites frente ao objeto escolhido para estudo. Essas possibilidades e inquietudes nos levaram a buscar maior compreensão sobre a análise do discurso e buscar nela o escopo teórico capaz de dar suporte às analises dos diversos gêneros discursivos à disposição na sociedade.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)

Quando começamos o Mestrado na Universidade, além de um grupo de professoras da casa, recebemos professores de fora da instituição. Alguns com trabalhos desenvolvidos com base em pressupostos da Linguística Textual, da Teoria da Enunciação, de estudos sobre o ensino e a aprendizagem em Língua Portuguesa etc. Todos, além de se adequarem ao novo momento, buscaram as melhores formas possíveis de promover alguma interação entre o que pesquisavam e a Análise do Discurso. Atuo há 20 anos na [redacted]. Durante esse período, acompanhei alguns colegas que em cursos de Graduação (iniciação científica) e Pós-graduação *Lato Sensu* propuseram trabalhos ligados às vertentes da Análise do Discurso e da Linguística Textual.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)

Na instituição, todos os trabalhos sistematizados que tiveram como suporte a Análise do Discurso, principalmente a de linha francesa, começaram em 2008, juntamente com a proposta de curso de mestrado enviada a CAPES.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Segue breve currículo do corpo docente, todos atuando no Mestrado em Linguística da Universidade.

Acredito que os currículos resumidos oferecem uma visão geral do grupo de professores e de sua atuação. Maiores informações poderão ser observadas no currículo *Lattes* de cada um.

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

A Análise do Discurso com maior aprofundamento científico foi introduzida com a aprovação do Mestrado em Linguística na Universidade em 2008, como já dito. No entanto, a matriz curricular do curso de graduação levanta a discussão sobre a análise do discurso em disciplinas como Linguística e Língua Portuguesa: Linguística Textual. A Instituição desenvolve, desde 1996, curso de Lato Sensu em Língua Portuguesa que, a partir de 2004, passou a ter em sua matriz a disciplina Análise do Discurso, procurando mostrar sua evolução histórica e correntes.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Há vasta produção intelectual no País sobre a Análise do Discurso. No entanto, parece-me que ainda há alguns conflitos a serem resolvidos, principalmente no que se refere a utilização de correntes diferentes que, em alguns casos, provocam uma certa incoerência em *papers* e trabalhos publicados em geral. Falta uma certa consistência e maturidade teórica que começam a se solidificar. Muitas vezes percebemos que determinados trabalhos ainda são superficiais e necessitariam de maior aprofundamento. Claro que isso acaba sendo, também, por conta da política de desenvolvimento da pós-graduação no país. Com a exigência de desenvolvimento da pesquisa para o Mestrado em 24 meses, podendo chegar a 30, os alunos que ingressam na pós-graduação *stricto sensu* trazem várias lacunas em sua formação. No memento em que estariam aptos para começar sua pesquisa e escrita da dissertação, precisam defender suas dissertações. Os colegas de instituição procuram, dentro do possível e cumprindo às exigências de avaliação da CAPES, publicar seus trabalhos em periódicos, congressos e livros. No entanto, sentem falta de maior espaço para publicação. Tenho dividido minha publicação entre a análise do discurso e a linguística textual, conforme pode ser observado em meu lattes. Como tenho trabalhado com análise de [redacted], nesse momento, tenho me cercado da AD para

realizar minhas análises, observando questões relacionadas à nova retórica. Trabalho também com a produção de textos para mídias virtuais (EAD), para isso sirvo-me de fundamentos da linguística textual, da teoria da enunciação e do dialogismo.

9. O sr participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, o sr trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Trabalho em dois grupos de pesquisa, o primeiro "[redacted]. Ele contempla duas linhas de pesquisa voltadas para os estudos do discurso e do texto numa dimensão sócio-interacionista, a saber: [redacted]. A primeira investiga os procedimentos enunciativos e as estratégias de construção do sentido e da expressividade nos textos escritos e falados, focalizando-se as relações entre diferentes gêneros; investiga, ainda, a constituição dos sujeitos do discurso em diferentes situações de interação social, as formações discursivas e ideológicas que envolvem as práticas de linguagem. A segunda abrange projetos relacionados à aquisição e ao desenvolvimento da linguagem, à leitura e aos procedimentos de organização e de construção do texto verbal nas modalidades oral e escrita, considerando-se o contexto do ensino, seja presencial, seja a distância. Meus trabalhos encontram-se na primeira linha. Nesse grupo participam 13 professores, 5 de graduação, 01 de *Lato Sensu* e 22 de Mestrado, nos últimos três anos. O outro grupo do qual faço parte é "[redacted]" que está ligado ao Programa de Língua Portuguesa da PUC-SP. O grupo, inicialmente denominado "[redacted]", passou em 1996 a denominar-se [redacted]. Centrando-se na leitura e escrita, sob o enfoque de vertentes teóricas que tratam o texto sob o ponto de vista da Linguística Textual e da Análise Interacional do Discurso. Destaca-se a interlocução com pesquisadores da UFRN, [redacted]

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1997. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Não, minhas primeiras investigações no âmbito da Análise do Discurso, propriamente dita começam em 2005.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

- Discurso literário; Discurso científico; Discurso midiático; Ensino de Língua Portuguesa mediada por computador; Paralinguagem.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?

Atualmente tenho trabalhado com as contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso. Principalmente pelo quadro teórico que ele propõe. A partir de uma de sua obra "Gênese do Discurso", o pesquisador apresenta um novo direcionamento para a AD. A proposta de analisar o discurso a partir de seu funcionamento em determinada inserção histórica, não se detendo apenas a questões da textualidade abre para o analista um leque de possibilidades. [redacted]

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

A Análise do Discurso e outras teorias que observam a necessidade de ruptura em relação à sistematização da língua, quanto da assistematização da fala estudadas até então, procuraram observar a linguagem como um campo de estudo complexo para estar limitada ao sistema proposto por Saussure. Fala, sujeito, ideologia, social, história, semântica passam a fazer parte dos estudos e passam a compor o que seria chamado de análise subjetiva da linguagem, provocando deslocamento dos estudos que exigiam a compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua como sistema ideologicamente neutro. Surge a exigência de se observar a linguagem no campo discursivo, capaz de operar a ligação necessária entre o lingüístico e o extralingüístico. A Análise do Discurso, em relação a noção de sujeito, aponta para o "sujeito discursivo", ou seja, um ser social que está inserido em determinado contexto e espaço sociais. Ele é histórico, pois apresenta de si uma imagem no espaço coletivo que está inserido, portanto ele se constitui a partir do lugar que se encontra. Como bem aponta Orlandi, ele é múltiplo, pois atravessa e é atravessado por vários discursos, não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, por que representa vários papéis. O que corrobora com o que diz Maingueneau ao recuperar a noção de *ethos* discursivo, um sujeito que constrói uma imagem de si, no contexto histórico-social em que está inserido.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

O Programa de Mestrado em Linguística da Universidade tem apenas um Grupo de Pesquisa, nele estão alocados os 10 professores-pesquisadores.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Não

[redacted]

Entrevista 10

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
   Sim, tenho trabalhado com AD, especificamente a análise crítica do discurso (ACD) orientada por uma perspectiva sistêmico-funcional (LSF).

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Desde 2001, primeiramente com a vertente anglo-americana e etnográfica e, em seguida, com a perspectiva anglo-saxônica, como mencionada na resposta anterior.

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   Sobretudo pelo tipo de corpus investigado em minha pesquisa [redacted], em 2001: um evento de fala, ou encontro social, [redacted]. Para esse tipo de pesquisa, escolhi a sociolinguística interacional de base etnográfica, de modo a desvelar como as relações de poder entre [redacted] se davam; e que papel o transe, ou possessão, tinha para a legitimação dessas relações hierarquicamente constituídas. [redacted], pelo fato de investigar o discurso literário, uma abordagem discursiva e do texto se revelou mais pertinente. Por isso, elegi a ACD e a LSF como aportes teórico-metodológicos.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Sim, especialmente na [redacted]. Desde meados da década de 90 do século passado.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Precisamente, não. Sei o que respondi na questão anterior.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   O professor [redacted], atualmente docente do [redacted].

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Salvo engano, o Departamento de Letras da [redacted] teve no professor [redacted] o pioneiro nessa temática, cuja ênfase se encontrava na perspectiva francesa da AD, linha teórica distinta da qual utilizo em minhas pesquisas. Atualmente, os professores [redacted], ambos do meu Departamento, têm se dedicado aos estudos em AD de base francesa, atuando na graduação e na pós-graduação.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Sim, a AD como um todo é uma abordagem dos estudos da linguagem que tem crescido bastante em termos quantitativos, muito embora eu não possa dizer o mesmo no que concerne à qualidade dos trabalhos. Na minha instituição, nossa preocupação é realizar pesquisas em AD com interfaces que acrescentem ao conjunto de discussões presentes no cerne dessa disciplina, como, por exemplo, discurso e memória, discurso e transcrição, discurso e literatura, discurso e tradução, discurso e ensino. No que tange a meus projetos de pesquisa, as áreas de discurso e literatura, discurso e tradução e discurso e ensino têm sido privilegiadas em minhas discussões acadêmicas, muito embora o conceito de memória e interfaces seja um campo com o qual estou iniciando um diálogo que se pretende promissor.

9. O sr participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Em todos, o sr trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
   Sim, com ACD e LSF especificamente. Uma média de 2 ou 3 alunos de graduação e pós-graduação por biênio.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2006. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    O primeiro projeto de pesquisa institucional foi em 2006, mas meus projetos pessoais, de mestrado e doutorado, ambos em AD e interfaces, iniciaram-se, respectivamente, em 2001 e 2003.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
    Tradução e discurso literário; Linguística Sistêmico-Funcional; Pesquisa em Corpus; Etnografia e Ensino.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
    A perspectiva social de uso da linguagem, com forte aparato político-ideológico, passível de ser analisado por meio de investigação textual-descritiva precisa e sistemática. Os principais teóricos com os quais dialogo são Michael A. K. Halliday, Norman Fairclough e Mike Scott.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
    Uma pergunta ampla, mas que pode ser respondida sucintamente. A perspectiva teórica com a qual trabalho vê a linguagem como um atributo do sujeito social, por meio da qual esse sujeito constitui significados através de práticas sociais. Nesse conjunto de manifestações, essas práticas não são vistas como ações estanques, mas constituídas historicamente.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
    Sim, como já disse, os professores [redacted].

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
    Mesma resposta da questão anterior.

[redacted]

Entrevista 11

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
   Na verdade, a análise do discurso não é minha primeira linha de atuação. Quando trabalho nessa área, a linha que sigo é a Análise Crítica do Discurso, especialmente segundo van Dijk e também Fairclough.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Desde 2007 na [redacted]

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   A análise do discurso, particularmente a ACD, oferecia a possibilidade de uma abordagem mais engajada a certos temas que têm implicações sociais claras;

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Na instituição atual ([redacted]), há muitos, mas especialmente em AD francesa. Na primeira instituição ([redacted]) eu fui o primeiro.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Não saberia responder a esta pergunta.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Na [redacted] há diversas pesquisadoras vinculadas a linhas de AD: [redacted] e outras.

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Não sei dizer.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Particularmente na [redacted] há uma boa produção na área. Em minha atuação pessoal, as incursões pela ACD são mais esporádicas. Em geral, trabalho com análise de gêneros (também numa perspectiva crítica).

9. O sr participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
   No grupo que lidero, devido às condições de pesquisa em minha IES ([redacted]), atuam apenas alunos de graduação (mais ou menos 05 bolsistas de IC e mais graduandos (TCC) anualmente). No grupo ligado à [redacted], tenho atualmente 02 mestrandas vinculadas.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2007. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    Não, este foi o primeiro mesmo.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
    Os temas mais constantes são gêneros acadêmicos e gêneros digitais. A ACD vêm em seguida com o tema de gênero (*gender*) e linguagem.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
    A meu ver, a principal característica da ACD é a abordagem do discurso como constituído e constituinte de relações de poder, em que frequente acontece o *abuso* do poder. O principal teórico é Teun van Dijk e, adicionalmente, Norman Fairclough.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
    A língua oferece a possibilidade de construção sociointeracional da realidade, pela qual os sujeitos se engajam ou na manutenção ou na transformação de situações sociais enquanto determinadas pelo discurso. É pressuposto que situações históricas de opressão ou exploração apresentam um componente discursivo que lhes é fundamental.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
    Sim.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
    Sim.

Entrevista 12

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
   Sim, todas as minhas pesquisas são voltadas para a análise de discurso, especialmente na articulação com a psicanálise. Penso que a AD a que me filio é aquela iniciada por Michel Pêcheux, e que tem na relação entre língua, história e inconsciente seu ponto nodal.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Desde 1997, quando entrei no mestrado. De forma fixa e constante, a partir de 2006, quando fui contratado pela [redacted] para ser professor de seu mestrado em [redacted].

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   Penso que uma resposta a esta pergunta nunca será totalmente satisfatória, já que se trata de uma questão de identificação com questões, procedimentos, leituras, que nem sempre passam por uma via tão consciente quanto a pergunta propõe. Resumidamente, penso que a AD com a qual trabalho me permite pensar a língua em sua materialidade, sem colocá-la em segundo plano ou como reflexo do pensamento, e é aí que encontro o ponto de atração da teoria com minhas questões mais gerais.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
Quando ingressei na [redacted], em 2006, já havia sido instalado o mestrado, portanto, já havia um trabalho em AD em funcionamento.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
[redacted] e [redacted], a partir de 2002.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Idem.

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
O mestrado que integro foi pensado, desde seu início, com uma configuração voltada para os estudos da AD. O responsável por esta iniciativa foi [redacted].

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Penso que sim, de maneira geral. No entanto, me parece que a produção em AD tem dificuldade em ultrapassar os muros da universidade e de se fazer mais visível no debate político mais amplo.

9. O sr participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
Não saberia dizer.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1996. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Não.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Basicamente, dois: história das ideias linguísticas e estudos em que procuro pensar a relação entre a AD e a psicanálise.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
Creio que a ideia de que a língua só faz sentido na história, de que é preciso levar em conta a exterioridade (histórica) para pensar o funcionamento da língua, e que o campo da ideologia é fundamental para se pensar qualquer problemática relativa ao sujeito do discurso, em sua relação com o campo do inconsciente.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Creio que a Língua é vista de dois modos, fundamentalmente: de um lado, como um sistema aberto a falhas, numa derivação do pensamento saussuriano, mas com aportes teóricos posteriores importantes; de outro, nos trabalhos finais de Pêcheux, como lalíngua, isto é, como fundamentalmente ligada à concepção lacaniana de língua e inconsciente. O sujeito, por sua vez, é visto como caracterizado pela incompletude e pela falta, clivado, o exato oposto de uma visão da subjetividade como poder de síntese das vivências ordinárias. Deve-se a isso a perspectiva freudiana (e também lacaniana) em que o sujeito é tomado. O discurso é o ponto de encontro entre língua, história e inconsciente. Categoria de difícil definição, é efeito de sentido entre locutores, ou seja, não é conteúdo, nem forma, mas o momento em que certos efeitos se materializam, por isso é concebido como uma prática. Já a história é tomada na perspectiva materialista, em que a luta de classes é conceito central, e como a algo a ser significado pelo discurso.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, a maioria. Cerca de 6 ou 7 professores.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Não, mas em outras teorias que não a AD, sim.

Entrevista 13

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda? Sim, mas não exclusivamente já que desenvolvo pesquisa também na de semântica e pragmática. O início de meus trabalhos (por volta de 1975, quando ainda aluno de mestrado) esteve vinculado à linha francesa, especificamente ao grupo do Pêcheux, até como uma alternativa de contras com a análise de conteúdos.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   O trajeto é longo (vou resumir):

   (a) no início do mestrado em Línguística, na [redacted]

   ([redacted]

   [redacted] Nomes e temas específicos dos projetos poderão ser verificados no meu Lattes. Paralelamente, publiquei muitos textos sobre a questão da AD, organizei com colegas da [redacted] diversos eventos e publicações (cf. Lattes), da mesma forma que orientações de dissertação e tese (cf. Lattes).

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   A escolha se deu em função de outras perspectivas de análise, por exemplo, por ser uma dimensão que melhor traduzia a questão histórica (social e política) da linguagem e por ser, naquela circunstância, uma dimensão de teor interdisciplinar mais transparente. Essa escolha, todavia, não anulou outros acadêmicos que continuei mantendo seja no campo da semântica, seja no campo da pragmática, como se pode verificar por textos que publiquei na época.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   [redacted]

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Só posso me reportar à [redacted].

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Prof. [redacted]); Prof. [redacted]

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   As discussões iniciais foram feitas a partir de três pontos: [redacted]

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Reporto, então, a dois momentos: (a) Na [redacted], penso que a produção foi intensa, tanto em termos de orientação (aquelas que orientei podem ser checadas no Lattes), em termos da realização de Simpósios (três internacionais) e

diversos locais ([redacted]) e, sobretudo, pelo volume de publicações feitas pelo [redacted] (mais de 10 volumes), reunindo autores nacionais e internacionais (ver dados das coletâneas de que participei no Lattes), além de um número incontáveis de artigos. (b) Na [redacted], estive mais orientado para orientações na área e publicação de artigos (cf. Lattes)

9. O sr participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
   Acho difícil computar esse fato, mas em geral todos os orientandos estão integrados nos grupos de pesquisa (um deles de que participo não é de análise do discurso, mas de cognição) e se apresentam de forma bastante efetiva de eventos na área da análise do discurso. Dados precisos precisariam ser levantados cruzando dados dos Lattes dos orientandos.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1977. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    Bem essa data representa melhor uma fase conclusiva do projeto, quando já dispúnhamos dos dados para a análise. Na verdade, foi um projeto (ainda não formal que se iniciou em [redacted], com discussões, pesquisa de campo e discussões conceituais sobre a disciplina).

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
    A Semântica foi minha disciplina original (dissertação sobre semântica gerativa); sempre ministrei a disciplina tanto na graduação por 30 anos na [redacted] e também na pós-graduação; por extensão ampliei minha pesquisa para o campo da pragmática (atos de fala) e para a análise do discurso; mais recentemente venho ampliando minha pesquisa na área de cognição.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
    Ora, eu não sou muito de filiação a corrente. Sempre transitei por diversas abordagens, aprofundando os aspectos que me interessavam e descartando outros. Todas as abordagens apresentam alguma contribuição relevante para a análise, mas o destaque fundamental, a novidade que AD trouxe para a campo da linguagem foi a inserção da dimensão política, ideológica na análise da linguagem, o que outras disciplinas não conseguiram fazer (sociolingüística, etnolinguística...)

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
    Tudo o que você cita são categorias muito complexas para apresentar aqui nesse espaço (dentro dos meus limites) um diagnóstico de cada uma. Posso lhe apresentar como o nosso grupo inicialmente enfrentou a questão: (a) a questão da ideologia nos levou a uma reconstrução e um estudo histórica desde a questão da ideologia em Marx (Ideologia Alemã) até Althusser (Aparelhos ideológicos e Sobre o trabalho teórico); (b) a questão do sujeito, nos levou a uma discussão sobre textos de Freud e de Lacan (sobre inconsciente e sujeito); (c) as duas outras categorias ficam sobrepostas às duas primeiras, não houve um estudo particular sobre a não ser através de textos de Veron (Produção do Sentido, Semiose Social), Rossi-Landi (A linguagem como trabalho e como mercado) e as questões sobre enunciação que foram aprofundadas nesse período (Ducrot, Charaudeau etc.)

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
    Tanto na [redacted], como na [redacted] tenho trabalho em termos de grupos, que estão nos grupos diretórios do CNPq. Especificamente, nas pesquisas em análise do discurso, a minha participação maior é no Grupo: [redacted].

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
    Sim, existem orientações diferentes de análise que, no fundo, poderiam ser vistas como orientações temáticas (mas não sei se metodológicas) diferentes, como todo o trabalho voltado para a análise de gêneros discursivos, de representações na linguagem etc.

PS. Quando houver conflito de datas, dê preferência àquelas que estão no Lattes. Aqui fiz um trabalho de memória. Além do mais não fiz nenhuma revisão no texto; você pode ajustar se for usá-lo como citação.

Um abraço,

16 de dezembro de 2011

Entrevista 14

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
   Sim, tenho trabalhado com a Análise de Discurso de linha francesa (AD), especificamente com a produção deixada por Michel Pêcheux. É com essa proposta teórica, metodológica, e, sobretudo política, que atuo no curso de graduação e na Pós-Graduação em Letras da [redacted], ministrando aulas e desenvolvendo pesquisas na área.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Trabalho com a AD francesa desde a graduação. Destaco, em especial, o ano de 1999, pois foi quando eu comecei a participar do programa de Iniciação Científica [redacted] com orientação da professora [redacted]. Depois participei de alguns cursos e disciplinas ofertadas pelos cursos de Letras e Ciências Sociais. Foi assim que fui buscando cada vez mais aprofundar os estudos em AD: inicialmente no PIBIC, depois no trabalho de conclusão de curso (TCC) e, por fim, entrei na Pós-Graduação em Letras da [redacted], na Linha de Pesquisa "Discurso: Sujeito, História e Ideologia", onde desenvolvi a pesquisa de doutorado sobre [redacted]. Atualmente, como professor e pesquisador nos cursos de graduação e Pós-Graduação em Letras da [redacted], eu continuo trabalhando com a AD.

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

   [redacted]

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Sim, a professora [redacted].
   [redacted]

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Penso que tenha sido no início da década de 1990, mas não tenho certeza disso. Quando entrei na graduação na [redacted], em 1997, as professoras [redacted] estavam terminando o doutorado. Acompanhei um pouco desse percurso assistindo as defesas de tese e foi quando comecei a conhecer pessoalmente outros pesquisadores já renomados da AD no Brasil, como, por exemplo, Freda Indusky, Mónica Zoppi-Fontana e Ingo Voese.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   [redacted]

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Sim, acho que com o início da Pós-Graduação em Letras da [redacted], na década de 1990, alguns professores de outras universidades trouxeram contribuições para o grupo, [redacted]

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Sim, temos uma grande produção em nível nacional que pode ser constatada pelo número relevante de publicações de pesquisas e, também, pelo número de eventos e congressos que temos anualmente. Fico sempre admirado quando participo de eventos pela troca de conhecimento e pelo diálogo consistente estabelecido pelos pesquisadores aqui no Brasil. Vejo que a AD possui um campo fértil de pesquisadores e muitas questões relevantes para estudar, ou melhor, para problematizar. Quanto à produção local, na [redacted], temos um número ainda pequeno de publicações, e isso se deve a dificuldade que temos para conseguir financiamentos. Apesar dessa dificuldade, algumas teses que produzimos em AD já foram publicadas pela Editora da [redacted]). Os professores da Linha de pesquisa "[redacted]", têm produzido artigos e livros a partir de pesquisas que são desenvolvidas com os alunos da Graduação e da Pós. Avalio que são trabalhos com temáticas relevantes e que ajudam na compreensão dos processos discursivos atuantes na sociedade capitalista. De modo geral, vejo que desenvolvemos pesquisas com qualidade porque buscamos compreender, nas contradições do discurso, as contradições das relações sociais capitalistas. No entanto, paradoxalmente, a divulgação de nossas pesquisas ainda não é "quantitativamente" satisfatória para um mundo acadêmico que, infelizmente, está cada vez mais "produtivista".

9. O sr participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
Sim, participo de dois grupos. Um com professores da [redacted] e outro com professores da [redacted]. O primeiro é um grupo novo e interdisciplinar. Nossos encontros são basicamente online. Em 2012 teremos um Simpósio para socializar nossas pesquisas e tenho certeza que esse grupo tende a crescer, mas não sei dizer, no momento, o número de alunos. Com o grupo da [redacted], tenho mais tempo de participação e nossas reuniões são mensais. É um grupo que está crescendo pelas pesquisas desenvolvidas e pelo aumento do número de alunos/pesquisadores. Esse crescimento vem ocorrendo porque existe uma divulgação maior da AD na graduação, pois com a oferta anual de Análise do Discurso para os alunos da graduação, temos em média 35 a 40 alunos de diversos cursos da [redacted] que procuram a disciplina interessados nos estudos do discurso. Em seguida, esses alunos também solicitam participar do grupo. Entre estudantes de iniciação científica, mestrandos e doutorandos, temos, hoje, cerca de 30 alunos/pesquisadores efetivamente atuando.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1999. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? Antes de 1999 não. Meu encontro efetivo com a prática de pesquisa e com a AD foi exatamente em 1999, quando comecei a participar como aluno-bolsista de iniciação científica na [redacted]. Esse projeto de pesquisa é da professora [redacted] e tratava do discurso sobre o oprimido e a reprodução da opressão, particularmente, analisávamos as matérias [redacted] publicadas na Revista Veja e no Jornal Folha de São Paulo. Aprendi muito participando desse projeto. Ainda hoje publicamos trabalhos que são frutos dessa pesquisa, pois constantemente retomamos outros/novos/mesmos recortes do *corpus* para aprofundar questões de ordem teórica, metodológica e política.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Tenho trabalhado com o discurso da/sobre [redacted].
Às vezes penso que vou deixar de desenvolver pesquisas sobre essa questão [redacted], mas o processo histórico é muito dinâmico e contraditório e sabemos que uma análise do discurso não esgota o objeto e, por isso, vejo-me retomando novas e/ou mesmas questões para aprofundar a reflexão, pois a questão [redacted] continua sendo uma temática relevante e atual para a compreensão de nossa existência histórica. Também desenvolvo estudos sobre mídia televisiva. Neste momento, estudo como os migrantes nordestinos são discursivizados na mídia. Essa pesquisa está sendo finalizada e desejo publicá-la no próximo ano. Também tenho me dedicado a fazer pesquisas de cunho teórico, especialmente, tenho desenvolvido leituras sobre a questão dos processos discursivo-ideológicos e os conflitos entre as classes sociais (conflitos entre capital e trabalho) a partir da perspectiva filosófica do materialismo histórico e dialético na AD. Penso que tratar dessa questão de ordem filosófica e política é resistir aos discursos dominantes, pois falar de classes sociais na sociedade contemporânea "parece" ser algo "caduco". Sou constantemente questionando por colegas que tentam me convencer que "o mundo mudou" e "não existem classes sociais". Entretanto, cada vez mais compreendo que esse discurso é um efeito da ideologia dominante (da classe dominante que detém o poder material e espiritual) e, por isso, insisto/resisto, pois compreendo, também, que esse debate tem implicações sérias em nossas análises e, sobretudo, em nossas práticas políticas cotidianas.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
O que caracteriza fundamentalmente a AD que prático é a questão da articulação da linguagem com o político, o histórico, o social, o ideológico e o econômico, ou melhor, da relação concreta do dizer do/sobre o sujeito com suas condições materiais de produção sócio-históricas. Fico inquieto buscando compreender como as contradições das lutas sociais constituem e, também, fazem mover as contradições nos/dos dizeres e silenciamentos. Isso caracteriza nossa especificidade, pois levamos em consideração essa articulação entre Sujeitos, Língua e História em uma unidade de natureza contraditória, ou seja, dialética. Utilizo fortemente Michel Pêcheux e Eni Orlandi, e, também, revisito sempre textos clássicos de autores como Maldidier, Courtine, Robin, Henry, Fuchs e outros/as. Além dessas leituras, estabeleço interlocução com a perspectiva marxiana ontológica, buscando maior fundamento no materialismo, especialmente, revisitando Marx e Engels, Lukács e também Mészáros, pois penso que a perspectiva marxiana continua fornecendo

pressupostos teórico-metodológicos importantes para compreender as contradições sociais que, dialeticamente, constituem as contradições do/no discurso.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Difícil dizer sobre essas questões "em termos gerais". Penso que aqui é, muitas vezes, um ponto de (des)entendimento entre nós analistas, pois as concepções que temos de língua, sujeito, discurso e história têm, certamente, algumas nuanças. Eu começaria pela concepção de história. Digo sempre que não se trata de compreender a história numa concepção diacrônica nem sincrônica, mas sim da relação que os sujeitos estabelecem efetivamente com a produção de suas próprias vidas, ou seja, produção da existência material (relações de produção e forças produtivas). E trago essa concepção da perspectiva marxista, apontada pelo próprio Pêcheux na introdução do livro "Semântica e Discurso", quando ele afirma que uma referência à história só se justifica na perspectiva de uma análise materialista dos efeitos das relações de classes sobre as práticas linguísticas. É daí que deriva também as concepções de sujeito histórico constituído e afetado pela ideologia e pelo inconsciente. E, em seguida, tomo a língua como materialidade do discurso, também histórica, sem esquecer sua ordem própria, mas também sem deixar de destacar sua relativa autonomia diante das práticas discursivas. É desse modo que compreendo o discurso como práxis social, ou seja, mediação nas relações entre os sujeitos, produção de efeitos de sentido entre interlocutores em determinadas condições históricas de produção. Portanto, o discurso é parte constitutiva da concretude histórica dos sujeitos, pois ele é capaz de falar, velar e desvelar o real sócio-histórico e, assim, interferir fortemente nas práticas sociais, atuando no movimento de reprodução/transformação das relações de produção. Quando pratico a Análise de Discurso, na busca da compreensão do processo discursivo em seu movimento dinâmico e contraditório, lembro-me sempre da assertiva de Pêcheux no texto "Discurso estrutura ou acontecimento": o discurso como *efeito* e *trabalho*. A meu ver, esse é o caráter essencialmente dialético da teoria do discurso, ou seja, o discurso tem sua gênese nas relações sociais e históricas e retorna, para interferir, nessas mesmas/outras relações. Por isso, tenho repetido sempre que o discurso é *efeito* e *trabalho*, pois não podemos nos esquecer desse caráter dialético do movimento (funcionamento contraditório) do discurso nas relações sociais de uma determinada conjuntura histórica.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim. Há o [redacted] que trabalha com a AD francesa.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Acho que não, levando em consideração que todos/as professores/as que atuam na linha de pesquisa da Pós trabalham fundamentalmente com Pêcheux e Orlandi. No entanto, ressalto sempre, em minhas aulas, que não podemos nos esquecer que cada professor tem um *gesto de leitura/interpretação* que revela a relação que cada um, particularmente, tem com a ideologia, com a língua e com o inconsciente. Por isso, penso que há algumas diferenças, às vezes até muito significativas, na prática analítica e/ou mesmo no modo como estabelecemos o diálogo com outros autores e desenvolvemos determinadas pesquisas. : [redacted]

Entrevista 15

1. O sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que o sr estuda?
   Trabalho com AD nas minhas pesquisas. Filio-me à análise de discurso francesa.

2. Desde quando o sr tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Trabalho com AD desde 1999, quando fundamos o Programa de Pós-graduação em [redacted]. Tanto trabalho com a AD na [redacted], como nas instituições onde, como convidado, ministro cursos eventuais de pós-graduação (lato sensu), com disciplinas de curta duração.

3. Particularmente, por que o sr escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que o sr escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   [redacted]

4. Havia professores/pesquisadores anteriores ao sr, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Considerando apenas a [redacted], não havia ninguém, como ainda hoje não há quem atue na área. Nos demais lugares onde atuei meteoricamente em cursos eventuais pelos quais fui remunerado, também desconheço quem tivesse atuado.

5. O sr saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais o sr tem atuado)
   Ver resposta anterior.

6. Quem eram eles? (Caso o sr se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Ver resposta anterior.

7. O sr pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual o sr trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   O pioneiro sou eu, e ainda mantenho esse status, infelizmente. [redacted]

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   No Brasil, acho que a AD francesa é bem representada (vide a obra pioneira de ORLANDI). Faço uso de análises prontas, apresentadas em artigos, como forma de ilustrar aulas com modelos de análise, nos periódicos em circulação e de trabalhos apresentados em Congressos. Na minha instituição, já orientei 23 dissertações desde 2001. Em todas elas há algum aspecto, algumas relevância nos domínios do discurso, mas apenas poucas elaboram uma análise do discurso de fato. Particularmente, desde 2006 comecei a publicar na área, mas o meu enfoque é a análise do discurso literário.

9. O sr participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, o sr trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
   Trabalho com AD em apenas um com o projeto [redacted]. Meus alunos de graduação não vão a Congresso (!!!). Não sei se por conta do nosso relativo "isolamento"... Os de pós-graduação vão. São estimulados a isso. Nos últimos três anos, pelo menos três alunos se apresentam anualmente com trabalhos orientados por mim. Iniciamos essa cultura de cobrança de produção por conta das exigências da Capes que pesam sobre todos nós.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2001. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual o sr participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    2001 foi o ano em que tudo começou nesses domínios, à época, novos. Antes disso, desenvolvi apenas a tese de doutorado, que já versava sobre discurso, numa linha muito aberta.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Nas minhas pesquisas e estudo, o tema recorrente é o discurso literário. Por conta da minha atuação no curso de graduação em Pedagogia, atuo também em políticas linguísticas, quando procuro dar formação linguística a futuros professores de séries iniciais.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual o sr se filia? Quem são seus principais teóricos?
O que caracteriza a AD pra mim é o fato de a análise não se prender ao imanente, de extrapolar as fronteiras do textual, de provocar os seus sentidos a partir do espaço de sua enunciação, é o de flagrar o texto na sua relação com o momento histórico de sua aparição, e com os seus envolvimentos com os sujeitos. Meus principais teóricos hoje são Bakhtin, Benveniste, Foucault e Bourdieu (de *as regras da arte*) entre os precursores, e Maingueneau e Charaudeau entre os recentes. Não desprezo nenhum outro que apresente trabalhos convenientes de suporte.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que o sr estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Na graduação, sou o professor das disciplinas Leitura e produção de textos I e II, que eu propus para o curso. Nelas, abordo a língua não como um fenômeno isolado, abstraído de normas. Discuto o fenômeno variacional e de gênero com o objetivo de desenvolver a noção de língua como aparato cultural e não apenas como instrumento de comunicação escrita. Nesse sentido, torna-se inevitável apresentar e apreciar o texto nas suas relações com os sujeitos e com o entorno ocial. É nesse momento que desenvolvo a noção de discurso e de determinações históricas de texto. Consequentemente, a linha mestra de análise textual é a problemática do linguístico com sua exterioridade, com o que não é linguístico. Os alunos entendem bem.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Não.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que o sr trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Não.

Entrevista 16

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda? *Trabalho com a Análise de Discurso peuchetiana.*

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino? *Trabalho desde que conheci a professora* [redacted]*, era aluna de graduação, 1993, na graduação ainda, eu acho.*

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar? *Não sei exatamente, acho que a Análise de Discurso me escolheu... a* [redacted] *me aceitou... eu era uma menina pobre do interior do Rio Grande do Sul, família humilde de pequenos agricultores, me faltava quase tudo, mas eu me sentia plena, cheia de "ganas" para ler, estudar, entender mesmo quem eu era nesse mundo... logo que conheci a* [redacted] *entendi que havia "muitas coisas a saber"... nisso não mudei muito: continuo plena de "coisas a saber". As primeiras leituras em análise de discurso me desmontaram, desconstruíram meu mudo, "meu mundinho"... isso fez toda a diferença; as segundas leituras me re-situaram, indicaram que eu poderia ter um lugar e as leituras me re-estruturaram e me estruturam até hoje...*

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado) *A única instituição em que atuei que trabalhava com a Análise de Discurso é a* [redacted] *era e é a pessoa, desde o início dos anos*

90, eu acho, do século XX.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado) *Ao que me consta: 1992, quando* [redacted] *chega de seu doutorado com* [redacted]*.*

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição? *Sim,* [redacted]*. Ainda trabalha, produz muito.*

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso? *A professora* [redacted] *era (e é) a grande pessoa e trabalhava com seus orientandos... lembro de quando fui ao GEL (em São Paulo), em 1997, assisti as apresentações dos orientandos da professora Eni Orlandi (ela os assistia e comentava a fala de cada Um) e me apresentei: sou de* [redacted]*, orientanda* [redacted]*. A Eni me recebeu calorosamente, dizendo que conhecia* [redacted]*. Era assim,* [redacted]*, as relações* [redacted] *com a França, os pesquisadores franceses... as relações com outros estados do Brasil (sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro) em 2006 entrei aqui como Adjunta e formamos uma bela parceria, aprendo muito com ela, sempre. No entanto, se queres saber da instituição da disciplina como tal, ela inexiste: não há nem na graduação nem na pós-graduação uma disciplina do currículo pleno e formal uma disciplina de análise de discurso.*

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? *No Brasil, a Porfª Eni tem uma produção fantástica, são quase 30 anos de trabalhoem prol da Análise de Discurso... há também que se observar uma expansão fantástica nos últimos 10 anos, tem muita coisa boa, mas há trabalhos equivocados, há pessoas equivocadas... há problemas, mas isso faz parte da construção de uma caminhada teórica e de pesquisa em qualquer área. O contraponto vai mostrando quem faz realmente o quê! Dizer-se analista de discurso não significa sê-lo de fato e de direito... Na minha instituição, os trabalhos têm se qualificado muito, sobretudo os trabalhos de dissertação e tese,* [redacted]*. A contribuição* [redacted] *é muito significativa, quanto aos meus trabalhos posso dizer que tenho me empenhado bastante, tenho trabalhado duro, produzindo cada vez mais e tentando tomar consciência do processo de produção, mas engatinhando ainda na carreira acadêmica, buscando uma interlocução responsável com autores e textos da nossa área, assim sem pressa, mas com muito desejo. Posso dizer que tenho aprendido muito nos últimos tempos...*

9. A sra participa de dois projetos de pesquisa atualmente. Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa? *Meu lattes não revela exatamente o que faço, mas posso dizer que tenho duas orientandas de mestrado e duas orientandas de iniciação científica, já tive o dobro disso... trabalho com um grupo de doze alunos de graduação num Programa de Educação Tutorial (ensino-pesquisa-extensão) e depende muito do período... agora estou retornando de uma licença de 8 meses para pósdoc com a* [redacted]*, estou retomando minhas coisas...*

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1999. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? *Em 1999, de fato começa minha carreira como professora universitária e responsável por projetos. Os trabalhos anteriores são como acadêmica ainda...*

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos? *O sujeito é o grande mote, a partir dele vão se somando muitos outros... mas me interesso mesmo é em saber mais sobre o sujeito, sua constituição, suas tomadas de posição; mas minha pesquisa não é voltada para a questão do inconsciente, tomo o sujeito como dotado de inconsciente, mas quero mesmo ver suas relações com a ideologia, com a língua, com o político, com a história. Então, diferentes discursos me interessam e já me interessaram, muito embora atualmente eu esteja tentando direcionar os trabalhos para investigações em 2 frentes: a) os instrumentos lingüísticos e b) a urbanidade. Outro elemento que perpassa isso tudo é minha reflexão permanente acerca da constituição do dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso no Brasil.*

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos? *Para mim, fazer a Análise de Discurso significa engajar-se em alguma causa social, é assim que ela nasce na França dos anos 60 e é assim que vem funcionar na América Latina... Ninguém conhece a Análise de Discurso e passa impunemente por ela... Não vou entrar muito na questão dos fundamentos conceituais porque acho que já falei acima sobre isso, vou responder a essa questão com nomes, a Análise de Discurso que faço tem Michel Pêcheux e Eni Orlandi como fundadores na França e no Brasil, respectivamente. Os principais autores para mim são muitos, não cabem aqui, e depende mesmo das pesquisas e dos momentos que vivo, mas vou enumerar alguns que me são muito caros e que atualmente estão em minha volta. Na França: Paul Henry, Georges Canguilhem, Michel Pêcheux, Francine Mazière, Claudine Haroche, Denise Maldidier, Françoise Gadet, Régine Robin(Canada), e tantos outros. No Brasil, Eni Orlandi, Freda Indursky, Ana Zandwais, José Horta Nunes, Amanda Scherer, Carme Schons, Cristiane Dias, entre outros colegas, com os quais dialogo frequentemente.*

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)? *É difícil definir noções tão complexas em poucas linhas de uma entrevista feita por escrito, mas vou trazer à baila alguns elementos que considero essenciais para se pensar no discurso da perspectiva que trabalho, deixando minha resposta em aberto. Preciso iniciar dizendo que a linha de pesquisa do programa de pós-graduação ao qual me filio é nomeada: "*[redacted]*", reunindo sob sua égide trabalhos enunciativos e discursivistas, com isto já posso te dizer que sendo uma analista de discurso percebo estas três noções imbricadas para a partir delas pensar questões de discurso que é a quarta noção que tu apresentas. Tomo a língua em sua incompletude, dizendo isso de modo bem rápido, em sua forma material e em suas relações com a hitoricidade (no sentido que lhe atribui Orlandi), fazendo da história um elemento constitutivo do sujeito e, consequentemente, do discurso. Aqui, o discurso é, sim, efeito de sentidos entre locutores, e é ele que me interessa conhecer enquanto processo, algo em*

movimento, lugar de inscrição do sujeito que toma uma posição (em detrimento de outras possíveis) e que se relaciona com a ideologia e com a história. Enfim, poderia escrever um artigo sobre estas noções, tua questão é bem provocativa...

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.) S*im.*

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.) *Não sei.*

[redacted]

Entrevista 17

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
   Sim. Desde o momento em que cursei o Mestrado e conheci a Análise de Discurso, de filiação em Pêcheux.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

   Ensinava Literatura na [redacted], pelo viés da história, e sem conhecer a linha teórica. Líamos aproximadamente 40 títulos em um ano. Fazíamos edição de jornais (ainda em máquinas de escrever), explorando as leituras dessas obras. Cada turma de segundo ano adotava uma turma de ensino fundamental e estes produziam o encarte literário (baseado nas leituras de obras infanto-juvenil. Aproveitava essas leituras, o trabalho de edição de jornal para trabalhar a produção escrita (editoriais, charges, resenhas, notícias, horóscopo, palavras cruzadas, receitas, etc..). Enfim, fazíamos todas as colunas, inclusive a transposição do literário para o jornalístico e vice-versa. Quando os jornais estavam prontos, no dia da entrega, a direção solicitava serviços à secretaria de segurança pública e a rua na frente da escola era trancada. Ali, cada grupo de segundo ano e a turma de ensino fundamental que estava sob sua tutela, armavam suas barraquinhas e passavam a vender os exemplares de seus jornais. Eram três turmas de segundo grau e três turmas de ensino fundamental, Bem, juntava povo na rua. O dinheiro arrecado era investido na aquisição de novas obras... A partir do momento em que comecei o mestrado na [redacted], apesar de ter tido uma formação bastante formalista, percebi na oportunidade que cursava uma cadeira ministrada pela professora [redacted] e outra com a professora [redacted], que a AD se aproximava do que estava buscando. Pensei: "pronto, agora achei o caminho para aquilo que procurava: relação da língua com a história".

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado).
   Não. Fui a primeira e quando comecei a estudar os conceitos da Análise de Discurso, de filiação em Pêcheux, enfrentei muitas barreiras no Curso de Letras. Meu nome foi colocado à disposição de outros cursos (digamos de periferia, como alguns colegas referem), como história, direito, por exemplo. Foi a minha sorte! O fato de ser acolhida no Curso de história me garantiu condições para estudar nessa perspectiva teórica. Muitas portas se abriram, sobretudo, os diálogos com [redacted]. Embora existam muitas aproximações, não é a mesma coisa que estudar AD de filiação em Pêcheux. No ano de 2006, veio para nossa instituição [redacted], e o trabalho melhorou bastante. Nesse sentido, podia contar com uma interlocutora. Como ainda não havia terminado o doutorado. Minha formação foi sempre trabalhando, porque meus filhos já haviam iniciado universidade e eu precisava trabalhar para manter seus estudos. Hoje, tenho uma colega que trabalha como colaboradora. A professora [redacted]. Fora relação de trabalho, temos nosso grupo de estudos, criando ainda na época do mestrado e que perdura até hoje. [redacted].

5. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Como eu disse, não havia ninguém. [redacted], que hoje trabalha [redacted] e [redacted], que colaborou conosco no ano de 2010/2 a 2011/1, porque temos muitas solicitações de orientação em AD e eu estava sozinha. Só para ter uma idéia, de 11 alunos que ingressaram em 2009, 8 alunos pediram orientação em AD. Para piorar, [redacted], porque não havia ninguém, acabei ministrando duas cadeiras no mesmo semestre. Ainda não havia nenhum componente em AD, eu fazia um percurso até chegar na AD. Neste semestre, ministro uma disciplina que se chama Tópicos em teorias em AD.

6. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Acredito que já respondi nas questões acima.

7. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Não. Tenho me esforçado para melhorar. Não tem sido fácil. Muitos orientandos, a quantidade de aulas e outras atividades. Também não temos muita liberdade para nos afastarmos das atividades docentes e, no meu entender, isso prejudica um pouco a produção. [redacted] Como havia integrantes dessa área nas comissões, meu nome passou. A partir dessa data, a política da Vice-Reitoria de Pós-Graduação mudou. Foi proposto o quadro de professor pesquisador e ai, o professor é contemplado com horas de pesquisa por suas produções. Foi ai que ingressei no quadro e tenho me mantido pelas produções. Tem sido o suficiente pela política da casa, mas ainda não garante visibilidade ao trabalho.

8. A sra participa de três grupos de pesquisa atualmente. Em algum desses grupos, a sra trabalha com a teoria da Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa?
Quanto à participação de alunos de graduação, só os bolsistas mesmo, porque nossos alunos são trabalhadores que estudam à noite. E com os mestrandos não é diferente. [redacted], eu fazia reuniões quinzenais e líamos, estudávamos vários textos não trabalhados em aula, já que não havia nenhuma disciplina em AD. Agora que acabou o inverno, estamos retomando as reuniões. Como faço [redacted] toda semana, temos feito algumas sessões de estudo aqui em casa, aos sábados. Mas estou impossibilitada de viajar, de ficar exposta a certos ambientes. Então, tenho participado mais por e-mail, skype, MSN. Também tenho participado de algumas reuniões em [redacted] com o grupo da professora [redacted]. Mas sem muita regularidade, [redacted].

9. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2004. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Participei de discussões no nosso grupo de pesquisa, o [redacted]. No início, nos reuníamos para estudar os textos do mestrado e para entender os conceitos da AD, depois passamos a reuniões mensais. Viajava a Porto Alegre. Geralmente, nos reuníamos aos sábados. Algumas vezes na [redacted]. Outras, em casa de colegas. Fizemos dois encontros em [redacted]. Ainda, tive o privilégio de participar do grupo de pesquisa coordenado por minha orientadora.

10. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Memória, subjetividade, arquivo, identidade. Tenho me interessado ultimamente pela relação língua e história. O político. Mídia e escola.

11. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
Há uma multiplicidade de campos recoberta pela designação Análise do Discurso. Análise do Discurso Americana (Harris), Francesa – Pêcheux (AD ortodoxa), Maingueneau, Foucault; AD Bakhtiniana; anglo-saxã (AD crítica) – Fairclough e ainda os dissensos teóricos dentro de cada uma delas. As fronteiras e dissensos resultam de concepções diferenciadas, ou de sujeito, ou de ideologia ou mesmo do modo de conceber a relação do linguístico com o social. **Análises do Discurso e o ponto de ruptura** O ponto de encontro das diferentes perspectivas é o deslocamento do olhar sobre a língua enquanto estrutura autônoma, para o olhar que prevê, essencialmente, as relações da língua com o social. Essa tomada resulta, essencialmente, em um ponto de ruptura com a perspectiva estruturalista.

12. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Se não te importas, isto está posto nos meus trabalhos. Mas ...

A História**:** O real da história não é transparente para o sujeito, mas mediado pelas relações de produção. A superestrutura ideológica relaciona-se com o modo de produção dominante na formação social considerada. A ideologia e a linguagem estabelecem pontes que vão se estreitado, até formarem uma totalidade. As ciências ditas naturais têm uma materialidade empírica observável, mas por estarem submetidas à dupla forma da ideologia, tornaram-se objetivas, matematizáveis, como se não resultassem de encadeamentos dos elementos da formação social. Já as ciências sociais reservam-se o caráter da subjetividade, da cientificidade que vem de fora. A linguística precisou ser estabelecida enquanto ciência, e para isso foram necessários os cortes. O intento de Pêcheux é mostrar que o ideológico marca presença em todas as ciências, no entanto, a dicotomia entre ciência e ideologia persiste, dado que nem as ciências sociais conseguem incorporar em sua tomada o que lhe é mais próprio. Veja-se a História, por exemplo, segundo o modo clássico como vinha sendo praticado nas escolas, critica o idealismo, que considera ideologia apenas enquanto conjunto de ideias, originadas no sujeito, e não enquanto forças materiais que constituem o sujeito enquanto tal.

13. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Não. Há colegas que dizem que trabalham discurso, mas, na verdade, estão trabalhando com Blocos Semânticos, enunciação em Benveniste e uma mistura de enunciação com ethos.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Parece que já respondi acima.

[redacted]

Entrevista 18

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Resposta: Desde a minha dissertação de Mestrado, quando trabalhei com o olhar da imprensa do Sudeste e do Centro Oeste em relação aos fatos [redacted], considerando questões discriminatórias. Entretanto, naquela ocasião, entre 1996 e 1999, a AD chegava timidamente aos estudos do PPGLL, [redacted] no qual obtive a minha titulação de Mestrado e Doutorado.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Resposta: Trouxe a AD para minhas pesquisas acadêmicas já na seleção do Doutorado, quando trabalhei com um aprofundamento teórico mais específico da AD, perseguindo a minha "inquietude" ao transitar nesse espaço entre "Fatos e Versões".

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Resposta: A minha escolha é uma relação afetivo-profissional com os sentidos aparentemente explicitados nos textos, mas passíveis de "pontos de deriva", e com os quais tenho trabalhado durante toda a minha vida. Após uma passagem como "professora primária", iniciei minha jornada de docente no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, atuando em salas de aula de Língua Portuguesa e, circunstancialmente (por necessidades do quadro de docentes e movida por uma dose de fascínio pela literatura), como professora de Literatura Brasileira. Sei que naquela ocasião não pensava em terminologias como "gestos de interpretação", "efeitos de sentido" etc., mas estive sempre à espreita dos sentidos que saltavam em meio às palavras; sempre busquei construir sentidos a partir do que lia, do que ouvia, do que era possível apreender em meu entorno.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Resposta: Sim. Bem antes de ter publicado o livro [redacted], já havia no PPGLL uma área de concentração de Análise do Discurso, mais especificamente, acredito, desde 1999.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   Resposta: Não teria como especificar esses dados, mas na página do PPGLL constam os nomes do grupo de professores da AD e a contribuição acadêmica de todos eles.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Resposta: Ver resposta anterior.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Resposta: Seria difícil dizer a entrada principal da AD... Acho que ela foi chegando aos poucos, primeiro com a leitura do livro "Novas tendências da Análise do Discurso", de Dominique Maingueneau, muito embora esse reconhecimento não seja feito; diria mesmo que há uma espécie de ostracismo voluntário... Depois vieram outras fontes, começaram as correntes teóricas e os caminhos foram se multiplicando, dividindo-se, talvez.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Resposta: Acho que jamais diria que há um número suficiente de publicações nessa área. A AD é uma área de investigação que trabalha na linha tênue dos quase binômios língua-linguagem, texto-discurso; indo mais além, é uma busca incessante de trajetos dos sujeitos dos discursos e dos discursos dos sujeitos, como costumo afirmar. Finalmente, para "complexificar" mais essa trajetória, lembramos o espaço de tensões que Michel Pêcheux deixou como legado entre "Estrutura e Acontecimento", este último sempre a irromper e romper com a aparente e frágil materialidade horizontal da estrutura.

9. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?
   Resposta: Faço parte, desde 2009, do [redacted], um grupo coordenado pela professora [redacted] e, só em 2010, iniciei com meus orientandos do PPGLL um grupo que trabalha com [redacted].

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2010. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    Resposta: Ver resposta anterior.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
    Resposta: Tenho procurado fazer uma re-leitura das formações discursivas a partir de Mazière e Guillaumou e também de Marie-Anne Paveau. Continuo voltada para a busca de formulações discursivas em *corpora* da imprensa escrita, mais especificamente. Para trabalhar os "momentos-discursivos", parto de Sophie Moirand. Também me interesso pela recuperação do viés da história trabalhado por Courtine.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
    Resposta: Não poderia negar a "paternidade" de Pêcheux em relação às contribuições teórico-metodológicas da AD, mas reconheço que muitos caminharam quase em paralelo a Pêcheux e seguiram novos caminhos (talvez fosse melhor dizer que descobriram "atalhos" importantes). E vieram outros... Entre a tradução de obras de língua francesa (ative-me aqui à AD "nascida" na França). Preferiria não me "enfileirar" em uma trincheira nem me filiar necessariamente "ici ou là"; sinto-me mais à vontade, dizendo que me coloco lá, onde o sentido pode ser outro...

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
    Resposta: Não há como separar os "elementos" elencados na questão que aqui se põe. A AD é mesmo uma espécie de um "carrefour" que abriga todos eles, mas cada um deles, ao mesmo tempo em que é constitutivo de uma pluralidade de sentidos, traz em si a singularidade no momento em que ocorre a imbricação entre eles.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
    Resposta: Sim; além do que citei na resposta à questão 9, há outros grupos de pesquisa com direcionamentos distintos.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
    Resposta: ver resposta à questão anterior.

[redacted]

Entrevista 19

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda? Análise de Discurso de linha franco-brasileira.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino? Desde 1987, quando era docente da [redacted] e quando começaram a aparecer no Brasil os textos de Pêcheux. Também Courtine nos enviou a Tese dele da França para a gente estudar naquela época.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar? Minhas escolhas teóricas sempre estiveram relacionadas com meus valores éticos, fui militante. Ainda continuo sendo, mas em outras esferas que não a partidária.
4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado) Não creio que houvesse na instituição privada. Após ter ingressado na instituição pública é que pude conviver com docentes que estudavam AD.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado) Creio que por volta dos anos 1987.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição? [redacted].

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso? Creio que a formação inicial que todos nós tivemos passava pela semântica argumentativa. Mais precisamente os estudos ducroteanos. Do mesmo modo que a Eni também começou. Discurso e funcionamento e Cadernos de Uberaba, onde ela escrevia mostram isso. Logo após, ela começa a traduzir Michel Pêcheux e vou deslocando meu objeto de estudo. Então, creio que foi ela a precursora dos estudos de AD no Brasil.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? Para mim, há uma produção de boa qualidade, sim.

9. A sra participa de dois grupos de pesquisa (CNPq) atualmente. Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa? A média de participação é bastante significativa, mas estudar AD com alunos de mestrado é um trabalho que requer muita dedicação.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2002. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? Sim, houve um trabalho de pesquisa voltado para interfaces entre ensino-aprendizagem de língua materna e sustentado em pressupostos da AD. Já atualizei o currículo.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos? Durante alguns anos desenvolvi estudos sobre as práticas de luta e resistência e formas de discursividade [redacted] porque, para mim, este foi o período mais importante no processo histórico de formação da classe operária. Atualmente, tenho me dedicado a pesquisar sobre relações identitárias (produção de consciência nacional) nos processos de constituição e legitimação dos Estados-Nação, refletindo, sobretudo, em torno das práticas de exclusão e de totalitarismo.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos? Segundo minha ótica, a especificidade da AD está fundamentada em pressupostos marxistas, que ela toma para reler à luz de diferentes filósofos. A começar por Michel Pêcheux (precursor), Louis Althusser, seu mestre, Gramsci, outro marxista-leninista, Jean Jacques Courtine. Também me reporto sempre à História do marxismo de feição soviética, pois creio que os marxismos de feição ocidental e soviética precisam dialogar sempre.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)? Creio que hoje em dia, ao contrário dos anos 70, o discurso é o objeto de investigação de todos. Dos funcionalistas, dos que estudam Pragmática, Sociolinguística, etc.. Para mim, a diferença está no modo como a AD coloca o materialismo histórico, e não simplesmente a história como uma exterioridade que possibilita pensar os processos através dos quais os sujeitos se inscrevem na ordem do simbólico e produzem sentidos.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.) Sim.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.) Com certeza.

16. [redacted]

Entrevista 20

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Sim. Trabalho com a Análise do Discurso nas pesquisas que realizo em Serviço Social e em AD propriamente dita. Vejo a AD como um campo de conhecimento que possui teoria e metodologia, assim como outras disciplinas que interagem com o Serviço Social (sociologia, filosofia, ciências políticas, antropologia etc.) e contribuem para o conhecimento da realidade. A AD francesa da linha pecheutiana, por ter uma base critica marxista, é a que mais me interessa e com a qual troco conhecimentos; os que adquiri no campo do Serviço Social e os da Análise do Discurso encontram-se nas minhas pesquisas.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Em 1992, durante e meu curso de mestrado na [redacted], concluído em 1994 sob a orientação do [redacted]. Naquele período, tomei conhecimento da AD e fiz uma primeira aproximação dos conhecimentos marxistas que trouxe da minha formação em Serviço Social com a proposta de análise do discurso a partir de uma releitura de Marx pelo viés lukacsiano . Continuei meus estudos no doutorado, também na [redacted], foi quando conheci a Mónica Zoppi-Fontana que me colocou alguns desafios durante a orientação da minha tese. De Campinas –SP a Mónica me orientava [redacted]. Foi quando eu comecei a ler Pêcheux de verdade.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Quando terminei o mestrado em 1994 percebi que a Linguística havia me dado um conhecimento de um mundo mais complexo do que o que conheci até então. Revisei minhas leituras marxistas até então, predominantemente, lukacsiana. Percebi que havia outras questões que precisavam ser compreendidas no movimento da sociedade capitalista; o que não se dava a perceber imediatamente, aquilo que constitui a essência da história das lutas de classe a que se referia Marx, não se explicaria apenas pelo poder de uma classe sobre a outra. Pêcheux e seus colegas dos estudos althusserianos procuravam o lado obscuro da realidade capitalista através do discurso. Eu fui atrás, como assistente social; eu também quis analisar o discurso das relações sociais dessa forma de sociedade.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Sim, havia um grupo de professores na [redacted] na época professora na área de sociologia, participavam desse grupo as professoras [redacted], eu, que entrei depois, e uma aluna bolsista de CNPq do curso de Serviço Social. Esse grupo recebia algumas indicações de leitura de uma professora de Linguística que tinha uma leitura de Bakhtin, [redacted]. Começava a funcionar o curso de Pós-graduação em Linguística da [redacted] fazia o mestrado na área de Literatura, analisando o romance [redacted] e eu entrei em 1992, em Linguística, para analisar o discurso da [redacted].

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado).

Na década de 1990 com a formação do Programa de Pós–Graduação em Letras e Linguística os professores iniciaram suas pesquisas nas diversas áreas de Letras e Linguística. Mas na área da Linguística o meu trabalho foi o primeiro a ser desenvolvido com os fundamentos da Análise do Discurso e da Linguística Textual. Fiz uma leitura do objeto da minha pesquisa com base nessas duas áreas. A primeira basicamente com estudos de Bakhtin e a segunda com a teoria da argumentação a partir dos pensadores trazidos por Ingedore Koch. Na época eu não tinha o conhecimento da Análise do Discurso de linha francesa. Foi complicado. Mas foi um aprendizado que me impulsionou a fazer o doutorado e conhecer a AD. Em 1996, comecei meu doutorado sob a orientação da [redacted] que tinha uma base profissional a partir da lingüística textual. Doutorou-se em Portugal, era professora da [redacted]. Em [redacted], na [redacted], existia um grupo que estudava o discurso a partir da perspectiva da lingüística da conversação com Luiz Antonio Marchuschi. Professores em AD no [redacted]... bem, conhecemos a professora Ivone Tavares Lucena que tinha um vínculo de formação na Universidade de Araraquara, e do Professor Luiz Francisco Dias (hoje na UFMG), com vinculo de formação na UNICAMP, [redacted].

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Acho que antecipei essa resposta. Sei que estão trabalhando, pesquisando, publicando. [redacted]. Os demais, salvo engano continuam em suas instituições de origem.

7. A sra. pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Desculpe-me. Acho que já relatei esses acontecimentos nas perguntas anteriores. Mas podemos resumir e delegar tal responsabilidade, de introduzir a AD [redacted], ao nosso grupo de pesquisa da década de 1990. [redacted], ao concluirmos doutorado, fomos credenciadas como professores da Pós-Graduação e fundamos a linha de pesquisa em AD do Programa de Letras e Linguística [redacted].

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Sim. Acredito que contribuímos para o debate da Análise do Discurso no Brasil. Temos alguns livros e diversos artigos publicados. Participamos dos fóruns de AD levando para discussão nossas propostas para pensar a teoria e a metodologia da Análise do Discurso. Precisamos fazer mais.

9. A sra participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, a sra trabalha com a análise de Discurso ([redacted])? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Sim. Como disse, a minha perspectiva de leitura da realidade é fundamentada na crítica marxista da sociedade capitalista. A Análise do Discurso oferece a minha pesquisa a base teórico-metodologica para uma aproximação com o pensamento de autores das áreas nas quais desenvolvo meus estudos. Temos alunos/orientados de mestrado (1) e doutorado (5) na área de Análise do Discurso. Alunos de [redacted], mestrado (3) e graduação (iniciação cientifica 6, sendo 2 bolsistas e 4 colaboradores), lêem Marx, mas não têm muita aproximação com a AD. A média de participação dos meus alunos da pós-graduação é de dois eventos por ano. Participam de encontros do grupo de pesquisa mensalmente.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1997. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Sim. Como disse, comecei minha pesquisa em Análise do Discurso em 1992 no grupo que estudava o [redacted].

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Estudos temas que dizem respeito ao trabalho, às relações de trabalho nas empresas. Hoje estudo o trabalho no [redacted] e faço uma interlocução com [redacted].

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Filio-me a Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente na linha desenvolvida por Pêcheux devido a sua aproximação com a teoria social crítica marxista.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Língua no sentido compreendido por Pêcheux ao apontar a compreensão dos lingüistas a partir de Saussure “Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos lingüistas como a condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do símbolo" (Pêcheux, 1990, p. 50).

O sujeito é efeito da interpelação ideológica, "o não sujeito é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia", como veremos a seguir.

O discurso é, assim, a síntese de muitas determinações, uma unidade da diversidade não é, então, simplesmente, a manifestação da língua, enquanto um sistema de regras que impõe uma seqüência ordenada a um conjunto de palavras até então dispersas. Discurso é o "lugar do encontro" da materialidade da língua com a materialidade da história, é nesse encontro que as formações ideológicas se concretizam, se realizam e operam nas relações sociais. O discurso, assim compreendido, se revela como uma particularidade que cumpre a sua função no processo de constituição, produção e reprodução da vida em sociedade. A substância dessa particularidade (o discurso), que o faz diferente de outros particulares, está na indissociabilidade entre a língua e a história. A noção de história que cabe nessa reflexão é a que se desenvolve a partir da concepção de Marx (1986, p. 55), “história consiste [...] em expor o processo real de produção, a partir da produção material da vida imediata; e em conhecer a forma de intercâmbio conectada (ou seja, a sociedade civil em suas diferentes fases) como o fundamento de toda história, [...] e explicando a partir dela o conjunto dos diversos produtos teóricos e as formas de consciência - religião, filosofia, moral etc.” O discurso, na nossa concepção, é resultado de um amplo e complexo processo de constituição do sujeito pela ideologia, sendo por isso que as expressões desse sujeito já não são expressões de um 'indivíduo singular', mas de um 'sujeito histórico', que se define em relação às formações ideológicas de uma dada formação social. O indivíduo é "sujeito" na medida em que é transfigurado pelo histórico, pela força que a ideologia exerce sobre sua constituição (cf. Chasin, 1978, p. 66-73) e o discurso é ideológico porque tanto representa um produto do processo de constituição do sujeito histórico, resultado da interpelação ideológica, como opera no sentido de contribuir com a continuação desse processo de 'formação' do sujeito. Toda essa discussão poderá ser encontrada em meu livro [redacted] em 2005.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)**Integram a linha de pesquisa Discurso: Sujeito, História e Ideologia** o [redacted] além dos alunos de mestrado e doutorado orientados pelos professores integrantes do grupo.

[redacted]Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.) Sim, há o grupo de [redacted] - Os estudos sobre texto, discurso, leitura, cognição, escrita, gêneros textuais e letramento são de extrema importância para os cursos de graduação e pós-graduação das áreas de Letras, Lingüística e Educação. Integrantes: [redacted]

Entrevista 21

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Análise do Discurso é uma das linhas de pesquisa do mestrado [redacted]. Não trabalho com uma única linha, uso principalmente Foucault, Bakhtin e autores brasileiros.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Efetivamente, a partir de 2006, quando iniciei o doutorado na Unicamp.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Sou graduada em letras e fiz o mestrado em antropologia. Como trabalhava com narrativas orais indígenas, comecei a sentir necessidade de uma teoria que desse conta de diferentes temporalidades, associada à história.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Moro [redacted] e àquela altura, em 2006, embora não conhecesse pessoalmente, sabia que na [redacted] havia uma doutora em AD. Na [redacted], antes de mim não havia pessoas com formação em AD.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Não sei precisar o ano, mas acredito que tenha sido em 2001/2002.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

[redacted], que hoje é professora da Unicamp e [redacted], qua ainda atua na [redacted].

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Na [redacted], só no final de 2009, quando regressei do doutorado é que efetivamente se iniciaram projetos de pesquisa em AD.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Quando pensamos nos eventos científicos, dá para sentir o interesse em gts relacionados à AD. A procura de estudantes da graduação e da pós também são um bom termômetro. Embora seja recente e não haja tantos profissionais com formação em AD, há já um número expressivo de pesquisas. Particularmente [redacted], ainda é bastante reduzido o número de pesquisas.

9. A sra participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Em todos, a sra trabalha com Análise de Discurso (refiro-me particularmente ao projeto [redacted]? Qual a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Minha tese e duas dissertações que oriento, no momento, estão profundamente associadas à Ad e este grupo de pesquisa.

10. Quando se iniciou seu primeiro projeto de pesquisa, no qual a sra trabalhava com Análise de Discurso? Em que ano precisamente e em qual instituição de ensino isso ocorreu?

Na [redacted] só no final de 2009, quando regressei do doutorado é que efetivamente se iniciaram projetos de pesquisa em AD.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Além de trabalhos voltados para sociedades indígenas, desde 2010 estou trabalhando com identidades [redacted] e com as novas tecnologias da comunicação e da informação.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

A linguagem interpretada a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Foucault, Althusser, Bakhtin e autores brasileiros.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Não trabalho com a definição de língua e sim com a de linguagem. Quanto ao sujeito, entendo e trabalho com processos de sujeição, mas também considero o sujeito tático de Michel de Certeau

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

No Programa de Mestrado em [redacted] há mais 02 professoras que trabalham vinculadas a esta linha de pesquisa.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Não.

[redacted]

Entrevista 22

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda? Sim, trabalho com a AD de Michel Pêcheux

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino? Desde 1998 na [redacted].

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar? Porque me apaixonei pelas idéias de Pêcheux quando fiz uma disciplina como ouvinte na unidade.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado) Sim, na [redacted], havia a Profa. Dra. [redacted], cujo trabalho de mais de duas décadas tinha a AD e os textos pechetianos no foco, e que foi minha orientadora.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado) Não.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição? Professora [redacted] aposenta no final do ano. Apenas ela trabalhava com esse referencial teórico.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso? Só sei que foi o professora [redacted], poucos dados tenho sobre as condições de produção de um saber discursivo na unidade. Apenas que foi um processo lento e trabalhoso visto que a perspectiva empírica, cognitivista e experimental era o forte nas perspectivas da unidade.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? Acho que tivemos avanços significativos na unidade. Como disse a professora [redacted] foi a única muitos anos. Hoje somos mais quatro pesquisadoras trabalhando na graduação com as idéias de Pêcheux e três na pós.

9. A sra participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos? Não tenho este dado.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2003. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? O projeto do mestrado que virou doutorado direto, que data de 1998.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos? O discurso é o foco, em torno dele bailam vários interesses: leitura, questão agrária, movimentos sociais, literatura, mídia, rede eletrônica e subjetividade. Estes dois últimos têm sido foco mais constante nos últimos anos.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos? A noção de sujeito discursivo, cindido e interpelado em uma dada posição, afetado pelos dois esquecimentos e inscrito a partir de um lugar na trama sócio-histórica.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)? Língua não se apresenta como instrumento capaz de assegurar a comunicação exata e inequívoca, é a superfície que toca o real, sujeita à ambigüidade, deslizamento e movência dependendo da posição em que o sujeito está. Discurso é efeito entre interlocutores, sentidos em fluxo a partir das posições sujeito, movimentos de (des)dizer, curso de uma trama em que o deslizamento e o acontecimento sempre estão inscritos no interior da estrutura. A exterioridade nos remete ao modo como língua e história sempre se afetam mutuamente, para além de toda cronologia fixadora de datas. Sujeito, já falei, né?

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.) Sim.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.) Sim.

Entrevista 23

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda? *Sim. Tenho trabalhado na linha pecheutiana e reconfigurada no Brasil. Quem trabalha com análise de discurso, trabalha nessa linha, pois análise de discurso já marca esse lugar. As demais filiações estão relacionadas à denominada análise do discurso de forma geral.*

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino? *Desde 1998, na* [redacted]

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar? *Não foi uma escolha pessoal. O meu objeto e problema de pesquisa pediram esse lugar teórico para que pudesse responder as minhas questões. Dessa forma, fui capturada pela teoria, mas motivada pelo problema de pesquisa.*

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado). *Na* [redacted] *fui a primeira. Depois de criada a demanda, outros colegas chegaram para fazer parte do grupo.*

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado). *Eu iniciei em 1998. Três outros colegas chegaram depois para trabalhar na área, respectivamente em 2006 e 2007.*

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição? Sim. *Em 2006,* [redacted]*, e, em 2007,* [redacted].

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso? *Na* [redacted]*, fui a pioneira na área de pesquisa em Análise de Discurso e na criação de disciplinas da nos cursos de graduação de Letras, Direito, Comunicação, História e, recentemente, Cinema, bem como nos programas de Pós-Graduação em* [redacted] *e no Programa de Pós-Grdauação em Linguística.*

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? *Sim. Considero que a produção na área de Análise de Discurso no Brasil em geral, e na minha instituição, em particular, a partir de meus*

projetos, boa. Saliento, entretanto, que, em geral, no Brasil, a produção na área de análise do discurso (onde cabe tudo) qualitativamente está comprometida no que tange às epistemologicas. Grande parte dos trabalhos apresenta-se como salada mista nesse campo, o que compromete a qualidade desses trabalhos.

9. A sra participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos? *Considerando alunos sob minha orientação e sob orientação de outros colegas, a média anual nos últimos 3 anos de alunos de IC é de 10 e a media de alunos da pós-graduação é de 12.*

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1990. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? *Não.*

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos? *Corrupção, efeitos-sujeito e efeitos-sentido; memória discursiva, discurso político e discurso jurídico; questões sobre a posição-sujeito mulher nas esferas do poder político.*

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos? *Não vou falar de opinião, pois opinião é um lugar subjetivo e gerador de polêmicas. Pode ser na minha e não na de outro. Por isso, vou falar que, independente de opiniões de A ou B, o certo é que o próprio nome Análise de Discurso já indica um lugar de filiação teórica e quem usa essa denominação indica de que lugar estamos falando. Esse lugar teórico aponta a Escola Francesa de Análise de Discurso, iniciada por Pêcheux e seu grupo, nos anos 60 do século XX, e depois reconfigurada por seus seguidores, tanto na França quanto no Brasil (bem com em outros países) a exemplo de Eni Orlandi, responsável pela introdução da disciplina nos cursos de graduação e de pós-graduação do IEL/Unicamp, e, posteriormente, de outras instituições do país. Na Análise de Discurso, entre outros conceitos, discurso não é fala, não é texto, etc. discurso é um efeito de sentido entre lugares de uma determinada estrutura social; o sujeito é um efeito, é uma posição de sujeito ou posição sujeito, logo não importa o sujeito pragmático, etc.*

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade*)? Em parte, questão esta respondida na questão anterior, no que se refere ao sujeito e ao discurso. Enquanto nos estudos linguísticos, na década de 60 do século XX, resgatavam a fala e tudo relacionado a ela como o sujeito pragmático, dono de si, contexto, situação, etc, Pêcheux reafirmava que a língua tinha ordem própria, conforme postulou Saussure, e a partir da sacada da teoria de valor postulada pelo genebriano, cunhou que a exterioridade da língua era interna à língua e não externa. Isso marca uma posição epistemológica e o sujeito pragmático fica de fora e tudo relacionado a ele. A exterioridade ou a história é interna. Dessa forma, em AD, a língua é uma materialidade significante atravessada pela história que é interna. Assim, sujeito e discurso são efeitos que podemos identificar em funcionamento na língua e em outras materialidades significantes, etc. Um bom exemplo \aqui é identificarmos este funcionamento na materialidade significante Análise de discurso. Que efeitos-sujeito e efeitos-sentido podemos identificar nessa materialidade? Vejamos que a exterioridade ou história que atravessa constitutivamente essa materialidade indica uma posição-sujeito e logicamente um efeito-sentido, diferentemente da materialidade significante Análise do discurso atravessada por várias posições-sujeito e, consequentemente, por vários efeitos-sentido.*

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.) *Sim.*

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.). *Mais ou menos. Posso dizer que há quem trabalha mais dentro do escopo geral do que se denomina análise do discurso, mas com teóricos que se aproximam, em parte, da Análise de Discurso.*

[redacted]

Entrevista 24

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Sim. Trabalho com a Análise de Discurso filiada a Michel Pêcheux (por nós considerado seu fundador) e Eni Orlandi (por nós considerada precursora da AD no Brasil)

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Trabalho com a AD desde meu mestrado (iniciado em 1993) realizado no IEL/UNICAMP sob orientação de [redacted]. Lá desenvolvi também meu doutorado com [redacted]. Meu ingresso na Carreira de Pesquisador se deu em 1996, o que me permitiu realizar diferentes pesquisas sempre com a fundamentação teórica da AD. Em 2004 fui credenciada como professor pleno do [redacted]. Lá oriento trabalhos de mestrado e doutorado em [redacted] (sempre com a fundamentação teórica da AD).

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Conheci a Análise de Discurso no último semestre de minha graduação em lingüística no [redacted]. Disciplina obrigatória para o curso de bacharelado em lingüística em que ingressei em 1988. Nessa época, antes de conhecer a AD, estava me preparando para continuar uma graduação em ciências sociais, pois havia algo que faltava em meu curso de lingüística que eu ainda não sabia nomear, mas que me parecia que as disciplinas das sociais poderiam preencher. Foi nessa disciplina de AD que comecei a entender o que fazia falta: a relação constitutiva da exterioridade: língua, sujeito e história. Os conceitos de *Condições de Produção* e de *Memória Discursiva* foram basilares nesse início de minha formação em AD e possibilitaram que eu tivesse a certeza de que era nesse terreno que eu deveriaplantar minhas perguntas sobre língua e ensino – lugar inicial de minha formação como pesquisadora.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Sim. No [redacted], desde 1992 (data de sua fundação). No [redacted], desde 1979.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Vide resposta 4.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

No [redacted]: [redacted]

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Na [redacted], a Análise de Discurso foi introduzida por [redacted], linha de trabalho com a qual trabalho. Não foi sem resistências que Eni Orlandi construiu condições de institucionalização da Análise de Discurso como uma disciplina, como uma disciplina da Lingüística, como uma área de conhecimento brasileira financiável pelos organismos públicos de fomento à pesquisa. Quando eu iniciei meu trajeto na pesquisa, já em AD, esse processo estava institucionalizado.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Isso é muito relativo. Há sim uma produção fortíssima em AD, de qualidade e conseqüente com aquilo que foi formulado por M. Pêcheux e colaboradores na França. A teoria da AD não se fecha nela mesma, uma vez que faz parte dela poder ser afetada produtivamente pelas análises. Esse movimento de formulação contínua é levado a cabo por muitos pesquisadores brasileiros. Ocorre que também há uma enorme incompreensão dos conceitos e formulações basilares para a AD fundada por M. Pêcheux, permitindo colocar em relação de equivalência autores com pressupostos epistemológicos muito distintos daqueles que sustentam a AD pecheutiana. Esses trabalhos, que se auto-nomeiam de discursivos, produzem conseqüências analíticas muito distintas daqueles que trabalham com a ideologia como um processo e não como conteúdo, com o assujeitamento do sujeito e não com o assim desejado livre-arbítrio do indivíduo, com a forma material e não com uma associação entre forma e conteúdo. Não esquecendo jamais que toda ciência tem ética, é preciso não deixar de lembrar que as conseqüências éticas decorrentes destes gestos teórico-epistemológicos distintos tomados como um só apagam justamente aquilo que Michel Pêcheux trouxe como uma contribuição nuclear: o político.

9. A sra participa de seis grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Em todos, a sra trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Sim, em todos com AD. Não saberia responder a média anual. Algo em torno de 5 em cada grupo.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1996. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Sim, meus projetos de mestrado e doutorado, ambos em AD. O início do mestrado foi em 1993.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Trabalho há muito tempo com a relação língua/ensino. Isso se desdobrou em refletir sobre os processos de escolarização e de [redacted]; sobre as políticas de ensino; sobre a institucionalização da lingüística; sobre a institucionalização do ensino da língua portuguesa como língua materna. Nesses desdobramentos duas áreas do conhecimento são articuladas pela teoria discursiva: a [redacted]A primeira instituída no [redacted] a segunda no [redacted]. Também começaram a fazer parte de minhas pesquisas investigações em torno da divulgação científica e políticas públicas em saúde. São esses os temas mais freqüentes em minhas pesquisas.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Um dispositivo teórico, como é o da AD, deve ser capaz de mostrar a relação indissociável e constitutiva entre língua, sujeito e história, trabalhando a opacidade do texto e a relação entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia, para compreender como as interpretações funcionam, atravessando um imaginário que condiciona os sujeitos em seus modos de ler. Michel Pêcheux e Eni Orlandi são sem dúvida alguma os principais teóricos. Na área em que trabalho, cito ainda Suzy Lagazzi, Mariza Vieira da Silva, José Horta Nunes, Carolina Rodríguez, Maria Onice Payer e Pedro de Souza, como pesquisadores que vêm avançando de modo produtivo e conseqüente a AD no Brasil.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

AD é uma teoria e um instrumento de leitura de textos que se constrói pela articulação de três campos disciplinares: o da Lingüística, o do Materialismo Histórico e o da Psicanálise, o que implica no deslocamento da noção de transparência da LÍNGUA, da HISTÓRIA e do SUJEITO. A AD é um modo de leitura que coloca em relação o campo da língua e o campo da sociedade apreendida pela história, pela ideologia. Aí está o DISCURSO. Desse lugar teórico, a LÍNGUA significa porque a história intervém: o sentido é uma relação determinada do SUJEITO com a HISTÓRIA. No movimento e jogo da língua, sentidos e sujeitos se constituem em processos sobre os quais o indivíduo não tem controle e o equívoco está sempre presente. Esses processos se materializam no DISCURSO.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Tanto no [redacted] como no [redacted] sim.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, nesteprograma, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

No [redacted] não. No [redacted] sim.

[redacted]

[redacted]

[redacted]

Entrevista 25

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Oriento trabalhos de IC e do PPGP que trabalham com AD, na linha francesa. Recorro a: Foucault, contemporâneo a Pêcheux (sei que há controvérsias quanto a incluir Foucault enquanto um autor inserido na AD), Pêcheux (não tenho usado diretamente, mas a leitura de suas obras são fundantes para mim), Charaudeau (o que mais uso depois de Foucault). Recorro a autores brasileiros também, como a Orlandi, especialmente.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
Trabalho com análise de discurso a partir de Foucault desde 1998. No PPGP da [redacted] cerca de três anos.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Sempre me interessei pela questão do discurso. Iniciei trabalhando especialmente com análise temática (por volta de 1995). Esta, por sua vez, deixava lacunas nas possibilidades de avançar nas análises e interpretações de diferentes formas simbólicas. Com a AC ficava difícil trabalhar com uma concepção de poder ramificado, que funciona em redes (como diria Foucault). A AC dava conta da questão da ideologia (outra preocupação minha) até certo ponto, mas a Análise de Discurso propicia que pensemos a linguagem como um fato social ligado à ideologia e ao inconsciente ao mesmo tempo; ela me serve para pensar os fenômenos de um modo mais completo. Além disso, como a questão do poder é uma preocupação central nas minhas pesquisas, comecei a buscar outras abordagens teóricas e metodológicas que pudessem dar conta dos meus objetos de estudo.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Não tenho certeza, mas acredito que uma das nossas professoras aqui da [redacted] já desenvolveu pesquisas com AD: Prof. [redacted].

5. A sra participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, a sra trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Apenas no grupo "[redacted]". IC: 5 Mestrado: 3

6. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1990. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Não. Como já disse, meu envolvimento com a AD é recente.

7. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Mídia, Sexualidade (HIV/Aids, Aborto, etc.), Drogas, Violência, Minorias Sociais

8. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Não há, até onde sei.

9. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Não tenho certeza, mas a [redacted] esteve afastada e agora está voltando. Acredito que ela possa estar (ou estará) desenvolvendo pesquisas recorrendo a AD. No momento, ela não faz parte do PPGP.

Entrevista 26

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Resposta: Sim, sempre. Eu costumo denominá-la "Análise do Discurso de tendência francesa"...

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Resposta: Desde 1992, na [redacted].

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Resposta: [redacted]

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Resposta: Acredito que antes de minha entrada na [redacted], houve um pequeno grupo de estudos liderado pelo Professor [redacted] que trabalhava com a AD de Michel Pêcheux. Mas infelizmente este grupo (não sei por quais razões) não foi para frente. Sei que dele fizeram parte o citado professor e também os professores [redacted] (hoje na PUC/MG). Mas eles nunca publicaram nada sobre o tema. Acho que foi um projeto que não deu certo e que deve ter começado e acabado nos anos 80, mas realmente é tudo o que sei.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Resposta: Acho que já respondi acima. Mas levando em conta este vácuo temporal que se estabeleceu em torno deste grupo e minha entrada na [redacted], não houve outros professores que se dedicaram à AD antes de mim.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Resposta: Volto à resposta da questão 4. O professor [redacted] trabalhou depois que saiu da Reitoria da [redacted] em órgãos de fomento do governo, creio.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Resposta. Com todo o respeito pela iniciativa acima citada, sem sombra de dúvida e deixando de lado a modéstia, devo dizer que fui eu quem introduziu esta disciplina de pesquisa na [redacted], pois consegui logo um projeto [redacted] e consegui também fazer com que a AD fosse aceita na pós-graduação da [redacted].

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Resposta: Sim. A AD firmou-se como linha de pesquisa e sua produção global (artigos, dissertações, teses) no [redacted] da [redacted] é excelente. Mas não sou boa para guardar números, desculpe.

9. A sra participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Resposta: Tento sempre congregar o maior número possível de alunos em torno de nossas pesquisas no Núcleo de AD da [redacted]. Assim, em média, eu diria que a participação efetiva destes nas reuniões de estudo, congressos e publicações seria de uns 60 por cento contra 40 por cento dos colegas... Mas isto em relação ao grupo de AD do CNPq, do qual sou líder. No outro sou apenas participante.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1994. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Resposta. Sim e não. Respondo: tive uma bolsa CAPES (de um ano e meio apenas) para concluir o doutorado que estava realizando na França. Estudei em [redacted] com o Professor [redacted], que foi um dos precursores da AD ainda que este sintagma não estive tão assim em voga, na [redacted] na segunda metade dos anos 80. Terminei meus estudos, ou seja, defendi minha tese em [redacted]. Levei 3 anos (1985 a 1988) para escrever um doutorado sobre o tema [redacted] Pelos teóricos que embasaram esta pesquisa e pelo caminho que ela tomou depois em minha vida, posso também dizer que, como [redacted], ela foi precursora de uma certa metodologia de AD, diferente da de Pêcheux, pois já ligada às situações psicossociais dos sujeitos comunicantes-ironistas.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Resposta: A ironia nunca me abandonou (ou vice-versa). Gosto muito dos chamados «discursos transgressivos", aqueles que ousam romper com a ordem pré-estabelecida do sistema, em geral.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Resposta: O estudo do sujeito como uma entidade ao mesmo tempo individual e coletiva, inserida em uma determinada sociedade e recebendo a influência de determinados discursos; o seu desejo de comunicar algo a alguém e os esforços (por vezes, vãos) que isso acarreta. O principal teórico na França é Patrick Charaudeau. [redacted]. Mas existem outros [redacted] que as seguem, como Wander Emediato, Emilia Mendes, Giani David, Maria Aparecida Pauliokonis, Rosa Nery...

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Resposta: Creio que a resposta à questão 12 contempla a questão do "sujeito". A língua é vista e analisada enquanto instrumento de comunicação entre os seres, enquanto *linguagem em uso*. O discurso seria a apropriação de determinados saberes e crenças, construídos em torno de determinadas ideias e que ao se servirem de uma determinada linguagem, buscam estabelecer uma determinada visada; em outras palavras, são feitos para "tocar" o "outro" de algum modo, para obter um eco, uma ressonância neste "outro". A História, pelo menos na minha concepção de AD, liga o indivíduo ao seu discurso: ela deve ser estudada por um analista do discurso, pelo ponto de vista social e político. O ser falante ou comunicante é antes, de tudo,

um ser político. E essa política existe na sociedade em que vive e o faz atuar ou assumir determinados discursos com determinados fins. A história (ou a exterioridade) do discurso é fundamental para sua compreensão.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Resposta. Nossa AD é uma das duas linhas que formam, atualmente, em nossa PG, a área "[redacted]"; a segunda linha associada a esta área é ligada aos estudos textuais. Nela existem professores que trabalham com a AD, vista como um todo, principalmente com conceitos de Marcuschi e Bronkart.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Resposta: Sim. A professora [redacted] trabalha com a Análise Crítica do Discurso e adota conceitos americanos e ingleses. Mas ela pertence à linha de AD na qual eu me inscrevo. Ela é formada por 10 professores e somente a professora [redacted] "pratica" a ACD.

Entrevista 27

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
   Sim. Trabalho atualmente com a perspectiva crítica.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Desde 2003 na universidade como professora e investigadora do programa de pós-graduação em Linguística e na graduação. Pertenço a [redacted]

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   Fiz doutorado na área, na Unicamp. Escolhi a linha porque sempre me interessei pelas questões de linguagem, fora do escopo descritivo e por abordagens multidisciplinares.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   [redacted]

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   Não exatamente. Creio que na Unicamp a AD francesa, assim denominada na época, foi nos anos 80 e 90. Quando ingressei no programa de pós-graduação em 2005, já havia a linha de pesquisa em Práticas e estratégias de textualização e nela estavam pesquisadores que se focavam na AD, em especial, Maingueneau. Introduzi a perspectiva da Authier na época, mas meu foco tem sido a análise crítica, em especial, após meu pós-doutorado na [redacted] e meu contato com o van Dijk.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Com Maingueneau, há o professor [redacted] (fez pós-doutorado com o Maingueneau); [redacted] (análise crítica de discurso, na perspectiva de Fairclough), [redacted] (estudos com foco em Authier) e eu que me dedico ao que van Dijk denomina "Estudos críticos do discurso".

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Como disse, já havia a linha de pesquisa. Penso que o professor [redacted] foi o pioneiro. Seu foco é o discurso [redacted]. No caso da perspectiva de van Dijk, a introduziu no programa. No momento, estou orientando cinco teses na área e uma doutoranda fará uma estadia doutoral com o professor na Espanha. Foram defendidas duas dissertações baseadas nessa perspectiva. As anteriores estavam focadas na AD francesa.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Há muita produção. Não posso avaliar de modo crítico a qualidade e a quantidade. Preocupam-me nas minhas pesquisas, teses e dissertações, a clareza teórico-metodológica e a qualidade de minha produção, haja vista que a área deve ter suficiente rigor para se firmar. Aliás, esse aspecto é o que, de certa forma, precisa ser mais bem focalizado, pois no meu

entendimento não podemos hoje falar em uma única análise de discurso. Quando discuto essa temática nos cursos, enfatizo as diversas possibilidades e enfatizo o que diferencia nossa proposta das demais.

9. A sra participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Em todos eles, a sra trabalha com a Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
   Colaboro em dois deles. Um na [redacted], de ensino e aprendizagem, pois sou professora de língua espanhola e outro na [redacted] na mesma direção. Coordeno o [redacted] e sou vice do [redacted] Os dois últimos são alimentados pelos meus projetos de pesquisa, cuja interface é lingüística aplicada e discurso, no viés crítico. Participam, desde sua formação, alunos da graduação (bolsistas PIBIC-CNpq), mestrado e doutorado. Tenho atualmente nove orientandos. Assim, a média é entre 3 a 4 do mestrado, 1 a 2 do PIBIC e 2 a 4 do doutorado.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2002. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    Houve projetos incipientes. Mas o de 2002 é o do doutorado. Minhas incursões pelos estudos discursivos, porém, foi anterior, do ano de 1997.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
    Comecei com as questões mais gerais de discurso. Trabalhei na tese com a revisão da noção de autoria e a tese de assujeitamento na AD. Foi um tema de pesquisa que se desdobrou em trabalhos em torno da autoria, sentido, produção textual e ensino. Passei para as contribuições das teorias de discurso ao ensino de línguas (materna e estrangeira) e formação de professores. Depois me centrei no letramento crítico e teorias de discurso, com foco nas relações de sentido. No momento, trabalho com as representações sociais e a análise crítica de discurso, com foco nas relações entre cognição, sociedade e práticas. Houve, pois, uma mudança substancial, mas permaneço com as questões que envolvem a produção de sentido numa perspectiva discursiva, ampliando para as práticas discursivas e sociais. Atualmente o foco são as práticas de discriminação e a constituição dos sentidos e identidades por meio do discurso e o abuso de poder.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
    Uma análise social dos discursos, notadamente crítica e não essencialmente linguística, de acordo com os postulados de van Dijk. Trata-se de uma abordagem multidisciplinar que se concreta nas contribuições da psicologia social, sociologia crítica, linguística textual, semântica, retórica, pragmática, linguística cognitiva. O foco é a relação sociedade, cognição e discurso.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
    Compreende-se o sujeito como um sujeito social, agente. Não se foca tanto na história, mas sim nas práticas discursivas e sociais; não se separam as duas instâncias. O discurso é produzido por sujeitos nas diversas práticas de interação social e pode ser controlado, legitimado. Há uma relação entre o discurso, a sociedade e a cognição. A língua, portanto, não é uma materialidade ou suporte de sentidos previamente definidos; mas pensada ainda em sua regularidade e sistematicidade.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
    Sim, ver questão 06.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
    Sim, como disse, estou na perspectiva crítica. Meu foco é a produção e legitimação dos discursos, tendo como foco a sua compreensão, daí a dimensão cognitiva, na sociedade contemporânea. Trabalho com as proposta de van Dijk que, de certa forma, propõe o que denomina "Estudos críticos do discurso". Tenho pontos de convergência com a professora [redacted], mas o foco dela é a análise de discurso textualmente orientada. Já o professor [redacted] se foca em Maingueneau e a professora [redacted] na linguística textual e estudos discursivos, com trabalhos voltados para a metaenunciação, de acordo com Authier.

Entrevista 28

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas?
   Sim.

   A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Costumo dizer que ando em crise quando à definição de qual "análise de/do/dos discurso/s" trabalho, em razão de não usar uma única "linha" de pesquisa. Nunca usei a vertente da Discourse Analysis. Com relação às vertentes francesas, penso que cada uma delas pode ser produtiva, dependendo do objeto de estudo. Tenho usado com mais recorrência a perspectiva enunciativa, com autores como Dominique Maingueneau e Eliseo Verón. Mas autores como Bakthin, Jacqueline Authier-Revuz, Sírio Possenti, Michel Foucault, Michel Pêcheux e Eni Orlandi também são usados, entre outros. É claro que não usados todos ao mesmo tempo.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas?
Desde 1993, quando iniciei o Mestrado em Letras na [redacted].

   Em que instituição de ensino?

   Quando mestranda, entre 1993 e 1996, na [redacted]. Entre 2001 e 2006, na [redacted] (como docente) e na [redacted] (como doutoranda). A partir de 2006, somente na [redacted].

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
Porque parecia ser o arcabouço teórico-metodológico mais pertinente e produtivo para trabalhar com o objeto de pesquisa selecionado.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
Sim, já havia outras pessoas na [redacted], mas não sei informar desde quando.

   Na [redacted], no curso de [redacted], havia apenas uma pessoa que tinha feito mestrado usando AD, mas ainda não atuava nessa linha. Acredito que havia outros professores no curso de Letras e no Mestrado em Letras, antes de 2001, que produziam em AD, mas não sei informar desde quando.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
Na [redacted], não tenho ideia. Na [redacted], estive entre as primeiras, ao lado das professoras [redacted] e [redacted] (contratada em 2001, junto comigo). A professora Luciana foi contratada em 1997, mas no início ela trabalhava com pesquisa sobre rádio. Outro professor de [redacted] que também atua com AD é o professor [redacted], contratado pela [redacted] na década de 1990 (não sei o ano). Ele pediu demissão por volta de 2006 e foi recontratado, via concurso, em 2009.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Os nomes já citei acima, na questão 5. Ainda trabalham na instituição.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Infelizmente, não detenho essas informações. No intuito de contribuir, vou informar o nome de uma professora, do curso de graduação e do mestrado em Letras da [redacted], que talvez pudesse dar mais informações. Trata-se da professora [redacted], que também trabalha com AD. É provável que a AD no curso de Letras seja anterior a do curso de [redacted].

   Por outro lado, o curso de [redacted] sempre teve uma preocupação com estudos da linguagem na sua grade curricular. Desde 2001, no seu mais novo currículo, foi reformulada e aumentada a abordagem, quando foram incluídas noções de algumas vertentes de AD. Eu tenho sido a professora da disciplina, em algumas outras vezes, a professora [redacted].

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
No Brasil, sim. Na nossa instituição, não tenho clareza do conjunto o suficiente para fazer essa avaliação. No curso de graduação e mestrado em [redacted], a produção ainda é baixa. A partir de meus projetos de pesquisa, existe uma produção, mas ainda é pequena.

9. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Nele, a sra trabalha com a Análise de Discurso?Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?
Não tenho trabalhado com AD no grupo.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2009. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Não.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
De certa maneira, os estudos têm convergido para a análise do discurso midiático acerca de temas diversos, como a questão agrária (no mestrado), a identidade paraense (em andamento) e outros, estes já como parte dos projetos de pesquisa.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
Costumo dizer que os autores com os quais mais tenho trabalhado atuam numa perspectiva do discurso a partir da enunciação. Os principais teóricos já citei em questão acima, mas, bastante recentemente, iniciamos estudos no Âmbito do projeto de pesquisa que redundaram na elaboração de artigo submetido à publicação em que as principais autoras de referência foram Eni Orlandi e Bethania Marianni. Como já disse antes, penso que os autores são valiosos e têm contribuições a dar, conforme o objeto (empírico e de estudo) a ser observado/discutido. Isso pode ser um defeito, mas prefiro encarar como algo positivo, sem desprezar as contribuições que os autores possam dar. Tento, no entanto, não "misturar" autores de forma indiscriminada, todos ao mesmo tempo, como já cheguei a observar em algumas produções no Brasil (dissertações, teses, livros e artigos).

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Esta não é uma resposta simples, como não é simples qualquer discussão a esse respeito. Lembro-me sempre de Marcuschi, em sala de aula, frisando que uma das grandes contribuições da AD tinha sido a tematização da discussão sobre o sujeito e o discurso, que até então recebiam entendimentos não satisfatórios. A noção de língua como sistema é pertinente, mas não basta. Entendo o sujeito como ativo, mas também determinado socialmente e historicamente. Discurso, dependendo dos autores definidos, pode ser visto como "qualquer ocorrência lingüística" (Possenti) ou "efeito de sentidos entre interlocutores" (Orlandi). De uma maneira ou de outra, o discurso vai além da língua, depende dela, mas não se restringe a ela, pois os sentidos engendrados no discurso são também históricos, retomados, atualizados.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Sim. A professora [redacted], já citada anteriormente, costuma trabalhar com Michel Foucault. Embora Foucault também esteja no nosso grupo de autores, conforme o caso.

[redacted]

Comentário final:

Embora eu tenha começado a atuar em estudos do discurso em 1993, com o início do mestrado, passei algum tempo sem produzir nesse sentido, já que o meu foco de atuação naquele momento foi noutra direção. Na [redacted], já orientei TCCs em AD tanto numa perspectiva enunciativa, quanto usando as bases de Eni Orlandi, por exemplo. Nesse momento particular, estou voltando à produção de pesquisa e elaboração de textos em AD, retomando autores e buscando outros pouco explorados até agora, como Foucault, Gregolim, Charaudeau e outros. Estando no campo da [redacted], a minha preocupação vai na direção de como usar a AD no âmbito da [redacted], sem que ela se torne uma simples técnica de análise, como alguns fazem.

Entrevista 29

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Sim. A minha filiação se inscreve nos estudos semiodiscursivos e/ou semiolinguísticos (Patrick Charaudeau e colaboradores) sobretudo. No entanto, também trabalho com retórica e argumentação, sobretudo com autores que dialogam com alguns preceitos da semiolinguística, mesmo que indiretamente, como Ruth Amossy e Christian Plantin. Também trabalho com algumas perspectivas das pesquisas de Dominique Maingueneau.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

A escolha pela análise do discurso se deu antes mesmo de me formar na graduação, pois desde 1994 faço parte do [redacted]. Durante entre 1992 e 1993 fui orientada na iniciação científica pelo prof. [redacted], o

projeto coletivo se intitulava [redacted] e o objetivo era estabelecer um dicionários sobre termos [redacted]. À primeira vista, parece um projeto mais voltado para a semântica, mas o grupo sempre se reunia para estudar textos de autores hoje relacionados à AD como fundamentadores de base de várias teorias, como Bakhtin, Austin, Searle e Eliseo Verón. Também lecionei francês instrumental por algum tempo no projeto de extensão do [redacted], orientada pela profa. [redacted], nestes cursos, usávamos muitas teorias da AD e da linguística textual na elaboração do material didático, a participação nas reuniões do [redacted] foi crucial para este tipo de abordagem. No mestrado e no doutorado minha área de formação é a Análise do Discurso. Atuei nesta área também como bolsista recém-doutora primeiramente com uma bolsa da FAPEMIG (2005) e posteriormente, como bolsista recém-doutora no PRODOC/CAPES (2006, 2007 e 2008). Atualmente, além de ainda continuar a desenvolver pesquisas na área, tenho 7 orientandos de mestrado e doutorado, 1 orientada de especialização e 1 orientanda de iniciação científica que desenvolvem pesquisa em AD, todos na [redacted].

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

A escolha se deu por acreditar que a AD respondia melhor às inquietações sobre o sentido que a semântica propunha, mas que não conseguia avançar. Acredito que a AD pode fornecer um quadro teórico-metodológico capaz de nos mostrar sentidos velados e desvelados e ainda assumir que há alguns que não podemos acessar, devido à amplidão das estratégias de produção do sentido. Na minha opinião, mesmo com tantas vertentes dentro da AD, a preocupação maior e federativa é a de saber como o sentido é produzido/recebido e a preocupação com esta questão eu a tenho desde muito cedo, como uma vocação, o que justifica até mesmo a escolha do curso de letras no vestibular. (Não sei se isso pode ser relevante para a sua pesquisa, [redacted]

Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

O [redacted] existe desde 1992, listo alguns dos professores mais atuantes: [redacted] (ainda na instituição), [redacted] ([redacted]), [redacted] (aposentada, hoje atua na secretaria de educação do governo do estado de MG), [redacted] (ainda na instituição), [redacted] (ainda na instituição), [redacted] (não mais atua nesta área, mas realizava uma pesquisa sobre metáfora (no sentido de Lakoff & Johnson, publicou o "[redacted]")) (ainda na instituição), [redacted] (não mais atua nesta área, mas se dedicava à ACD) (ainda na instituição), dentre outros. Em relação às publicações, a coleção do [redacted] nos anos 1990 trazia uma grande variedade de autores da Letras que se aventuram pela AD, o livro do primeiro congresso de AD na [redacted], publicado em 1999, mostra bem isso. [redacted]

4. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Ver item 4

5. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Ver item 4

6. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

A AD foi introduzida pela professora [redacted] ao firmar um convênio com o [redacted]. A AD com a qual trabalhamos segue na mesma linha até os dias atuais. (Creio que [redacted] pode responder melhor a esta questão)

7. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Acredito que haja sim uma boa produção nesta área em nível nacional. Em pesquisa feita recentemente para uma bibliografia comentada sobre a AD no Brasil [redacted] foi possível constatar a enorme quantidade de publicações em livro, não nos foi possível fazer o levantamento dos artigos em periódicos, pois não tínhamos tempo hábil para isso, mas uma pesquisa superficial nos mostrou uma produção bastante significativa. Há um fato que me incomoda: a enorme quantidade de livros intitulados "AD no Brasil" que na verdade só colocam em evidência uma determinada AD praticada em seus laboratórios. Acredito que a AD do/no Brasil seja plural e diversificada, acho muito irônico uns grupos silenciarem os outros. Não que eu seja contra a publicação de livros com este título, acho somente que deveriam conter especificações. A coleção do [redacted], por exemplo, é bem ampla, são [redacted]:

[redacted]

Temos ainda a coleção [redacted], publicada pela [redacted], publicados respectivamente em 2008 (2 vols), 2010 e 2011. A publicação na revista [redacted] também foi um evento importante para o [redacted] e, acredito, uma contribuição para mostrar um pouco do que fazemos por aqui na [redacted], uma faceta somente das múltiplas AD´s. Tentamos dar o máximo de visibilidade para todas as vertentes, mas não havia como fazer isso de forma mais efetiva. ([redacted]) Acredito que qualitativamente a produção sobre AD no Brasil é bastante bem sucedida. Vou falar do meu lugar: os livros do [redacted], por exemplo, são muito interessantes, pois praticamente em todos eles sempre se privilegiou o diálogo entre instituições nacionais e internacionais. Muitos autores de outras instituições forma publicados, assim como uma enorme quantidade de textos de autores estrangeiros foram traduzidos. Existem autores nacionais que são muito importantes também, não só no cenário nacional, como Eni Orlandi, [redacted]. Existem outros nomes também importantes, mas não vou citá-los, pois isso tomaria muito tempo, que também criariam suas próprias teorias e formaram muitos alunos nesta escola. No âmbito pessoal, de minhas pesquisas, acho que ainda estou um pouco a desejar, poderia ter uma produção mais efetiva, mas confesso que o trabalho na Universidade tem sido muito grande e tem tomado muito do meu tempo que poderia dedicar à escrita, espero em breve ter uma produção melhor.

8. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos? Como disse, participo do [redacted], mas não saberia informar a você qual é a média.

9. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2006. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Conforme disse no item 2, o primeiro projeto foi de iniciação científica por volta de 1992. Em nível de pós-graduação, iniciei o mestrado em 2008 nesta área; o doutorado foi iniciado em 2000 e defendido em 2004 também neste tema.

10. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Teoria da ficcionalidade (é uma visão da ficcionalidade vista pela AD/Semiolinguística), teoria Semiolinguística, identidade, representações/imaginários, ethos, pathos/emoções imagem icônica, argumentação, dentre outros.

11. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Em linhas gerais, a relação discurso, sujeito e sociedade é o centro da AD à qual me filio. Considero Patrick Charaudeau e Ruth Amossy os principais teóricos. Na verdade, eles vêm de uma vertente barthesiasna, que por sua vez, vem de uma vertente saussureana, daí a relação sujeito e sociedade, ou seja, uma retomada do preceito de Saussure segundo o qual todo sentido é social. Obviamente, coloco o Saussure como o precursor de uma linhagem, mas é evidente que Charaudeau e Amossy estão já em um outro patamar, ou seja, há uma significativa extensão das teorias, além de percebermos várias outras polifonias teóricas vindas por exemplo de: Bakhtin, Benveniste, Austin, Searle, Perelman & Olbreschts-tyteca, Pêcheux, Foucault, Ducrot & Anscombre, Kerbrat-Orecchioni, etc. Além destes autores, existem outros que não se filiam especificamente nesta linhagem "discurso, sujeito e sociedade", como Dominique Maingueneau, Christian Plantin, dentre outros.

12. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

A minha visão destes conceitos é aquela que está sintetizada no Dicionário de Análise do Discurso, organizado por Charaudeau & Maingueneau. O sujeito na perspectiva de Charaudeau é o centro de todo o processo comunicativo, é permeado pela linguagem/pela língua (como um código/sistema partilhado por uma determinada comunidade) e pelas representações sejam elas sociais e/ou discursivas, saberes de conhecimento e de crença, imaginários, etc. Este sujeito comunicante projeta identidades discursivas ao falar e o sujeito interpretante, com suas identidades sociais e discursivas também tentará fazer parte do contrato de comunicação proposto pelo comunicante. Esta relação entre sujeito comunicante e sujeito interpretante é assimétrica, ou seja, o eu comunicante projeta um

receptor ideal chamado TU destinatário, que nunca pode ser totalmente compreendido. O contrato de comunicação pressupõe um espaço de restrições e um espaço de estratégias: (a) no espaço de restrições se encontram as regras de comportamento social (variável de uma comunidade para outra), as regras impostas pela linguagem, pelos gêneros de discurso, pelas convenções conversacionais, pelos rituais socioliguageiros, etc; (b) no espaço das estratégias, está à margem de manobra que o sujeito tem para lançar mão de recursos em sua comunicação, ou seja, como se valer de sua legitimidade, buscar credibilidade e captação. Estes dois espaços definem o sujeito charaudeano: ele não é nem totalmente sobredeterminado pelas convenções sociais, pelos contratos comunicacionais ou pela ideologia, nem é totalmente livre. Para este autor, todo sujeito é polifônico e psicossociohistórico, por isso, toda comunicação se dá em uma situação de comunicação específica (acontece num eu/aqui/agora) e é esta situação que dá pistas para a interpretação de sentidos em função da relação que o sujeito estabelece com ela. A situação seria esta exterioridade. Para a definição de discurso, vou citar aqui o próprio Charaudeau: (a referência está abaixo:) Num primeiro sentido: O discurso está relacionado ao fenômeno da enunciação do ato de linguagem. Esta encenação depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: um externo que representa o lugar do fazer psicossocial (o situacional) e o circuito interno que representa o lugar da organização do dizer. Reservamos o termo discurso ao domínio do dizer. A encenação linguageira (aspecto situacional) engloba a encenação discursiva. As encenações linguageiras e discursivas são co-dependentes. (Charaudeau, 2001, p. 26) Num segundo sentido: O discurso pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construído, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social. Os discursos sociais (ou imaginários sociais) mostram a maneira pela qual as práticas sociais são representadas em um contexto sociocultural e como são relacionadas em termos de valor: sério/descontraído; polido/impolido etc. (Charaudeau, 2001, p. 26) CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H et alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas.* Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001. p. 23-37).

13. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Sim. A linha de pesquisa [redacted] é bastante diversificada na [redacted]. Além do grupo que se inscreve na semiolinguística e na retórica/argumentação, há um grupo dirigido pela profa. [redacted] que trabalha com ACD; há o grupo sobre AD e trabalho, dirigido pelo prof. [redacted], há o grupo AD e psicanálise, dirigido pela. Profa. [redacted], há o grupo de Semiótica greimasiana dirigido pela profa. [redacted] e, por fim, há o grupo que trabalha com o [redacted] dirigido pela profa. [redacted]. Nossa linha acaba por trabalhar com várias modalidades de AD, pois existem muitos professores nela, são 11 ao todo.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Sim - ver acima item 14.

Entrevista 30

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
   R: Sim, tenho por norte a Teoria Semiolinguística de Análise do discurso, cujo ideólogo é o lingüista francês Patrick Charaudeau da Universidade Paris 13

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Posso dizer que, oficialmente, comecei em 1992, com o Acordo CAPES- COFECUB [redacted]

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   R¨ [redacted]

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
Bem, eu sou Uspiana, fiz minha Graduação na USP e também meu Mestrado lá, em Literatura, logo, desde a Graduação e principalmente no Mestrado, sempre me entusiasmaram a Literatura e os mecanismos de atração do leitor. E tive ótimos colegas professores que pesquisavam não com o nome Análise do Discurso, mas com o nome de Teorias do Funcionalismo, da Semântica e da Pragmática. Sempre tive também interesse pela língua, por isso minha Dissertação de Mestrado, é sobre o [redacted] e suas estratégias lingüísticas para provocar o leitor pela Sátira e nessa é relevante o uso da linguagem do humor. No doutorado, que fiz na [redacted], portanto, meu orientador foi o lingüista [redacted] que me incentivou sempre a olhar para o texto e os usos expressivos, de cada Autor. Assim, também em minha Tese de Doutorado [redacted]

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado).
R: Como já disse, os estudos do Discurso foram se desenvolvendo, aos poucos. Na [redacted], posso garantir que nosso Grupo foi pioneiro, com a criação do [redacted]. Hoje temos várias correntes que tratam da Análise do discurso. O trabalho de Michel Pêcheux, com a influência de Michel Foucault foi muito importante, sua teoria é conhecida como AD Francesa, que tem vários seguidores no Brasil, sendo Eni Orlandi da UNICAMP uma das mais citadas. Hoje podemos falar em outras Análises do discurso, de cunho mais lingüístico, como a Teoria Semiolinguística de Charaudeau, as teorias de Dominique Maingueneau, as teoria da Argumentação na língua de Oswald Ducrot, por exemplo. Todos eles têm seguidores no Brasil que se dedicam a divulgar as idéias e a fazer estudos originais com várias análises da língua portuguesa. Então podemos citar muitos brasileiros também: Ingedore Koch, Marcuschi, Sírio Possenti, José Fiorin e tantos outros em diferentes Universidades.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Bem, embora já tenha citado os primeiros colegas do [redacted], hoje podemos citar vários outros membros que trabalham com Análise do Discurso; na [redacted]

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Já respondi acima.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Sim, há muita coisa publicada sobre discurso no Brasil. Na [redacted], sempre, a partir dos Projetos e dos trabalhos apresentados em Encontros ou /Seminários, Congressos Internacionais e Nacionais; nós procuramos publicar os textos apresentados, ora em Anais, ora em livros. Cito alguns deles que publicamos: [redacted]

9. A sra participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, a sra trabalha com o discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
Participo de um Grupo de pesquisa, [redacted] mas tenho dois Projetos de pesquisa, um sobre Discurso das Mídias e outro sobre Texto e ensino, dos quais participam meus alunos da graduação e Pós- Graduação (Mestrado e doutorado).

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1999. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? Como disse, no doutorado, trabalhei com a Teoria da Argumentação na língua e depois a partir de1995, passei a me interessar pela Lingüística do Texto e pela Análise do Discurso.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Texto e interpretação, estratégias de leitura; produção textual, análise dos sujeitos do discurso em diversos gêneros textuais, principalmente das diversas mídias.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
A base da teoria Semiolinguística é analisar a língua do ponto de vista dos aspectos sociais, sendo que tudo no texto é um efeito de sentido, do emprego da linguagem, em diferentes situações por sujeitos sociais (reais e institucionalizados) e sujeitos discursivos que são construídos nos textos.

13. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, os componentes do [redacted]

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.).

Já respondi, quando fiz um histórico das linhas que existem no Brasil.

Entrevista 31

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Filio-me à linha originariamente fundada por Michel Pêcheux, mas estabeleço interlocuções com outros teóricos marxistas como: Bakhtin/Voloshinov e Lukács

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino

Desde 2003, no [redacted]

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

3.1 Porque, mesmo tendo feito a graduação em Letras, sempre achei que as análises meramente lingüísticas não davam conta de questões que me interessavam trabalhar.

3.2. Porque sempre me autodenominei de esquerda, e, nesse sentido, acredito que só a perspectiva do materialismo histórico-dialético daria conta de trabalhar a linguagem como materialização da ideologia

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Sim, desde 1994

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Aproximadamente, por volta de 1991/92

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Professor [redacted] – trabalhou na minha instituição até 1997, quando pediu demissão e foi para a [redacted]; Professora [redacted] e professora [redacted]. Essas duas ainda permanecem na instituição

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Quem introduziu a Análise do Discurso em minha instituição foi o professor [redacted] (saudosa memória). O professor [redacted] já iniciou o trabalho com AD, na perspectiva Pêcheutiana, mas já fazendo interlocuções com Bakhtin.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Considerando o pouco tempo de vida desse campo de conhecimento, entendo que há uma produção considerável nessa área.

9. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?

Em média de 18 a 20 alunos

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2003. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Não. Tendo concluído o doutorado em 2002, o primeiro projeto que assumi como coordenadora foi em 2003. Antes disso, participei com aluna do Doutorado do Projeto – Discurso, ideologia e História.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Educação e Políticas públicas

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Os pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico. Além de Pêcheux, Bakhtin/Voloshinov, Lukács, Leontiev, Mészàros, Orlandi e Zandwais.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

De forma bastante superficial, pois essa resposta carece de um maior aprofundamento. LÍNGUA – surgida a partir do salto ontológico do ser natural para o SER SOCIAL, constituída e constituinte nas/das relações sociais. SUJEITO – condicionado pelas determinações sociais, atravessado pelo inconsciente, mas que diante dos limites e possibilidades que a objetividade oferece, faz escolhas, imprimindo a marca de sua subjetividade. DISCURSO – práxis de sujeitos que para ser compreendido, é necessário compreender as contradições da sociedade em que esse sujeitos se insere. HISTÓRIA – resultado da produção humana, forma como os homens se auto constroem e organizam sua forma de existência, nem sempre como querem, mas diante das possibilidades e limites que a objetividade oferece.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Há um outro grupo de pesquisa, que trabalha na mesma linha e do qual também faço parte. É o [redacted]

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Não; somos ao todo seis professores, trabalhando na mesma linha

[redacted]

Entrevista 32

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

À AD proposta por Pêcheux e seus seguidores no Brasil. Esclareço, no entanto, que trabalho com suporte teórico-metodológico interdisciplinar.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Desde 2002, eu creio, no Programa de Pós-Graduação em [redacted]

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Estava filiada à linha de pesquisa Memória e Linguagem do [redacted] e a AD me oferecia alguns dos instrumentos que eu precisava na época para examinar a construção da memória social da perspectiva da língua: o discurso, a historicidade, a memória discursiva.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Não, não havia.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Eu e a a profa [redacted] começamos a trabalhar na perspectiva da AD ao mesmo tempo na [redacted] (2002).

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Sim, a Profa [redacted] ainda trabalha lá. Há tb a profa. [redacted].

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Como disse anteriormente, eu e [redacted] introduzimos a AD em nossas pesquisas no [redacted].

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? Acho que há, sim, um grande no de publicações de estudos com base na AD, principalmente coletâneas. Por outro lado, não há periódicos especializados na área. Quanto à minha instituição, acho que publicamos pouco na área. Nosso contexto acadêmico é bastante singular, por trabalharmos de forma interdisciplinar.

9. A sra participa de dois grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Mestrado - 8

Contabilizo aqui apenas os estudantes do grupo do qual sou líder.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1996. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Não, não havia.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Venho, há alguns anos, examinando, de uma perspectiva interdisciplinar, a relação entre o discurso e a memória social no âmbito das práticas discursivas midiáticas, focalizando principalmente os seguintes temas: discurso e prática social; discurso jornalístico e memória; representação feminina na imprensa; discurso, sujeito e cidade.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Como disse anteriormente, trabalho em uma perspectiva interdisciplinar, com suporte teórico-analítico atravessado pelos campos da memória e do discurso. Os trabalhos de Pêcheux, Authier Revuz, Courtine, Orlandi, Mariani e Indursky são meus interlocutores mais frequentes, oferecendo minha base teórica no âmbito da AD. Mas trabalho na interface com a memória, a história e a comunicação.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

O discurso é o objeto teórico, que se produz em sua materialidade específica: a língua. Entendido como prática social, construção de sentidos entre locutores, a regularidade do discurso só pode ser examinada a partir de seus processos de produção, desenvolvidos no âmbito de formações ideológicas e discursivas que se afiguram como matrizes de sentido, regulando o que o sujeito pode e deve dizer e também o que não pode e não deve ser dito (PÊCHEUX 1997, 1999; COURTINE, 1999; ORLANDI 1999). Embora o sujeito do discurso estabeleça uma relação ativa no interior de uma formação discursiva, ele não é, contudo, totalmente livre e constitui-se sempre a partir de sua relação com o outro, não sendo nem fonte única de sentido nem o elemento de onde se origina o discurso. O exame dos processos de produção de sentidos no discurso pressupõe a relação entre a linguagem e a história. Nesta perspectiva, a história não é externa ao discurso e nem interessa ao analista o simples rastreamento de dados históricos nos textos. Preferimos então falar de historicidade do discurso porque, como Orlandi (1999, 2001), entendemos que a história é constitutiva da prática discursiva.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Sim, o grupo de pesquisa liderado pela profa [redacted] tb trabalha com a AD.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Sim, a Profa. [redacted] trabalha o discurso e a memória na perspectiva da Sociolinguística Interacional.

Entrevista 33

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Sim, inscrevo minhas pesquisas na área da Análise do discurso. Nas pesquisas que desenvolvo amparo-me teoricamente em livros e artigos de M. Pêcheux e de seu grupo. Para desenvolver meus trabalhos considero os movimentos da teoria conforme explicitado pelo próprio M. Pêcheux em diversos textos, como, por exemplo, no anexo ***Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação***, no artigo ***Análise do discurso: três épocas (1983)*** e no texto ***Análise do Discurso na França*** (traduzido em Legados de M. Pêcheux, 2011) que Pêcheux escreveu conjuntamente com seu grupo na Revista Buscila, 1984. Também D. Maldidier, J. Guilhaumou e JJ. Courtine, cada um a seu modo, expõem os movimentos da teoria. D. Maldider, na apresentação do livro L'inquietude du discours (tradução brasileira de E, Orlandi – A inquietação do discurso), intitulada (Re) lire M.Pêcheux aujourd'hui, apresenta os diferentes momentos da aventura de M Pêcheux e indica as aproximações e conflitos que se produzem na teoria conforme o diálogo que ele e seu grupo estabelecem com alguns autores, como por exemplo M. Foucault em pelo menos dois momentos e conceitos: formação discursiva (anos 70) e acontecimento (anos 80). J. Guilhaumou aponta para a passagem das análises das sequências discursivas presentes em um corpus para a operação de leitura do arquivo, no sentido foucaultiano desse conceito. J.J. Courtine, em sua tese (publicada na Revista Langage, 1981 e traduzida no Brasil – Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos - Edufscar) produz deslocamentos na teoria, sobretudo no que se refere ao conceito de formação discursiva, ao forjar o conceito de enunciado dividido, fazendo convergir a teoria do discurso com os postulados da arqueologia de M.Foucault, além disso, propôs o conceito de memória discursiva de valor central para os estudos da análise do discurso. Seguindo esses autores, pauto-me, então na análise do discurso, considerando as reflexões de Foucault no interior da AD.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Desenvolvi a tese de doutoramento, iniciada em 1992, a partir dos postulados da Análise do Discurso. Sob a orientação segura da [redacted], li vários textos de M. Pêcheux e seu grupo, em seus originais disponíveis na consolidada [redacted] em 1996, e lá continuei a desenvolver pesquisas e a ministrar aulas nessa perspectiva teórica.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Diferentemente do que se possa pensar, não se tratava na ocasião de, em algum momento, 'escolher essa teoria'. A minha formação linguística deu-se em um momento já conflituoso no Brasil no qual de alguma forma se opunha os estudos de uma linguística descritiva aos estudos de uma linguística preocupada com a interpretação de texto, com as ideologias. Em uma formação paradoxal fui aluna do Prof. Dr [redacted] que se distanciava das preocupações de outros professores que me formaram como Prof Dr. [redacted], Prof. Dr. [redacted], Prof. Dr. [redacted]. Minha escolha, na verdade, foi por um certo pensamento francês que a partir do pensamento estruturalista opunha-se ao modelo estrutural e lançava no interior da linguística um olhar que estendia o estudo da língua ao estudo da história e da ideologia.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado).

A Profa [redacted] foi a precursora na FCL das pesquisas em Análise do discurso a partir de M. Pêcheux. Devo, no entanto, considerar que professores a que me referi anteriormente e que a antecederam pesquisavam o discurso, na perspectiva dos estudos franceses, mas não se referiam, que eu me lembre, especificamente a M. Pêcheux.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado).

[redacted] ingressou em 1985 e ministrou aulas de Semântica para a minha turma. Na ocasião, ela já fazia referência à problemática linguística presente nas reflexões da Semântica e questões do Discurso. Nos anos seguintes (de 1986 a 1989), quando cursei as disciplinas do mestrado, em seminários da Profa [redacted], tive, então, a oportunidade de ouvir comentários sobre algumas obras que trabalhavam com Análise do discurso. De M. Pêcheux (e Fuchs), em especial, lembro-me da dificuldade de ler o artigo publicado na Langages, 37 – Mises aux points et perspectives à propos de l'Analyse Automatique du discours. Posteriormente, ao longo do doutorado, sob a orientação da [redacted], de 1993 a 1998 é que, de fato, pude consolidar meus conhecimentos sobre Análise do Discurso.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Julgo já ter respondido detalhadamente a essa questão anteriormente.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Novamente, julgo já ter respondido detalhadamente a essa questão anteriormente.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Sem dúvida, há no Brasil grande qualidade de pesquisas e artigos na área da AD no Brasil. Julgo-os de boa qualidade. Há grupos já muitos consolidados na Unicamp, UFRGS, Unesp-Araraquara, que formaram pesquisadores doutores que mais recentemente formaram novos grupos de pesquisa em diversas instituições do país, como pude constatar nos dois evento que organizei [redacted]. Na [redacted], coordeno o [redacted], cujo objetivo é estudar epistemologicamente os estudos do discurso e empregar a teoria analiticamente.

9. A sra participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Em cada grupo há uma média de 08 alunos que participam das reuniões do grupo. Em muitas ocasiões, tive a oportunidade de receber os coordenadores dos outros grupos dos quais participo em minha instituição, bem como fui convidada a falar junto a esses outros grupos. Há um produtivo diálogo entre os grupos, que resultam em vários trabalhos conjuntos.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2004. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Sim, houve o meu projeto de doutoramento, financiado pela Capes/CNPq, no período de 1993 a 1998. Depois a primeira orientação de IC (CNPq), em 1998. Entre 2001 e 2002, integrei o grupo de pesquisa coordenado pela Prof. Dra. [redacted], no qual a profa Dra [redacted] participou como professora visitante (apoio Fapesp), resultando na publicação do livro [redacted], 2006. Em edital do CNPq, de 2003, tive aprovado o projeto [redacted] que dará continuidade às minhas inquietações de analisar o discurso político e o discurso do trabalhador. Os projetos seguintes estão indicados no CV Lattes.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Reflexões teóricas e epistemológicas da Análise do discurso. Análise do discurso político em campanha eleitoral. Análise de textos da mídia.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Acho que já respondi isso nas questões anteriores.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Eu acho melhor remetê-la a artigos nos quais mobilizo esses conceitos, por exemplo: [redacted]

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Sim. No Programa de pós-graduação da [redacted] há outros professores que atuam na área da Análise do discurso.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Prefiro que você mesma avalie.

Agradeço a oportunidade de responder a essas questões e espero ter atendido ao esperado.

Entrevista 34

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
Tenho trabalhado, há anos, com Bakhtin e o Círculo, cujo pensamento caracteriza a Análise Dialógica do Discurso (ADD), ou análise/teoria do discurso de vertente russa.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
Tenho trabalhado com a ADD desde os anos 1980, na USP, tendo publicado texto a respeito na obra de vários autores *Introdução a Bakhtin* (Curitiba: Hatier, 1988); a partir do final dos anos 1990, na PUC-SP e na USP; na organização de evento comemorativo do centenário de Bakhtin (1995), com a publicação da obra [redacted]; nos meus projetos de pesquisa financiados pelo CNPq, desde os anos 1990; no meu trabalho de livre-docência, publicado com o título de [redacted] na criação de [redacted], da qual sou editora responsável [redacted]; além de organização de quatro obras de referência: [redacted]

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Escolhi porque sempre me interessei pela semântica e reconheci a possibilidade de trazer para a linguística, para a análise de textos e discursos, uma teoria fundamentada no sujeito e em suas relações (coerções) sociais, históricas e culturais. Essa perspectiva está tanto nos livros mais lidos no Brasil, caso de *Marxismo e filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem e *Problemas da poética de Dostoiévski*, como nos estudos filosóficos de Bakhtin e nas obras assinadas também por outros componentes do Círculo. Com a leitura do conjunto, é possível perceber que o interesse pelo discurso se concretiza em reflexões teóricas e análises e, hoje, com a abertura dos arquivos é possível conhecer muito mais textos, incluindo, por exemplo anotações de artigos e preparação de aulas, uma vez que todos os membros do Círculo eram também professores.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado).

5. Na perspectiva bakhtiniana, havia na USP, especialmente, o professor Boris Schnaiderman, ligado aos estudos de russo e à teoria literária, que dava Bakhtin em seus cursos e que publicou vários artigos e o livro *Turbilhão e semente* (Livraria Duas Cidades, 1983). Portanto, na década de 1980, Boris Schnaiderman é o pioneiro na USP e, que se saiba, no Brasil. Também são professores de russo/teoria literária/língua que traduzem, diretamente do russo, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (HUCITEC, 1988). No [redacted], acredito que eu tenha sido a primeira a trabalhar Bakhtin e, mais especificamente, Bakhtin/Voloshinov com *Marxismo e filosofia da linguagem*, tradução brasileira de 1979, feita a partir do francês, e sua relação com a Jackeline

Authier e a AD francesa. A primeira dissertação que orientei com fundamentação teórica bakhtiniana aconteceu em 1991, portanto elaborada desde o final dos anos 1980. Outra dissertação foi publicada como livro, hoje um clássico nos estudos bakhtinianos, intitulado [redacted], defendido em 1997. Há uma dissertação de mestrado, que orientei, intitulada [redacted], defendida em 1998, que pode interessar a seu trabalho. Ainda na década de 90, há um doutorado que merece destaque por seu ineditismo no estudo dos gêneros sob a perspectiva bakhtiniana e no estudo, a partir dessa vertente, de uma greve: [redacted], por mim orientado. Esses estudos frutificaram e, hoje, no [redacted], por exemplo, há duas ex-orientandas, uma com estágio na Rússia com especialistas nos estudos bakhtinianos, que pautam seus trabalhos pela ADD. Dentro da [redacted], também alguns especialistas da Semiótica francesa passaram a fazer articulações com Bakhtin e o Círculo, sendo que alguns continuam fazendo. Na [redacted] o maior trabalho com Bakhtin se dá no [redacted], onde convivem e dialogam a AD francesa e a ADD de proveniência russa e também a AD anglo-saxônica, principalmente ligada à Linguística sistêmico funcional. Outros departamentos – Psicologia, Educação, por exemplo, articulam Bakhtin e Vigotsky.

6. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   Respondi na questão anterior.

7. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Respondi na questão anterior.

8. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Respondi na questão anterior.

9. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Creio que a Análise do Discurso, em suas diferentes vertentes, tem pesquisadores importantes para a grande área de Letras e Linguistica, com reflexo nas Ciëncias Humanas de modo geral, reconhecidos no Brasil e no Exterior e que, por sua produção, tem motivado mudanças importantes nos estudos do discurso, no ensino e na pesquisa. Há que reconhecer-se que o nome *Análise do Discurso* não se refere a uma única tendência. Na [redacted], instituições em que atuo, há alguns bons pesquisadores que produzem bastante.

10. A sra participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
    Não tenho ideia da média. Mas a participação maior é de pós-graduados e de pesquisadores de diferentes instituições nacionais e estrangeiras. Respondo mais diretamente ao [redacted], o qual lidero.

11. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1999. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    Sim. Em 1992 recebi uma bolsa de pós-doutorado da FAPESP para desenvolver na EHESC/Paris/França o projeto [redacted], fundamentado na ADD. O resultado desse projeto é minha livre docência na [redacted], com o mesmo título, em 1994, e o livro [redacted] (Ed. UNICAMP, 1996).

12. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
    Análise, sitematização, discussão e divulgação dos aspectos epistemológicos, teóricos, metodológicos que caracterizam o pensamento bakhtiniano, ou seja, a produção de Bakhtin e do *Círculo*, assim como a possibilidade de leitura da sociedade brasileira a partir desses pressupostos. Há algum tempo, desenvolvo pesquisa com discursos verbo-visuais, a partir da perspectiva bakhtiniana, como se pode confirmar em minha produção bibliográfica, nos cursos, na participação em encontros científicos, nas orientações concluídas, nas assessorias a agências nacionais de fomento, nos cursos ministrados na [redacted], na [redacted] e em várias outras instituições nacionais e estrangeiras.

13. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
    O que a caracteriza o pensamento bakhtiniano, criado num momento e num espaço geográfico em que o diálogo era proibido, é a concepção de linguagem com base na alteridade constitutiva, ou seja, no dialogismo, na relação *eu*/*outro* como condição do sujeito e de discurso. O sujeito social aí compreendido, o plurilinguismo, as forças centrípedas e centrífugas que regem as línguas enquanto uso, as relações dialógicas, a interação discursiva, as coerções e formas de produção de sentido, dentre outros construtos, só podem ser entendidos a partir do conjunto da obra e não de duas ou três,

como vinha sendo feito até pouco tempo. Hoje, com as descobertas dos arquivos e com as traduções feitas diretamente do russo, fica mais fácil ter acesso ao conjunto e entender que, por exemplo, o conceito de *gênero do discurso*, que a maioria acredita estar num único texto, está gestado desde o livro filosófico de Bakhtin, *Por uma filosofia do ato*, reaparece em *Problemas da poética de Dostoiévski*, um livro sobre gênero do discurso, está sugerido e prometido em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Bakhtin/Voloshinov) e aparece, também, em O método formal nos estudos literários (Bakhtin/Medvedev) dentre outros. Nesse conjunto, está posto, como central, o conceito de interdiscursividade. Os principais teóricos são: M. Bakhtin, Valentin Voloshinov, Pavel Medvedev.

14. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Respondi na questão anterior.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Não entendi *neste programa*. Há vários grupos no Brasil que trabalham com a ADD (São Paulo, Araraquara, Campinas, São Carlos, Porto Alegre, Recife, etc.).

16. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Neste qual? Se for o da [redacted], já respondi que há várias outras tendências da AD sendo trabalhadas.

Entrevista 35

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
Sim. Em princípio, trabalho com a AD que se expandiu da França para o Brasil a partir de Michel Pêcheux. Mas também conheço a abordagem de Dominique Maingueneau e a Análise Dialógica do Discurso do Círculo de Bakhtin.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
Meu interesse por Análise de Discurso começou quando ainda trabalhava na [redacted] ([redacted]).

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
Tenho uma formação que começou com o estruturalismo, passei pela Linguística da enunciação, estudei Semântica da Argumentação e acabei me interessando pelas questões sociais de ideologia, poder, psicanálise, chegando finalmente ao interesse específico pelo discurso, pela densidade que a abordagem discursiva tem na investigação do funcionamento da linguagem.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
Na [redacted] não havia ainda ninguém especializado. Foi na década de 1990, creio, com uma leva de professores concursados que veio da Unicamp, que começou a trabalhar [redacted], primeiro no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e depois na área de Literatura Brasileira, onde se encontra hoje. Na [redacted] a primeira professora de AD foi [redacted]; mais tarde (2008) [redacted] entraram por concurso; em seguida [redacted] iniciou as atividades na pós-graduação (linguagem e psicanálise), e ultimamente [redacted] e outras duas professoras doutoras também estão atuando hoje na área. O corpo docente do Programa de Pós-graduação em [redacted] está consolidado, e a área de AD é bastante densa.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
[redacted]

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Eles estão nomeados acima. Dos listados, apenas [redacted] não está mais conosco.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

[redacted]

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
A produção na área de AD no Brasil é indiscutivelmente rica, sobretudo, creio, do campo divulgado por Eni Orlandi e do campo que se tem clamado Análise Dialógica do Discurso, a partir do Círculo de Bakhtin. A AD de Maingueneau também tem sido expandida, e também a Semiolinguística, a partir de Patrick Charaudeau. Na [redacted] a AD de tradição francesa (Pêcheux) é mais forte. Tínhamos uma pesquisadora dedicada à Análise Crítica de Discurso, mas ela se transferiu para a [redacted]. Nossa produção em AD já é bastante consistente, nos vários projetos distribuídos entre dois grupos: o [redacted] e [redacted]

9. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?
Lidero o Grupo em [redacted]). Temos uma participação média de 20 alunos (Iniciação Científica, mestrado, doutorado).

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2001. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Trabalhei mais especificamente com Linguística Aplicada, sem fundamentação teórica da AD.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Subjetividade, autoria, ensino de LP.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
Como disciplina (ou campo) de "entremeio", nos termos de Orlandi, a AD [iniciada e inspirada por Pêcheux] é construída (ou se constrói) no espaço entre Linguística e Ciências Sociais, ressignificando noções para estabelecer seu próprio corpo teórico (dispositivo teórico) e sua linha de análise. Para isso, procura estabelecer uma teoria do discurso em que a historicidade, a ideologia, a subjetividade, o inconsciente são focalizados para se compreender os processos de produção de sentido a partir de determinações histórico-sociais. Trata-se, pois, de uma semântica discursiva, voltada para o funcionamento do discurso, que encara a linguagem como produção social, afetada pela "exterioridade" (constitutiva). Teóricos dessa linha – ou afins, fornecendo noções (mais consultados): Pêcheux, Courtine, Authier-Revuz, Henry, Milner, Maldidier, Foucault, Gadet, Haroche, Auroux... (estrangeiros) Pesquisadores brasileiros (mais consultados): Orlandi, Indursky, Mariani, Gregolin, Zandwais, Leandro-Ferreira, Cazarin...

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Língua: é base e possibilidade do discurso, materialidade linguística e histórica, vista como produto social, ou seja, trabalho com linguagem (que pode envolver imagens e outras possibilidades além da oralidade e da escrita) que funciona, socialmente, de modo imaginário.

Sujeito: observado mais especificamente como posição-sujeito, relativamente às formas-sujeito, estabelecidas no contexto das formações discursivas. Constitui-se na relação com o outro e com o Outro (inconsciente), tendo a incompletude (identidade) como constitutiva.

Discurso: na medida da alteridade constitutiva, caracteriza-se por efeitos de sentido possíveis (produção/interpretação).

História/historicidade: as formas da linguagem surgem como efeito de práticas sociais que produzem sentido, e o modo de inscrição no discurso é o que se caracteriza, em AD, como historicidade, antes que como cronologia.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim. "[redacted]", com alguns pesquisadores do conjunto listado acima.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Não.

Entrevista 36

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

R- Embora não me considere uma seguidora ortodoxa de nenhuma linha de pesquisa, tenho maior proximidade como a linha de análise de discurso francesa

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
3. R- Meu interesse por leituras em Análise do Discurso ocorreu quando estava desenvolvendo minha tese de doutorado em Sociologia na [redacted] em 1992.
4. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

R- [redacted]

5. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

R- Não tenho informações para responder a esta questão. Atualmente no âmbito do Doutorado em Lingüística da [redacted] existe uma linha de pesquisa em análise do discurso coordenada pelo professor DR. [redacted] com quem passei a manter contatos acadêmicos nos últimos anos oferecendo uma disciplina de Introdução á Análise do discurso para alunos da Lingüística e da Sociologia.

6. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

R- Não tenho informações sobre esta questão. No [redacted] ao qual estou vinculada fui eu a primeira a introduzir disciplinas optativas sobre Análise do Discurso na graduação e pós graduação. Em projetos de pesquisa posteriores ao Doutorado continuei a utilizar ferramentas da análise do discurso.

7. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Destaco no Programa de Pós Graduação em Lingüística o professor [redacted] e no Departamento de Comunicação, ambos da [redacted] (não lembro o sobrenome)

8. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

R – Não tenho informações para responder a esta questão.

9. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

R- No Brasil temos sim uma produção de qualidade em análise do discurso em várias universidades e centros de pesquisa. No Programa de Pós Graduação em Lingüística da [redacted] muitas teses de mestrado e doutorado de excelente nível, orientadas pelo professor [redacted] foram defendidas. No programa de Pós Gradução em [redacted] tenho orientado algumas dissertações de mestrado na área de [redacted] em que a análise do discurso tem sido utilizada com sucesso. A lista destes trabalhos pode ser consultada nos sites dos referidos programas.

10. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Nele, a sra trabalha com Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?

R- Sim, participo de um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq. No projeto atual sobre as [redacted], em fase de finalização, financiado pelo [redacted] que coordeno contamos como a participação de 2 bolsistas de iniciação científica do CNPq e de 4 alunos do Mestrado [redacted].

11. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2010. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

R- Embora o registro no CNPq date de 2010, comecei a trabalhar com pesquisas utilizando abordagens de análise do discurso desde 1990.

12. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

R- Estratégias de discursos políticos em campanhas eleitorais reveladoras de imbricações entre os campos da política e da mídia na produção dos mapas cognitivos dos cidadãos comuns que orientam suas opiniões e escolhas políticas.

13. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

R- Partir do pressuposto de que o discurso é uma prática social que é constitutiva da "realidade" social e tem funções não apenas referenciais a um mundo que lhe é externo, é a característica básica das vertentes da análise do discurso que me interessam. Entre os teóricos que recorro com freqüência destaco entre outros: Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau, Bourdieu, Michael Foucault, John Thompson, Eliseo Veron, Baktin, Eni Orlandi, Roland Barthes.

14. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

R- Como já antes afirmado a Análise do Discurso que desenvolvo admite que a linguagem tem funções na construção do sujeito e da própria noção do que se considera "realidade". Os discursos assim como o simbólico têm uma materialidade específica em que o poder de fazer crer e fazer acontecer não são arbitrários na medida em sofrem coerções das condições sociais de produção que são históricas e como lembra Foucault determinam o campo do que é ou não dizível, mas também do que pode ser criado. Não há assim uma relação de exterioridade entre sujeito, discurso e história.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

R – Não sei.

16. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Não sei.

[redacted]

Entrevista 37

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Comecei a estudar a AD na pós-graduação, em 2004, na [redacted]. É a linha teórica em que me situo, mais precisamente, posso dizer que me filio à AD fundada por Pêcheux e colaboradores, na França, e desenvolvida amplamente no Brasil por Eni Orlandi e a partir dela por uma série de pesquisadores, entre eles, Amanda Scherer, no sul do Brasil. [redacted]

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Vide resposta anterior.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Eu escolhi a AD franco-brasileira por identificação, devido ao fato de que é uma teoria que considera os processos materiais de produção de sentidos, o que para mim quer dizer que o centro da atenção são os sujeitos, apesar de todas as determinações históricas que sobre eles advêm. Por outro lado, ela me foi dada a conhecer, digamos, por acaso, antes da pós-graduação, nunca tinha ouvido falar em AD. Foi pelas mãos de minha orientadora de tese, [redacted], então orientadora de dissertação de especialização), que conheci a AD e me identifiquei, evidentemente.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Eu tive um primeiro contato com a AD em [redacted], onde cursei mestrado e doutorado e integro o *Laboratório Corpus* que é constituído por pesquisadores, pesquisadores em formação e colaboradores que adotam, especialmente, como linha de atuação teórico-metodológica a AD.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

[redacted]. Creio que a AD vai criando laços, filiações. Amanda Scherer teve uma formação no âmbito da pós-graduação muito forte na França, onde teve contato com relevantes nomes da AD e das ciências que tocam os estudos linguísticos, de modo amplo. No Brasil, no sul, ela formou um grupo e promoveu uma leitura de seus estudos em AD, em linguística, levando em conta profundamente a historicidade (tal como na linha

"História das Ideias Linguísticas", por exemplo), o sujeito, a língua. [redacted]

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Conforme detalhado acima: [redacted]

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Cf. respostas anteriores.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Sim, há uma relevante produção bibliográfica em AD e quando menciono AD, levo sempre em conta a AD à qual me filio, cf. salientei antes. O grupo do [redacted] tem um relevante acervo de publicações nesse sentido, incluindo entrevistas, livros, artigos, imagens etc. oriundos de projetos desenvolvidos pelos pesquisadores supramencionados.

9. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Integro o grupo de pesquisa [redacted]

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2004. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Em 2004-2005, fiz uma especialização em Língua Portuguesa; em 2006-2008, mestrado em [redacted]; em 2008-2011, doutorado, sempre sob orientação de [redacted] e sempre me filiando à AD nesses projetos.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Os temas são: subjetividade, historicidade, interdiscurso, filiação de sentidos, nomeação, discursos em circulação ("novas" materialidades de sentidos, discursos na internet, etc.)

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso à qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
Para mim, ela é caracterizada pela herança teórica, nesse caso, Michel Pêcheux, do lado francês e Eni Orlandi, no Brasil. A partir desses nomes, desenvolvem-se redes de filiações que concernem mesmo à característica "transdisciplinar" ou de entremeio da AD, ou seja, as ligações com a Linguística, com o Materialismo Histórico, com a Psicanálise. Eu diria que o ponto nodal é a consideração de um discurso em suas especificidades e o "discurso" de um modo amplo, quer dizer, é o discurso, como elemento teórico (e não instrumental, de um mero objeto a ser explorado), que conta, em seus efeitos de sentido, em suas condições de produção específicas, em sua materialidade ideológica que se efetiva na língua. Grosso modo, não interessa quantificar o número de vezes que um sujeito disse uma palavra, em quantos textos, quantas vezes utilizou uma construção "x", "y" ou "z" ou uma classe de palavras "a", mas os efeitos que daí emergem, as filiações que então se frutificam pela ressonância histórica que a língua encampa e permite a análise, a compreensão de um objeto simbólico que é, desde sempre, inscrito em uma história que se move, segundo os ditames de uma ordem de dizeres além e aquém dos sujeitos, da ordem da incompletude, do real, do inatingível, mas e sobretudo, circunscrito a processos materiais de produção de sentidos.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Sim, conforme venho salientando. Por outro lado, a exterioridade não é exatamente um fator "exterior", mas constitutivo e basilar, quer dizer, é porque há um sentido (já) que algo faz sentido, é porque os sentidos se inscrevem na história e ganham densidade histórica, é porque a língua é uma materialidade "linguístico-histórica" que o "exterior" está sempre presente [na verdade, de minha parte, prefiro não usar a palavra "exterior/idade"]. É na língua, na formulação, que se presentificam os efeitos dos "outros" [da "exterioridade", se assim se preferir] que constituem um discurso: o interdiscurso reclama outros sujeitos, outras histórias, outras formulações, etc. Uma vez que trabalhamos com discurso e, sabidamente, este se efetiva por diferentes linguagens, interessam, para a compreensão do funcionamento de um objeto simbólico, sobretudo as relações de sentidos que se efetivam e mesmo aquelas que sofrem tentativas de apagamento/esquecimento.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Restrinjo-me a falar apenas da AD a qual me filio e da qual vivenciei alguns aspectos.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Vide resposta anterior.

16. [redacted]

Entrevista 38

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Sim, venho trabalhando desde 1988 na AD de linha francesa (pechêuxteana), (des)territorializada no Brasil em diferentes campos pelos pesquisadores e grupos formados por Eni Orlandi (Unicamp).

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Desde 1987, quando vim [redacted] para fazer um curso com Eni Orlandi, na Unicamp. Em 1988 iniciei o mestrado sob a orientação dela, e em 1992 entrei – por processo seletivo – como auxiliar de ensino na [redacted] onde, ao concluir meu doutorado, passei a atuar também em nível de pós-graduação. Por isso, hoje atuo como - Docente do Departamento de [redacted] - Docente do Programa de Pós-Graduação em [redacted] Vide [redacted] menu da esquerda: Graduação / Pós-Graduação

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Vim para o I Congresso de Linguística Aplicada em 1986, ouvi a Eni Orlandi falar numa mesa-redonda nesse evento e, junto com outras [redacted], entrei em contato com ela, quem disse que ofereceria a disciplina de Introdução à Análise do Discurso em 1987 e seria possível se inscrever com aluna especial. Vim fazer o curso, no primeiro semestre desse ano, e me identifiquei de forma muito forte com a teoria. Reformulei o trabalho final que entreguei para essa disciplina e o apresentei como projeto para ser desenvolvido em nível de mestrado no Progama de Pós-Graduação em Linguistica do IEL. Daí em diante, sempre pensei que os princípios fundamentais da teoria articulam uma forma de ver a linguagem e de pensar sobre seu funcionamento que expressa e dá vazão a certas intuições e,sobretudo,a certas experiências que me constitue como sujeito da linguagem. As outras teorias, em compensação, as sufocam ou abafam.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Quando ingressei na [redacted], algumas pessoas trabalhavam com AD: a) no Departamento de Linguistica da [redacted]

[redacted]

[redacted]

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Não, mas acho que com os dados fornecidos em 4, a pesquisadora (autora desta enquete) poderá ter acesso aos mesmos.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

Já respondi em 4. sobre o que é perguntado nesta questão. Os Profes. [redacted] estão atualmente aposentados. A Profa. [redacted] trabalha na Universidade [redacted], e não tem foco principal a AD; em seus estudos sempre prevaleceu a teoria semiótica. Atualmente, na [redacted], a Profa. [redacted] continua pesquisando (e cada vez mais) na linha da AD francesa, junto com a Profa. [redacted] e a Profa. [redacted]

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

Não tenho esses dados; porém considero que, com os nomes e dados registrados em 4. e 6, dá para ter uma idéia de como foi esse histórico.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

No Brasil, acho que há uma alta produção intelectual na área de AD (tanto em número de pesquisas, quanto na qualidade) nos vários campos pelos quais essa linha foi formulando novos conceitos, novas formas de olhar para os fatos e produzindo interpretação.

9. A sra participa de um grupo de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?

Participo desde 2010, no grupo "[redacted]. liderado por [redacted] e integrado por pesquisadores, como [redacted]. Descrição: estudar a linguagem em seus processos de ensino-aprendizagem da língua nacional e das línguas estrangeiras, nas práticas da alfabetização, da leitura e da escrita. Quanto ao número de alunos: 2 de graduação, 6 de pós-graduação.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2003. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

O liderado por Eni Orlandi: sobre [redacted]. (Não tenho o título do projeto, vou tentar ver qual é.)

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

a) Processos de aquisição de línguas estrangeiras, o que na AD é definido como processo de subjetivação, de uma certa perspectiva; de uma outra, como processo de identificação e, mais especificamente, por Serrani-Infante, como de inscrição na ordem da língua outra. Nesse sentido, é preciso dizer que, como trabalho no [redacted], a tranferência conceitual realizada por esta última pesquisadora foi muito importante para pensar esse campo. De forma geral, venho trabalhando tanto sobre a definição de aspectos desses processos quanto na análise do que considero – para deslocar o conceito de erro e a prática conhecida como "análise de erros" – como *fatos de linguagem* e/ou *fatos discursivos*.

b) Também, trabalho na análise de aspectos contrastivos (no funcionamento das condições de produção e das subjetividades) relativos a cenas enunciativas recorrentes em práticas discursivas em espaços de enunciação diferenciados ([redacted]).

c) Questões relativas ao político no funcionamento das línguas (especialmente no que defino como [redacted]).

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

A articulação que faz entre a língua em funcionamento e a história (materialidade discusiva). A compreensão que possibilita de que o sujeito se submete à língua significando e significandos-e pelo simbólico na história, como afirma Orlandi no livro *Discurso e texto*, de 2001. Os teóricos que trabalho especialmente são M. Pêcheux, E. Orlandi, J. Courtine, Silvana Serrani-Infante (Unicamp), F. Indursky (UFRGS), S. Gallo (Unicsul), B. Mariani (UFF), M. Zoppi-Fontana (Unicamp), Maria Onice Payer (UNIVAS), Pedro de Souza (UFSC); dentre os principais.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Da forma como justamente enunciei no item anterior.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Sim, como já disse antes.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

O que já disse acima em parte responde a esta questão.

[redacted]

Entrevista 39

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Sim. Minha filiação é aos trabalhos de Pêcheux e de Eni Orlandi.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
Desde a época do Doutorado, finalizado em 2006. Atualmente, trabalho no Programa de Pós-Graduação de Linguística na [redacted], na linha Linguagem e Discurso.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
Na verdade, não escolhi, mas sim fui tomada pelas leituras dos livros da Eni Orlandi, cuja linguagem me parecia pura poesia sobre temas relevantes pra mim. Encontrei na AD uma maneira forte, que marca densidade e resistência, indo para além do que parece transparência, no modo de conceber o mundo, a linguagem, a história.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
Sim. Na [redacted], há pesquisadores na AD há uns 7 anos, embora haja diversidades de linhas: Foucault, Mainguenau, Pêcheux.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
Na [redacted], há pesquisadores na AD há uns 7 anos.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
[redacted]. Sim.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Acredito que a pioneira foi a [redacted], orientada pela profa. [redacted].
A perspectiva era mais foucaultiana. Agora, há Tb um foco, desta pesquisadora, na linha do Pêcheux.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Há uma grande quantidade de publicações, no Brasil, em um momento em que o nome AD ganhou contornos diversos. Como conseqüência, vemos textos em que as categorias de análise postas a funcionar na compreensão de um fenômeno são muito fluidas, não trazendo densidade. Na [redacted], tem havido, por parte de meus colegas, um esforço por repensar a questão metodológica da AD.

9. A sra participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1997. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Não.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Autoria, políticas públicas de autoria no Brasil, plágio, análise da legislação sobre direitos autorais, questões de ensino e aprendizagem de língua portuguesa.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
A compreensão da relação constitutiva entre linguagem, história e político. Pêcheux e Eni Orlandi.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
O sujeito não é uno, mas clivado pelo inconsciente, marcado pelo caos e pela ordem do impossível tudo dizer, o que implica na relação constitutiva entre sujeito e linguagem, relação esta feita na\pela exterioridade e não influenciada por ela. Os sentidos estão soltos, embora, como afirma Orlandi, queiramos sempre administrá-los; ilusão, necessária, que temos no discurso, na relação entre dizeres.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, conforme resposta da questão 6, além de [redacted].

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Há um grupo que trabalha com Bakhtin e se considera da AD.

[redacted]

Entrevista 40

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
   Tenho trabalhado com AD, em particular as propostas apresentadas por Maingueneau e Foucault; além disso, considero questões enunciativas para meus estudos. Gostaria de registrar que minhas pesquisa procuram articular o estudo e a delimitação de objetos de pesquisa a partir de tendências teóricas em AD e estudos sobre trabalho (Ergologia, Ergonomia da atividade, Clínica da atividade).

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Desde 1995, quando comecei o doutorado. Sempre atuei na [redacted].

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   Porque decidi que para fazer o doutorado queria conhecer melhor o que era AD e suas possíveis articulações com a preparação de professores de línguas. Na verdade, essa tendência era a utilizada pela orientadora no [redacted]; uma vez conhecida, mantive minha opção por ela, me permitindo abrir discussões sobre estudos bakhtinianos e foucaultianos que também muito me interessam.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   Havia sim, pelo menos um docente, que tinha feito o doutorado na mesma instituição que eu. Suponho que desde 1993. Junto comigo, em 1995, outra companheira iniciou no mesmo programa e na mesma linha de pesquisa o doutoramento no [redacted]. Há no grupo de professores de inglês alguns que seguem a ACD, mas não tenho dados sobre datas/publicações iniciais, suponho que sejam mais ou menos da mesma época (meados dos anos 1990).

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   Acho que foi 1993, quando meu colega iniciou seu doutoramento.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   [redacted], é meu parceiro em cursos e publicações. Além dele, a Profa. [redacted] esteve trabalhando comigo até sua aposentadoria, em 2009, quando foi para UFF. Seguimos publicando juntas.

   NA linha de ACD, cito [redacted].

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   O pioneiro foi Prof. [redacted], na AD de orientação discursiva e enunciativa.

   Na ACD, creio que foi Profa. [redacted].

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Sem dúvida. Mesmo pesquisadores franceses reconhecem essa produção brasileira (recentemente numa palestra na UFF, a Profa. Anne-Marie Paveau fez referência à AD brasileira). Em relação à minha instituição, posso afirmar que, entre publicações de professores e de orientandos, temos uma produção consistente e constante, ainda que não tão volumosa. Quanto a meus projetos de pesquisa, venho renovando minha bolsa Prociência ([redacted] para dedicação exclusiva) ao longo dos últimos 12 anos, sempre com enfoque teórico-metodológico pautado nas propostas discursivas.

9. A sra participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
   Um desses grupos (o [redacted]), apesar de não contemplar meus interesses atuais de pesquisa, é um trabalho do grupo de professores de espanhol, do qual faço parte, numa tentativa de encontrar caminhos em EAD para formação inicial e seguida de professores de língua espanhola. Não publico de forma sistemática sobre o assunto. Os outros grupos, efetivamente, reúnem pessoas com as quais divido meus interesses de pesquisa em AD. Os alunos de graduação participam tanto com bolsistas de iniciação científica, como monitores, ou elaboradores de monografias. Não tenho números exatos, mas calculo que uma média de 5 alunos em três anos é possível registrar. De mestrado, creio que 6 alunos. Não há doutorado no meu programa.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1995. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Na verdade, não. Meu projeto anterior não contemplava AD como aporte teórico.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Os temas que me interessam dizem respeito ao trabalho do professor, seja a partir da sua formação, seja a partir de seu trabalho. Do ponto de vista dos estudos do discurso, me interessa em particular o tratamento das heterogeneidades discursivas, os atravessamentos interdiscursivos, a memória discursiva e suas relações com a desigualdade no acesso ao conhecimento.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
Não estou muito certa de que haja uma resposta a essa sua pergunta inicial – seria o primado do interdiscurso? a prática discursiva com orientadora do olhar do analista? o entendimento de que as análises devem se centrar na materialidade linguística e que isso me leva a poder ou não usar elementos dos estudos enunciativos? Enfim, não estou bem certa do que seria mais apropriado responder nesse caso. Os princípios teóricos da AD que utilizo advêm da Foucualt, Pêcheux, Maingueneau. Mas nem sempre lanço mão dos autores ao mesmo tempo, afinal alguns detalhes exigem certos cuidados nas aproximações. Quando cabe, gosto muito de rever certas questões pelo olhar dos estudos bakhtianianos.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Que pergunta! Cada um desses é um verbete gigante em dicionários de AD.

    Só para não deixar você frustrada, vou me limitar a dizer poucas coisas, sem consultar livros. Língua não é código, ainda que a descrição da língua tenha certas serventias, língua é produção de sentidos, que exige a observação de parâmetros sociais e discursivos para estabelecer relação de interação entre interlocutores. Veja que não entrei na questão do ideológico, das classes socais ... Sujeito é uma dispersão de posições, isto é, é originariamente descentrado, sem compromisso com a ideia de sujeito empírico. Discurso não vale!!!!!!! História/exterioridade, na verdade não existe um dentro e um fora do discurso, cada vez que se enuncia se produz um modo de existência.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, conforme já expliquei em outras respostas.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, conforme já expliquei em outras respostas.

Entrevista 41

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
Sim. Tenho como referência a AD francesa, influenciada por Pêcheux.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

3. Desde 1998. Na [redacted]

4. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
[redacted]

5. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
Sim. Porém não sei exatamente quando começaram por serem de Departamento diferente do meu. Penso que o primeiro foi o Prof. [redacted], do Departamento de [redacted] da [redacted], já aposentado. (Sempre trabalhei na [redacted])

6. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Não sei. Apenas a Professora [redacted], doutora em Lingüística pela PUC de São Paulo, docente [redacted] da [redacted] e que iniciou no meu grupo de pesquisa em 1998.

7. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
Além do nosso grupo, formado por cientista política, socióloga, historiadora e lingüista, o [redacted], além do Professor [redacted], tem outros docentes que trabalham com Análise de Discurso, mas que não sei exatamente quem são.

8. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Penso que o Professor [redacted] foi quem começou os estudos sobre o discurso, um pouco antes do meu grupo.

9. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
Na minha avaliação existe sim, contudo no campo das Ciências Sociais, onde atuo, a AD tem fraca influência.

10. A sra participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, a sra trabalha com Análise de Discurso (refiro-me, de maneira especial aos projetos [redacted])? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesse grupo de pesquisa nos últimos três anos?
No projeto de pesquisa, mantemos uma média de 5 alunos de graduação (Iniciação Científica) e 1 de pós-graduação (Mestrado em Ciências Sociais). Sim, em todos os grupos trabalho com AD.

11. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1981. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
Iniciei na AD somente em 1998.

12. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
Como sou da área de Ciência Política, minhas pesquisas se ocupam do discurso político.

13. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
Minha área de interesse, *memória e discurso político,* acabou por me aproximar da tradição marxista estrutural – em especial, Althusser e Pêcheux – com todas implicações teóricas do entremeio: a referência à Sausseare, Marx, Freud, Lacan e mesmo Foucault. Evidente que Manguenau e Orlandi têm sido intérpretes valiosos para o nosso trabalho.

14. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
Na perspectiva mais usual, i. é., que o discurso é decorrente do encontro da língua com a História e a Ideologia. Entendemos também que o inconsciente é fundamental para se entender o funcionamento da língua, do discurso e como o sujeito produz sentidos ao falar, de onde fala e para quem fala.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Além do meu grupo, no Departamento de Ciências Sociais da [redacted], formou-se, recentemente, um novo grupo liderado pelo Prof. [redacted] da área de Sociologia.

16. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Sim, sempre há. Em Ciências Sociais, geralmente se faz análise de conteúdo, ou simplesmente interpretação de textos orais e escritos (depoimentos, documentos, mídia escrita) numa perspectiva de hermenêutica ou de histórias de vida.

[redacted]

Obs.: No meu grupo de Pesquisa Memória e Discurso encontram-se outros pesquisadores, como : Profa. Dra. [redacted] ([redacted]; Profa. Dra. [redacted]

Entrevista 42

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?
   Sim, tenho. Linha francesa de Análise de Discurso, como se convencionou chamar, que deriva dos trabalhos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?
   Desde a época em que cursava ainda o mestrado em Lingüística [redacted], pois já atuava em projetos de pesquisa coordenados pelos professores [redacted]. Hoje atuo na [redacted] e na [redacted].

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?
   O que me interessa na linguagem é a questão do sentido, sempre foi. Conheci a obra de Pêcheux em uma aula de Semântica e foi algo que representou para mim um grande desafio.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   Sim, falando da instituição em que fiz os cursos de pós-graduação e dei início às minhas pesquisas, havia três professores no IEL na Unicamp que se identificavam pela abordagem, entre eles a professora Eni Orlandi que já era conhecida por algumas publicações (Discurso e Leitura; A Linguagem e seu funcionamento; O que é Lingüística). Não conheci naquele momento outros autores de AD no Brasil.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)
   Pelo que sei, a Unicamp foi pioneira no Brasil a instituir uma cadeira de Análise de Discurso, isto é, a abordagem tornou-se uma disciplina curricular nessa instituição.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?
   Eni Orlani, Wanderley Geraldi e Sírio Possenti – acredito que já estão todos aposentados da Unicamp.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
   Como alguém que participou de grupos de pesquisa junto à professora Eni Orlandi, tive acesso às histórias sobre a História da AD – sejam não oficiais – a partir da visão dessa professora, que conta como começou a trabalhar com AD já na época em que estava na USP – possivelmente em fins da década de 70. Na Unicamp, ela e o professor Akira Osakabe foram pioneiros. O professor Akira acabou migrando para a Literatura, mas deixou dois alunos formados por ele, Wanderley e Sírio, como professores de AD.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?
   Sim, no Brasil, com certeza, na [redacted], onde sou docente, também, já que os projetos de pesquisa estão atrelados ao curso de Mestrado em [redacted], coordenado pela professora [redacted]. E nos projetos aos quais estou ligada, também a produção tem sido razoável.

9. A sra participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?
   Na [redacted], na qual estão dois dos grupos, não temos doutorado. Há uma média de dois alunos de doutorado no projeto do Labeurb - Unicamp [redacted]. Quanto aos outros projetos, tenho tido um aluno de graduação por ano e cerca de três de mestrado.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 1991. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?
    Não.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?
    Mídia, leitura e [redacted].

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?
Ser uma teoria não subjetiva de sujeito, isto é, é uma mudança de terreno em relação à Lingüística. Se na Lingüística se concebe um sujeito falante dotado de intencionalidade, na Análise de Discurso o sujeito é dividido pela relação com inconsciente e ideologia. Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?
A língua é concebida como relativamente autônoma, o sujeito como expliquei acima, o discurso como objeto lingüístico-histórico e a exterioridade é da ordem da linguagem.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)
Sim.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)
Não sei dizer.

Entrevista 43

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda? Tenho trabalhado desde 1998, ocasião em que iniciei o doutorado. Pertenço à filiação chamada francesa Michel Pêcheux e Michel Foucault.

[redacted]Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino? Desde 2002 quando iniciei na [redacted]

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar? Desde a graduação comecei pesquisa em linguística. Quando, no doutorado comecei a aprofundar o meu conhecimento em AD vi que a reflexão teórica dos filósofos – Pêcheux e Foucault- respondiam ao meu perfil intelectual. Toda escolha é ideológica, no sentido do senso comum mesmo.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado). Quando iniciei na [redacted] havia um colega que fazia o doutorado comigo e estava no mesmo estágio. Naquele momento éramos só nós dois como pesquisadores em AD.

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado). Tanto os pesquisadores da [redacted] – eu e meu colega quanto aqueles que tenho na [redacted] neste momento fizemos na mesma época o doutorado em AD, inclusive na mesma instituição – [redacted]. Portanto, todos nós iniciamos o aprofundamento em AD por volta do ano de 1998.

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição? [redacted] [redacted](fez no Rio), [redacted].

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?
Na [redacted], na reforma do Plano Politico Pedagógico, eu e os professores [redacted] montamos uma disciplina na graduação – 2005 mais ou menos e na pós-graduação nós três também no ano de 2005 também. Já na [redacted], não sei quem introduziu na graduação. Há, na disciplina de Interpretação, aqui na [redacted], entre outros estudos linguísticos, um estudo breve de AD.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos? Acredito sim, que haja uma boa produção intelectual nesta área no Brasil. Nas instituições nas quais atuo, eu e meus colegas temos trabalhado com bastante seriedade e competência. Contudo, vejo que há muita vulgata do que seja a AD. Têm pessoas que a discutem superficialmente e misturam varias linhas do discurso tomando tudo como AD.

9. A sra participa de três grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Neles, a sra trabalha com Análise de Discurso? Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos? Sim, trabalho com AD. Mais ou menos 15 de cada nível, pensando nos grupos dos quais participo.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2002. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou? Não houve projeto anteriormente a 2002, porque só em 2002 comecei a carreira em instituição publica. Contudo, minha tese de doutorado foi em Analise do Discurso e trabalhei a AD nos Estudos Literários.

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos? O tema central é leitura. Contudo, além da leitura tem sido a identidade, a subjetividade e a história.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos? O que caracteriza a AD na qual eu me filio é o que o próprio Pêcheux coloca como o diferenciador da AD: uma linguística materialista do Discurso. Minhas linhas mestras são: Pêcheux, Foucault, Roger Chartier (atualmente). Mas no meu doutorado também estudei Mikhail Bakhtin, com as devidas ressalvas ao me apropriar de seus estudos e aliá-los a AD.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)? Devido à complexidade que cada termo apresenta e devido ao percurso em que a AD se desdobra, para responder à sua pergunta, eu teria que fazer um "tratado" sobre cada qual. Prefiro então dizer que discuto cada um partindo de Pêcheux, de seus comentadores e de seus continuadores. (Denise Maldidier, Eni Orlandi, Sirio Possenti, Jacques Guilhaumou, Regine Robin, Jean Jacques Courtine, Marie-Anne Paveau). Não gosto dos estudos de Dominique Maingueneau. Considero-o mais linguista do que analista do discurso, porque vejo nas suas abordagens a falta do que é o fundamento da AD: uma linguística **materialista** do discurso.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.). Não.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.) Sim. Na [redacted] há pesquisadores no meu grupo que trabalham com Fairclough, van Deijk e Bakhtin. Na [redacted], há pesquisadores que trabalham com Fairclogh, Bakhtin, Mainguenau e Charaudeau.

16. [redacted]

Entrevista 44

1. A sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas? A que linha/filiação pertence a Análise de Discurso que a sra estuda?

Tenho trabalhado com a AD nas minhas pesquisas, mas não tenho uma "filiação"; adoto os quadros teóricos que se mostram mais adequados para o objeto e objetivo dos meus trabalhos. O compromisso com uma vertente de AD não me parece muito saudável em termos de desenvolvimento de pesquisas e visão crítica da ciência. Sou um pouco "indisciplinada" em termos de filiação por achar que o compromisso com um único quadro teórico é limitador e pouco produtivo. Também considero saudável não ficar "repetindo" uma teoria com se fosse um "profissão de fé".

2. Desde quando a sra tem trabalhado com a Análise de Discurso nas suas pesquisas acadêmicas? Em que instituição de ensino?

Comecei a trabalhar com a AD, prefiro chamar de "teorias do discurso", desde 1993, por meio do [redacted] uma disciplina intitulada Teorias do Discurso, o que já reflete nosso posicionamento.

3. Particularmente, por que a sra escolheu, naquele momento, iniciar trabalhar com a Análise de Discurso? Por que a sra escolheu esta linha teórica da Análise de Discurso para trabalhar?

Quando me convidaram para integrar esse núcleo de análise do discurso [redacted] eu nada conhecia. Mas a partir dos estudos que desenvolvemos lá, passei a me interessar cada mais devido aos seus postulados teóricos e metodologia de análise. Chamou-me a atenção o engajamento político e postura crítica relacionadas aos estudos do discurso assim como a sua aplicação, sempre muito produtiva, no ensino de línguas.

4. Havia professores/pesquisadores anteriores a sra, na instituição, que já trabalhavam e publicavam na teoria da Análise de Discurso? Desde quando? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Não. [redacted].

5. A sra saberia em que ano precisamente professores/pesquisadores iniciaram seus trabalhos com a Análise de Discurso nesta instituição? (Por favor, leve em conta todas as instituições nas quais a sra tem atuado)

Esse núcleo [redacted], ao qual me encontro ainda vinculada como pesquisadora, está [redacted].

6. Quem eram eles? (Caso a sra se lembre de seus nomes) Eles ainda estão trabalhando na instituição?

A iniciativa foi da [redacted], que continua na [redacted], promovendo inclusive eventos na área.

7. A sra pode contar um pouco - caso saiba - como foi introduzida a Análise de Discurso nesta universidade? Quem foi o responsável, o pioneiro, nas pesquisas nesta área e se isso ocorreu já com a Análise de Discurso com a qual a sra trabalha ou com outra linha teórica da Análise de Discurso?

A [redacted] em um congresso de professores de francês, no final dos anos 80 e tudo começou a partir desse contato. Depois vieram [redacted] entre eles, o que permitiu desenvolver e solidificar os trabalhos na [redacted] por meio do intercâmbio de pesquisas e pesquisadores.

8. Na sua avaliação, há uma boa (qualitativa e quantitativa) produção intelectual nesta área (Análise de Discurso) no Brasil, na sua instituição e, de maneira particular, a partir de seus projetos de pesquisa e estudos?

Sim. Mas aqui na [redacted], por se tratar de uma instituição jovem (20 anos apenas) com um mestrado também recente e em uma área mais abrangente (o mestrado é em [redacted]), os estudos ainda são embrionários.

9. A sra participa de quatro grupos de pesquisa atualmente (CNPq). Qual é a média de participação anual de alunos de graduação, mestrado e doutorado nesses grupos de pesquisa nos últimos três anos?

Lamento, mas não saberia de dizer, pois sou coordenadora de apenas um grupo, que começou este ano.

10. Em seu currículo Lattes, consta que o seu primeiro projeto de pesquisa data de 2002. Houve algum projeto de pesquisa, anterior a este, do qual a sra participou e que tinha como fundamentação teórica a Análise de Discurso? Se sim, em que ano precisamente, ele se iniciou?

Não

11. Que temas são mais constantes em suas pesquisas e estudos?

Discurso da mídia, publicidade, enunciação, estereótipos.

12. Na sua opinião, o que caracteriza fundamental e especificamente a Análise de Discurso na qual a sra se filia? Quem são seus principais teóricos?

Desenvolvo trabalhos com teorias do discurso que estejam mais focadas nas questões relativas à subjetividade e aos aspectos sociocomunicativos do ato de linguagem, sem o compromisso de seguir uma única linha teórica.

13. Em termos gerais, como a Análise de Discurso que a sra estuda compreende a Língua, o Sujeito, o Discurso e a História (ou Exterioridade)?

Opto por abordagens que,como eu, vejam as interrelação de tais elementos, sem que um sobredetermine o outro. Para mim, o linguístico e o extra-linguístico se intercondicionam, sem que um seja mais importante que o outro. Como disse, tudo depende do objeto da minha pesquisa e dos objetivos que busco alcançar com aquele trabalho em particular.

14. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores neste programa que também trabalham com a Análise de Discurso? (Sim. Não. Não sei.)

Não.

15. Há outros grupos de pesquisa e/ou pesquisadores que trabalham, neste programa, em uma linha teórica da Análise de Discurso diferente da que a sra trabalha? (Sim. Não. Não sei.)

Não.